

**BOLETIM DA
BIBLIOTECA GERAL
DA UNIVERSIDADE
DE COIMBRA**

VOL. 51 (2021)



(Página deixada propositadamente em branco)

Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Bulletin of the General Library of the University of Coimbra

VOL. 51 (2021)



COIMBRA, 2021

FICHA TÉCNICA

DIRETOR / DIRECTOR

A. E. Maia do Amaral (BGUC – aemaia@bg.uc.pt)

COORDENADORA / COORDINATOR

Iuliana Filimon Barros Gonçalves (BGUC – ifilimon@bg.uc.pt)

SECRETARIADO DA REDAÇÃO / SECRETARIAT

Jaqueline Neves (BGUC – jneves@bg.uc.pt)

CONSELHO CIENTÍFICO / SCIENTIFIC BOARD

Ana Isabel Buescu (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
Ana Paula Gordo (Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal)
António Manuel Lopes Andrade (Universidade de Aveiro, Portugal)
Armando Malheiro da Silva (Universidade do Porto, Portugal)
Carla Alexandra Gonçalves (Universidade Aberta, Portugal)
Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra, Portugal)
Fernanda Maria Guedes de Campos (Universidade Nova de Lisboa e U. dos Açores, Portugal)
Fernanda Ribeiro (Universidade do Porto, Portugal)
Fernando Taveira da Fonseca (Universidade de Coimbra, Portugal)
Inês Cordeiro (Biblioteca Nacional de Portugal)
João Gouveia Monteiro (Universidade de Coimbra, Portugal)
Jon Zabala Vázquez (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)
José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra, Portugal)
José Vicente Rodríguez Muñoz (Universidade de Múrcia, Espanha)
Julio Alonso-Arévalo (Universidade de Salamanca, Espanha)
Manuel Cadafaz de Matos (Universidade Nova de Lisboa, Portugal)
Manuel Simplício Geraldo Ferro (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Beatriz P. de Sá M. Marques (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Cristina Vieira de Freitas (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Inês Cordeiro (Biblioteca Nacional, Portugal)
Maria José de Azevedo Santos (Universidade de Coimbra, Portugal)
Maria Manuel Lopes Borges (Universidade de Coimbra, Portugal)
Onésimo Teotónio Almeida (Brown University, Providence, EUA)
Pedro Penteado (Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas, Portugal)
Ricarda Musser (Ibero-Amerikanische Institut, Berlin, Alemanha)
Saul António Gomes (Universidade de Coimbra, Portugal)
Viviana Fernández Marcial (Universidade da Coruña, Espanha)

PROPRIEDADE / OWNER

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA / ADDRESS FOR CORRESPONDENCE

Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
Largo da Porta Férrea
3000-447 Coimbra
E-mail: boletim@bg.uc.pt
URL: <http://www.uc.pt/bguc/>

EDIÇÃO / PUBLISHER

Imprensa da Universidade de Coimbra
E-mail: imprensauc@ci.uc.pt
URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

INFOGRAFIA / INFOGRAPHICS

Imprensa da Universidade de Coimbra

ISSN 2184-7673 (impresso)

ISSN 2184-7681 (em linha)

DEPÓSITO LEGAL 431919/17

DOI DA REVISTA 10.14195/2184-7681

PERIODICIDADE / PERIODICITY Anual / Annual

Os artigos são da inteira responsabilidade dos seus autores.

© Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e Imprensa da Universidade de Coimbra

Sumário / Contents

ESTATUTO EDITORIAL / EDITORIAL STATUS7

NOTA DE APRESENTAÇÃO / PRESENTATION NOTE

Nota de apresentação / Presentation note

A. E. Maia do Amaral11

ARTIGOS / ARTICLES

Elementos para a história da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra:
o relatório do ano académico 1870/1871, por Bernardo António Serra de
Mirabeau / Elements for the history of the General Library of the University
of Coimbra: the report of the academic year 1870/1871, by Bernardo António
Serra de Mirabeau

Isabel João Vaz Ramires 13

The Haas-Galinha printing press / O prelo Haas-Galinha

A. E. Maia de Amaral, Robert W. Oldham 43

As 'Tábuas dos Roteiros da Índia' de D. João de Castro da Biblioteca Geral da
Universidade de Coimbra: novos dados / The 'Charts of the Rutters of India'
of D. João de Castro of the General Library of the University of Coimbra:
new data

Roger Lee de Jesus 75

Um *Index* dos manuscritos da Biblioteca Real de D. João V no Paço da Ribeira:
MS 1 018 da Biblioteca Geral da Universidade da Coimbra / An *Index* of the
manuscripts in the Royal Library of Dom João V at the Paço da Ribeira:
MS 1 018 preserved in the General Library, University of Coimbra

Angela Delaforce, A. E. Maia do Amaral117

Evocações camonianas: O IV Centenário da Estada de Luis Vaz de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969). Parte I / Camonian evocations: the IV Centenary of the stay of Luis Vaz de Camões on the Island of Mozambique (1569-1969). Part I	
<i>Milton Pedro Dias Pacheco</i>	157

VIDA DA BIBLIOTECA / LIFE OF THE LIBRARY

Atividades culturais 2020 / Cultural activities 2020	
<i>Maria Luísa Sousa Machado, José Alberto Mateus</i>	193

Catálogos de exposições bibliográficas / Exhibitions catalogues	
Centenário do Nascimento de Fernando Namora 1919-1989	227
José Vitorino de Pina Martins 1920-2010	233
II Centenário da Revolução Liberal de 1820	239
“quero morrer lá mais para o verão” – Fernando Assis Pacheco 1937-1995	247
Issac Asimov 1920-1992	253

Estatuto Editorial / Editorial Status

1. Âmbito e objetivo

O *Boletim* assume-se como herdeiro do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra* que veio pela primeira vez a lume em janeiro de 1901 e que se manteve, sem interrupções, até maio de 1913. De janeiro de 1914 até finais de 1916 viria a público com uma designação ligeiramente diferente: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. A partir do vol. 4 (jan./jun. 1917) publicou-se com o título *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, e assim se manteve até ao vol. 46/47 (2015/2016), quando assumiu a atual designação de *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*.

O *Boletim* tem como principal objetivo o estudo e a divulgação dos fundos documentais da Biblioteca Geral e de todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra. Encontra-se aberto à comunidade científica portuguesa e estrangeira para a publicação de trabalhos no âmbito da Biblioteconomia e da Cultura, dando preferência aos que tenham por objeto acervos existentes na Universidade ou com eles relacionados.

Colaborarão na revista, por convite e/ou sob proposta de submissão, especialistas em ciências da informação e da documentação e outros investigadores de reconhecida idoneidade e mérito, com artigos originais, resenhas, notícias ou outro tipo de trabalhos.

2. Acesso

Com uma periodicidade anual, o *Boletim* é publicado em versão impressa e em versão eletrónica. O formato eletrónico, em acesso

aberto, encontra-se alojado na plataforma *Impactum* da Imprensa da Universidade de Coimbra: <https://impactum-journals.uc.pt> ou <https://impactum-journals.uc.pt/bbguc>

3. Informações para os Autores

Local e data da submissão de artigos

Os trabalhos deverão ser submetidos através da plataforma OJS (Open Journal System), até finais de mês de SETEMBRO de cada ano, no seguinte endereço: <https://impactum-journals.uc.pt/bbguc/about/submissions>

Registe-se e siga as instruções.

Seleção dos artigos

Os trabalhos propostos para publicação devem ser originais e devem seguir as normas de redação adotadas pelo *Boletim*. Uma vez aceites pelo conselho editorial serão submetidos a um sistema de arbitragem científica anónima de pelo menos dois pares externos. Todo o processo seguirá o *Código de Ética* e o *Guia de Boas Práticas para Editores de Revistas da Universidade de Coimbra* (<https://impactum-journals.uc.pt/codeofethics>).

Direitos de autor

Ao aceitarem publicar um artigo no *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, os autores cedem à Biblioteca Geral o direito de o publicar, em formato impresso e/ou digital, em qualquer momento e por tempo indeterminado, e sem quaisquer contrapartidas.

No caso de os autores incluírem nos seus artigos qualquer material que envolva a autorização de terceiros, é da responsabilidade do autor obter a respetiva autorização escrita, assumindo os eventuais encargos que daí possam decorrer.

Línguas de publicação

São admitidos textos em português, espanhol, inglês, francês e italiano.

Apresentação e extensão dos artigos

Os artigos, apresentados em formato Microsoft Office Word, não devem exceder 50.000 caracteres (espaços incluídos) e devem conter:

- a) o título, na língua do artigo e em inglês;
- b) o/os nome(s) do(s) autores e respetivo(s) endereço(s) de e-mail, a identificação ORCID e indicação da afiliação institucional;
- c) resumo com o máximo de 300 palavras, na língua do artigo e em inglês, ou, caso o artigo seja escrito em inglês, numa outra língua admitida pelo *Boletim*;
- d) duas a seis palavras-chave, na língua do artigo e em inglês;
- e) bibliografia, no final do artigo;
- f) as notas de rodapé serão breves, introduzindo esclarecimentos ou comentários pontuais considerados indispensáveis. A chamada surge antes do sinal de pontuação;
- g) ilustrações, tabelas e gráficos devem ser gravados em ficheiros individuais, com indicação, no texto do artigo, do local exato onde devem ser inseridas as figuras com as respetivas legendas.

Formatação

- a) Título: tipo de letra Arial Bold, tamanho de letra 14, espaçamento entre linhas 16,36 pts, alinhamento à esquerda;
- b) Subtítulo / Capítulos: Arial Bold, tamanho 9 pt, alinhamento à esquerda;
- c) Resumos e palavras-chave: Arial, tamanho 9 pt;
- d) Texto principal: Arial 10 pt, espaçamento entre linhas 16,36 pt, alinhamento justificado, início de parágrafo 5 mm, numeração de páginas e de notas sequencial; Não serão admitidos sublinhados, nem outros negritos além dos títulos;

- e) Citações: entre aspas portuguesas («»), exceto se excederem as três linhas, caso em que devem ser destacadas do texto por um espaço, tamanho da letra 9 pontos, acompanhadas pela referência à obra citada de forma abreviada; alinhamento justificado, recuo à esquerda 10 mm;
- f) Notas de rodapé: Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 10 pt, alinhamento justificado;
- g) Referências bibliográficas: Arial 8 pt, espaçamento entre linhas 10 pt, alinhamento justificado;
- h) Material gráfico e ilustrações: formato TIFF com 300 dpi de resolução.

Referências bibliográficas

A bibliografia deverá constar no final de cada artigo.

As referências e as citações bibliográficas devem ser elaboradas de acordo com uma das seguintes normas:

Norma NP 405

Norma APA (American Psychological Association)

Para mais informações, aceder aos exemplos elaborados pela Imprensa da Universidade de Coimbra:

NP 405: https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/np405

Norma APA: https://www.uc.pt/imprensa_uc/Autores/apa

Revisão de provas

Serão enviadas aos autores provas tipográficas para correção. Não se aceitarão alterações superiores a 10% do texto original.

Nota de apresentação

Presentation note

Chegar à direção de uma publicação com mais de 100 anos de história é assustador, para mais neste tempo de Acesso Aberto e de dúvidas permanentes sobre a honorabilidade das revistas, sobre a licitude de uma citação, sobre o valor da arbitragem cega, a variedade do elenco de consultores e a bondade intrínseca das plataformas de publicação.

Este é o primeiro número do “Boletim” que é feito inteiramente dentro da plataforma OJS (*Open Journal System*). O sistema é exigente e tudo foi uma aprendizagem, neste último ano. Nem sempre correu como esperávamos, mas trata-se de um passo necessário para poder aspirar a entrar nas plataformas de indexação de conteúdos, onde queremos e devemos estar.

Com algumas saudades de um mundo menos virtual e mais familiar, por isso mais confortável, saudades de corrigir provas em papel, do cheiro a tinta e de ver as folhas a sair ruidosamente da máquina, saudamos a entrada neste mundo novo e mais complexo. Onde tentaremos navegar com uma política simples: querer publicar tudo o que NOS diz respeito, tudo o que reflete a vida da Biblioteca Geral e o que se ocupa da valorização dos seus fundos patrimoniais.

Assim é neste número, onde se juntam um texto sobre a história da Biblioteca e da biblioteconomia que nela se praticou, um traba-

lho sobre o que é (provavelmente) o mais antigo prelo em ferro do mundo, que aqui se conserva, dois artigos sobre manuscritos de valor excecional e, finalmente, a primeira parte de uma contribuição mais longa acerca de comemorações camonianas. Porque a BGUC não pode deixar de estar ligada à figura do épico e ao papel que ele teve na cultura e na língua portuguesas e porque nas suas instalações acolhe ainda um Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.

Nas secções habituais da “Vida da Biblioteca”, arquiva-se, como temos feito nos números anteriores, a memória das atividades realizadas em 2020 e os catálogos de 5 exposições bibliográficas. Num ano de muitas iniciativas suspensas e adiadas, nem estas são todas as exposições realizadas: por manifesta falta de espaço neste número, não conseguimos incluir as duas últimas, “Toda a redondeza do mundo”, sobre Magalhães-Elcano e a bela “Exposição de Natal”, dinamizada pela professora Maria José de Azevedo Santos.

Queremos agradecer a confiança que em nós foi depositada pelo Senhor Diretor da Biblioteca Geral, Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, para este desempenho à frente da revista, aos inúmeros “referees” que convidámos e que aceitaram ajudar-nos a melhorar os conteúdos publicados e agradecer, finalmente, aos colegas que compõem a Equipa Editorial e que fizeram a maior parte do trabalho e aos que, na Imprensa da Universidade de Coimbra, estão sempre prontos a assistir-nos na iniciação e estas “novas tecnologias” da edição.

E ficamos por aqui, porque quem tem de ser ouvido são os autores, o que realmente tem importância são os conteúdos que aqui vos quisemos apresentar.

Boas leituras.

A. E. Maia do Amaral

Diretor do *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*

Elementos para a história da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: o relatório do ano académico 1870/1871, por Bernardo António Serra de Mirabeau

Elements for the history of the General Library of the University of Coimbra: the report of the academic year 1870/1871, by Bernardo António Serra de Mirabeau

Isabel João Vaz Ramires¹

RESUMO

Este artigo apresenta e transcreve o Relatório da Biblioteca da Universidade de Coimbra do ano académico de 1870/1871, da autoria de Bernardo António Serra de Mirabeau. Procura-se mostrar que o breve e até aqui quase ignorado consulado de Bernardo Serra de Mirabeau na direção da Biblioteca, entre junho de 1871 e maio de 1872, foi um momento de importância maior, com consequências significativas para a história da Biblioteca da Universidade.

¹ Bibliotecária na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0001-6772-5741>; iramires@bg.uc.pt

PALAVRAS-CHAVE

Mirabeau, Bernardo António Serra de, 1826-1903; Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, história, 1870-1871

ABSTRACT

This paper presents and transcribes the Report of the Library of the University of Coimbra concerning the academic year of 1870/1871, by Bernardo António Serra de Mirabeau. It shows that the brief and until now almost unknown consulate of Bernardo Serra de Mirabeau in the direction of the Library of the University between June 1871 and May 1872 was an episode of great importance, with significant impact on the history of the Library.

KEYWORDS

Mirabeau, Bernardo António Serra de, 1826-1903; University of Coimbra. General Library, History, 1870-1871

«A história não se inventa; desentranha-se dos documentos e forma-se com os elementos q. elles fornecem» (Mirabeau (1892), p. 2)

Factos menores, personagens secundárias, decisões e atos aparentemente sem relevância, por regra marginalizados na escrita da História, encontram-se por vezes na origem de grandes alterações e estão na génese de importantes reformas. Nos arquivos, lugares privilegiados de preservação e geração da memória, o passado permanece ao alcance. Aqui, os documentos mantêm-se vivos e, ocasionalmente, transportam para o presente personalidades e factos ignorados ou esquecidos; vindos à luz, surpreendem-nos e interpelam-nos.

O longo mandato de Bernardo de Serpa Pimentel na direção da Biblioteca da Universidade de Coimbra, de quase meio século², foi

2 A direção de Bernardo de Serpa Pimentel foi até hoje a mais duradora na história da Biblioteca Geral. Sucedendo no cargo a seu pai Manuel de Serpa Machado (1784-1858), exerceu as funções como interino a partir de 1849, com nomeação

interrompido no ano letivo de 1871/1872 pela sua exoneração do cargo de Bibliotecário da Universidade, por Portaria do Ministério do Reino, de 20 de junho de 1871. A decisão ocorreu na sequência da publicação pela Imprensa da Universidade do folheto anónimo *A Comuna de Paris e o Governo de Versailles*, que veio a lume no início do mês de junho, e ao desagrado político causado pela publicação. A exoneração visava o diretor da Imprensa da Universidade que autorizara a impressão do folheto, função que estava na esfera de competências do Bibliotecário, conforme o «Regulamento provisório para a Imprensa da Universidade de Coimbra», instituído por Portaria de 18 de julho de 1834³.

Não terá sido coincidência a censura do folheto pelo governo do Marquês de Ávila poucos dias após o encerramento coercivo das *Conferências do Casino*, em Lisboa, a 6 de junho de 1871. O folheto não era verdadeiramente anónimo, porque depressa tinha sido reconhecido como da pena de José Falcão, lente substituto da Faculdade de Matemática⁴. A proibição e a ameaça ao autor com processos judiciais e administrativos e a demissão motivaram o sarcasmo e o apoio público por parte dos influentes intelectuais promotores das célebres Conferências democráticas. Nas crónicas *As Farpas*, de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, no número saído em julho de 1871⁵, o governo do Marquês de Ávila é ridicularizado – «A communa, o governo, a gargalhada!» – a propósito da proibição extemporânea da venda do folheto. É que, segundo os autores da crónica, o diploma foi emitido depois de esgotados todos os exemplares da primeira

efetiva de 1858 a 1871, e de maio de 1872 até 1894, ano em que se aposentou por motivos de saúde.

3 Cf. Abreu (1851), pp. 89-90.

4 José Joaquim Pereira Falcão (1841-1893), ajudante do Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, fora nomeado lente substituto da Faculdade de Matemática em agosto de 1870.

5 Cf. Ortigão & Queirós (1871), pp. 77 ss.

edição⁶. A farpa ocorre em defesa do autor, da liberdade de opinião e da liberdade de expressão. Na realidade, os procedimentos judiciais efetivos e as ameaças político-administrativas que acompanharam a proibição não tiveram nenhuma outra consequência – nem sequer para o autor do folheto –, além da exoneração do lente Bibliotecário e da reorganização da administração da Imprensa da Universidade⁷.

Para o lugar vago foi nomeado interinamente o catedrático de Medicina Bernardo António Serra de Mirabeau (1826-1903), por Portaria de 6 de julho de 1871. Seis dias depois, a 12 de julho, foi decretado o novo *Regulamento da Imprensa da Universidade de Coimbra*, publicado no *Diário do Governo*, n.º 210, de 18 de setembro de 1871. Pelo art.º 1.º a direção da Imprensa da Universidade passou para a alçada do administrador, sob a imediata inspeção do reitor. Deste modo, B. A. S. de Mirabeau não chegou na prática a exercer aquela competência.

Bernardo António Serra de Mirabeau nasceu na Covilhã, a 15 de dezembro de 1826. Formado pela Universidade de Coimbra, obteve o grau de Doutor pela Faculdade de Medicina em 1859, e a nomeação para lente substituto da mesma Faculdade em outubro de 1860, na cadeira de Fisiologia Especial e Higiene Privada⁸.

Colaborador de vários periódicos literários, científicos e generalistas, entre os quais *O Instituto*, é-lhe elogiada também, nas páginas desta publicação, a «excelente redação e colaboração do *Anuário Académico*»⁹. Contribuiu igualmente para o *Portugal Pittoresco*, de

6 A proibição não terá sido tão extemporânea quanto o autor da crónica dá a entender. O folheto teve de imediato uma nova edição, igualmente anónima, sem indicação de local e sem nome da casa editora. Desta segunda edição conserva-se um exemplar, pertencente à Biblioteca particular de Mário Brandão / J. Mendes dos Remédios, na Biblioteca Geral da UC, com a cota 9-(2)-4-20-16.

7 Cf. Catroga (1976), pp. 287-291, e Vilaça (1992), pp. 5-11.

8 Sobre a carreira académica de Bernardo António Serra de Mirabeau e os cargos exercidos *vd.* Rodrigues (1990), p. 217.

9 Cf. Pinto (1875), pp. 167-168. Fonseca Pinto refere-se ao *Anuário da Universidade de Coimbra*, cujo primeiro volume, respeitante ao ano de 1865/1866, veio a lume em 1866. É legítimo supor que B. A. S. de Mirabeau teve parte importante na refundação do *Anuário*, que deu continuidade à *Relação dos Estudantes matriculados na*

Augusto Mendes Simões de Castro, com artigos sobre o património construído da Universidade de Coimbra¹⁰.

Foi ainda colaborador do jornal político *Liberdade* (Coimbra, 1863-1866), publicação maçónica apoiante do governo do Marquês de Ávila. Personalidade multifacetada, politicamente da ala esquerda do Partido Histórico, foi o candidato do governo a deputado pelo círculo eleitoral da Covilhã, distrito de Castelo Branco, nas eleições legislativas de 1864¹¹.

Na época em que foi designado diretor interino da Biblioteca da Universidade, os trabalhos biblioteconómicos não lhe eram totalmente estranhos: em agosto de 1863, fez parte da comissão nomeada pelo Reitor da Universidade para proceder ao inventário da Livraria da Real Biblioteca de São Pedro¹². Parte do inventário catalográfico então produzido conserva-se no arquivo de manuscritos da BGUC, em três cadernos, com todos os folios numerados e rubricados por Bernardo Serra de Mirabeau¹³, que também assina os termos de abertura e encerramento do caderno respeitante às estantes H, I, J, K, L, a parte do acervo da referida biblioteca que lhe competiu verificar¹⁴, coadjuvado pelo oficial da secretaria da Universidade, Sebastião Mon-

Universidade de Coimbra. Possivelmente contribuiu também com artigos históricos incluídos nos primeiros volumes do *Anuário*.

- 10 Sobre o «Portal da Capella da Universidade», B. A. S. de Mirabeau chama a atenção para a impressão desagradável causada ao observador pela «coluna coríntia» que divide o vão, considerando-a um «acrescentamento inconveniente, que de si reclama adequada substituição» (cf. Mirabeau (1879), p. 65). De facto, a coluna viria a ser substituída já no século XX.
- 11 Sobre a candidatura de Bernardo Serra de Mirabeau e o «Manifesto do candidato do governo no círculo eleitoral da Covilhã nas eleições de 1864», veja-se Pousinho (2017), pp. 159 ss., e *Anexos*, (Anexo n.º 13), p. 46.
- 12 *Vd. Amaral* (2014), p. 93, nota 30.
- 13 O facto de lhe caber a função de autenticar todas os folios do inventário é indício de um papel de supervisão ou possivelmente de presidência da comissão.
- 14 Cf. *Inventario da Bibliotheca de S. Pedro, no Paço das Escolas* [Manuscrito]. Coimbra, agosto 1863. UCBG, Arquivo de manuscritos, caixa 1, n.º 116. Maia do Amaral (*op. cit., loc. cit.*) atribui a Bernardo Serra de Mirabeau a parte do inventário respeitante às estantes designadas pelas letras R a X.

teiro Lopes Quaresma de Vasconcelos, bacharel pela Faculdade de Direito em 1841, a quem coube a escritura do inventário.

Poucos dias antes da sua nomeação para a Biblioteca da Universidade, B. A. S. de Mirabeau foi exonerado, a seu pedido, de clínico ordinário dos hospitais da Universidade de Coimbra, posto que ocupava desde o início da vida profissional, em 1859¹⁵.

Ao assumir a direção da Biblioteca da Universidade, não obstante o caráter transitório da nomeação – ou precisamente por essa razão –, Bernardo Serra de Mirabeau elaborou um invulgar e desenvolvido relatório muito crítico do estado geral da instituição, onde insiste na necessidade da reforma profunda dos métodos e das técnicas de trabalho e propõe medidas concretas para a sua execução. O Relatório, elaborado escassos 40 dias após a tomada de posse e apresentado no final do ano académico de 1870/1871, é um importante documento para a história da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Permite-nos conhecer com pormenor os recursos da Biblioteca, as condições de trabalho e as práticas dos funcionários, incluindo as tarefas técnicas, os produtos biblioteconómicos e os serviços de leitura e apoio bibliográfico prestados aos utilizadores, a organização e arrumação das obras do acervo, o estado de conservação e a segurança das espécies, o enriquecimento e atualização das coleções, entre outros aspetos, decorrido um século da reforma pombalina dos estudos superiores e da instituição universitária.

Esta exposição do seu diretor demonstra também a relevância histórica do breve período em que a Biblioteca da Universidade foi liderada por Bernardo Serra de Mirabeau. Foi um impulso enérgico para o desenvolvimento da instituição, pelo que este episódio, só aparentemente menor, deve inscrever-se na história da Biblioteca Geral.

O Relatório da Biblioteca da Universidade, de 1870/1871 revela-nos o verdadeiro impulsionador de «uma época de grande atividade e,

15 Conforme despacho da Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, de 28 de junho de 1871, publicado no *Diário de Governo*, n.º 143, de 30 de junho.

seguramente, tempos de entusiasmo, na Biblioteca»¹⁶ – e o preconizador da renovação dos catálogos, da reforma dos métodos catalográficos e das práticas administrativas que vieram a ser desenvolvidos sob a direção de Bernardo de Serpa Pimentel, reconduzido no cargo de Bibliotecário, por Decreto de 28 de maio de 1872¹⁷.

É de notar que a maioria das medidas preconizadas por B. A. S. de Mirabeau virá a ser executada nos anos seguintes e que continuarão a ser persistentemente reivindicados, e sempre só parcialmente conseguidos, os meios humanos e materiais por ele reclamados.

O Relatório está dividido em seis partes: após um primeiro parágrafo preambular, de âmbito geral e enquadramento histórico-legislativo da Biblioteca da Universidade, metodologia geralmente observada pelo autor nos seus trabalhos, segue-se a descrição do estado em que o autor encontrou a instituição, uma análise sistemática dos diferentes aspetos do serviço e a apresentação de propostas para a reforma.

Destacam-se em seguida os pontos da exposição do lente Bibliotecário que nos parecem mais significativos e de maior repercussão nas épocas posteriores.

«Afere-se pela legislação o progresso ou decadência de qualquer instituição»

Confrontar os progressos da sciencia com a legislação sobre o ensino [...] universitario desde a grande reforma de 1772, explicar o presente pelo passado, descobrir assim sob mais largas vistas as causas do estado actual, e procurar nellas e no incremento das sciencias remedio eficaz para todas as necessidades, pareceu-me matéria indispensável para o edificio d'uma ampla reforma como ora se projecta. As investi-

16 Cf. Amaral (2014), p. 99.

17 Vd. *Diário do Governo*, n.º 124, de 4 de junho de 1872.

gações históricas explicam os motivos de inconciliáveis anomalias; só ellas tornam sensível o absurdo inerente á conservação de vetustas disposições, que nem sequer exprimem respeito pelo passado. (Mirabeau (1866), pp. 1-2)

As observações de Bernardo Serra de Mirabeau no relatório de 1870/1871 e as suas críticas a propósito do imobilismo legislativo e regulamentar em relação à Livraria da Universidade desde a reforma de 1772 e das disposições de António Ribeiro dos Santos, o seu primeiro Bibliotecário, estão decerto na génese do novo *Regulamento da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*, dado pelo Visconde de Vila Maior em 18 de dezembro de 1873¹⁸. Sem prejuízo da responsabilidade de Bernardo de Serpa Pimentel, Bibliotecário efetivo à data da promulgação do diploma, que foi ouvido acerca do novo regulamento¹⁹, as disposições do normativo de 1873 – em especial as que regem o serviço interno de produção dos catálogos, Capítulos V (i. é IV) a IX – derivam diretamente, pelo seu conteúdo, da exposição de B. A. S. de Mirabeau e acolhem as propostas que constam originalmente do seu relatório, como adiante se mostrará.

Ao prever, no Capítulo VI, os procedimentos para a escrituração biblioteconómica e administrativa na Biblioteca, o Regulamento de 1873 denuncia também a sua filiação nas ideias de B. A. S. de Mirabeau.

Da sua feição legalista e reformadora o relator dera já mostras em 1866, com a apresentação da sua própria proposta de um novo plano dos estudos superiores médicos, no parecer justificativo junto ao voto especial que emitiu como membro da Comissão da Faculdade de Medicina encarregada de formular «o projeto de resposta sobre as reformas que dizem respeito à mesma Faculdade», segundo o disposto na Portaria do Ministério do Reino de 6 de Julho de 1866²⁰. O

18 Publicado em 1874, em Coimbra, pela Imprensa da Universidade.

19 Cf. Amaral (2014), pp. 101-102, e o parágrafo inicial do *Regulamento* de 1873.

20 *Vd.* Mirabeau (1866).

seu plano não teve reflexos no projeto final da Comissão. Vinte anos depois, em 1888, foi nomeado Presidente da Comissão encarregada de elaborar um novo projeto de Reforma da Faculdade de Medicina.

«[...] a falta de pessoal, [...] em ultimo resultado é a causa principal de todos os defeitos e irregularidades de serviço no estabelecimento [...]»

A respeito do quadro de pessoal, que mantinha a mesma composição desde 1777, e do seu provimento ao longo das décadas, cuja insuficiência crónica tinha já sido apontada por Serpa Pimentel no relatório do ano precedente²¹, Bernardo Serra de Mirabeau demonstra aqui, com uma descrição pormenorizada das tarefas executadas por cada um dos funcionários afetos aos diversos serviços na Biblioteca e das respetivas habilitações e competências, a impossibilidade do cumprimento dos serviços bibliográficos e biblioteconómicos por tão escasso e desadequado pessoal. Note-se que o autor ressalva sempre a competência, a dedicação e os esforços dos sucessivos lentes Bibliotecários. É à sistemática falta de funcionários, e principalmente de funcionários com a qualificação e a probidade exigidas para as funções, que são atribuídas todas as dificuldades e deficiências dos serviços da biblioteca. O tom exacerbado da exposição pode bem ter sido decisivo para a contratação, a partir do ano de 1872, de um amanuense extraordinário, com habilitação adequada para auxiliar nas tarefas de catalogação, a ser pago pela verba do *Pessoal variável*²².

Os argumentos apresentados por Serra de Mirabeau serão retomados por Bernardo de Serpa Pimentel no relatório do ano académico 1873/1874 e, anos mais tarde, servirão para fundamentar a primeira de várias propostas de lei de reforma do quadro de pessoal da biblioteca

21 Cf. Relatório da Biblioteca da Universidade, anno 1869/1870 [Manuscrito], por Bernardo de Sera Pimentel, arquivado no livro dos *Ofícios*, 1870-1975, do arquivo administrativo da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, n.º 1.

22 Cf. Amaral (2014), p. 104, nota 18.

da Universidade de Coimbra publicadas no diário oficial – *vd.* proposta de lei n.º 10-E, de 4 de fevereiro de 1876, no *Diário do Governo*, n.º 27, de 5 de fevereiro de 1876, p. 220 –, que não terão êxito. Esta e pelo menos outras duas iniciativas legislativas – uma, n.º 139-G, de 30 de março de 1880, *Diário do Governo*, n.º 71, de 31 de março do mesmo ano, p. 837, e a outra, n.º 169, «Organizando a administração e serviço da bibliotheca da universidade de Coimbra», mencionada na «Synopse das proposições de lei commettidas à Câmara dos dignos pares do Reino na sessão ordinária de 1881», *Diário do Governo*, n.º 125, de 6 de junho de 1881 – não terão aprovação²³. Só em 1901, na sequência da Lei n.º 4, de 24 de dezembro, *Diário do Governo*, n.º 294, de 28 de dezembro, o quadro de pessoal da Biblioteca da Universidade será ampliado.

«Importa pois para utilidade do publico e credito do estabelecimento reformar completamente a catalogação [...]» e «Não omittereí falar do proposito em que estou de modificar a escripturação»

Bernardo Serra de Mirabeau é igualmente severo na avaliação dos catálogos existentes e dos métodos de catalogação. Considerando-os ineficazes e desatualizados, prescreve a reforma completa do processo catalográfico e a substituição dos catálogos em grandes e pesados volumes encadernados por catálogos de fichas móveis, muito mais flexíveis e manuseáveis, já vulgarizados na época. Esta medida será consignada no *Regulamento da Biblioteca da Universida-*

23 Estas duas últimas iniciativas legislativas resultaram possivelmente do Relatório de 31 de julho de 1878, apresentado pelo bibliotecário interino Augusto Filipe Simões (cf. Carta, 21 de abril de 1880, Biblioteca da Universidade de Coimbra, ao Vice-Reitor da Universidade, por Augusto Filipe Simões. N.º 30 (Cópia) de que se conservam vários exemplares no Arquivo de manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Caixa 1, n.º 116). O relatório de Augusto Filipe Simões, também lente de Medicina e Bibliotecário interino, era igualmente muito crítico do estado da Biblioteca, atribuindo como B. A. S. de Mirabeau todos os defeitos do serviço à falta de pessoal competente.

de de 1873, pelo artigo 27.º. Na prática, só dois anos mais tarde, em 1874, virá a ser concretizada. Bernardo Serpa Pimentel defendeu que os verbetes ou fichas móveis fossem impressos e não manuscritos (cf. *Regulamento*, 1873, arts. 28.º a 30ª), e para isso terá sido adquirido um prelo para a Biblioteca que, aparentemente, nunca terá sido utilizado para esse fim²⁴. Historicamente relevante, a renovação dos catálogos e a sua substituição por macetes de folhas volantes deve ser atribuída à iniciativa de Bernardo Serra de Mirabeau²⁵.

«Nas bibliotecas bem ordenadas não é arbitrária a collocação dos livros, antes se adopta um systema adequado á indole e fins do estabelecimento»

No parágrafo IV do Relatório, a respeito do sistema de classificação das obras e da organização dos livros nas estantes da biblioteca, o relator alega que se teria aplicado, «enquanto houve espaço», a classificação sistemática de Brunet, referindo-se ao sistema publicado pelo bibliófilo e livreiro francês Jacques-Charles Brunet (1780-1867) no *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, editado pela primeira vez em Paris, em 1809, que atingira, na época, a quinta edição, em seis volumes (1860-1865).

24 Cf. Amaral (2014), p. 102.

25 Note-se que, no entanto, os Catálogos das obras existentes na Biblioteca até o ano de 1798, produzidos por Bernardo Alexandre Leal, entre 1778 e 1805, incorporados no Fundo de Manuscritos da BGUC em 2013/2014, ter-se-hão formado a partir do registo de cada obra em «papelinhos avulsos» que se guardavam em caixas organizados por matérias. Os «papelinhos» diziam respeito não só a monografias como a partes de monografias. Sobre este método de catalogação veja-se a *Explicação do Borram escripto em Papelinhos avulsos, pelo qual se formaram 12 ou 13 Volumes Manuscriptos em folha grande intitulados = Bibliothecas*, manuscrito sem data, provavelmente de finais do séc. XVIII ou início do século XIX, preservado no arquivo histórico da BGUC, Caixa 1, n.º 126. O autor da Explicação recomenda que o mesmo método seja aplicado no registo de todas as obras adquiridas posteriormente para a Biblioteca, pois permite a produção dos diferentes catálogos (onomástico, ideográfico ou topográfico), «sem ser necessário fazer-se p.ª eles nova escrita de Borroens».

A obra de Brunet inclui um sistema de classificação bibliográfica – *Table méthodique en forme de Catalogue raisonné* –, de raiz biblioteconómica, que divide todo o conhecimento ou a informação por cinco grandes áreas: Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, Belas-Letras e História.

O sistema divulgado por Brunet, sucessivamente aumentado e atualizado, era então o de aplicação mais generalizada em muitos países da Europa e nos Estados Unidos da América não só pelos livreiros mas também nas bibliotecas, servindo de guia, com adaptações ao nível das subdivisões, à produção de catálogos sistemáticos ou por matérias e à organização dos acervos²⁶. A existência na Biblioteca Geral de dois exemplares da segunda edição, com a data de 1814, um deles pelo menos referenciado nos catálogos coevos da publicação, e de um exemplar da quinta edição, demonstra que este sistema era do conhecimento do pessoal encarregue das tarefas de catalogação e classificação das espécies.

A afirmação de Bernardo de Serpa Pimentel de que a arrumação dos livros nas estantes seguia a «ordem das faculdades e dos cursos ali ministrados»²⁷ contraria aparentemente a afirmação de B. A. Serra de Mirabeau de que o sistema utilizado seria o de Brunet. Somos levados a pensar que as duas afirmações não serão incompatíveis, na medida em que o sistema aplicado na classificação das espécies, na segunda metade do século XIX, conforme se encontra representado no registo dos *Mappas dos trabalhos de classificação e colocação de livros no Edifício dos Paulistas...*,²⁸ datado de 1860 a 1865, que se

26 Cf. Dousa (2018). Library classification. In ISKO, *Enciclopedia of Knowledge Organization (IEKO)*. Version 1.0; published 2018-11-27, last edited 2020-09-21. em https://www.isko.org/cyclo/library_classification#col, (consult. 28/09/2020).

27 Pimentel (1877), p. 22.

28 Cf. Biblioteca da Universidade de Coimbra (1861-1865). *N.º 1. Mappas do serviço feito no Depósito dos Paulistas* [Manuscrito], por António da Rocha e Mendonça Dantas Gersaint, 1861-1865, em UCBG, Ms. 3450.

reproduz em seguida, pode tanto aproximar-se do sistema de Brunet quanto da ordem das faculdades e dos cursos.

Biblias
Commentadores da Biblia
Bullas e Concilios
Sanctos Padres
Theologia
Direito Natural e Miscellanea
Direito Romano
Direito Canonico
Direito Patrio
Medicina
Mathematica
Philosophia
Geographia
Historia, Litteratura Latina e Grega
Historia e Litteratura Portugueza
Historia e Litteratura Estrangeira
Bellas Lettras
Grammaticas e Dictionarios

Só o estudo dos catálogos das coleções da Biblioteca Geral produzidos até o final do século XIX, preservados no fundo de Manuscritos e no arquivo histórico da Biblioteca Geral, permitirá determinar qual o sistema de classificação que presidiu à organização do acervo, e se na base desse sistema está uma classificação de raiz biblioteconómica ou filosófica, como a de Bacon. A partir de 1900, a Biblioteca da Universidade passou a dispor do seu próprio modelo de classificação sistemática²⁹.

29 Em 1900/01, a Biblioteca da Universidade publicou o seu próprio modelo de classificação: *Catalogo methodico*. Coimbra: Typographia de F. França Amado.

«[...] para desde já se adquirirem muitas obras [...]», «cabe aqui relatar que não importa só adquirir; é indispensável ao mesmo tempo conservar»

Também nas áreas do enriquecimento das coleções e da regulação dos procedimentos para a aquisição de livros e periódicos para a Biblioteca, da conservação das espécies e preservação do acervo, e da segurança das coleções estão patentes no relatório a preocupação e os conhecimentos do Bibliotecário, que aparecerão refletidos no novo Regulamento, de 1873.

O enorme esforço, durante a direção de B. A. S. Mirabeau, para completar e atualizar a bibliografia estrangeira do fundo da Biblioteca da Universidade, foi suportado pelas verbas resultantes das vendas de livros provenientes dos antigos estabelecimentos religiosos. Este esforço e os interesses e exigências dos estudiosos estão documentados na lista dos «Livros comprados no anno económico de 1871-1872», publicada no *Anuario da Universidade de Coimbra, no anno lectivo de 1872 a 1875* [i. é 1873], pp. 219-227, onde sobressaem o número de edições atualizadas dos manuais científicos, dos dicionários e enciclopédias, e a renovação das coleções de publicações periódicas especializadas, grande parte em língua alemã. A partir deste ano, a bibliografia adquirida para a Biblioteca da Universidade passou a ser divulgada no *Anuário da Universidade* no respetivo ano económico.

Podemos também observar os resultados das diligências promovidas pelo Bibliotecário, durante este período, para a recuperação de obras saídas da Biblioteca, no *Livro do registo da saída de livros* [Manuscrito], 1807-1873, que se encontra no arquivo administrativo da Biblioteca Geral. Muitos destes registos estão rasurados pela sobreposição de um traço a tinta, e a anotação marginal da data da reentrada da obra, rubricada pelo recetor na Biblioteca; em pelo menos um dos registos o próprio Bibliotecário certificou com a sua assinatura a devolução da obra emprestada.

Não é de excluir que o Regulamento de 1873 tenha, também a este nível, tido em conta o Relatório deste ano letivo 1870/1871 e procurasse regular os procedimentos internos e externos de modo a assegurar a preservação e a integridade do acervo.

A propósito da conservação do edifício e melhoria das instalações, o autor reserva para mais tarde dar contas das obras que tenciona empreender. Não se conhecem eventuais iniciativas suas nesta área. No entanto, no ano seguinte à sua exoneração, foi encomendado o levantamento da construção existente e um plano para obras de ampliação, que não será executado, mas dar-se-á início a outras obras de melhoramento, sempre aquém do necessário³⁰.

«[...] e na falta de pessoa mais entendida em numismática tomei sobre mim os encargos de classificação, desposição, etc.»

Bernardo Serra de Mirabeau era colecionador de moedas desde 1864 e numismata. A existência de uma importante coleção de medalhas e moedas na Biblioteca da Universidade e as condições de conservação em que permaneciam, longe do olhar dos estudiosos deste acervo especial, mereceram-lhe uma menção específica no relatório. Com a notícia da dotação da biblioteca de um móvel preparado para a exibição destas espécies, providenciado pelo Reitor, o relator declara que ele próprio se encarregará do inventário e classificação das coleções de medalhas e de moedas, e do acondicionamento de uma seleção destas peças no novo expositor³¹.

30 Cf. Amaral (2014), p. 99, nota 1.

31 Sobre a formação e a organização da coleção de moedas da Biblioteca Geral veja-se Remédios (1905) e Mendes (1974), pp. 29 ss. A ordem e a catalogação de B. A. S. de Mirabeau não resistiram às sucessivas arrumações de que foram alvo as moedas. Também não nos chegou o inventário ou as fichas de cada peça, que terão sido então produzidos. Quanto ao móvel, «[...] considerado indigno de permanecer nas salas nobres da Biblioteca, onde havia sido colocado [no topo da terceira sala], por ser de pinho revestido de tecido que o tempo desbotara, foi retirado para depósito devidamente resguardado [...]».

Este tem sido até aqui o único ponto destacado pela historiografia da Biblioteca da Universidade acerca do consulado de Bernardo Serra de Mirabeau, talvez pelo facto de que Serpa Pimentel, em 1877, na sua «Breve Notícia da Livraria da Universidade de Coimbra», incluída na *Exposição succinta da organização actual da Universidade de Coimbra*, pelo Visconde de Vila Maior, pp. 470-508 – uma das mais importantes referências para a história da Biblioteca da Universidade – tenha definido o período da «illustrada gerencia» do seu substituto interino destacando especialmente o trabalho de medalhística do lente de Medicina³².

Em 1872, no mês de março, a Biblioteca recebeu a visita discreta do Imperador do Brasil, D. Pedro II, que assistiu também a uma aula de Psicologia «em que explicava o Dr. Mirabeau» acompanhado pelo Reitor, o Visconde de Vila Maior³³.

Em maio do mesmo ano, Bernardo Serra de Mirabeau foi substituído no cargo novamente por Bernardo de Serpa Pimentel encerrando assim a sua breve mas importante passagem pela Biblioteca da Universidade³⁴.

No final do mês de junho, foi eleito pelos seus pares, no âmbito das comemorações da Reforma Pombalina, relator da *Memória histórica e comemorativa da Faculdade de Medicina nos cem anos decorridos desde a reforma da Universidade em 1772 até o presente* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1873), uma das quatro publicações produzidas por incumbência do Reitor para as Comemorações Pombalinas. Escrita em quatro meses³⁵, esta *Memória* tornou-se desde logo e mantém-se

32 Cf. Pimentel (1877), p. 23.

33 Cf. Pimentel (2004), p. 198.

34 Os contemporâneos Augusto Mendes Simões de Castro (1845-1932) e Augusto Filipe Simões (1835-1884), professor da Faculdade de Medicina, ambos bibliotecários interinos, substitutos à vez de Bernardo de Serpa Pimentel nos frequentes períodos de impedimento, destacam a ação de B. A. S. de Mirabeau de entre a de todos os outros bibliotecários que os precederam, nos seus artigos históricos relativos à Biblioteca da Universidade – cf. Castro (1879), p. 85, e Simões (1880), p. 3. Este último utiliza ainda no seu relatório de 1878, e publicamente em 1880, os mesmos argumentos críticos do relatório de Mirabeau.

35 Cf. Mirabeau (1872), p. 8.

ainda hoje uma obra de referência para a história dos estudos superiores médicos em Portugal.

Ao longo da sua vida, B. A. Serra de Mirabeau desempenhará ainda outros cargos, fora e dentro da Universidade de Coimbra, onde foi diretor da Faculdade de Medicina e administrador dos Hospitais da Universidade. Proferiu as orações de sapiência dos anos de 1886 e 1892.

Bernardo de Serpa Pimentel manter-se-á na direção da Biblioteca da Universidade até março de 1894, com vários períodos de ausência por vezes longos, substituído por Augusto Filipe Simões, de 1872 a 1884, e por Augusto Mendes Simões de Castro, entre 1884 e 1894, ano em que se aposentou.

Bernardo António Serra de Mirabeau morreu em Coimbra em 13 de janeiro de 1903. Bernardino Machado, com quem manteve alguma proximidade, proferiu a oração fúnebre³⁶.



FIGURA 1: Bernardo António Serra de Mirabeau. Extrato da fotografia dos Lentes da Universidade, por J. David, do Álbum *Universidade de Coimbra, 1880-1881* (Paris: J. David), da Biblioteca Geral, Fundo Octaviano de Sá.

36 Cf. Machado (1903).

O Relatório da Biblioteca da Universidade do ano académico de 1870/1871

O documento que em seguida se transcreve é um borrão ou minuta em letra descuidada, da época, assinado e datado, com rasuras e emendas autógrafas, escrito a tinta preta sobre 8 páginas originalmente numeradas de dois bifólios de papel azul liso Almasso (Almasso – Louzã). As correções e o parágrafo final estão a tinta de tom diferente, o que indicia terem sido escritas num momento posterior. No canto inferior externo do folio final uma pequena perfuração do suporte dificulta a leitura da fórmula de tratamento do destinatário. A minuta, com o número de ordem 2, integra o livro de *Ofícios / 1870-1871 / ... / 1931 a 1935* do arquivo administrativo da Biblioteca Geral, compilado e encadernado provavelmente na década de 90 do século XX³⁷. Não sabemos se o texto corresponde exatamente ao oficial, apresentado ao Reitor. No livro de *Ofícios*, é imediatamente precedido de uma minuta autógrafa de Bernardo de Serpa Pimentel, do Relatório do ano letivo anterior, 1869/1870. Joaquim Mendes dos Remédios (1867-1932), diretor da Biblioteca da Universidade entre 1900 e 1913, cita o Relatório de B. A. S. de Mira-beau localizando-o no *Registo dos Relatórios*³⁸, que não se localizou no arquivo da Biblioteca Geral.

Na transcrição manteve-se a ortografia. O texto rasurado é assinalado entre chavetas: {*rasurado*}. As palavras de leitura duvidosa vão entre parênteses retos, seguidas de ponto de interrogação. Os termos e expressões inscritos entrelinhas transcrevem-se entre parênteses retos precedidos de seta para cima ou para baixo, conforme o termo ou expressão se encontrem na entrelinha superior ou

37 O livro tem na guarda da capa uma nota lançada a lápis, assinada por Maria Teresa Pinto Mendes (1931-2020), bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: «Este livro contém minutas dos ofícios que estão arquivados no copiator próprio».

38 Remédios, (1905), pp. 14-16.

inferior, respetivamente. A numeração original das páginas encontra-se entre parênteses curvos.

(1)

[apontamentos mss. a lápis: 1871; a tinta azul, rasurado: N.º 1; a tinta vermelha: (2)]

[p.] (1)

Relatorio da Bibliotheca
da Universidade

Illmo e Exmo Snr

Em portaria de 26 de Junho proximo passado honrou-me V. Ex.^a com a nomeação de director interino da bibliotheca da Universidade, cargo que poucos dias antes vagára pela exoneração do D.or Bernardo de Serpa Pimentel.

Ao tomar sobre mim a direcção d'aquelle importante estabelecimento tratei de collegir a legislação que lhe respeita desde a sua primitiva fundação; investiguei as phases prque tem passado, averiguei dos encargos, serviços, e idoneidade dos empregados; revolvi, quanto me foi possivel, os catálogos e livros de escripturação; revistei as estantes, ainda que apressadamente, para julgar da riqueza do estabelecimento e do systema de collocação dos livros; e depois de adquirir por este modo conhecimento do estado da bibliotheca, providenciei sobre cousas que exegiam prompta solução; e {*rasurado*: cogitei na proposta de} [↑n'este relatório lembrarei agora] outras providencias, que julgo necessarias, para que tão util estabelecimento responda dignamente ao fim da sua instituição. Impossivel era que no curto espaço de 40 dias, {*rasurado*: aprofundasse} occupado ainda com outros serviços universitarios, profundasse, como mt.º convinha, tantos e tão diversos assumptos. A todos me appliquei, segundo o permittiam minhas forças, ja pr que assim o pede o desempenho do cargo, ja pela impreterível obrigação de apresentar a VEx.^a o relatorio annual no fim do anno

lectivo. {*rasurado*: Invoco} Sirva [↑-me] pois a estreiteza de tempo {*rasurado*: o fim de conseguir} de desculpa p.^a quaesquer faltas, e {*rasurado*: indulgencia} para as imperfeições d’este trabalho.

II

Fora concluído, e ate enriquecido de muitas obras notaveis, o majestoso edificio da bibliotheca antes da grande reforma da Universidade em 1772; mas não consta que antes d’essa epocha estivesse diariamente patente ao publico, e prestasse os valiosos serviços que a sua edificação inculcava. Nomearam-se então dous officiaes para servirem na bibliotheca, e mais tarde foi {*rasurado*: creado o lugar de} [↑escolhido] director bibliothecario, a cujo prudente [p.](2) arbitrio tacitamente se deixou tudo quanto pertencia ao regimen e economia do estabelecimento; visto que nenhuma providencias se publicaram, e as disposições dos estatutos velhos acompanhadas de escassas determinações reitoraes eram por extremo insufficientes para obviarem a todas as necessidades. São decorridos mais de noventa annos depois que o primeiro director, o illustre Antonio Ribeiro dos Santos, inaugurou e distribuiu convenientemente o trabalho na bibliotheca. Com eguaes attribuições serviram os directores que lhe succederam; e assim se continuou ate hoje, sem outra modificação mais que a do acanhado regulamento de 7 de novembro de 1800, unica providencia escripta para o regimen interno da livraria, e que somente prescreve o modo de se franquear e o comportamento que n’ella devem ter os leitores.

Afere-se pela legislação o progresso ou decadencia de qualquer instituição. Da falta de lei escripta parece concluir-se que a bibliotheca da Universidade, no decurso de quase um seculo, foi esquecida, ou permaneceu estacionaria e refractaria a progressivos melhoramentos. Não é porem verdadeira a conclusão porque o zelo e a assiduidade de intelligentes directores eram {*rasurado*: o} regulamento vivo {*rasurado*: da casa, efficaz}, sempre {*rasurado*: rigoroso para atender} [↑eficaz em

accudir] ás necessidades do serviço e promover todos os melhoramentos. Se algumas direcções, + [↑em tempos calamitosos +] affrouxaram de actividade culpa foi das circunstancias especiaes p.rq. passou o paiz, e cuja perniciosa influencia se sentiu igualmente em outros estabelecimentos.

Nos ultimos quinze annos têm os governos mostrado empenho de dar progressivo impulso a bibliotheca. Augmentaram-lhe a dotação; commissionaram individuos idoneos p.a estudarem e proporem os meios de se realizarem notaveis melhoramentos. Trabalharam os commissionedos com dedicação; alguns dos {*rasurado*: providencias} [↑alvitres] propostos {*rasurado*: não} foram {*rasurado indecifrado*} [↑pelo Governo] attendidos. É agora tempo de se entrar [p.] (3) em nova phase, e de se remediarem os inconvenientes que {*rasurado indecifrado*} sobresaem do q. vou expor.

II [sic]

O pessoal que no seculo passado se julgou sufficiente para todo o serviço da bibliotheca, é o mesmo que ainda hoje subsiste = director = dous officiaes = porteiro = continuo = Empregavam-se então os officiaes em escripturar o que era do serviço da casa, catalogar, fornecer livros aos leitores, ministrar-lhes quaesquer esclarecimentos bibliographicos ao seo alcance, classificar, collocar os livros. {*rasurado*: etc.} O porteiro e o continuo não intendiam n'estes mesteres; pertencia ao primeiro a guarda e a limpeza do edificio, e outros trabalhos manuaes do serviço interno; tinha o segundo a seo cargo o serviço externo, a policia do estabelecimento emq.to estivesse aberto etc. Nunca d'outras occupações se deveram incumbir para haver conformid.e com as habilitações, [↑exigidas] {*rasurado*: que} para taes cargos {*rasurados*: são requeridas}. No entretanto a progressiva acquisição de livros ampliou a riqueza da bibliotheca e attrahiu maior concorrencia de leitores. Augmentou evidentemente o serviço; e em vez de se accrescentar simultaneamente o pessoal, destrahiu-

-se da bibliotheca um dos officiaes para se occupar em trabalhos de catalogação no grande deposito dos livros, que outrora pertenceram as corporações religiosas³⁹. Em taes circumstancias não era possível satisfazer cabalmente, não digo ao serviço total da bibliotheca, mas nem ao menos ao expediente ordinario. Emfim chegaram as cousas ao ponto extremo de se {*rasurado*: empregar} [↑occupar] o porteiro e o continuo em trabalhos, que deviam ser desempenhados p. homens de estudos e conhecimentos bibliographicos. {*rasurado*: Valeo} Este ultimo recurso {*rasurado*: para se não fechar a bibliotheca} [↑tornou-se de efeito permanente e desde então] ficou {*rasurado*: pois} nas tres salas do pavimento superior do edificio destruido o trabalho pelos tres empregados do modo seguinte = Para todo o serviço da primeira sala, em que se comprehende requisição de livros e esclarecimentos bibliographicos sobre historia geographia viagens bellas lettras miscellaneas etc., foi designado o porteiro. A segunda sala, onde há identico serviço a respeito de Medicina mathematica philosophia natural e jurisprudencia, coube ao {*rasurado*: porteiro} [↑continuo]. Na terceira [p.](4) ficou um dos officiaes com incumbencias semilhanthes sobre o resto do saber humano! Para estas e outras irregularidades occasionadas pela falta de pessoal e constantemente ponderadas nos relatorios annuaes solicitaram providencias os directores. Baldado foi porem o seu empenho; na segunda bibliotheca publica do Reino e junto do primeiro estabelecimento {*rasurado*: litterario} scientifico, desempenham ainda hoje o porteiro e o continuo funções que na bibliotheca nacional de Lisboa, com justo motivo, estão a cargo de duas +[↑notaveis+] illustrações litterarias⁴⁰. Já d'aqui se infere, inde-

39 Alusão aos trabalhos de incorporação, inventariação e classificação das obras – mais de cem mil volumes – provenientes das livrarias dos conventos das Ordens religiosas, extintos em 1834. O tratamento deste fundo, primeiramente armazenado no Colégio de São Paulo, para posterior transferência para o edifício da Biblioteca, revelou-se tarefa impossível, sem a dotação da Biblioteca com os recursos humanos, as instalações e os materiais necessários.

40 Refere-se provavelmente ao escritor e historiador António da Silva Túlio (1818-1884) e a Francisco Martins de Andrade (1810-1878), erudito responsável pela coleção de

pendente {*rasurado*: mente} de mais esclarecimentos, em que estado deverão achar-se outros ramos do serviço da bibliotheca.

III

Ocorre naturalmente examinar em primeiro lugar os catálogos e os trabalhos de catalogação. Não é de extranhar q. se encontrem faltas e imperfeições n'este importante e indispensavel serviço. {*rasurado*: admira porem que se tenham renovado alguns dos antigos catalogos}. Convidou-se pessoa extranha ao quadro da bibliotheca p.^a auxiliar a catalogação; forçoso é porem confessar que pouco se tem adiantado, e que tudo carece de reforma radical. Na segunda sala ha em dous volumes um catalogo, p.r authores, dos livros de jurisprudencia, acabado ha 6 annos pelo digno official Jose Mendes Diniz. Os livros do primeiro deposito estão catalogados tambem por authores, se bem que dos tres volumes do catalogo um só está copiado em boa letra. Trabalha-se por tirar a limpo o antigo catalogo de litteratura, respectivo aos livros da primeira sala, que por muito cheio de entrelinhas servia mais para confundir, do que para indicar o logar dos livros. N'isto se cifram os catalogos modernos: as restantes indicações na bibliotheca constam dos catalogos antigos. Estes, e todos os mais, com excepção talvez do de jurisprudencia estão imperfeitos e deficientes. Eivados de taes vicios necessitam reforma. E não basta [p.](5) catalogar somente por authores; são indispensaveis, pelo menos, catalogos por materias de modo que as indicações d'uns e d'outros tenham entre si perfeita concordancia.

Subsiste ainda na bibliotheca o antigo systema de catalogação em livros de grandeza e grossura excessivas, difficeis por isso de manusear. Semilhante systema esta + [↑+em bibliothecas modelos+] condemnado

manuscritos da Biblioteca Nacional de Lisboa e regente da cadeira de Numismática criada junto da Biblioteca. Um ou outro substituíam o Bibliotecário-Mor José da Silva Mendes Leal (1820-1886), publicista e político, nas suas frequentes ausências.

e substituído pelo de cadernos de folhas separadas, cujas vantagens são óbvias!! Na bibliotheca não houve ainda tentativa para se adoptar, ou ensaiar o novo systema. Importa pois para utilidade do publico e credito do estabelecimento reformar completamente a catalogação.

IV

Nas bibliothecas bem ordenadas não é arbitraria a collocação dos livros, antes se adopta um systema adequado á indole e fins do estabelecimento. Na bibliotheca da Universidade seguiu-se outrora um systema de classificação e collocação, que nos topicos principais m.to se aproxima do de Brunet, e de que ainda se conservam reliquias abundantissimas. Em quanto houve espaço sufficiente p.^a a accommodação dos livros, occupavam os logares que segundo a classificação adoptada lhe pertenciam; mas depois q. as estantes das salas e dos depositos se encheram, appareceu a necessidade de se arrumarem os livros onde melhor coubessem. D'aqui procede a informe e disparatada mistura que se encontra nas estantes e tabellas. Concorreu e não pouco para tão monstruosa confusão a falta de pessoal, que em ultimo resultado é a causa principal de todos os defeitos e irregularid.es de serviço no estabelecimento. A methodica collocação dos livros não é {*rasurado*: hoje} obra de pouco tempo, nem tão facil como talvez pareça. Alem da principal difficuldade de se deslocarem e removerem [p.](6) setenta mil volumes, não é pequeno obstáculo + [↑+a diversid.de de pavimentos e casas,] e a falta de espaço conveniente p.^a os trabalhos de separação e classificação.

V

Encerra a bibliotheca da universidade riquezas bibliographicas de muito valor; mas com quanto todos os annos se augmente tão vasto repositorio de sciencias e letras, não corresponde ainda as exigencias

da mocidade estudiosa nem aos desejos dos que se interessam pelo esplendor dos estabelecimentos universitarios. Não é sufficiente a dotação ordinária para desde ja se adquirirem m.tas obras, {*rasurado*: de preço elevado} [↑q. faltam, principalmente de sciencias naturaes]; realizar-se-ha porem tão importante melhoramento com o producto da venda dos livros dos conventos. Encommendaram-se ja algumas obras p.^a Alemanha; procuraram-se relações com algumas das principaes casas commerciaes de livros em Leipzig, Paris e Londres: se corresponderem, como é d’esperar, o fornecimento para a bibliotheca far-se-ha com mt.^o mais vantagem por compras directas nos grandes armazens e em primeira mão, do que por intervenção dos commissarios

Cabe aqui relatar que não importa só adquirir; é indispensavel ao mesmo tempo conservar. Deterioram-se os livros pelas injurias do tempo e da {*rasurado*: insectos} traça, e pelo uso e maos geitos de quem os consulta. Podem attenuar-se os danos que de todas estas causas procedem; ha porem um genero de deterioração, mais rapido e daninho que todos os mencionados, e que {*rasurado*: defícilmente se} [↑nem sempre se pode evitar]: consiste na maldade com que se arrancam de livros folhas, e pedaços de folhas. Acham-se na bibliotheca mt.as obras assim mutiladas. Livros ha, entre os manuscriptos, donde se tiraram cadernos inteiros, cortando-se os fios transversaes da encadernação. Sinto pesar em referir estes factos, assim como em dizer que alguns livros [p.] (7) teem sido substituidos, e outros roubados. Na comarca desta cidade pende do poder judicial um processo de roubo, feito á bibliotheca. Inculcam todos estes factos que não ha policia de portas a dentro: convem confessar claramente que a não, nem a pode haver, em quanto o serviço {*rasurado*: inteiro} [↑total] de cada sala estiver a cargo d’um só empregado.

VI

Ha na bibliotheca muito em que lidar, muito em que se entretenha o zelo do director e dos mais empregados.

Revolvendo livros e papeis da secretaria da bibliotheca achei documentos de se terem emprestado mtas obras p.r ordem superior, umas das quaes estavam em poder de particulares, e outras em varios estabelecimentos universitarios. Tratei logo de mandar recolher o que havia sahido da bibliotheca, e prosigueri com o m.mo empenho ate riscar a ultima linha na lista dos emprestimos.

Havia muitos livros brochados, que em tal estado mal podiam ser consultados. Convidei encadernadores p.^a licitarem sobre as encadernações. Não era o costume da casa, excitou por isso certa extranheza. As praxes antigas não me agradaram; entendi q. era necessário inaugurar usos novos. Entrei em ajuste, e cheguei a um accordo razoavel. Posso affirmar q. alguma cousa lucrou o estabelecimento.

Tenho muito em cuidado os consertos e reparos do edificio e dos moveis e utensilios que lhe pertencem. Em tempo opportuno darei conta especificada das obras que tiver emprehendido.

Não omitterei fallar do proposito em que estou de modificar a escripturação. Actualmente ha livros onde se se escreve tudo o que pertence a bibliotheca; falta porem a {*rasurado*: methodo} [↑ordem] e clareza que deve ter a escripturação de tão notavel estabelecimento.

Está prestes a realizar-se um melhoramento devido a iniciativa e activid.e do Ex.mo Sr. Visconde Reitor.

Em 1789 passara p.^a os dominios da bibliotheca um medalheiro, {*rasurado*: constante} que principalmente constava de moedas romanas de prata e de cobre. Foi o [p.] (8) medalheiro augmentado com outro que á bibliotheca legou o desembargador João Pedro Ribeiro. Um outro jazia embrulhado em papeis, empacotado e cuidadosamente guardado dentro d'um armario, e em um dos mais reconditos escaninhos da bibliotheca. Desculpava-se a permanente arrecadação do medalheiro com a falta de pessoa que o classificara. Teve Sua Ex.^a conhecim.to do caso; promoveo a construcção d'um movel adequado p.^a a exposiçõ das moedas; e na falta de pessoa mais entendida em numismatica tomei sobre mim os encargos de

classificação, disposição, etc. Espero que no principio do proximo anno lectivo appresentará a bibliotheca interessante novidade aos q. cultivam a numismatica, cujo estudo, descurado em Portugal ate ha poucos annos, progressivamente se tem agora desenvolvido. Muito convinha que o governo de S. Majestade authorisasse a troca de moedas e medalhas repetidas. Por este modo augmentar-se-hiam algumas series {*rasurado indecifrado*} com especialid.e a de moedas portuguezas, em q. o medalheiro pouco abunda. A bibliotheca nacional de Lx.^a tem authorização p.^a trocar os exemplares repetidos.

Accompanham este relatorio, como parte integrante q. lhe pertence, os mappas estatisticos, onde se contem esclarecimentos q. d'outro modo não podiam ser bem especificados⁴¹.

Tal é o que se me offerece relatar sobre o estado da bibliotheca da Universidade. Evidencia-se no que deixo escripto que importa reformar a catalogação, classificar e collocar os livros methodicamente, estabelecer policia, etc, o que tudo se resume no augmento de pessoal, mas de pessoal probó e convenientemente habelitado p.^a o serviço.

Deos Guarde a VEx.^a

Bibliotheca {*rasurado*: 11 d'agosto} da Univ.de 12 d'agosto de 1871

o director interino

Bernardo Antonio Serra de Mirabeau

Ill.mo [Ex.mo][S.nr] Visconde de
Villa Maior. Reitor
da Un[iver].de de Coimbra

41 Cf. *Anuario da Universidade de Coimbra no anno lectivo de 1871 a 1872*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1871, pp. 141-147.

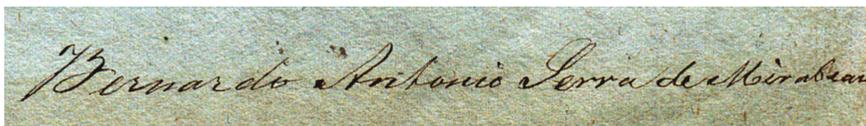


FIGURA 2: Fac-símile da assinatura de Bernardo António Serra de Mirabeau no final do Relatório

Referências bibliográficas

- Abreu, J. M. de (col. e coord.). (1851). Portugal. Leis, Decretos, etc. *Legislação Académica, desde os Estatutos de 1772 até ao fim do anno de 1850*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Amaral, A. E. Maia do (coord.). (2014). *Os livros em sua ordem. Para a História da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (antes de 1513-2013)*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Castro, A. M. Simões de. (1879). Bibliotheca da Universidade. *Portugal Pittoresco*. Vol. 1, n.º 6, pp. 81-85.
- Catroga, Fernando (1976). *José Falcão, um lente republicano*. Coimbra: FLUC. Separata de: *Biblos*. Nº 52. *Miscelânea em honra de Paulo Quintela*.
- Dousa, T. M. (2018). Library classification. In ISKO, *Enciclopedia of Knowledge Organization (IEKO)*. Version 1.0; published 2018-11-27, last edited 2020-09-21. Disponível em HTTP em https://www.isko.org/cyclo/library_classification#col, (consult. 2020-09-28).
- Machado, Bernardino (1903). Allocução proferida á beira da sepultura do dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau. *O Instituto. Jornal scientifico e litterario*. Vol. L, pp. 65-66. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Mendes, M. Teresa Pinto (1974). *Fundos especiais da Biblioteca Geral da Universidade*. Coimbra: [s.n.]. Separata de: *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*.
- Mirabeau, B. A. Serra de. (1866). *Relatorio e Voto especial*, do Dr. [B. A. S. de M.] Membro da Comissão da Faculdade de Medicina encarregada de formular o projecto de resposta aos quesitos pertencentes á mesma Faculdade, indicados na portaria do Ministerio do Reino de 6 de Julho de 1866. [Coimbra]: Imprensa da Universidade.
- Mirabeau, B. A. Serra de. (1872). *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina nos cem annos decorridos desde a Reforma da Universidade em 1772 até o presente*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Mirabeau, B. A. Serra de. (1879). Portal da Capella da Universidade. *Portugal Pittoresco*. vol. 1, n.º 5, p. 65.

- Mirabeau, B. A. Serra de. (1892). Carta de 14 7.bro 1892, Coimbra a Bernardino Machado [Manuscrito]. Sem Título, Fundação Mário Soares / DBG - Documentos Bernardino Machado. Disponível em HTTP: http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_102235, (consult. 2020-09-18).
- Ortigão, Ramalho & Queirós, Eça de. (1871). *As Farpas. Chronica mensal da politica, das letras e dos costumes*. 3. Lisboa: Typ. Universal.
- Pimentel, J. M. de Oliveira (2004). *Memórias. Visconde de Vila Maior*. Transcrição [de] Adília Fernandes; Introdução [de] Manuel Pimentel Quartim Bastos. Coimbra: Palimage.
- Pinto, A. A. da F. (1875). Festa do Centenário [da Reforma da Universidade de Coimbra de 1772]. *O Instituto. Jornal scientifico e litterario*. Nº 16, pp. 165-168.
- Pousinho, Nuno (2017). *Pretos e Brancos. Liberalismo e Caciquismo no distrito de Castelo Branco (1852-1910)*. Tese, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa e Anexos. Disponível HTTP: <https://run.unl.pt/handle/10362/20277> (consultado em 29/09/2020).
- Remédios, J. Mendes dos. (1905). *Moedas romanas da Bibliotheca da Universidade de Coimbra (Ensaio de catalogo)*. Coimbra: Imprensa da Universidade. Separata do *Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra*.
- Simões, A. Filipe (1880 jan. 1). Estabelecimentos scientificos de Portugal. A Bibliotheca da Universidade de Coimbra. *O Occidente*. A. 3, vol. III, nº 49, pp. 2-3.
- Vilaça, Alberto (1992). *A Comuna de Paris e os seus reflexos em Coimbra*. Coimbra: Tip. Comercial. Separata de: *Munda*. n.º 23.

(Página deixada propositadamente em branco)

The Haas-Galinha printing press

O prelo Haas-Galinha

A. E. Maia do Amaral¹

Robert W. Oldham²

RESUMO

Este artigo revê a história de um prelo manual em ferro forjado conservado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Reavaliando a sua possível origem, põe-se a hipótese de ter sido originalmente fabricado entre 1784 e 1794 por Wilhelm Haas, em Basileia (Suíça), e recuperado por Manuel Bernardes Galinha, em Coimbra (Portugal), em 1845. Seria, nesse caso, o mais antigo prelo de corpo metálico conservado no mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Basto, Augusto Valério Ferreira Pinto, 1807-ca.1902; Galinha, Manuel Bernardes, 1810-1864; Haas-Decker, Wilhelm, 1766-1838; Prelo Haas-Galinha; Prelo metálico, 1784; Prelo metálico, 1845; Tipografia, história.

1 Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0003-2668-0879>; aemaia@bg.uc.pt

2 Investigador. <https://orcid.org/0000-0002-2057-9983>; bobtheham@adlibpress.us

ABSTRACT

This article revisits the history of a wrought iron hand press kept at the General Library of the University of Coimbra. It reassesses its possible origin, and raises the hypothesis that it was originally made by Wilhelm Haas in Basel (Switzerland) between 1784 and 1794, and repaired by Manuel Bernardes Galinha, in Coimbra (Portugal), in 1845. If true, this would make it the oldest iron printing press in the world.

KEYWORDS

Basto, Augusto Valério Ferreira Pinto, 1807-ca.1902; Galinha, Manuel Bernardes, 1810-1864; Haas-Decker, Wilhelm, 1766-1838; Haas-Galinha printing press; Printing press, 1784; Printing press, 1845; Typography, history.

In 2009, one of the authors of the present paper wrote a *notula* on what was then commonly called the “Galinha press”, and which ended like this:

“... it is on display at the entrance to the Academic Prison, on the first floor of the Joanina Library, in poor condition, incomplete and in need of restoration.”³ (Amaral, 2009)

The whole purpose of that short note was to converge on this conclusion, since our objective was to draw attention to the object and the need to restore it.

3 In the original: “... encontra-se em exposição na entrada do Cárcere Académico, nos fundos da Biblioteca Joanina, em mau estado de conservação, incompleto e a necessitar de restauro.”



The press, before restoration. Photo by Luís Garção Nunes, 2007

At that time, no research had been done on the press. Every piece of information on hand was owed to Joaquim Martins de Carvalho (1822-1898), in a brief note written for *“O Conimbricense”* (Carvalho, 1888), a newspaper of which he was editor and main writer. This note, a relevant source on the history of this press, is transcribed in the **Appendix**.

Based solely on the information provided by J. Martins de Carvalho, the General Library’s printing press kept in the Joanina Library already seemed to us worthy of greater scholarly appreciation. As we expressed at the time, it *“is present across more than a century of cultural work of the best generation in the town and its University”*⁴: it

4 In the original: *“atravessa mais de um século de labor cultural do melhor escol da Cidade e da sua Universidade”* (Amaral, 2009).

served, in succession, the most prestigious local press of civic intervention (the *Observador* newspaper), maybe the activity of the *Sociedade de Instrução dos Operarios* (Workers' Education Society), then the University Library, and finally the Botanical Gardens.

This is a well-known and oft-told story, which is no small feat, considering it is not very often that the story of a machine can be told with literary and written sources. Even today, at a time when industrial archeology is a consecrated discipline, few take the time to write about such "junk". Therefore, the fact that there are written sources on a modest press from Coimbra is extraordinary in and of itself.

The well-known history: 1845-1852

In the article we have been referring to, J. Martins de Carvalho makes several statements that we shall now examine in more detail.



The press' plaque by Manuel Galinha. Photo by João Armando Ribeiro, 2008

On the origins of the printing press he declares:

*"... it was made in 1845 in the locksmith's workshop of the skillful Manoel [sic] Bernardes Gallinha, established in Sophia St., with the aim of printing an opposition periodical, which should have the name of Conimbricense, but which never came to light..."*⁵
(Carvalho, 1888)

Joaquim Martins de Carvalho was the first to carry out research on Coimbra printers and their workshops. We owe him an extraordinary survey of elements, collected locally for years in all available locations. Though he lacked access to the big libraries in Lisbon and abroad, something which he himself regrets⁶, the amount of information he recorded is nonetheless tremendous.

In his major work on the subject of printing, modestly called *Apointamentos* (1868), Carvalho reviewed the history of all the printing presses in Coimbra.

About the "Press of the *Observador*", promoted in 1847 by elements of the Progressive Party, he wrote:

"The type was sent from Lisbon. As for the press, one was purchased which had been made in 1845 in this city at the locksmith's workshop of Mr. Manuel Bernardes Gallinha, by order of Mr. Augusto Ferreira Pinto Basto, with the intention of printing a newspaper, which he planned to publish under the name of Conimbricense, and of which Mr. Dr. António Luiz de Sousa Henriques Secco was to be the director. This newspaper

5 In the original: "... foi feito em 1845 na oficina do hábil serralheiro, Manoel [sic] Bernardes Gallinha, estabelecido na rua da Sophia, com o fim de nelle se imprimir um periódico da opposição, que devia ter o nome de *Conimbricense*, mas que não se chegou a publicar..."

6 He says in 1891 that he "never even entered the Portuguese National Library" (Carvalho, 1891) (in the original: "... e nós nunca entrámos na Biblioteca Nacional").

had not been able to come to light as a result of the obstacles raised by the authorities of the time, and so the press was left unused.”⁷ (Carvalho, 1868, p. 391)

It is essentially the same information, a little expanded upon, but adding the name of locksmith Manuel B. Galinha’s alleged commissioner of the press: Augusto Valério Ferreira Pinto Basto (1807-*ca.*1902) the “main influencer”⁸ behind the newspaper project, in 1845, who seems to be a key-figure in this whole affair. He was the son of the founder of the Vista Alegre porcelain (and glass) factories; as a young man, and a “liberal”, he had to exile himself in England and later in France (Sèvres), where he studied the ceramic industry⁹. Once back in Portugal, he was the company’s first administrator (1824-1838), tasked with going abroad, either to research the compositions of ceramic pastes or to hire great master ceramists who determined the success of the company.

7 In the original: “Mandou-se vir o typo de Lisboa. E quanto ao prelo, foi comprado um, que tinha sido feito em 1845 nesta cidade na serralharia do sr. Manuel Bernardes Gallinha, por encomenda do sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, a fim de nelle se imprimir um jornal, que se projectou publicar com o nome de Conimbricense, e do qual seria redactor o sr. Dr. António Luiz de Sousa Henriques Secco. Esse jornal não tinha podido sahir á luz em consequencia dos facciosos obstáculos postos pelas auctoridades d’essa epocha, e ficara por isso o prelo sem servir.”

8 “...o principal influente para a fundação d’este jornal...” (Secco, 1889, p. 284, note a), as the appointed director of the paper recalled in his *Memories*.

9 Bobone, 1997, vol. 1, p. 249. He likely visited Meissen as well, the first porcelain factory in Germany, not far from Grimma where Göschen had moved his print shop to in 1797.



Augusto Valério Ferreira Pinto Basto. Photo kindly authorized by Museu da Vista Alegre, Ílhavo, Portugal

His entire family was involved in politics, and, because he owned houses in Coimbra¹⁰, Augusto V. F. Pinto Basto became a member of the “*Junta Governativa*” (Governing Board) of Coimbra formed against the government of Costa Cabral¹¹. His brothers were active in a much similar way in Aveiro and Porto. In his biography, there are no other connections with printing or with the periodical press¹² worthy of

10 “Proprietário”, says Secco, 1889, p. 468, note a. The family company “Viúva Ferreira Pinto Basto & Filhos” owned the former monastery of St. Thomas in Coimbra and a number of houses in the town.

11 In Coimbra, as in other Portuguese districts, a *Junta* was created and a battalion of academic volunteers organized. This uprising resulted in the resignation of Costa Cabral and the appointment of the moderate Duque de Palmela to replace him. The Academic Battalion was promptly demobilized afterwards.

12 The Pinto Basto family had long relied on newspapers to support their many commercial and political fights (Bobone, 1997, vol. 1, p. 23). According to Professor J. Amado Mendes, considerable research on him and other entrepreneurs is still

note. We have no evidence of his involvement in the *Observador*¹³ either. Establishing a printing press may have been a momentary need within the political events around the Minho Revolution or “Maria da Fonte” (1846) he was so deeply involved in. And he could certainly afford it.

Without denying that the press could have been functional since 1845, what is certain is that Augusto Pinto Basto was unable to assemble a printing office with it, since all publications of the *Junta Governativa* of the year 1846 ended up being printed at the Coimbra University Press. And, one can easily imagine, once the excitement of political involvement had faded, the need to found a newspaper slowly vanished in the midst of Augusto Ferreira Pinto Basto’s life project. In 1845 he was the owner of the Quinta do Silveiro, in Oiã (Oliveira do Bairro, Aveiro), and already father to one daughter and four sons, so “he retired to a long and peaceful old age, living in his estate in Oiã until he was almost a hundred years old”¹⁴.

Apart from Seco’s confirmation of Pinto Basto’s major role in the envisioned publication, the journalist Martins de Carvalho is the only source, in his 1869 and 1888 texts, that refers to the commission made to Manuel B. Galinha and the subsequent acquisition of that press by the *Observador* newspaper (1847). An analysis of the newspaper itself reveals that its printing area is 29,5x19 cm (34x24 cm paper size, 48x34 cm for double sheets), which seems compatible with the dimensions of the press¹⁵, though we would

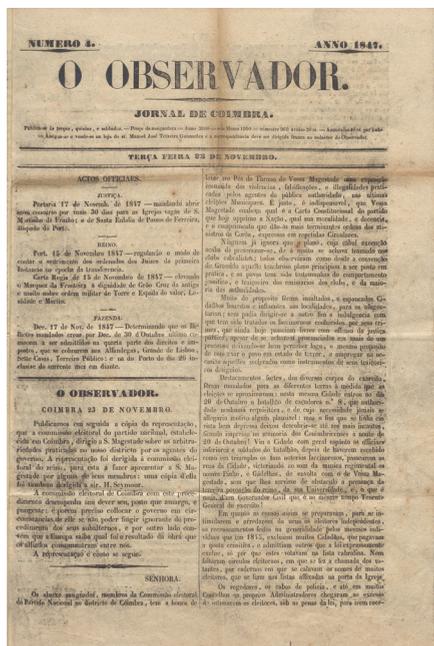
still needed: “... também neste domínio há muito que pesquisar, não só em relação a alguns elementos da respectiva elite já conhecidos — como sucede, sob certas perspectivas, com os Pinto Basto, da Vista Alegre —, como quanto a outros de que pouco ou nada se sabe.” (Mendes, 1992, p. 362).

13 However, A. L. S. Henriques Secco remained involved in the new project.

14 In the original: “... remeteu-se a uma longa e pacata velhice, vivendo na sua quinta em Oiã, até ser quase centenário” (Bobone, 1997, vol. 1, p. 57).

15 The page size of books printed probably on the improved Haas press (Haas, 1790), is 21x27 cm. The largest sheet the replacement tympan on the restored press can accommodate is 46x57 cm, for a maximum page size of 28.5x46cm.

very much like to have another confirmation in order to accept this information without any doubts¹⁶.



The *Observador* newspaper, nr. 1, November 16th, 1847. Photo BGUC

We think Martins de Carvalho should be well informed on the “*Observador’s* Printing Press”, considering he was personally involved in the creation process of *O Conimbricense*, which succeeded it¹⁷. His personal participation in the events is disclosed at the end of the chapter about the *Observador’s* Printing Press, in *Apontamentos*:

“At that time [1855] we founded a new press to print the newspaper, which since January 24, 1854 had changed its name to Conimbricense.

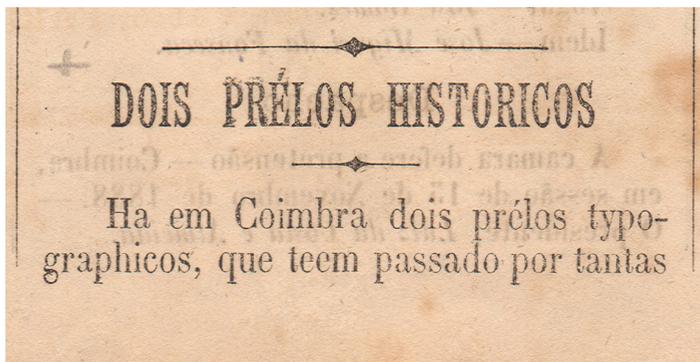
16 Bobone, 1997, vol. 1, pp. 56, 59 refers to “Arquivo da Casa Pinto Basto” (archive of the Pinto Basto Estate), which we could not locate; additionally, we were told the papers of the Pinto Basto family were recently dispersed.

17 Joaquim Martins de Carvalho, “administrator” of the *Observador*, became “editor” of *O Conimbricense*, as Henriques Secco assures us (Secco, 1889, p. 284).

We'll talk about that press in a next chapter."¹⁸ (Carvalho, 1869, p. 400. Emphasis added)

The two facts, that 1) he was the “administrator” or even the “owner” of the *Observador* in its final days¹⁹, and 2) that he was involved in the creation of a new printing office also called “*Conimbricense*” (1855) credits him with certain knowledge of the periodical’s “old” typographic establishment — even if little used, since the newspaper was regularly printed at the print shop of Elvira Trovão (1852).

His personal involvement, and his permanent interest in everything related to the history of the press in Coimbra, seem to us a sufficient guarantee of his being well informed about the presses, type and all the hardware available in the former *Observador Printing Office*.



The beginning of the article by J. Martins de Carvalho. See Appendix

Different owners: 1852-1866

In the text *Dois prelos históricos* (Two historical presses) that we have been following closely, it is clearly stated that the press once used for printing the *Observador* was unused after 1852:

18 In the original: “Nessa epocha [1855] **fundámos** uma nova imprensa para imprimir o jornal, que já desde 24 de janeiro de 1854 tinha mudado o nome para *Conimbricense*. D’essa imprensa falaremos no seu logar próprio.” (Our highlights).

19 According to Loureiro, 1953, p. VII.

*"On 31 December, 1850, the prelum was again moved to Trindade College, on the same street, where it stayed until 24 January, 1852, when the Observador began to be printed in the press of Elvira Trovão, at Sargento-Mór St."*²⁰ (Carvalho, 1888)

What happened to the press afterwards? Carvalho continues with the object's history by saying that:

*"[In] the great room of Trindade College (...) **our Masonic Lodge** - Patria e Caridade - was founded later in October of the year 1852..."*²¹ (Carvalho, 1888. Emphasis added)

Confessing himself to be a member of the *Pátria e Caridade* Masonic Lodge, Martins de Carvalho would also be in good position to certify that the press remained in Trindade College and was not used in the new *Coimbricense* printing office of 1855. He says nothing about it being used in the activities of the *Lodge*, but it is very reasonable to assume that it was.

After a period of little or no use, the press was acquired by another printer:

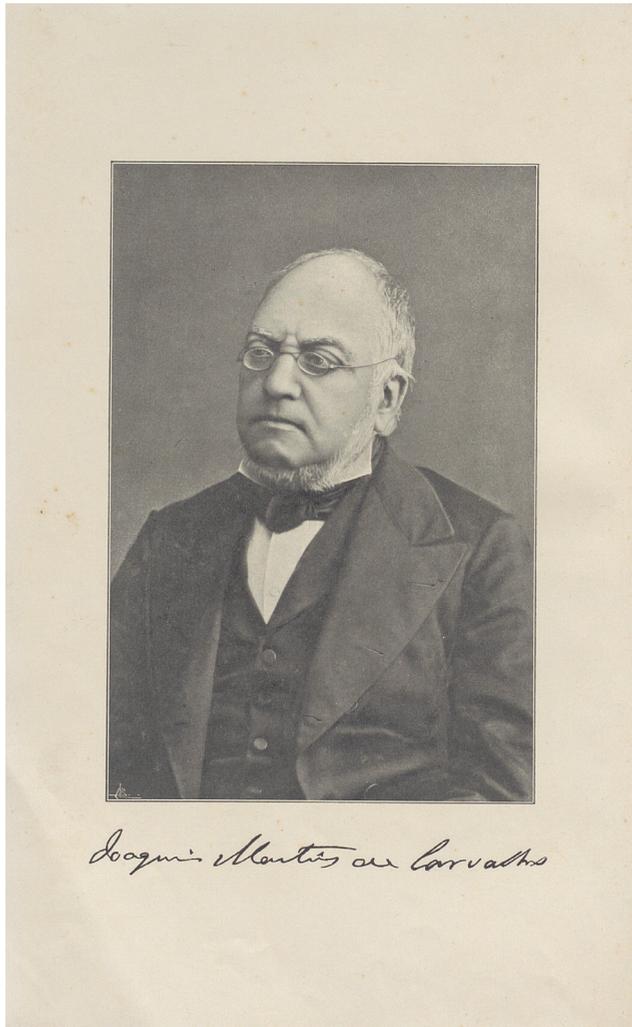
*"The aforementioned press of the Observador was bought in 1866 by the printer, now dead [he writes in 1888], Francisco dos Santos e Silva, who established with it a printing shop at Covas St., today renamed Borges Carneiro St., from where it passed to Fangas St., today known as Fernandes Thomaz St."*²² (Carvalho, 1888)

20 In the original: "No dia 31 de Dezembro de 1850 foi ainda mudado o prélo para o collegio da Trindade, na mesma rua, onde esteve até 24 de janeiro de 1852, em que o Observador passou a ser impresso na imprensa de Elvira Trovão, na rua de Sargento-Mór".

21 In the original: "[Na] grande sala do collegio da Trindade (...) existiu posteriormente **a nossa loja** maçónica – Patria e Caridade – fundada em outubro do referido anno de 1852..." (Our highlights).

22 In the original: "O mencionado prélo do Observador foi em 1866 comprado pelo impressor, já fallecido [em 1888], Francisco dos Santos e Silva, que com elle esta-

The Francisco dos Santos e Silva's Printing Press is briefly addressed by Carvalho in his *Apontamentos* (Carvalho, 1868, pp. 414-415), where he confirms that Galinha's press was kept there. Among other publications, the literary and bimonthly newspaper "Povo" (1 Jul.-31 Oct. 1866) was printed with it.



The journalist Joaquim Martins de Carvalho. In Loureiro, 1953

beleceu uma imprensa na rua das Covas, hoje de Borges Carneiro, d'onde passou para a rua das Fangas, hoje de Fernandes Thomaz."

In the University Library: before 1874

We have been following the travels of the press, as told by a venerable journalist and scholar of the Coimbra's printing history²³. Unfortunately, he is the only witness to this story. But, as we have seen, he was in a position to know it from experience, and nothing is opposed to the account that he left us in the pages of *O Conimbricense*. Due to the position he held in the *O Observador-O Conimbricense* "axis", Martins de Carvalho couldn't but be informed about the history of the press, before and after him. He knew whom he had bought it from and could not ignore whom he had sold it to.

The news of its subsequent sale to the University Library²⁴ is confirmed by the account of Bernardo de Serpa Pimentel (Pimentel, 1874, p. 9), who served at the Library since 1841 and was its director in the very long period from 1849 to 1894. According to the University "Librarian" Serpa Pimentel, this acquisition was intended for printing the catalogues and to publicise new acquisitions.

This press's passage through the Botanical Gardens (to print labels for the plants) is still known to some living people, referred to in the bibliography, and was "confirmed" with the finding, during restoration works, of a sheet of the *Index Seminum* edited by the Botanical Institute in 1894 (inside a hole in the base of the press). The whole story thus seems to be perfectly validated, even if not with documentary evidence from the university archives.

23 Joaquim Martins de Carvalho was the first historian of the press in Coimbra, having written 115 articles on the subject in *O Conimbricense*, as well as entirely devoting the second part of his *Apontamentos* (1868) to it subject. The persistence of his interest on printing is attested by the large number of annotations, additions and corrections he made in his copy of the "*Apontamentos*" (today kept in the Reserved Books section of the BGUC), which M. Lopes de Almeida published in full (Carvalho, 1966).

24 Pimentel, 1874, p. 9.



A piece of paper found during the press restoration. Photo BGUC

One difficulty still is trying to understand how the press appears on loan in an exhibition on typography, in 1941, in Lisbon. The fact was recorded in the daily press²⁵, mentioned by Ramos Bandeira and illustrated with photos of Tomás de Aquino.

The exhibition was organized to commemorate the 300 years of the first Portuguese newspaper “*Gazeta*” (1641) in the headquarters of “*O Século*” daily paper. The organizer was the *National Union of Journalists*, and the museographer was Leitão de Barros, a well-known Portuguese film director and playwright, also a journalist himself. In the Union’s *Bulletin*, a very detailed account of the festivities is given (Cunha, 1943-1945) and a pair of photos by Mr. Tomás de Aquino reproduced, but no details on the origin of the presses and other props used for the 3 life-size dioramas on display are provided. However, Ramos Bandeira states in 1947 that all 3 presses working at the exhi-

25 Exposição evocativa da Imprensa nos séculos XVII, XVIII e XIX. In *O Século* (year 61, nr. 21,443, 29 Nov. 1941) and *O Século* (year 61, nr. 21,447, 4 Dec. 1941). José Ramos Bandeira says all the 3 presses actually printed during the exhibition, having been repaired for that purpose. Cf. Bandeira, 1947, pp. 54-64.

bition came from Coimbra. Tomás de Aquino da Silva (1901-1966), the amateur photographer, was the President of the *Typographers Union* at the time of the event.

The information in Ramos Bandeira's account that the press was loaned to the exhibition by a certain Luís Mota-Pôrto (and not by the Library or the Botanical Institute) remains a mystery to us.



The press as displayed in Lisbon, in 1941. Photo by Tomás de Aquino da Silva, in Cunha, 1942-1945

When the history of an object is as long and complex as this one, some inconsistencies are par for the course: it has been said²⁶ that the press was the property of the Coimbra University Press, which is not true; or that this press traveled with the Army of Dom Miguel²⁷ during the Portuguese Civil War (1833-1834) — though that was the case with the University's wooden press, now on display in the Porto National Printing Museum.

²⁶ Vilaça, 2007, note 1, p. 88.

²⁷ Bandeira, 1947, p. 56.

Other difficulties

In this narrative, we believe that two issues remain unresolved:

1) would the skilled locksmith Manoel/Manuel Bernardes Galinha have been able to manufacture a machine as precise as an iron typographic press?

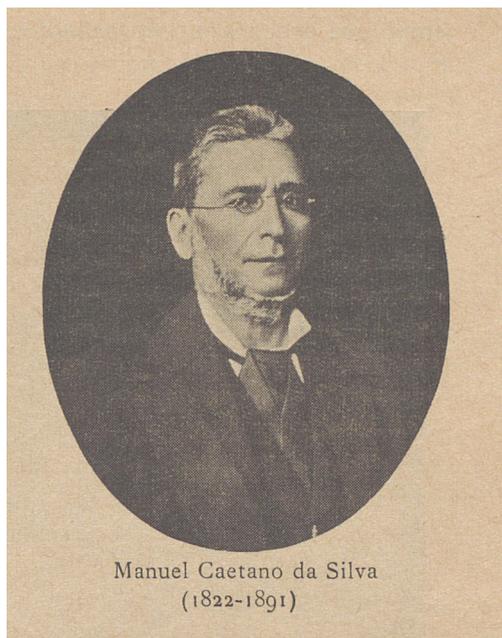
and

2) given the uniqueness of its design, where had the Master found a model for such an order?

The argument that the work was too specialised for his abilities seems to run up against the possibility of his having done a lithographic press two years earlier:

“Mr. Manuel Caetano da Silva ... took advantage of the occasion in 1843 when the locksmith of this city [Coimbra], Manuel Bernardes Gallinha, now dead, was in that town [Miranda do Corvo], and asked him to build a small lithograph press. Mr. Gallinha nodded at his request and built the press Mr. Manuel Caetano da Silva worked with, but with great difficulty, as he had no experience in printing.”²⁸ (Carvalho, 1868, p. 417)

28 In the original: “O sr. Manuel Caetano da Silva ... aproveitou em 1843 a ocasião em que estava naquella villa [Miranda do Corvo] o serralheiro d’esta cidade [Coimbra], hoje fallecido, o sr. Manuel Bernardes Gallinha, e pediu-lhe para lhe fazer um pequeno prelo lithographico. O sr. Gallinha annuiu ao seu pedido e fez o prelo, onde depois trabalhou o sr. Manuel Caetano da Silva, mas com grande difficuldade, pois não tinha nenhuma experiência de imprimir.”



The printer Manuel Caetano da Silva. Photo from Pimenta, 1955

We also owe this information to Joaquim Martins de Carvalho, who got it directly from the printer “...according to information given by Manuel Caetano da Silva himself”²⁹ (Pimenta, 1948, p. 146, note 3), as Belisário Pimenta asserts.

The memorialist Belisário Pimenta evoked this early lithographic venture of his maternal grandfather elsewhere:

“This Manuel Bernardes Galinha was known in the town [of Miranda do Corvo] because of the various repairs he had made to the bell tower’s clock. It was during one of those times, in 1843, that Manuel C. da Silva met him and commissioned the lithographic press”³⁰ (Pimenta, 1955, p. 11, note 1)

29 In the original: “...segundo informações dadas pelo próprio Manuel Caetano da Silva”.

30 In the original: “Este Manuel Bernardes Galinha era conhecido na vila [de Miranda do Corvo] por motivo dos vários concertos que fizera ao relógio da torre sineira. Foi, numa dessas vezes, em 1843 que Manuel C. da Silva o conheceu e encarregou do prelo litográfico”.

Belisário recalls that Manuel Caetano da Silva (1822-1891) began his printing experiences in Miranda do Corvo, on the outskirts of Coimbra in 1843, but finally came to the city in 1867. He was here the editor of "*O Auxiliar d'escriptorio : jornal d'annuncios e curiosidades util as repartições e empregados publicos...*" (1869-1882) and owner (and author) of the "*Almanach auxiliar de escriptorio*" (1873-1875?). His printing office in Coimbra was, accordingly, also named *Typografia Auxiliar d'Escriptorio* (at nr. 11 Praça Velha).

Colonel Belisário Pimenta, the grandson of this modest entrepreneur, was born and raised in the same building where the *Typographia Auxiliar d'Escriptorio* was installed, and he knew of these remote facts (at his lifetime over one hundred years old) mainly by "family tradition".



The facade of the *Typographia Auxiliar*, in Coimbra, a woodcut by Belisário Pimenta.
Photo BGUC

His childhood connection to the workshop and the typographic milieu gave him occasion for several publications of both historical and sentimental nature, namely *"Uma tipografia ignorada em Miranda do Corvo, de 1845 a 1867"* (An ignored typography in Miranda do Corvo, from 1845 to 1867) (1955), *"Memórias dum aprendiz de gravador"* (Memories of an engraver's apprentice) (1961) and *"Memórias de uma tipografia"* (Memories of a print shop) (1970, posthumous), in addition to the *"Uma litografia desconhecida"* (An unknown lithography) (dated November 1947), a small text totally devoted to the early "lithography" of Miranda do Corvo.

To write some of these texts, he may probably have checked his family recollections against the experience and knowledge of the artist-blacksmith Lourenço Chaves de Almeida (1876-1952), of whom he was a friend and protector in the Infantry 23th regiment, where Belisário was then a Captain.

It is also true that a lithographic press is very different (less precise) than a typographic press and, therefore, having the ability to make one does not guarantee the ability to make the other.

However, Martins de Carvalho again informs us that one Galinha made yet another iron press in Coimbra, in 1854:

*"... in 1854, [Manuel Caetano da Silva] having acquired more experience in the typographic art ... he ordered a forged press in the workshop of Mr. Antonio Bernardes Galinha, of this city"*³¹ (Carvalho, 1868, p. 417)

António Bernardes Galinha was one of Manuel's brothers, with his own "foundery" established at nr. 29 of Quebra Costas St.³².

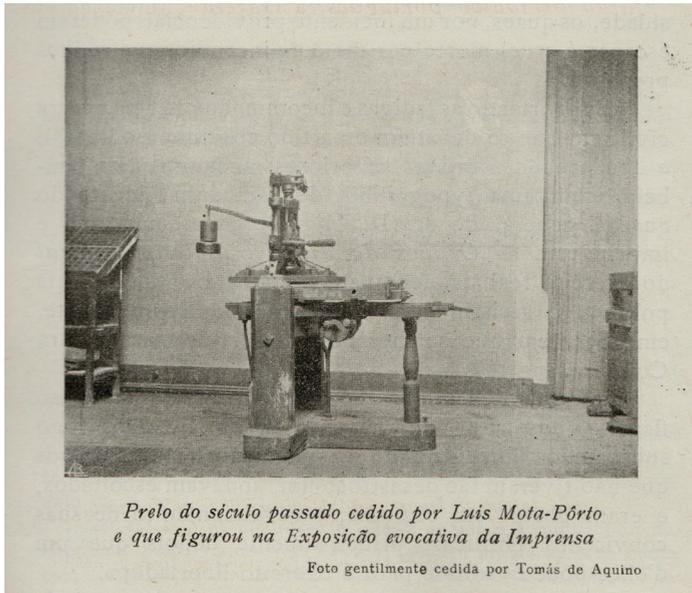
This information must be considered as reliable as any other provided by Carvalho, and it is again "confirmed" by Belisário Pimenta, who says:

31 In the original: "... em 1854, tendo adquirido mais experiência da arte typographica ... mandou fazer um prelo forjado na officina do sr. Antonio Bernardes Gallinha, d'esta cidade".

32 Queiroz, 2000, note 6 p. 14, p. 15.

*"And so, given the increase in printing work (...) six years after the construction of the second printing press [1854], Manuel Caetano da Silva had a third one made in wrought iron in the foundry of the famous António Fernandes [sic], of the well-known Galinha family from Coimbra, one of whom, Manuel Bernardes, had made the lithographic press, eleven years earlier."*³³ (Pimenta, 1955, p. 11)

The family's alleged authorship of 3 printing presses built between 1843 and 1854 (this last one in wrought iron) has to give us an altogether different perspective on their skills. And it has to come as vindication to those who think that Manuel Bernardes Galinha (1810-1864) may have been the author of the manual metallic press preserved in Coimbra's General Library.



The press in 1941. Photo by Tomás de Aquino, in Bandeira, 1947

33 In the original: "E assim foi que, dada a expansão dos impressos (...) Manuel Caetano da Silva seis anos depois da construção do segundo prelo, mandou fazer terceiro, em Coimbra, mas já de ferro forjado, na oficina do afamado António Fernandes [sic], da família dos muito conhecidos serralheiros conimbrigenses, um dos quais, Manuel Bernardes, fizera o prelo litográfico onze anos antes".

However, the second issue, that of the singularity of the solutions used in the press that we know today as “Galinha’s”, seems to be left unresolved: this wasn’t a “normal” design of any modern (or even older!) machine that Galinha could have copied, in 1845: the manual presses then used in Europe and America were the Stanhope or Clymer presses, large cast iron machines that could hardly have served as inspiration for the Galinha’s press(es), made in wrought iron.

The locksmith Manuel Bernardes Galinha made a living out of making balconies and iron gates; he was the designer and maker, for example, of the bars and gates of the Botanical Garden of the University of Coimbra. An exceptional artistic and technical achievement, to be sure, but that has nothing to do with the precision engineering required for building a printing press.



Plaque at the main gate of Coimbra’s Botanical Garden, 1844. Public Domain

An “alternative” history of the press

The University of Coimbra’s press appears to be very similar to an interesting 1772 iron hand press invented by Wilhelm Haas of Basel, Switzerland — the first known use of iron for the frame of a printing press and now lost.

The historian James Moran wrote that Haas's son, also Wilhelm, made improvements to his father's 1772 press including strengthening the frame, and made and sold several improved presses to "a German printer who was impressed by its capabilities" (Moran, 1978, p. 41): Wilhelm Haas-Decker (1766-1838), the son of the 1772 inventor, recorded in his "daybook" in 1784 (Haas, 1997, p. 23) undertaking the re-design of his father's press and having the re-designed press made by the Baron von Dietrich ironworks at Zinsweiler, Alsace. This was a large foundry with a forge operating two power hammers and using locally mined ore. Haas said the resulting press was completely satisfactory and was still fully functional 50 years later³⁴.



Wilhelm Hass Munch's press of 1772, according to his son. Public Domain

³⁴ That would have been about 1834; Haas died in 1838, aged 72, but his sons Georg Wilhelm Haas (1792-1853) and Karl Eduard Haas (1801-1853) had been in charge of the print shop since 1830.

There are many features of the Coimbra press that are closely similar to the earlier Haas press: the form of the frame and the dimensions of the platen and bed, as well as the materials of the latter, are the most salient. Haas' father's press had been disadvantaged by its weight, as the base was a roughly 500 kilogram block of stone; and by the improved impression mechanism, which if operated too vigorously could break the cast iron frame. The Coimbra press has a wooden base; the frame is of wrought iron, much stronger than cast iron, and the impression mechanism is a compound lever system with a fixed stop to prevent accidentally over-stressing the press. One feature that harks back to the wooden-press era is the bed and the rails it moves on, which are, as they were for 400 years, made of wood, with a stone for the hard surface onto which the type was placed.

The compound lever impression mechanism is also a feature of the Stanhope press (considered among the "Stanhopean principles" by James Moran), first produced in England in about 1800 by Robert Walker using the ideas and under the direction of Charles Mahon, 3rd Earl Stanhope (1753-1816). Although the earliest known Stanhope press had a cast iron "staple" (the part of the frame where the mechanism is housed), its base was wood. This first press has been lost.

Lord Stanhope is said to have visited Basel near the turn of the century. If so, he probably saw the improved press in the Haas Type Foundry and Printing Office, though we have not found a written record of such a visit³⁵.

35 Moran, 1978, p. 49 records that Earl Stanhope was in Geneva until February 22, 1774 (also Stanhope, 1914, p.18) and raises the question of him being "accused of copying Haas", the father, but discards that accusation. Young Charles Mahon "Stanhope" and his parents lived in Geneva from 1763, after his older brother died there, until 1774, while he completed his formal education. He was 21 years-old when they returned to England. He was interested in Science but there is no mention of an interest in the problems of printing.

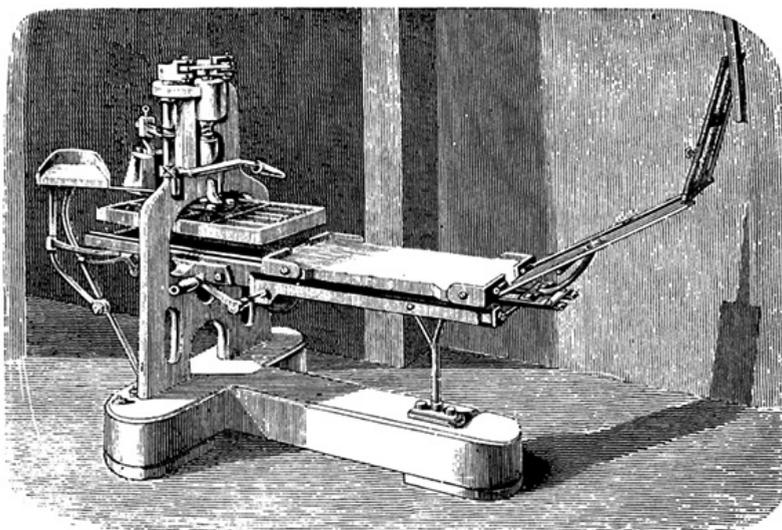


Wilhelm Haas Decker. A portrait reproduced from Devroye, 2020

So the Coimbra press seems to solve all the problems of the Swiss 1772 prototype by Haas, the father, and a comparison with an early Stanhope shows strong similarities between them, including the T-shaped heavy wood base. But the Stanhope press was made to be able to print a much larger area, and one consequence of that was that the cast iron frames of many of the early English Stanhopes were broken by an overtly vigorous over-use of the press's capacity. The wood base of the early Stanhopes was in the same form as the lower base of the Coimbra press, a massive T-shape. The Stanhope frames were repeatedly redesigned to be thicker and reinforced with added thickness around the central opening. By about 1815, when the first Stanhopes were introduced in France, the presses no longer closely resembled the Haas press or the Coimbra press.

As a result of this evolution of the press's form, when Manuel Bernardes Galinha was reported to have made the Coimbra press

in 1845, the Stanhope was not only a very different press but it had largely been superseded by other improved all-iron hand presses with very powerful toggle mechanisms and completely different forms. Yet the press attributed to Galinha most closely resembles the very early Stanhopes (though it is smaller) as well as the expected differences in the improved Haas press of Basel (considered lost), including the wooden base — also a feature, though built differently, of the earliest known Stanhope.



An early Stanhope press, from Stower's *Printer's Grammar*, 1808

By the time Galinha was working in Coimbra, it had become common practice in Europe for hand presses to change hands as improved presses made them obsolete, and they were sold to smaller printers who could not afford the newer machines and for whom the older hand press was still a suitable machine. Usually, these second-hand presses needed some work to make them fully serviceable, and moving them and setting them up in their new homes required the skilled assistance of specialised “printers engineers”. It was also common practice that the printer’s

engineers put their own identification plate on the press they had fixed and installed.

In 1845, there probably was no such specialist yet in Coimbra, but the very skilled locksmith and blacksmith Manuel Bernardes Galinha could have been of help, though he probably wasn't very well acquainted with typographic printing presses³⁶.

Consequently, it is possible that the press now kept in the Biblioteca Geral at the University of Coimbra was actually made in Basel, Switzerland, about 1784 by W. Haas, used there for over 50 years, and then sold to Augusto Ferreira Pinto Basto, who wanted to start a newspaper. Pinto Basto was a capitalist who possessed all the necessary European connections to be able to import such a used machine to Coimbra³⁷.

According to this hypothesis, Manuel Bernardes Galinha was hired to make repairs to the then 60-year-old machine, which he did skilfully, and placed the cast brass identification plate stating "M. GALINHA / EM / COIMBRA"³⁸ on the front to show he had done the work.

During the 2019 restoration work, we also found Galinha's "MG" initials struck in the outside of a hand crank he probably had to remake. The few hex nuts probably date from his intervention too, the original nuts being square ones.

36 Despite the fact that he is credited with building a stone lithography press in 1843, and his brother made a "forged" iron press in 1854, as explained above.

37 Dr. Stephan Füssel, professor at Johannes Gutenberg University in Mainz, Germany, and author of many books on printing history, says in his preface to a modern reprint by Taschen of Bodoni's *Manuale Tipographico* that "[Georg Joachim Göschen] procured an iron printing press and a machine for smoothing paper from Wilhelm Haas in Basel in 1792" (Füssel, 2010).

38 Meaning "*M. Galinha in Coimbra*". It is worth noting that when Galinha made the gate for the University Botanical Garden in 1844 he placed next to it a plate stating "*M B(ernar)des Galinha o fez em Coimbra*" but "made it" ("*o fez*") is not present in the plate on the press.



The “MG” monogram of Manuel B. Galinha. Photo BGUC

The series of events allegedly connected with this press can be listed like this:

- 1784 Wilhelm Haas-Decker improved his father’s metallic printing press.
- 1790 Haas starts selling his presses abroad and prints a booklet on his father’s invention and his own contribution.
- 1792 The German printer Georg Joachim Göschen (1752-1828), from Leipzig, buys 3 iron printing presses from Wilhelm Haas-Decker
- 1797 Göschen moves his print shop to Grimma.
- 1830 Georg Wilhelm Haas and Karl Eduard Haas take charge of the Haas’ Type Foundry and Printing Office
- ca. 1834 The improved wrought iron press by Haas was still working in Basel.
- 1843 Manuel Bernardes Galinha “makes” a lithographic press.
- 184-? Augusto Valério Ferreira Pinto Basto buys an old metallic handpress?

- 1845 Manuel Bernardes Galinha is commissioned to repair this press.
- 1847 The press is purchased for the new print shop of the *O Observador*.
- 1850 The print shop moves to Trindade's College.
- 1852 The press is unused since the *O Observador* is printed (after nr. 476) at Elvira Trovão's.
- 1866 The press is bought by Francisco dos Santos e Silva and installed at Borges Carneiro St.
- 1867 Francisco dos Santos e Silva's print shop moves to Correios St.
- ca.1873 The press is bought by Bernardo António Serra de Mirabeau or Bernardo de Serpa Pimentel for the University Library.
- 1880? The press is lent to the University's Botanical Institute.
- 1941 The press was repaired to be displayed and actually used in a temporary exhibition, in Lisbon.
- 1990? The press is installed in the ground-floor of Joanina Library.
- 2019 The press is restored under the supervision of Bob Oldham.

Conclusion

If this is how events transpired, the press in Coimbra is the oldest surviving iron hand press in the world. If, in fact, Galinha made it in Coimbra, it is just as rare a piece — given that, being made of wrought iron instead of cast iron, it is unique in Europe as far as we know.



The restored Haas-Galinha press. Photo by Bob Oldham, 2020

Bibliography:

- Amaral, A. E. Maia do (2009). O prelo do Galinha. *Rua Larga* ISSN: 1645-765x, n. 23 (Jan. 2009), pp. 22-23. Full version available in the Internet: <http://hdl.handle.net/10316/12937>
- Bandeira, J. Ramos (1943). *Universidade de Coimbra: Edifícios do corpo central e Casa dos Melos. Vol. 1: Porta-férrea, Colégio de S. Pedro, Observatório astronómico, Biblioteca, Capela*. Coimbra : [Casa do Castelo Ed.].
- Bandeira, J. Ramos (1947). *Universidade de Coimbra: Edifícios do corpo central e Casa dos Melos. Vol. 2: Torre da Universidade, Imprensa, Gerais, Arquivo, Via Latina, frontispício escultórico da Sala dos Capelos*. Coimbra : Of. da Coimbra Ed.
- Bobone, Carlos (1997). *História da Família Ferreira Pinto Basto*. Lisboa : Livr. Bizantina. 2 vol.
- Carvalho, J. Martins de (1868). *Apontamentos para a história contemporânea*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Carvalho, J. Martins de (1888, Nov.24). Dois prélos históricos. *O Conimbricense*, n. 4303, pp. 1-2.
- Carvalho, J. Martins de (1891, Sep. 5). A typographia em Coimbra. *O Conimbricense*, n. 4592, pp. 1-2.
- Carvalho, J. Martins de (1966). *Apontamentos aos "Apontamentos para a história contemporânea"*. Coimbra : Arquivo Coimbrão.

- Cunha, Alfredo (1942-1945). Comemorações do tricentenário da "Gazeta", o primeiro jornal português. *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, n. 5, pp. 189-291. Available in the Internet: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/boletimdosindicatodejornalistas/boletimdosindicatodejornalistas.htm>
- Devroye, Luc (2020). *Haas'sche Schriftgiesserei* [online]. In On spot and fonts. <http://luc.devroye.org/fonts-34915.html>
- Füssel, Stephan, ed. (2010). *Giambattista Bodoni: Manual of typography: Manuale tipografico (1818)*. Cologne : Taschen GmbH.
- Haas, Wilhelm (1997). *Ein Genie der Typographie, Wilhelm Haas, 1766-1838: Sein Tagebuch*. [Basel] : Basler Papiermühle.
- Haas, Wilhelm (1790). *Beschreibung und Abrisse einer neuen Buchdruckerpresse...* [Basel] : Gedruckt bey Wilhelm Haas dem Sohne. Available in the Internet: https://digital.staatsbibliothek-berlin.de/werkansicht?PPN=PPN829612890&PHYSID=PHYS_0001&DMDID=
- Loureiro, J. Pinto (1953). Índice Ideográfico de «O Conimbricense». Coimbra : [Bol. da Bibl. da Universidade].
- Mendes, J. M. Amado (1992). O contributo da biografia para o estudo das elites locais : alguns exemplos. *Análise Social*. ISSN: 0003-2573. Vol. 27, n. 116-117, pp. 357-365.
- Moran, James C. (1971). The development of the printing press. *Journal of the Royal Society of Arts*, vol. 119, n. 5177, pp. 281-293. Available in the Internet: <https://www.jstor.org/stable/41370709>
- Moran, James C. (1978). *Printing presses : history and development from the fifteenth century to modern times*. Berkeley & Los Angeles : University of California Press.
- Pimenta, B. (1948). Uma litografia desconhecida. In Hermínia Basto (ed.), *Miscelânea de Estudos à memória de Cláudio Basto*. Porto : Imprensa Portuguesa. pp.145-152.
- Pimenta, B. (1955). *Uma tipografia ignorada em Miranda do Corvo, de 1845 a 1867*. Coimbra : [Arquivo de Bibliografia Portuguesa].
- Pimentel, B. de Serpa (1874, Aug. 10). *Minuta do relatório relativo à Biblioteca da Universidade* [manuscrito]. [Coimbra]. BGUC Ms. 3470, n. 18.
- Queiroz, Francisco and A. M. Portela (2000). O ferro como forma de arte cemiterial no século XIX : o caso de Coimbra. *Munda*, n. 39, pp. 5-24.
- Secco, A. L. S. Henriques (1889). *Memórias do tempo passado e presente para lição dos vindouros*. Tomo II. Coimbra : Impr. da Universidade.
- Stanhope, G. ; Gooch, G. P. (1914). *The life of Charles, third Earl Stanhope*. London : Longmans, Green and Co. Available in the Internet: <http://www.archive.org/details/cu31924028582348>
- Vilaça, A. (2007). *Tempos de Munda e do Mondego*. [Vila Nova de Gaia] : Calendário de Letras.
- Wanner, Gustaf A. (1980). 400 Jahre Haas'sche Schriftgiesserei. *Basler Stadtbuch*, Seiten 4, S. 181-184.

Appendix

Dois prélos históricos

Ha em Coimbra dois prélos typographicos, que teem passado por tantas vicissitudes, com talvez não haja outros no reino.

O primeiro é um prélo de madeira, que em Agosto de 1833 saiu da imprensa da Universidade, e foi com o exercito de D. Miguel (...)

[references to the wooden printing press are omitted]

O outro prélo foi feito em 1845 na oficina do hábil serralheiro, Manoel Bernardes Gallinha, estabelecido na rua da Sophia, com o fim de nelle se imprimir um periodico da opposição, que devia ter o nome de *Conimbricense*, mas que não se chegou a publicar, pelas prepotencias das auctoridades cabralinas.

Em Novembro de 1847, quando se tratou de publicar o *Observador*, foi comprado esse prélo.

Esteve elle na rua do Guedes, desde 16 de Novembro de 1847 até 9 de Setembro de 1848, em que passou para a rua da Mathematica.

Em 1 de Outubro de 1850 foi esse prélo para o cimo da rua da Trindade, nas casas vulgarmente chamadas da *Ilha*.

No dia 31 de Dezembro de 1850 foi ainda mudado o prélo para o collegio da Trindade, na mesma rua, onde esteve até 24 de janeiro de 1852, em que o *Observador* passou a ser impresso na imprensa de *Elvira Trovão*, na rua de Sargento-Mór.

A grande sala do collegio da Trindade, onde esteve o referido prélo até ao dia 24 de janeiro de 1852, é a mesma – e bem poucas pessoas o saberão – em que existiu posteriormente a nossa loja maçónica – *Patria e Caridade* – fundada em Outubro do referido anno de 1852, e de que foram *veneraveis* dois académicos – sendo o primeiro o fallecido Francisco Castanheira das Neves, e o

segundo o nosso amigo o sr. Filippe de Quental, actualmente lente de Medicina.

Tinha sido creada esta loja maçónica expressamente para promover auxílios pecuniários, com que podesse ser sustentada a nossa *Sociedade de instrução dos operários*; e effectivamente diferentes espectáculos em seu beneficio foram promovidos pela loja *Patria e Caridade*.

O mencionado prélo do *Observador* foi em 1866 comprado pelo impressor, já fallecido, Francisco dos Santos e Silva, que com ele estabeleceu uma imprensa na rua das Covas, hoje de Borges Carneiro, d'onde passou para a rua das Fangas, hoje de Fernandes Thomaz.

Querendo posteriormente adquirir um prélo maior vendeu Santos e Silva o seu prélo á bibliotheca da Universidade, sendo por esta adquirido para nelle imprimir os catálogos dos livros.

Ainda ultimamente foi esse prélo para o edificio de S. Bento, na parte ao serviço do jardim botânico, a fim de nelle se imprimirem as etiquetas das plantas do jardim.

Ahi se acha hoje esse famoso prélo, depois de passar por tantas vicissitudes, desde que foi feito em 1845.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

As ‘Tábuas dos Roteiros da Índia’ de D. João de Castro da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: novos dados

The ‘Charts of the Rutters of India’ of D. João de Castro of the General Library of the University of Coimbra: new data

Roger Lee de Jesus¹

RESUMO

O presente artigo procura analisar um dos mais famosos códices da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: as “Tábuas dos Roteiros da Índia” de D. João de Castro. Não obstante a fama destes desenhos, nenhum estudo se debruçou sobre o códice em si, procurando avaliar a sua estrutura interna, o seu suporte e compreender a sua proveniência. Assim, este artigo pretende colmatar esta lacuna examinando cuidadosamente os fólios deste manuscrito quinhentista e apontando novas hipóteses quanto à sua origem, datação e percurso.

PALAVRAS-CHAVE

Barreiros, Gaspar, m. 1574; Castro, João de, 1500-1548; Roteiros; Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, manuscritos.

1 CHSC (UC); CHAM (FCSH-NOVA); <https://orcid.org/0000-0002-8560-4190>; rogerlee.pj@gmail.com

ABSTRACT

This article analyses one of the most famous codices of the General Library of the University of Coimbra: the 'Charts of the Rutters of India' of D. João de Castro. Despite the fame of these drawings, there is still a lack of information about the codex itself, its internal structure, material condition and provenance. Therefore, this article aims to provide a thorough evaluation of the folios of this 16th century manuscript, proposing new hypothesis about its origin, dating and whereabouts.

KEYWORDS

Castro, João de, 1500-1548; Rutters; Barreiros, Gaspar, d. 1574; General Library of the University of Coimbra, manuscripts.

À memória de Francisco Contente Domingues

O presente artigo é um estudo de caso do códice quinhentista conhecido como 'Tábuas dos Roteiros da Índia' de D. João de Castro, da secção dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Neste sentido, dividimos o texto em quatro partes. Na primeira enquadrámos as tábuas e os Roteiros na vida do seu autor, biografando o seu percurso e identificando os manuscritos que ainda se conservam destas obras. Na segunda debruçamo-nos sobre o códice coimbrão, avaliando o seu suporte, a sua estrutura interna e o seu conteúdo. De seguida, procuramos perceber qual a difusão deste códice e como veio a ser conhecido, já nos séculos XIX e XX. Por fim, identificamos o seu antigo possuidor e sugerimos algumas hipóteses quanto à sua história custodial.

D. João de Castro e os seus Roteiros

A figura de D. João de Castro é uma das mais marcantes da história da expansão portuguesa no século XVI². É frequentemente retratado

² A maioria dos dados compulsados neste artigo são fruto da nossa tese de doutoramento, para a qual remetemos – *A Governação do "Estado da Índia" por D. João*

com um verdadeiro humanista, que soube conjugar os saberes da guerra e da governança com a curiosidade científica, reforçando a ideia da primazia da 'experiência' sobre o conhecimento dos Antigos. Para compreendermos a sua obra é necessário biografar, mesmo que sucintamente, o seu percurso³. D. João de Castro terá nascido no ano de 1500, no seio de família nobre relevante na corte de D. Manuel I. Nada se sabe sobre a sua infância, a adolescência e a educação que recebeu nas primeiras décadas desse século. Terá iniciado a sua carreira militar em Tânger, por volta de 1518, tendo adquirido o seu conhecimento bélico no Norte de África nos anos seguintes. Serviu em múltiplas armadas de defesa da costa e ficou famoso enquanto governador do "Estado da Índia" entre 1545 e 1548. Nesse período ficou conhecido pelo seu envolvimento na defesa de Diu, aquando do seu segundo cerco, em 1546. Viria a ser reconduzido no cargo com o título de vice-rei, que não chegou a exercer formalmente, visto que faleceria a 6 de junho de 1548, poucos dias depois da chegada da notícia.

Na sua primeira viagem à Ásia, em 1538, capitaneando a nau Grifo, escreveu o seu primeiro roteiro náutico, *de Lisboa a Goa*. Nesse mesmo ano iniciou um segundo roteiro, *de Goa a Diu*, aquando da armada de socorro àquela fortaleza portuguesa, então sitiada por uma coligação guzerate-otomana. Um terceiro roteiro, dito *do Mar Roxo* ou *de Goa ao Suez*, foi escrito em 1540-1541, narrando a expedição de D. Estêvão da Gama no Mar Vermelho. Qualquer uma destas obras foi amplamente conhecida nesta época, circulando, como veremos, em diversas cópias

de Castro (1545-1548) na Estratégia Imperial de D. João III. Coimbra: tese de doutoramento apresentada à FLUC, 2021.

3 Sobre o percurso biográfico de D. João de Castro destacaremos apenas algumas obras genéricas, suficientes para esclarecer os pontos aqui referenciados: Elaine Sanceau – *D. João de Castro*. Porto: Livraria Civilização, 1942; Jean Baptiste Aquarone – *D. João de Castro, gouverneur et vice-roi des Indes orientales, 1500-1548: contribution à l'histoire de la domination portugaise en Asie et à l'étude de l'astronautique, de la géographie et de l'humanisme au XVIe siècle*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968, 2 vols; José Manuel Garcia – *D. João de Castro: um homem de guerra e ciência*. In Francisco Faria Paulino (coord.) – *Tapeçarias de D. João de Castro*. Lisboa: MNAA/CNCDP, 1995, pp. 13-48.

manuscritas. Estes roteiros configuravam, na realidade, diários de navegação completos, assinalando a rota tomada, as operações empreendidas pelo navio, bem como os fenómenos atmosféricos observados, tendo sido já objeto de variados estudos⁴. Ganharam particular interesse por incluir desenhos esboçados por Castro – as ditas *tábuas*, retratando vistas de terra, planos hidrográficos e contornos das costas narrados nos roteiros, passíveis de acompanhar o texto através de letras colocados nos esboços – 15 tábuas no *Roteiro de Goa e Diu* e 16 no *Roteiro do Mar Roxo*. Note-se que é também atribuído a Castro a autoria de um *Tratado da Esfera* e um breve texto intitulado *Da Geografia por modo de diálogo*, sem datação certa, mas escritos talvez antes da sua primeira viagem ao Índico e cuja autoria ainda levanta algumas dúvidas⁵. Saliente-se, no entanto, que mesmo durante o seu governo, este fidalgo continuava a mostrar um interesse nos assuntos náuticos, nomeadamente sondando barras (tomando a profundidade de portos) e tirando apontamentos.

A sua faceta militar e governativa, ampliada através das crónicas dos séculos XVI e XVII, veio em boa verdade ofuscar os roteiros e a veia científica de Castro. Apenas no século XIX é que a perspetiva historiográfica sobre este fidalgo viria ser alterada, tendo por base a publicação dos seus roteiros. Em 1833 era editado, em Paris, o *Roteiro do Mar Roxo*⁶, seguido dez anos depois do *Roteiro de Goa a*

4 A título de exemplo: José Manuel Malhão Pereira – *Roteiros Portugueses, séculos XVI a XVIII*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017. Tese de doutoramento, pp. 61-62 e 246-248, e Rui Loureiro - Echoes from Antiquity in D. João de Castro's Maritime Rutters, *Res Antiquitatis*, 2ª serie, 2, 2020, pp. 84-103.

5 Longe de sermos exaustivos, da vasta bibliografia existente sobre a vertente científica de D. João de Castro salientamos os seguintes: Luís de Albuquerque – D. João de Castro – Os Descobrimentos e o progresso científico em Portugal no século XVI. *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, N.º 1, 1966, pp. 92-108; R. Hooykaas – Science in “Manueline style”. In Armando Cortesão e Luís de Albuquerque – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1976, vol. 4, pp. 231-426; Onésimo Teotónio de Almeida – O moderno D. João de Castro. In *O Século dos Prodígios. A Ciência no Portugal da Expansão*. Lisboa: Quetzal, 2018, pp. 183-207.

6 Antonio Nunes de Carvalho (ed.) – *Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portugueses no anno de 1541, partindo da nobre cidade de Goa atee Soez [...] por*

*Diu*⁷. Já o *Roteiro de Lisboa a Goa* sairia dos prelos somente em 1882⁸. A partir desse momento, D. João de Castro passou a ser conhecido e estudado pela sua obra científica⁹.

Acerca dos manuscritos conhecidos dos Roteiros, é necessário referir que nenhum deles é um original, isto é, saído do punho de Castro, fruto natural da voragem do tempo¹⁰. A mais antiga cópia do *Roteiro de Lisboa a Goa* pertenceu ao Cardeal infante D. Henrique (1512-1580) e foi entregue ao Colégio do Espírito Santo de Évora antes da sua subida ao trono, em 1578, conforme atestado por uma nota no alto do primeiro fólio¹¹. Guarda-se hoje na Biblioteca Pública de Évora, juntamente com uma cópia coeva desse mesmo manuscrito, realizada posteriormente, e que colmata a falta do prólogo do primeiro manuscrito.

A história relativa aos manuscritos dos outros dois roteiros é mais complexa. Tem-se defendido que o manuscrito original do texto do *Roteiro de Goa a Diu*, autógrafo de D. João de Castro, tenha sido aquele que Diogo Köpke publicou em 1843, que estivera anteriormente na posse do primeiro Conde da Barca e que se encontra desaparecido.

Dom loam de Castro. Paris: vende-se em casa de Baudry e Theoph. Barrois, 1833. A transcrição original de Nunes de Carvalho encontra-se na Biblioteca Nacional (Lisboa), Cod. 6649.

7 Diogo Köpke (ed.) – *Primeiro roteiro da costa da Índia desde Goa até Dio [...] por Dom João de Castro*. Porto: Typ. Commercial Portuense, 1843.

8 João de Andrade Corvo (ed.) – *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro*. Lisboa: por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1882.

9 A edição de referência dos *Roteiros* é a de Armando Cortesão e Luís de Albuquerque – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1972, vols. 1 e 2. Doravante abreviaremos esta obra por *OCDJC*, seguido do respetivo volume e página.

10 Sobre as cópias manuscritas dos Roteiros seguimos de perto Armando Cortesão – *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (contribuição para um estudo completo)*. Lisboa: Seara Nova, 1935, vol. 2, pp. 177-192; e o mesmo autor com Avelino Teixeira da Mota – *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960, vol. 1, pp. 133-144, obra adianta abreviada por *PMC*; e José Manuel Garcia – *A Historiografia Portuguesa dos Descobrimentos e da Expansão (séculos XV a XVII). Autores, obras e especializações memoriais*. Porto: tese de doutoramento apresentada à FLUP, 2006, vol. 1, pp. 104-106.

11 Biblioteca Pública de Évora, Cod. CXV 1/24.

Acredita-se que este manuscrito pertencera, no final do século XVIII, a Frei Manuel de Cenáculo¹², desconhecendo-se como terá ido parar do Alentejo ao Minho. Várias cópias derivaram do manuscrito original nos séculos seguintes – quase todas sem valor textual, por distorcerem ou omitirem partes. Salientamos apenas duas delas por incluírem as tábuas: uma realizada ainda no século XVI, antes de 1588, existente na Coleção de São Vicente do Arquivo Nacional da Torre do Tombo¹³; e outra realizada no início do século XVII, tendo pertencido à Biblioteca dos Condes de Castelo Melhor, estando atualmente na Biblioteca Nacional de Portugal¹⁴. Paralelamente existem duas compilações das quinze tábuas deste roteiro: uma na Biblioteca Nacional da Áustria¹⁵ e outra em Coimbra, assunto central deste artigo. Entre estas, a compilação de Viena (divulgada a partir de 1971¹⁶) é, sem dúvida, a melhor cópia existente das tábuas deste *Roteiro*, do ponto de vista estético, apresentando desenhos ricos no material utilizado (vislumbrando-se o uso de ouro) e nos detalhes que mais nenhuma das outras cópias possui.

Note-se, todavia, que quer as tábuas do manuscrito desaparecido de Köpke, quer as de Viena, demonstram ser da segunda metade do século XVI, facto esse depreendido da representação, em pormenor, de um homem de barba na popa do navio (veja-se a figura 1), aparentando estar coroadado de louro, que se crê ser o próprio D. João

12 J.H. da Cunha Rivara – Roteiro da viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi à Índia no anno de 1538. *O Panorama: jornal litterário e instructivo*, serie 2, vol. 2, N.º 67, 8 de abril 1843, pp. 110-111; veja-se o excerto do diário do Cenáculo em Francisco António Lourenço Vaz (coord.) – *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2009, p. 570.

13 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa) [ANTT], *Colecção São Vicente*, Livro 15, fls. 180-248. A data limite para esta cópia é baseada num apontamento, datado de 22-V-1588 no verso da tábuca de Chaul (fl. 210v). Sobre a qualidade desta cópia, vejam-se as considerações tecidas por Cortesão nas obras referidas na nota 10.

14 Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa) [BNP], Cod. 8033.

15 Österreichische Nationalbibliothek (Viena), Cod. Min. 41*.

16 Armando Cortesão e Luís de Albuquerque reproduziram todas as tábuas na edição crítica deste *Roteiro* (*OCDJC*, 2), mas em tamanho demasiado reduzido para se conseguir avaliar a qualidade do manuscrito.

de Castro. Tal reflete a imagem consagrada deste fidalgo depois da entrada triunfal em Goa que a Câmara organizou em sua honra e dos soldados vitoriosos do segundo cerco de Diu, em 1547, e popularizada depois da sua morte¹⁷. A confirmar-se tal representação no manuscrito de Köpke, dificilmente poderá então tratar-se do manuscrito original, do punho de Castro, mas sim a cópia posterior.

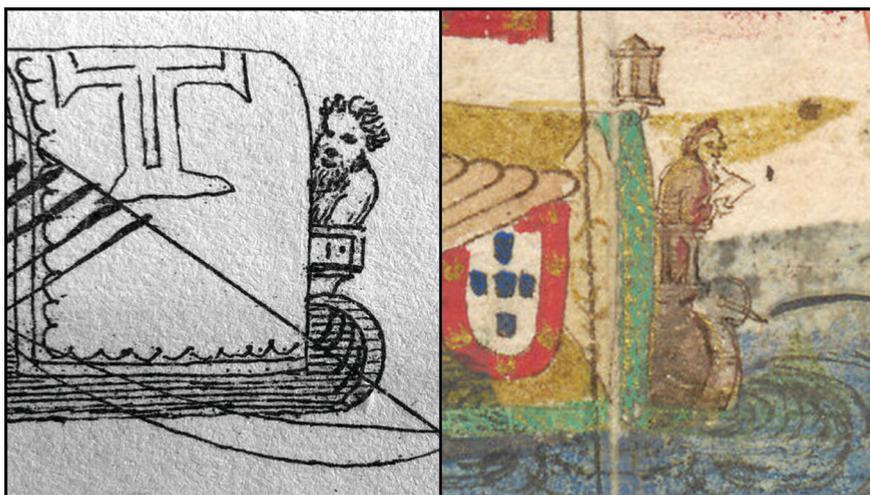


Figura 1

D. João de Castro representado no seu *Roteiro de Goa a Diu*

Fonte: Diogo Köpke (ed.) – *Primeiro roteiro...*, cit., Tábuas da Enseada de Pero Soares; Österreichische Nationalbibliothek (Viena), Cod. Min. 41*, Tábuas da terra entre Danda e Chaul.

Do *Roteiro do Mar Roxo* preservam-se duas cópias quinhentistas. A mais antiga está datada de 1543 (a única realizada em vida de Castro) e assinada por Gaspar Luís. O copista era, naquele período, escudeiro da Casa do infante D. Luís (1506-1555), o que poderá levar a crer que o manuscrito pertencera a este príncipe¹⁸. O manuscrito

17 É possível vislumbrar a representação de um homem, com feições parecidas, nas seguintes tábuas e manuscritos: Ceitapor - cópia da Torre do Tombo, Köpke e Viena; Enseada de Pero Soares - cópia de Köpke; terra entre Danda e Chaul: cópia de Köpke e Viena.

18 Veja-se a lista de moradias do infante D. Luís: ANTT, *Casa Real (CR)*, Núcleo Antigo, liv. 180, fl. 25. Agradecemos a Hélder Carvalho a partilha desta informação. Note-se que Gaspar Luís fora anteriormente membro da Casa do infante D. Henrique.

transitou para Londres no final desse século, sendo adquirido por 60 libras por Walter Raleigh (c. 1552-1618), famoso fidalgo e explorador inglês, ao serviço da rainha Isabel¹⁹. Este terá emprestado o manuscrito a Robert Cotton (1571-1631), célebre antiquário da época, motivo pelo qual se encontra atualmente na sua coleção, na British Library²⁰. O motivo pelo qual o manuscrito foi parar à capital inglesa é desconhecido, mas uma forte hipótese poderá passar por D. António, o Prior do Crato (1531-1595), filho natural de D. Luís e que herdou parte dos seus bens. Durante o seu exílio, enquanto reclamava a Coroa portuguesa contra Filipe II, conheceu Raleigh e poderá ter vendido o códice ou ter-se separado do mesmo em Londres, tendo sido posteriormente adquirido pelo fidalgo inglês. Esta é uma hipótese a explorar, conforme as relações documentadas entre D. António e Raleigh²¹. Em todo o caso, foi a partir desta cópia que Samuel Purchas (c. 1577-1626) publicou a versão inglesa do roteiro, em 1625, tendo posteriormente sido traduzido para latim, neerlandês e francês nos séculos seguintes. O manuscrito viu-se parcialmente destruído durante um incêndio no século XVIII, que deflagrou na coleção inglesa, conforme se encontra documentado e se pode observar na edição

19 O percurso do manuscrito é descrito aquando da sua publicação em inglês, em 1625: Samuel Purchas – *His Pilgrimes in five books*. London: Printed by William Stansby, 1625, Second Part, p. 1122. Contudo, já antes Raleigh menciona o texto de Castro na sua obra: Walter Raleigh – *The Historie of the World in five books*. London: Printed for Walter Burre, 1614, cap. 3, § 8, p. 261.

20 British Library (Londres), Cartographic Items Cotton MS. Tiberius d.IX. Sobre o empréstimo do manuscrito a Cotton, cf. Carlo M. Bajetta – Elizabeth I and Sir Walter Raleigh's Classics: The Case of Sophocles. In Silvia Bigliuzzi (ed) – *'Oedipus at Colonus and King Lear: Classical and Early Modern Intersections'*, SKENÈ. *Journal of Theatre and Drama Studies - Studies I*, N.º 2, 2019, p. 73.

21 João Pedro Vaz dá conta que uma das expedições sancionadas pelo Prior do Crato, durante o seu exílio, dando carta de marca ao Conde de Cumberland, teve a participação de Raleigh, o que poderá indicar uma relação entre ambas as personalidades: *Campanhas do Prior do Crato, 1580-1589: entre reis e corsários pelo trono de Portugal*. Lisboa: Tribuna da História, 2005, p. 92. Infelizmente carecemos de um estudo renovado e aprofundado dos contactos estabelecidos por D. António no seu exílio.

fac-similada publicada por Luís de Albuquerque, em 1991²². A outra cópia coeva do manuscrito original pertenceu aos herdeiros de D. João de Castro, que o venderam a Francis Cook (1817-1901). Depois de várias andanças, o mesmo foi adquirido, em 1955, pela Universidade do Minnesota (EUA), para a James Ford Bell Library, onde ainda se conserva²³. Uma legenda da tábuas das 'Portas do Estreito' revela que não será posterior a 1582, e Luís de Albuquerque concluiu que o texto fora anotado por um neto de Castro, Frei Fernando de Castro, frade dominicano, com vista à publicação dos Roteiros, que nunca chegou a acontecer²⁴. À semelhança do *Roteiro de Goa a Diu*, existe uma cópia do século XVII, realizada pela mesma mão do Códice 8033 da Biblioteca Nacional e que também esteve na posse dos Condes de Castelo Melhor, passando posteriormente para a Biblioteca dos Duques de Palmela e hoje em paradeiro desconhecido. Por sua vez, quinze tábuas deste roteiro existem no códice da Universidade de Coimbra e sete delas foram copiadas (provavelmente no século XVII), com legendas em latim, estando na coleção de cartografia de D'Anville da Bibliothèqure Nationale de France, incluindo uma tábuas que não existe em nenhuma das outras cópias conhecidas – o retrato da costa de Adem a Moca²⁵.

22 Luís de Albuquerque – *Roteiro do Mar Roxo de Dom João de Castro*. Lisboa: INAPA, 1991. Note-se que a Biblioteca do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra conserva uma reprodução fotográfica dos manuscritos da British Library e da James Ford Bell Library, proveniente da antiga biblioteca do Centro de Estudos de Cartografia Antiga (catálogo atualmente como Fundo História da Náutica), coordenado por Luís de Albuquerque e certamente usada por este nos seus estudos dos roteiros.

23 James Ford Bell Library (University of Minnesota), TC Andersen Library, Bell 1541 fCa. O códice é acompanhado de um estudo dactilografado inédito que nos foi facultado pela Dra. Marguerite Ragnow, responsável da dita Biblioteca e a quem agradecemos: Francis Millet Rogers – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*. Cambridge, Mass., 1953. A reprodução digital, em alta qualidade, do manuscrito foi recentemente (janeiro 2021) disponibilizada gratuitamente no site da referida biblioteca norte-americana.

24 Luís de Albuquerque – *Roteiro do Mar Roxo...*, cit., p. 3.

25 Bibliothèqure nationale de France (Paris), département Cartes et plans, GE DD-2987.

Frisemos novamente que nenhuma das cópias atualmente existente, quer no que diz respeito ao texto, quer relativamente às tábuas, é da pena do próprio D. João de Castro. Apesar desta multitude de cópias, o núcleo central dos textos manteve-se inalterado, conforme se comprova pela análise comparada destes. Tal também aconteceu com as tábuas que acompanham os Roteiros: apesar de cada cópia ter as suas particularidades, os desenhos mantêm a sua inteligibilidade e a sua função de acompanhamento do texto.

As Tábuas de Coimbra

O manuscrito aqui em estudo, em bom estado de conservação, é um códice do século XVI, à guarda da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, na secção de Reservados, com a cota Cofre 33²⁶. É composto por 59 fólios, de papel grosso (dito almaço), que incluem 14 tábuas referentes ao *Roteiro de Goa a Diu* (1538-1539) e 15 ao *Roteiro de Goa ao Suez* (1540-1541). O seu único título encontra-se gravado, a ferros, na lombada da encadernação em pele (não datada): «TAVOAS DOS LVGARES DA COSTA DA INDIA».

Pelas características da encadernação (tal como a nervura, de origem animal), esta deverá ter sido executada antes do século XIX²⁷, tendo sido intervencionado já depois de 1988. Esta última intervenção comprova-se por dois elementos presentes na edição fac-similada publicada nesse ano: em primeiro lugar, a inserção de uma folha

26 O mesmo foi publicado, em versão fac-similada, por Luís de Albuquerque – *Tábua dos Roteiros da Índia de D. João de Castro. Códice 33 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Lisboa: INAPA, 1988, e encontra-se disponível para consulta online: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg1/UCBG-Cofre-33/UCBG-Cofre-33_item1. Todas as referências seguintes ao códice remetem para a respetiva cota do manuscrito.

27 A avaliação da encadernação (capas, cadernos, lombada, decorações) foi feita pela Dra. Maria do Céu Ferreira, técnica de conservação e restauro independente, a pedido da Dra. Maria José Silva Pereira, técnica da Biblioteca Geral. Contudo, só um estudo laboratorial permitirá datar com maior rigor a encadernação.

de contraguarda nova, vislumbrando-se a original debaixo da atual (figura 2); em segundo pela própria listagem e descrição das tábuas pelo Prof. Luís de Albuquerque, cuja paginação indicada difere dois fólhos a mais daquela hoje existente, o que revela que foram removidas dois fólhos iniciais em branco²⁸.

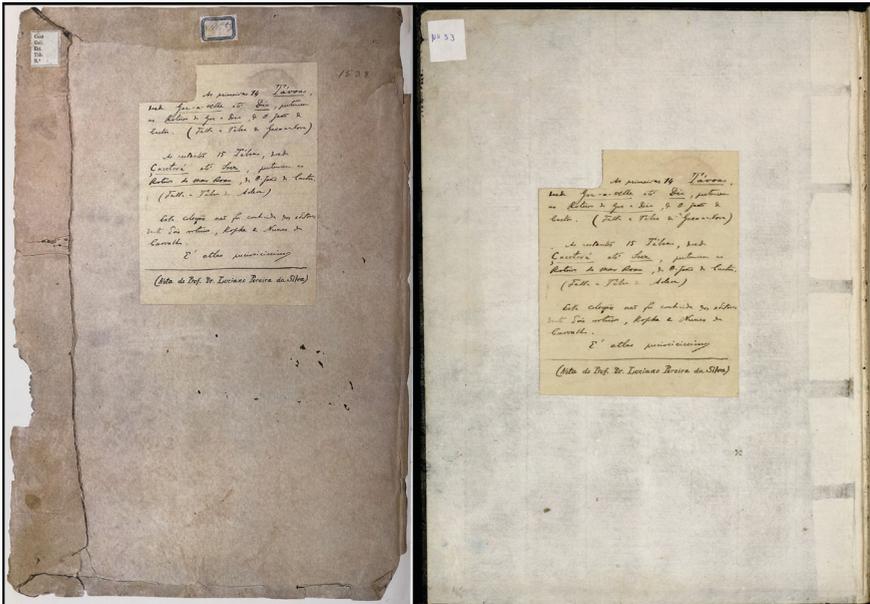


Figura 2

Comparação da contraguarda do códice antes e depois do restauro de c. 1988. Fonte: Luís de Albuquerque – *Tábua dos Roteiros da Índia*, cit.; BGUC, Cofre 33.

O códice mede aproximadamente 430x280mm, tendo sido aparado nas margens depois das tábuas terem sido concluídas,

28 Na introdução da edição fac-similada, Luís de Albuquerque indica que não foram reproduzidos os fólhos em branco, nomeadamente os fls. 1-4; ora a atual estrutura do códice só tem dois fólhos em branco antes da primeira tábuas, o que leva a concluir que foram aí removidos os fólhos. Veja-se que também Armando Cortesão, em 1935, informava que existiam quatro fólhos em branco antes do início das tábuas – *Cartografia e Cartógrafos...*, cit., p. 180. O restauro posterior a 1988 é confirmado por Aníbal Pinto de Castro, numa breve descrição do códice: José Francisco de Faria Costa e Maria Helena Da Cruz Coelho (coord.) – *A Universidade de Coimbra. O tangível e o intangível*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, p. 94.

como se percebe pelo corte irregular de alguns fólios e pela amputação de algumas rosas dos ventos (exemplificado na figura 3). À exceção das tábuas de Socotorá (fls. 31v-32r) e da Aguada do Xequê (33v-34r), todas as tábuas ocupam um único fólio (indiferenciadamente reto ou verso). No caso da panorâmica sobre Socotorá, os dois fólios foram cortados, na sua metade inferior, e apenas as novas metades de folhas, deixando visível o lugar da colagem, cortando até parte das marcas de água de cada fólio.



Figura 3
Corte irregular do fólio da tábua do Rio de Betele, eliminando parte da rosa dos ventos. Fonte: BGUC, Cofre 33, fls. 25v.

Trata-se de um in-fólio (como se nota na posição das marcas de água), mas a encadernação não deixa transparecer a organização dos cadernos, vislumbrando-se apenas que alguns fólios foram colados aquando de uma eventual tentativa de restauro do manuscrito²⁹, conforme se vê na figura seguinte.

²⁹ É o caso dos fólios 2-4, 45-46 e 56-57.

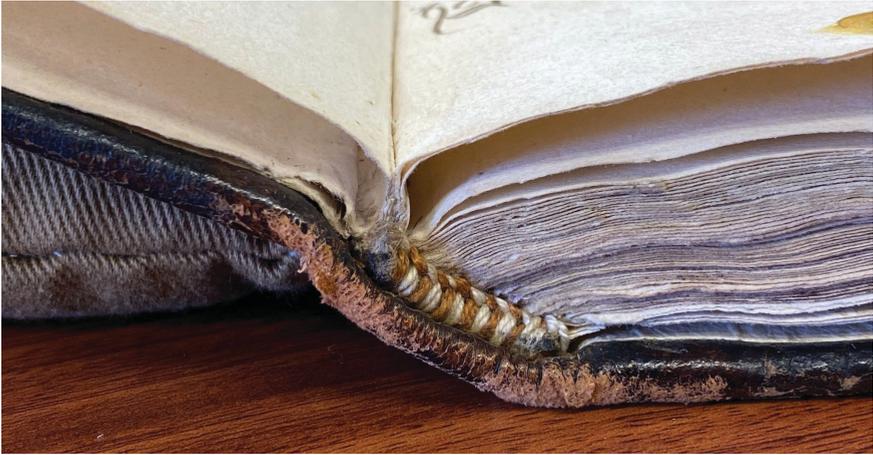


Figura 4
Conjunto de três fólios colados. Fonte: BGUC, Cofre 33, fls. 2-4.

Uma reencadernação do manuscrito poderá explicar a desordem das tábuas do primeiro *Roteiro*, visto que não seguem a ordem do texto, conforme se poderá aferir no Quadro 1, em anexo. Os desenhos aguarelados ainda mantêm, em alguns casos, os riscos a lápis que serviram de regragem para o respetivo nome das tábuas (figura 5) – o único dos manuscritos dos roteiros que mantêm este elemento de preparação do desenho.

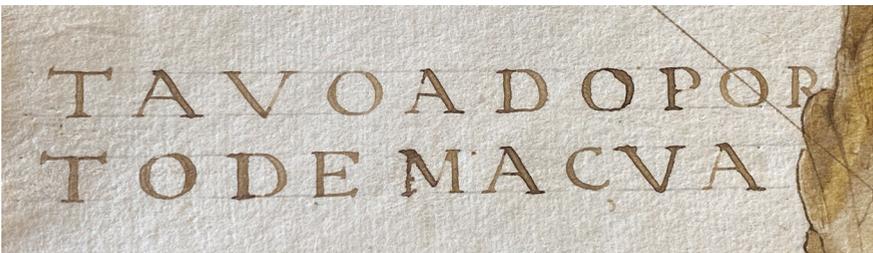


Figura 5
Legenda de uma das tábuas com a regragem a lápis. Fonte: BGUC, Cofre 33, fl. 40r.

O códice possui várias foliações, todas elas a lápis, que apresentam uma letra mais recente, podendo datar já do séc. XX. A de maior destaque e mais antiga, encontra-se no canto superior direito, no reto, continua-

mente desde o fólho 3 ao 58, começando no número 8 e terminando no 63, o que confirma, mais uma vez, que várias páginas foram removidas no início, e não apenas na última reencadernação. O verso dos fólhos possui uma numeração descontínua, no canto superior esquerdo, que corresponde à atual paginação do manuscrito, mas somente surgindo dezoito vezes ao longo das folhas³⁰. Existe ainda uma terceira numeração, no canto inferior esquerdo, no reto, por vezes já desaparecida, e que, divergindo dois fólhos a mais da numeração atual, remete para a paginação, ainda existente aquando da edição fac-similada³¹. Paralelamente, algumas das tábuas do *Roteiro de Goa a Suez* estão também elas numeradas (por vezes estando o número já levemente apagado), identificando apenas o seu número no conjunto de todas os desenhos – assim, a tábua de Socotorá está identificada com um '15', a Aguada do Xequê com '16', por diante, até Toro com o número 28³². Uma outra numeração surge esporadicamente, também no canto inferior esquerdo da primeira metade do códice, a qual referiremos adiante. A comparação entre as diversas foliações pode ser vista no Quadro 1, no final.

No verso do fólho 26 encontra-se um interessante esboço da tábua de Chaul (fl. 16r). Este desenho abandonado levanta algumas ideias sobre o processo da cópia das tábuas. Um olhar atento revela-nos o contorno principal da costa e da restante mancha vegetal e topográfica feita a lápis, onde uma pequena parte (do lado oposto à fortaleza) foi já decalcada a tinta acastanhada (figura 6). Contudo, o desenho encontra-se invertido na horizontal, ou seja, rodado. Tal leva-nos a crer que a cópia era realizada por decalque, com a folha em branco por cima do desenho original, aproveitando a transparência do papel e o reflexo do contorno primitivo (talvez até por incidência de luz direta). Neste

30 Os fólhos numerados, no verso: 6, 14, 16, 18, 22, 24, 28, 30, 34, 38, 40, 42, 44, 45, 47, 49, 56, 58.

31 É ainda possível ver esta numeração nos fólhos 28 a 32 (numerados 30 a 34) e 40 a 58 (42 a 60).

32 Para além das mencionadas, as tábuas que ainda mantêm esta numeração são as seguintes: Portas do Estreito (18), Maçua (19), Arequa (23), Gigidi (26), Carmeal (27)

caso, o que poderá ter acontecido é que o copista começou a delinear a tábuca de Chaul a partir do verso do desenho original resultando no dito efeito espelhado, que foi abandonado ao dar-se conta de tal erro.



Figura 6

Tábua de Chaul, verso da mesma à contraluz e esboço espelhado abandonado.

Fonte: BGUC, Cofre 33, fls. 16r e 26v.

Do conjunto das tábuas conhecidas dos Roteiros de D. João de Castro, faltam ao códice da Biblioteca Geral apenas duas: a de 'Goa a Nova' e a da 'Costa de Adem até Moca' (esta apenas existente na Coleção d'Anville da Bibliothèque Nationale de France). Quanto à primeira, Armando Cortesão afirmava que a tábua, originalmente entre os fólios 3 e 5, teria sido arrancada e ver-se-iam «restos de papel com as côres de aguarela»; na edição fac-similada, Albuquerque corroborava a informação de que a tábua fora «selvaticamente arrancada», deixando claros vestígios disso³³. Num atento exame ao códice apenas notamos um recorte acidentado e restaurado, no lado da lombada, do fólio 4v, possivelmente o da tábua desaparecida³⁴.

A datação desta cópia não levanta dúvidas: trata-se de um manuscrito do terceiro quartel do século XVI³⁵. A legenda da tábua de Socotorá (fls. 31v-32r) apresenta uma escrita cortesã-humanística dos meados desse século, e que em nada se assemelha à letra do próprio D. João de Castro. Por outro lado, os navios presentes no *Roteiro do Mar Roxo*, em particular o perfil do galeão na tábua da Aguada do Xequê, com linha mais avançada, aponta-nos para a década, aproximada, de 1560, conforme parecer de José Virgílio Pissarra³⁶. Como veremos, tal coaduna-se

33 Luís de Albuquerque – *Tábuas dos Roteiros da Índia...*, cit., p. 8.

34 Admitimos, como forte hipótese, que talvez um dos primeiros fólios em branco, removido depois de 1988, tenha sido utilizado para consolidar o fólio rasgado. Infelizmente, a falta de dados quanto à extensão do restauro efetuado impede-nos de confirmar esta ideia.

35 Saul António Gomes apontou a datação do manuscrito para o segundo terço do século XVI – Manuscritos iluminados quinhentistas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 7, 2007, p. 82.

36 José Virgílio Pissarra – *Portugal e o Desenvolvimento das Marinhas Oceânicas. O Galeão Português. 1518–1550*. Lisboa: Universidade de Lisboa 2016. Tese de doutoramento, pp. 221, 227 e 238. Veja-se também o que sobre este assunto diz Francisco Contento Domingues – *Os navios do Mar Oceano. Teoria e empiria na arquitectura naval portuguesa dos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004, pp. 256-258.

com o detentor do manuscrito, sobre o qual nos debruçaremos adiante. Paralelamente, as marcas de água presentes no papel são características deste período (figura 7). Armando Cortesão identificou apenas uma («âncora dentro dum círculo, com estrêla»³⁷) mas, na realidade, o manuscrito possui duas marcas de água distintas, datáveis de c. 1505-1536 e 1534-1598, respetivamente³⁸. A primeira, dos fólios 2 a 30, correspondente ao *Roteiro de Goa a Diu*, é a mencionada anteriormente; já a segunda, dos fólios 31 a 58 (*Roteiro de Goa ao Suez*), mostra ser uma besta, encimada por uma flor-de-lis, que também surge em documentos desse mesmo século (respetivamente), conforme demonstram os vários levantamentos de marcas de água existentes³⁹. Parece-nos assim que esta nítida diferença no papel utilizado não pode ser mera coincidência, visto que divide perfeitamente os roteiros. Assim, estes podem ter sido realizados em momentos distintos, justificando as diferentes marcas de água.

37 Armando Cortesão – *Cartografia e Cartógrafos...*, cit., p. 180. Fontoura da Costa (na sua edição dos *Roteiros*, em 1940) e Luís de Albuquerque limitaram-se a seguir a avaliação de Cortesão nas suas respetivas edições dos roteiros.

38 Francis Rogers foi o único investigador a realçar as duas marcas de água no manuscrito: *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*, cit., p. 47. Para a datação, veja-se a nota seguinte.

39 Recorremos não apenas à obra clássica de Briquet (usada também por Cortesão e atualmente disponível online) mas também à recente base de dados online Bernstein (<https://www.memoryofpaper.eu>), que confirma esta datação a partir de dezenas de marcas de água deste tipo identificadas para o período. Da primeira cf. Charles Moisa Briquet – *Les filigranes. Dictionnaire historique des marques du papier*. Genève: A. Jullien, 1907, 4 vols, para a âncora vejam-se as marcas n.º 489 (1505/1508) e 492 (1522/1536) e para a besta a n.º 762 (1534/1598).



Figura 7

Marcas de água existentes no códice. Fonte: BGUC, Cofre 33.

Por sua vez, como referido, as tábuas do *Roteiro de Goa a Diu* possuem pontualmente, em alguns fólios, pequenas numerações, em letra antiga (mas dificilmente datável), nos cantos inferiores esquerdos (talvez a numeração dos cadernos originais), do lado reto, a tinta, que deixam de existir no segundo roteiro (*do Mar Roxo*), reforçando a ideia de que não terão sido esboçados de uma só vez⁴⁰. Contudo, foram encadernados no mesmo período, visto que o primeiro fólio do códice possui a marca de água característica do segundo roteiro, e o último fólio a do primeiro, certamente resultante do processo de junção dos dois manuscritos.

Quanto à autoria dos desenhos, não estamos certos de que tenha sido apenas uma mão a traçar todas as tábuas, podendo cada roteiro ter sido feito por um copista diferente, visto que há algumas diferenças entre estes. Exemplifiquemos. Ao contrário do que acontece nas outras cópias destes roteiros, em vez de uma rosa dos ventos com linhas de rumos, todos os desenhos de Coimbra possuem apenas uma singela linha Norte-Sul. No entanto, no primeiro *Roteiro* o Norte

⁴⁰ São visíveis nos fls. 5, 13, 18, 29.

está assinalado por uma flor-de-lis (de formato similar ao exemplar de Köpke) e no segundo por uma versão estilizada da mesma. Já a escrita do título de cada tábuas difere claramente entre cada metade do manuscrito. Nesse sentido, os desenhos do *Roteiro de Goa a Diu* são os únicos que seguem a mesma orientação e formulação do nome das tábuas do desaparecido manuscrito de Köpke, ao contrário das outras cópias que sobreviverem e que diferem sempre neste pormenor.

Quanto aos navios representados, aqueles que surgem na primeira metade do códice seguem o posicionamento do manuscrito perdido de Köpke; por sua vez, as embarcações da segunda metade foram livremente adaptadas pelo copista e algumas têm uma posição mais passiva do que nas cópias da British Library e da James Ford Bell Library, visto aí surgirem em algumas tábuas a disparar artilharia, mostrando a ação do movimento através das chamas e do fumo proveniente das bocas de fogo. Paralelamente, e ainda quanto ao *Roteiro do Mar Roxo*, nem o número dos navios nem a sua localização na cópia da Biblioteca Geral correspondem inteiramente a qualquer outro manuscrito existente. Neste sentido, a qualidade artística e técnica da representação dos navios, salientada por vários investigadores⁴¹, leva a crer que o copista da segunda metade do códice tinha conhecimentos avançados de marinharia⁴².

Assim, e apesar destas diferenças, cremos que o códice de Coimbra possa ter sido feito com base nos manuscritos mais antigos que conhecemos – o desaparecido de Köpke para o de Goa a Diu, e o da British Library para o de Goa ao Suez.

41 Sobre a representação das embarcações veja-se Frazão de Vasconcelos – Documentos iconográficos das caravelas, naus e galeões portugueses dos séculos XV e XVI. *Arquivo Histórico da Marinha*, Vol. 1, N.º 3, 1934, pp. 260-261; Francis Millet Rogers – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*, cit., pp. 48-49; bem como as referências dadas na nota 36.

42 Esta proposta foi avançada anteriormente por Francis Rogers – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter...*, cit., p. 49.

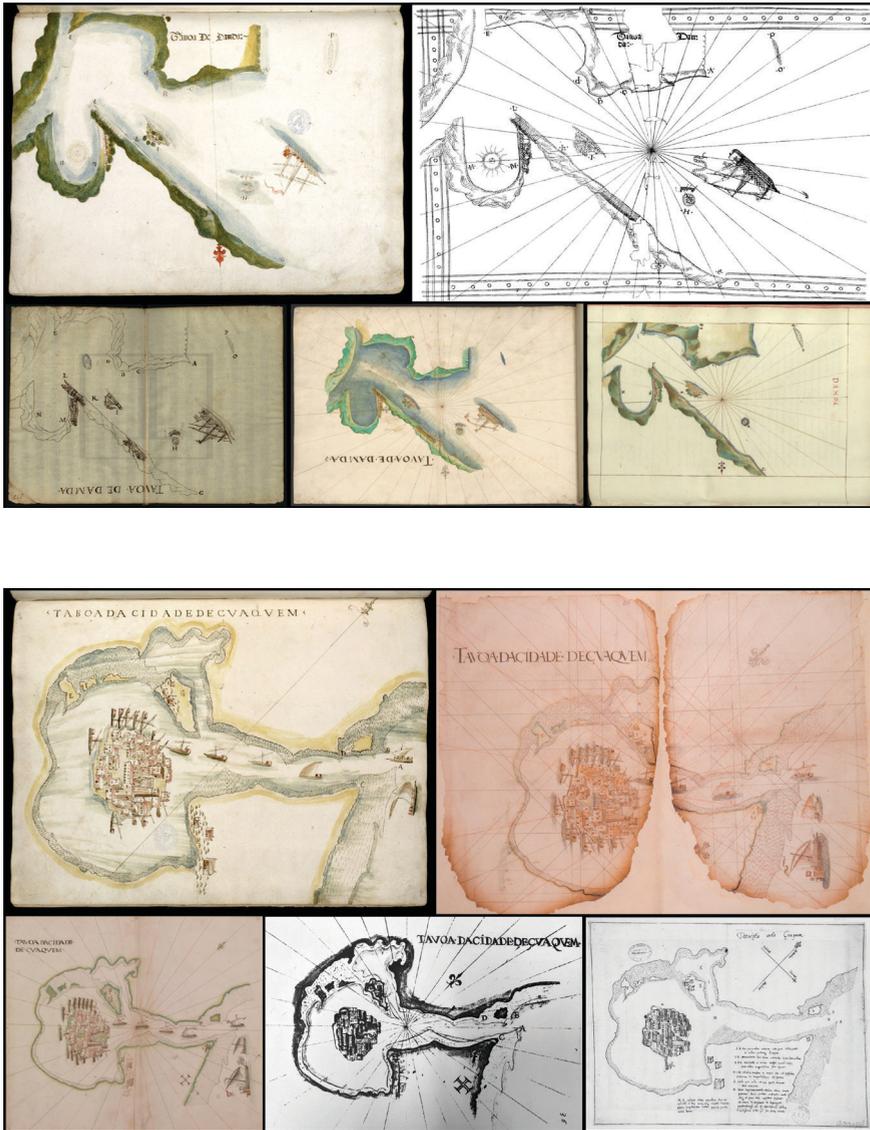


Figura 8 e 9

Comparação dos desenhos do códice de Coimbra com as respetivas cópias mais antigas.

Fonte: *Roteiro de Goa a Diu*, tábuas de danda, fila de cima: BGUC, Cofre 33, fl. 11r; Diogo Köpke (ed.) – *Primeiro roteiro...*, cit.; fila de baixo: ANTT, *Coleção São Vicente*, Livro 15, fl. 237; Österreichische Nationalbibliothek (Viena), Cod. Min. 41*; BNP, fl. 8033, fl.56v.

Roteiro do Mar Roxo, tábuas de Suaquem, fila de cima: BGUC, Cofre 33, fl. 42r; British Library (Londres), Cartographic Items Cotton MS. Tiberius d.IX; fila de baixo: James Ford Bell Library (University of Minnesota), TC Andersen Library, Bell 1541 fCA; Biblioteca dos Duques de Palmela, reprod. PMC, estampa 67C; Bibliothèque nationale de France (Paris), département Cartes et plans, GE DD-2987.

A divulgação do códice

Não obstante a sua atestada antiguidade, este códice passou despercebido até aos finais do século XIX, carecendo até de uma correta identificação. Prova do desconhecimento da sua autoria é a referência concreta ao códice, identificado apenas pelo seu título («Taboas dos lugares da Costa da Índia»), como sendo um in-fólio, num catálogo do depósito anexo inferior da Biblioteca (o piso térreo da antiga prisão académica), que deverá datar de c. 1860-1870⁴³. Os próprios catálogos mais antigos da Biblioteca, dos finais do século XVIII, não mencionam o manuscrito⁴⁴.

Para lá destas menções nos documentos da Universidade, a mais antiga alusão ao códice que lográmos encontrar é dada pela mão do oficial da marinha e lente da Escola Naval, João Brás de Oliveira (1851-1917), em 1885. Referia um «curioso livro de agoarellas existente na bibliotheca da Universidade de Coimbra, e que tem por titulo: Taboa d'alguns logares da costa da India, e que se attribue a um certo Diogo Barreiros, que não se sabe bem quem fosse porque á obra falta o texto; copiámos o desenho de varias caravellas, galleões e fustas portuguezas»⁴⁵. Note-se que o facto de o autor dizer que «se attribue» a autoria do códice a um Diogo Barreiros indica-nos uma informação que lhe fora possivelmente veiculada por um bibliotecário da instituição. Sobre o referido Diogo Barreiros, nada conseguimos apurar, e poder-se-á tratar de uma leitura errada do antigo possuidor do códice, sobre o qual falaremos adiante. Dois anos depois desta referência, noutra publicação, voltava a mencionar o códice «cujo

43 Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Cod. 3442 – *Catálogo do depósito anexo à Bibliotheca da Universidade. Litteratura, Historia, Geographia, Grammaticas e Dictionarios*.

44 Sobre estes catálogos, cf. A. E. Maia do Amaral (coord.) – *Os livros em sua ordem. Para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014, pp. 63, 79, 81.

45 João Brás de Oliveira – *Algumas palavras acerca da Marinha Portuguesa: e da sua influência na prosperidade da Nação*. Lisboa: Typ. Sousa Neves, 1885, p. 26.

auctor não está bem averiguado o nome»⁴⁶. Paulatinamente Brás de Oliveira vai ligando os desenhos a D. João de Castro: em 1892 voltava a afirmar que se tratava de um documento de valor, «talvez o original, pintado a aguarella, do que serviu para a reprodução da taboa que vem gravada no roteiro de D. João de Castro, publicado no Porto, em 1843»⁴⁷ e voltados dois anos deixava implícito que os desenhos «parecem do mesmo auctor» dos roteiros⁴⁸. Repare-se que este erudito não apenas consultou o manuscrito de Coimbra, como também o utilizou como modelo de várias das suas afamadas ilustrações de navios do século XVI⁴⁹. Salta à vista, por exemplo, que o seu desenho de uma galé bastarda foi nitidamente inspirado pelo navio que surge na tábuca de Dabul, especialmente a zona da popa, conforme se vê na figura seguinte.

46 *Marinha Portuguesa*. Lisboa: David Corazzi Editor, 1887, Bibliotheca do Povo e das Escolas, vol. 19, n.º 149, p. 19; conformam notam as bibliografias de Brás de Oliveira, trata-se duma versão revista e aumentada do trabalho publicado em 1885.

47 Os Navios de Vasco da Gama. In *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892, p. 24 (menciona também o manuscrito na p. 21); note-se que este estudo foi publicado como separata autónoma desta edição e ainda nas *Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Classe de Sciencias Moraes, Políticas e Bellas-Lettras*. Lisboa: Typographia da Academia, 1892, Nova serie - tomo VI, parte II, paginação autónoma.

48 Influência do Infante D. Henrique no progresso da marinha portuguesa. Navios e Armamentos. *Annaes do Club Militar Naval*, N.º especial - Commemoração do quinto centenario do Infante Dom Henrique, 1894, p. 77; este artigo, fruto de uma conferência proferida no Clube Militar Naval em 23 de Fevereiro de 1894, foi alvo de uma edição autónoma, no mesmo ano pela Imprensa Nacional; foi posteriormente reeditado, de forma abreviada, com título diferente ("Navios Portuguezes do tempo dos Descobrimentos e Conquistas") na *Revista Portuguesa Colonia e Maritima*, Primeiro Anno 1897-1898, Segundo Semestre, pp. 526-546; em 1928, Afonso Dornelas republicou parcialmente o texto, no *Elucidario Nobiliarchico. Revista de Historia e de Arte*, Vol. I, agosto 1928, N.º VIII, pp. 249-260; e em 1940 o Ministério da Marinha voltava a editar o estudo de Brás de Oliveira mas com o título «Os navios da Descoberta».

49 Brás de Oliveira apresentou os seus desenhos na mencionada conferência de 1894; os mesmos foram publicados, em escala reduzida, no seu artigo de 1897-1898 e incluídos na versão de Dornelas, em 1928, e amplamente divulgados na edição de 1940.

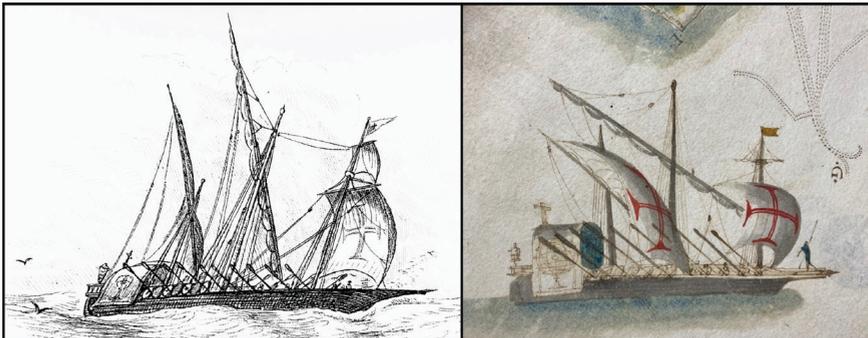


Figura 10

Fusta no Códice de Coimbra e desenhada por João Brás de Oliveira.

Fonte: BGUC, Cofre 33, fl. 9v; João Brás de Oliveira - *Os navios da Descoberta*, cit., pp.32-33.

Depois disso, apenas voltamos a encontrar menção ao códice numa relação de obras presentes na exposição comemorativa do quarto centenário da morte de Vasco da Gama, organizada pela Universidade na Biblioteca Geral, em 1924⁵⁰. Foi provavelmente nessa altura que Luciano Pereira da Silva identificou o manuscrito, tendo colocado uma nota no verso da capa onde o descreve como atlas «preciosíssimo», adjetivo também usado para o caracterizar no catálogo da referida exposição⁵¹. Note-se que uma fotografia (figura 11) desta exposição parece mostrar o códice aberto, meio levantado, na tábua de Diu, ao lado das restantes obras expostas.

50 Ernesto Donato – Vasco da Gama na Biblioteca Geral da Universidade. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, 7, 1925, pp. 283-284. Albert Kammerer (1875-1951) considerava que a exposição de 1924 fora responsável por dar a conhecer o códice de Coimbra aos investigadores - *Le routier de dom Joam de Castro: l'exploration de la Mer Rouge par les Portugais en 1541*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1936, p. 15 e *La Mer Rouge, l'Abyssinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental*. Le Caire: Société Royale de Géographie d'Égypte, 1947, parte 1, p. 102

51 Pereira da Silva (1864-1926) iniciara a sua carreira docente na Universidade em 1889, mas apenas começou a dedicar-se ao estudo a História da Náutica e da Marinharia a partir de 1914 – cf. Luís de Albuquerque – Luciano Pereira da Silva. In Joel Serrão (ed.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Livraria Figueirinhas, 2002 (reimp.), vol. 5, pp. 580-581. Assim, esta nota deverá ter sido adicionada ao códice aquando da exposição de 1924. Atente-se que, não obstante o identificar, Pereira da Silva nunca mencionou este manuscrito nos seus escritos.

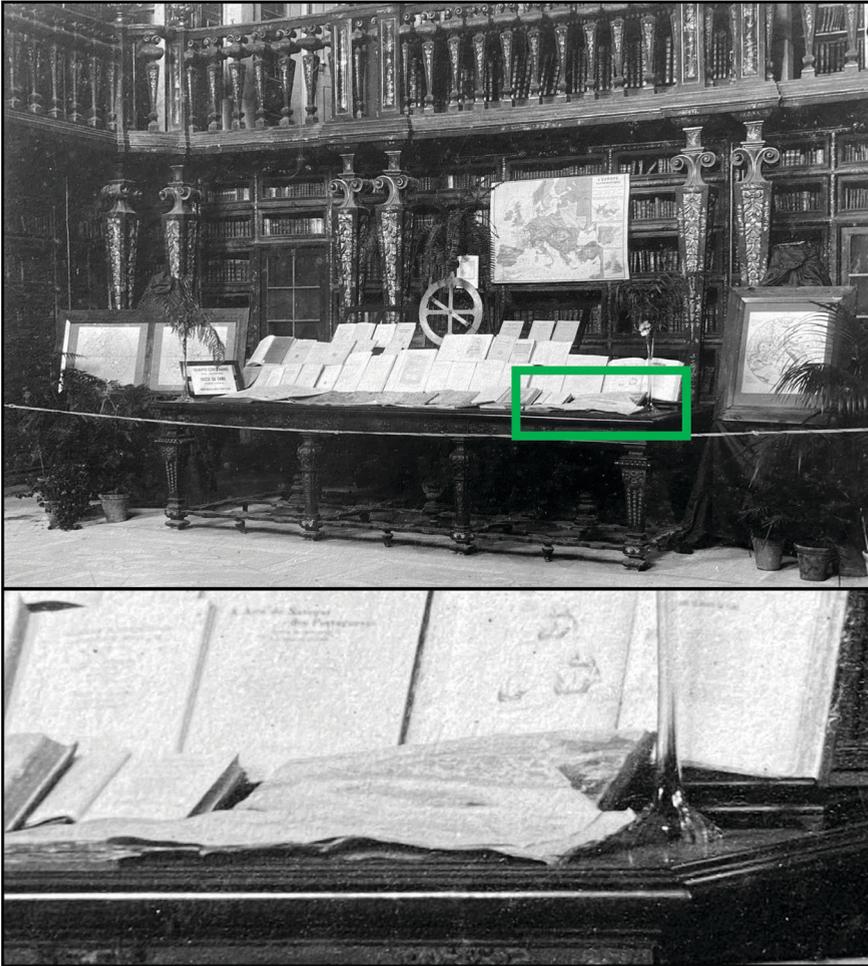


Figura 11

Fotografia de uma das mesas da exposição sobre Vasco da Gama, na Biblioteca Joanina (1924) onde se vislumbra o manuscrito das *Tábuas* (assinalado a verde) e pormenor da mesma. Fonte: BGUC, *Coleção Fotográfica*, 9 (1-2).

A exibição do manuscrito na Biblioteca da Escola Naval, em 1934, na exposição de roteiros portugueses organizada pelo Arquivo Histórico da Marinha, trouxe definitivamente esta cópia das 'Tábuas' para a ribalta. Fontoura da Costa, responsável pela conferência de abertura da exposição, dava então grande destaque à obra científica de Castro e incluía uma brevíssima descrição do códice na sua "Bibliografia dos Roteiros Portugueses até ao ano de 1700", publicada

nesse ano⁵². Uma notícia da imprensa da época salientava que «entre as mais notáveis relíquias expostas, figura um roteiro de D. João de Castro, manuscrito, executado e colorido por ele próprio com admirável perfeição»⁵³. Também Charles Boxer dava conta no mesmo ano, para o público internacional, que a exposição dera a conhecer «an unregistered version of Dom Joao de Castro's *Roteiro*»⁵⁴. Frazão de Vasconcelos chamava a atenção para o códice exposto em Lisboa, «até agora inédito» e analisava os galeões e as naus presentes na tábuca da Aguada do Xequê, chegando a reproduzir, pela primeira vez, um pormenor deste manuscrito⁵⁵.

Uma descrição completa dos desenhos de Coimbra sairia dos prelos em 1935, pela pena de Armando Cortesão, na sua obra pioneira sobre a cartografia portuguesa. Descreve-o aí como um «valioso códice manuscrito iluminado»⁵⁶, identificando as tábuas existentes e uma das marcas de água. A informação que aí compilou viria a ser retificada e ampliada 25 anos depois no primeiro volume dos *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Desde então, o manuscrito de Coimbra passou a ser amplamente utilizado em diversos estudos e exibido como uma das preciosidades bibliográficas da Biblioteca da Universidade.

Origem e proveniência do códice

Desconhecem-se quer a origem do manuscrito, quer a sua história custodial e quando terá entrado nos fundos da Biblioteca Geral. As

52 Fontoura da Costa – “Este liuro he de rotear...” (conferência) e *Bibliografia dos roteiros portugueses até ao ano de 1700*. Lisboa: Arquivo História da Marinha, 1933, pp. 35-36, n.º 10M e 12M.

53 *Diário de Notícias*, 3 de janeiro de 1934; notícia de teor semelhante, publicada no jornal *O Século* (no mesmo dia), mencionava «O “Atlas” de D. João de Castro, pertença da Biblioteca da Universidade de Coimbra».

54 Charles Boxer – *Portuguese Roteiros, 1500-1700. Mariner's Mirror*, 20:2, 1934, p. 186.

55 Frazão de Vasconcelos – *Documentos iconográficos...*, cit.

56 *Cartografia e Cartógrafos...*, cit., vol. II, pp. 180, 182.

únicas marcas bibliográficas existentes são as resultantes da aposição de carimbos de pertença da Biblioteca: trinta e um deles com a antiga marca do mocho empoleirado num livro fechado (usado entre os séculos XVIII e XX⁵⁷) e uma mais recente, contendo um número de registo provavelmente já do século XX (fls. 1 e 5v). No primeiro fólio lê-se, a lápis, a cota (G 12)-G-16-15. Segundo fomos informados pelos serviços técnicos da Biblioteca, a primeira parte (G 12) deveria indicar a sua colocação no Gabinete n.º 12 da Biblioteca Joanina, onde se encontravam guardados os *Cimélios*, coleção na qual o códice foi inserido. A segunda letra G poderá referir-se à antiga forma de catalogação, seguindo a organização adotada no *Catálogo Metódico* de 1916, onde esta letra correspondia à coleção de manuscritos⁵⁸. Por baixo, foi também escrito, no mesmo período, “o reservado”, o que salienta o valor atribuído a esta obra. Ignoramos também quando é que estas identificações foram adicionadas a este fólio, mas poderão apenas ter sido colocados quando o manuscrito foi devidamente identificado por Luciano Pereira da Silva, na década de 1920, podendo também ter sido nesse momento que o mesmo foi movido para a secção dos tesouros da Biblioteca, onde se mantém desde então⁵⁹. Apesar desta carência de dados, a folha de rosto do manuscrito ajuda-nos a esclarecer a quem terá pertencido. Efetivamente, encontramos aí uma assinatura rasurada que nunca foi devidamente analisada. Lemos aí, em letra coeva do século XVI, o nome Gaspar Barreiros.

57 Cf. A. E. Maia do Amaral – Marcas bibliográficas da “Livraria da Universidade” (sécs. XVI-XXI). In A. E. Maia do Amaral (coord.) – *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 127-128.

58 Alves dos Santos – Novo catálogo metódico da Biblioteca da Universidade de Coimbra. *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, Ano III, 1916, pp. 165-174.

59 Francis Rogers dava conta, em 1953, que o códice se encontrava «guardado no cofre das preciosidades da biblioteca» - *Dom João de Castro and his Red Sea Rutter*, cit., p. 47.

Trata-se do conhecido humanista da centúria de Quinhentos⁶⁰. Cónego na Sé de Viseu, estudou em Salamanca no final da década de 1520⁶¹ e foi posteriormente capelão da Casa do infante D. Henrique (irmão de D. João III), sendo provido no cargo de notário do Tribunal do Santo Ofício, em 1542⁶². Em Junho de 1546 partiu para Roma, em missão ao papa Paulo III, enviado pelo referido infante para agradecer o cardinalato atribuído no ano anterior⁶³. Aí residiu até regressar em 1549, recebendo então um canonicato na Sé de Évora e sendo nomeado inquisidor. Em 1560 rumou novamente a Roma, onde tomou votos como jesuíta, acabando posteriormente por envergar o hábito franciscano em 1562 (seguindo uma promessa antiga que fizera), e regressou ao Reino em 1564. Renunciou ao seu canonicato em favor do seu irmão, o Doutor Lopo de Barros e deixou também outros bens e benefícios ao seu sobrinho, seu homónimo e cónego em Viseu⁶⁴. Depois de lecionar nos conventos de Alenquer

60 A curta biografia que esboçamos é baseada nos poucos estudos dedicados a esta figura, e para eles remetemos na generalidade. Diogo Barbosa Machado continua a fornecer grande parte das informações ainda hoje utilizadas: *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Na officina de Ignacio Rodrigues, 1747, vol. 2, pp. 333-336; Justino Mendes de Almeida – Gaspar Barreiro. In António Alberto Banha de Andrade (dir.) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa: Editorial Resistência, 1983, vol. 2, pp. 190-193; Giuseppe Marcocci – Gaspar Barreiros. In Adriano Prosperi (dir.) – *Dizionario storico dell'Inquisizione*. Pisa: Edizioni della Normale, 2010, vol. 1, pp. 139-140;

61 Nada se sabe sobre o seu percurso em Salamanca: Joaquim Veríssimo Serrão – *Portugueses no Estudo de Salamanca*. Coimbra: s.e., 1962, pp. 229-230; sobre a sua ida para lá, vejam-se os documentos publicados por Manuel Lopes de Almeida – *Notas de História e Bibliografia*. I - Duas cartas referentes a Gaspar Barreiros. *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, ano 1, outubro-dezembro, N.º 4, pp. 277-282.

62 ANTT, *Tribunal do Santo Ofício*, Inquisição de Évora, liv. 146, fl. 72v e 73r – referido por Giuseppe Marcocci – *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XV)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 217 (note-se o lapso do autor, que erradamente identifica Barreiros como primo de João de Barros, em vez de sobrinho).

63 Escreveu uma carta ao Cabido da Sé de Viseu, a 11 de junho de 1546, dando conta da sua partida iminente para Roma: Arquivo Distrital de Viseu, *Cabido da Sé de Viseu*, Cx. 12, N.º 39.

64 Sobre os bens do seu sobrinho, vejam-se os documentos do Arquivo Distrital de Viseu, *Cabido da Sé de Viseu*, cx. 1 n.º. 47 e 62.

e Santarém, retirou-se, posteriormente, para a sua região natal de Viseu, e faleceu em 1574 no Convento Franciscano de Orgens.

Deixou uma obra considerável que tem sido paulatinamente redescoberta⁶⁵. Destacaremos somente o seu escrito mais famoso, publicado em Coimbra, em 1561: a *Chorografia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXVI começa[n]do na cidade de Badajoz em Castella te á de Milam em Italia*, narrando a sua viagem de 1546, elaborado a pedido do seu tio, o famoso cronista João de Barros⁶⁶. Notemos também, a título de exemplo, que deixou uma genealogia manuscrita denominada *Verdadeira Nobreza ou Linhagens de Portugal*⁶⁷.

As dúvidas existentes se se trata de um homónimo do famoso humanista dissipam-se ao compararmos outros exemplares da sua assinatura. Estão catalogados, atualmente, uma vintena de livros pertencentes a esta figura quer na Biblioteca Nacional de Portugal quer na Biblioteca Pública de Évora⁶⁸. E todas estas obras possuem

65 Veja-se, por exemplo, o estudo de Marcocci e de Deswarte-Rosa, que demonstram a proximidade deste autor aos grandes círculos humanísticos deste período: Giuseppe Marcocci – Contro i falsari. Gaspar Barreiros censore di Annio da Viterbo. In Massimo Donattini (ed.) – *Tra Rinascimento e Controriforma. Continuità di una ricerca*. Verona: QuiEdit, 2012, pp. 187-213; Sylvie Deswarte-Rosa – Le voyage épigraphique de Mariangelo Accursio au Portugal, printemps 1527. In Maria Barbara e Karl A.E. Enekel (eds) – *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden/Boston: Brill, 2012, pp. 19-111.

66 Sobre a qualidade desta obra, vejam-se os seguintes estudos: Luís Filipe Barreto – Introdução à Chorografia de Gaspar Barreiros. *Clio - Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 5, 1984-1985, pp. 55-67; Américo da Costa Ramalho – Um humanista em viagem, Gaspar Barreiros (1546). In *Para a História do Humanismo em Portugal (IV)*. Lisboa: INCM, 2000, pp. 81-93; Suzanne Daveau – Gaspar Barreiros, lointain précurseur de la théorie des lieux centraux. *Finisterra*, vol. 15, n. 29, 1980, pp. 114-117 e da mesma autora A obra de Gaspar Barreiros. Alguns aspectos geográficos. *Revista da Faculdade de Letras*, N.º 27, 5.ª série, 2003, pp. 97-127.

67 Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa), cod. 985. Nesta linha, note-se que na carta dirigida a Damião de Góis, a 26-VII-1567, Gaspar Barreiros denotava um profundo conhecimento da genealogia: o original encontra-se na Biblioteca da Ajuda (Lisboa) e foi publicada por Joaquim de Vasconcelos – *Damião de Goes. No quarto centenário da Índia Portuguesa. VIII - Goesiana, novos estudos*. Porto: s. e., 1897, pp. 120-124.

68 Infelizmente, em virtude da Biblioteca Pública de Évora se encontrar encerrada para obras, não pudemos consultar os livros aí existentes, obtendo a informação

uma marca comum: a sua assinatura de posse, na folha de rosto ou na portada da obra em causa.

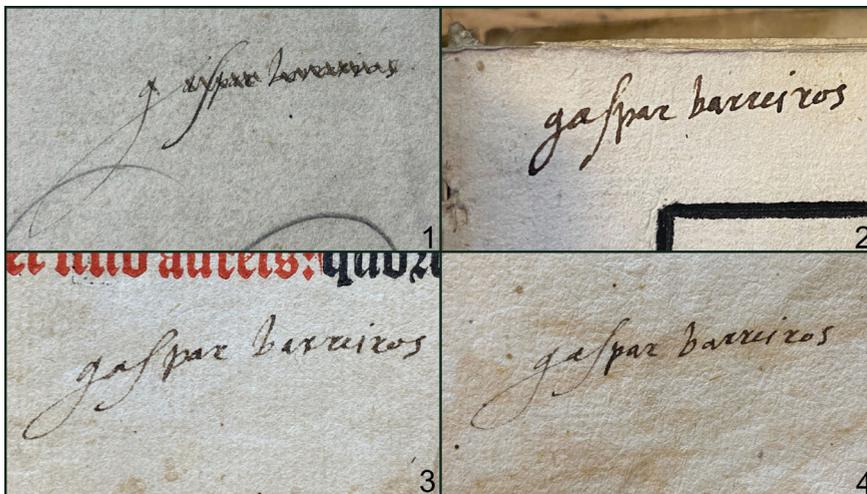


Figura 12

Comparação da assinatura de Gaspar Barreiros do códice de Coimbra com outros exemplares existentes na Biblioteca Nacional. Fonte: 1 - BGUC, Cofre 33, fl. 1r; 2 - BNP, RES. 1120//1 V; 3 - BNP, RES. 2906 P.; 4 - BNP, RES. 558 V.

Assim, parece-nos certo que Gaspar Barreiros terá sido o detentor do códice aqui em apreço, não sendo seguro se terá sido ele que terá encomendado uma cópia das tábuas (visto que desconhecemos se teria conhecimentos para replicar os desenhos) ou se terá obtido uma cópia já existente. A título de exemplo, veja-se que a comparação entre a caligrafia de Barreiros, presente no lastro documental que deixou, e a da legenda da tábua de Socotorá leva-nos a concluir que não se trata da mesma letra ou do mesmo autor⁶⁹. Para qualquer uma destas hipóteses, parece-nos haver duas prováveis fontes pela qual Barreiros possa ter tomado contacto com o original ou com

apenas a partir do catálogo bibliográfico da mesma. Recentemente, Sylvie Deswarte-Rosa analisou dois exemplares aí existentes que terão pertencido inicialmente a André de Resende, tendo depois transitado para as mãos de Barreiros – cf. nota 65.

69 Agradecemos a perícia de Pedro Pinto na avaliação da letra do manuscrito de Gaspar Barreiros.

uma cópia dos Roteiros. A primeira é familiar: Barreiros era, como dissemos, sobrinho materno de João de Barros (c. 1496-1570), cronista dos feitos portugueses na Ásia e feitor da Casa da Índia. Barros tinha acesso a todo o tipo de documentos reunidos nesse órgão central da administração do Império e sabemos que conhecia os Roteiros, visto mencioná-los na sua obra magna – as *Décadas da Ásia*⁷⁰. Sabemos que, no seu último ano de vida, Gaspar Barreiros recebera a incumbência de editar as obras manuscritas do tio (falecido em 1570), tarefa que não pôde levar a cabo pela sua abrupta morte. Poder-lhe-á ter chegado desta forma a possível cópia dos Roteiros do cronista já no seu fim de vida.

Contudo, uma pista talvez mais segura é a sua ligação ao Cardeal infante D. Henrique. Como referimos, Barreiros era próximo deste príncipe, que possuiu na sua biblioteca cópias dos roteiros de D. João de Castro. A cópia de Coimbra poderá assim ter sido baseada numa existente em Évora, adquirida antes da sua primeira viagem a Roma (em 1546) ou nos momentos em que sabemos ter estado no Reino (1549-1560 e 1564-1574). Talvez até tenham sido apenas copiadas as tábuas, sem o texto que as acompanhava, justificando assim que este manuscrito nunca o tenha tido. A única certeza que temos é que o manuscrito terá sido terminado antes de 1574, ano da morte do humanista. Assim, como vimos, a datação do códice proposta por José Virgílio Pissarra, para c. 1560, enquadra-se perfeitamente com o período de vida desta personalidade.

O facto de Gaspar Barreiros ter possuído uma cópia de dois dos Roteiros não é de estranhar. Efetivamente, sabemos que estas obras, manuscritas, circularam amplamente, logo a partir da sua redação. Conforme escreveu Damião de Góis, no seu *Livro de Linhagens*, D. João

70 João de Barros – *Ásia - Segunda Década*. Lisboa: INCM, 1988, I, VIII, c. 1, p. 359. Sobre a obra e as fontes de Barros, veja-se o artigo de Rui Loureiro – Revisitando as *Décadas da Ásia: Algumas observações sobre o projecto historiográfico de João de Barros*. *e-Spania* [em linha], 30 | juin 2018. [acedido a 15 de setembro de 2020]. Disponível na internet: <http://journals.openedition.org/e-spania/27836>.

de Castro fora «sempre muito pobre e muito lido»⁷¹. Para além do testemunho mencionado de João de Barros, que certamente possuía um exemplar, D. Teodósio, 4.º duque de Bragança, tinha um exemplar na sua biblioteca, no Paço de Vila Viçosa, conforme registado no seu inventário de bens, realizado na década de 1560: «hum livro em portuges de letra de pena de Dom João de Castro Viso rei que foi da India com algũas fortalezas debuxados de cores de folha grande em pasta»⁷² Alonso de Santa Cruz, cosmógrafo de Carlos V, recebeu uma cópia dos roteiros das mãos do próprio Castro, quando se conheceram em Lisboa, no início de 1545⁷³ e outros cosmógrafos castelhanos possuíam cópias, algumas até contrabandeadas para o reino vizinho⁷⁴. A obra era debatida nas aulas do Colégio de Santo Antão, em Lisboa, nos inícios do século XVII⁷⁵ e utilizada na cartografia do período, como vemos nos mapas de João Teixeira Albernaz. No seu atlas de 1630, indica nas legendas de alguns mapas que estes estavam «conforme o roteiro do vizorei Dom Joam de Castro»⁷⁶.

A atestada circulação dos manuscritos de D. João de Castro não explica por si mesma como o códice de Gaspar Barreiros chegou à Biblioteca da Universidade de Coimbra. Infelizmente, não subsiste nenhuma informação relativamente ao percurso da obra, nem existe

71 Damião de Góis – *Livro de Linhagens de Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Heráldica, 2014, p. 273.

72 Jessica Hallett, Maria de Jesus Monge, Nuno Senos (coord.) – *De todas as partes do Mundo. O património do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I*. Volume 2: *Documentos*. Lisboa: CHAM, Fundação da Casa de Bragança, 2018, p. 247.

73 O testemunho de Santa Cruz é categórico, afirmando «de los cuales libros [os roteiros] me dio [D. João de Castro] el traslado»: cf. o excerto no artigo de José Manuel García – D. João de Castro: um homem de guerra e ciência, cit., p. 47.

74 Veja-se as referências em *OCDJC*, 1, p. 115 e em Luís de Albuquerque – A projecção da Náutica Portuguesa Quinhentista na Europa. In *Estudos de História*. Coimbra: Por Ordem da Universidade, 1974, vol. I, pp. 210-211.

75 *OCDJC*, 1, p. 116.

76 Trata-se da representação da costa do Norte da atual Índia, e do golfo de Cambaia, e das cartas do Mar Vermelho – Library of Congress, Geography and Map Division Washington, D.C. 20540-4650 USA dcu, *Taboas Geraes de toda a Navegação de João Teixeira Albernaz*.

qualquer identificação deste ter pertencido a nenhuma biblioteca, quer universitária quer religiosa ou privada. Uma hipótese de trabalho leva-nos a propor que poderá ter estado com outras obras pertencentes a Barreiros, na livraria da antiga Universidade de Évora. Efetivamente, grande parte das obras que sabemos terem pertencido a este humanista, existentes atualmente na Biblioteca Pública de Évora e na Biblioteca Nacional de Portugal, devem ter sido integradas na biblioteca da dita Universidade pois algumas possuem a anotação «Do Colégio de Évora». As obras que pudemos consultar na Biblioteca Nacional possuem, com ligeiras variantes, a mesma rubrica, da mesma mão, de censura: «non prohebitur tuto lege», seguindo da indicação do ano e mês, todas entre agosto de 1573 e abril de 1575. Estas marcas podem ter sido acrescentadas aquando da entrada do espólio na universidade ou aquando da vistoria anual da biblioteca universitária, realizada no Verão, preconizada nos estatutos da instituição de c. 1563⁷⁷.

Assim, a crer nesta hipótese, o códice teria chegado a Coimbra depois da extinção pombalina da instituição de Évora, quando a sua livraria foi confiscada pela Real Mesa Censória⁷⁸. Relembre-se que toda a documentação administrativa da extinta Universidade foi remetida para Coimbra, estando hoje à guarda do seu Arquivo.

Outra hipótese poderá estar relacionada com a incorporação das bibliotecas dos conventos e colégios de Coimbra, aquando da sua extinção no séc. XIX. Efetivamente, Barreto Feio dá-nos conta que os depósitos anexos eram constituídos maioritariamente por estas livrarias⁷⁹ e, conforme notámos, o manuscrito encontrava-se num destes depósitos

77 Jorge Peixoto – Considerações sobre o regulamento da livraria da Universidade de Évora. In separata de *A Cidade de Évora*, 1959, p. 18 e 23.

78 Sobre a dispersão da biblioteca de Évora, veja-se Sara Marques Pereira – A diáspora dos livros da antiga Universidade de Évora (1759-1806). In Francisco Lourenço Vaz e Sara Marques Pereira (eds.) – *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*. Lisboa: Chiado Editora, 2012, pp. 549-565.

79 Florencio Mago Barreto-Feio – *Memoria historica e descriptiva á cêrca da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e mais estabelecimentos annexos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1857, p. 39.

no final do século XIX. Contudo, só um estudo das proveniências e da política de aquisições dos fundos bibliográficos da Biblioteca Geral permitiria confirmar qualquer uma destas suposições. Realçemos, por fim, que pode ter existido alguma anotação ou marca visível da sua origem, entretanto desaparecidas aquando das suas múltiplas reencadernações.

Notas finais

Reconhecida a importância da obra científica de D. João de Castro, os manuscritos dos seus trabalhos possuem um valor incalculável. O códice de Coimbra é assim uma das preciosidades quinhentistas da Biblioteca Geral, quer pela fineza e qualidade do desenho, quer por comprovar a ampla circulação destas cópias. A identificação de Gaspar Barreiros enquanto possuidor do manuscrito demonstra suficientemente como a obra era conhecida nos círculos culturais portugueses da época e como era difundida. Já o estudo do suporte de escrita levantou questões sobre a autoria da cópia e sobre a encadernação dos dois conjuntos de desenhos. Certo de que não se trata de um manuscrito do punho de Castro, este será, no entanto, uma das mais antigas cópias existentes, datável do terceiro quartel do século XVI. O próprio copista de cada Roteiro poderá ter tido à sua frente os exemplares mais antigos destes textos.

Considerado como um dos 'tesouros' da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, o códice das 'Tábuas da Índia' de D. João de Castro é um exemplo da riqueza do património bibliográfico desta instituição que merece ser preservado, estudado e divulgado. Contudo, este é um manuscrito que já ganhara considerável destaque em tempos passados. Outros encontram-se à guarda desta instituição secular e merecem tanto ou mais atenção do que aquela que aqui dispensámos a este reservado do cofre⁸⁰.

80 Para um panorama geral dos códices iluminados desta instituição, veja-se o artigo já mencionado de Saul António Gomes – Manuscritos Iluminados Quinhentistas... cit.

Quadro 1
Análise codicológica das 'Tábuas dos Roteiros da Índia'
da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Foliação Mais Antiga	Foliação ant. 1988	Foliação actual	Tábua	Ordenação das tábuas nos roteiros	Marca de Água e sua orientação	Observações
1	1	1	-		Besta com flor-de-lis ↑	r) Assinatura autógrafa de Gaspar Barreiras rasurada; cotas antigas: G 12 - G 16 15; identificação como «O Reservado»;
<i>Roteiro de Goa a Diu</i>						
		2			-	
8	5	3	r) Goa a Velha	2	-	
9	6	4	-		-	v) vestígios do fólio arrancado e da intervenção de restauro
10	7	5	-		Âncora com estrela ↓	r) carimbo da BGUC com número de registo (31497); número 6 (ou 9) no canto inferior esquerdo
11	8	6	r) Carapatam	3	-	
12	9	7	-		-	
13	10	8	r) Terra e baía de Ceitapor	4	Âncora com estrela ↓	
14	11	9	v) Dabul	8	Âncora com estrela ↓	
15	12	10	-		-	
16	13	11	r) Danda	13	-	r/v reforço da encadernação no topo entre fls. 11-12
17	14	12	-		Âncora com estrela ↑	r/v reforço da encadernação no topo entre fls. 11-12
18	15	13	-		-	r) número 8 no canto inferior esquerdo
19	16	14	r) Terra entre Danda e Chaul	14	Âncora com estrela ↓	
20	17	15	-		Âncora com estrela ↑	
21	18	16	r) Chaul	7	-	
22	19	17	-		-	
23	20	18	r) Cifardam	10	Âncora com estrela ↓	r) número 5 no canto inferior esquerdo
24	21	19	v) Baía de Cifardam com a terra que vai até Beiçoim	11	Âncora com estrela ↓	
25	22	20	-		-	
26	23	21	-		-	

27	24	22	r) Beiçoim	6	Âncora com estrela ↑	
28	25	23	-		-	
29	26	24	r) Enseada de Pero Soares	12	Âncora com estrela ↓	
30	27	25	v) Rio de Betele	5	-	
31	28	26	v) Esboço espelhado de Chaul		Âncora com estrela ↑	v) número 13 no canto superior direito
32	29	27	-		-	
33	30	28	r) Quelecim	9	Âncora com estrela ↑	
34	31	29	-		-	r) número 15 (riscando o número 9) no canto inferior esquerdo
35	32	30	r) Diu	15	Âncora com estrela ↑	
<i>Roteiro do Mar Roxo</i>						
36	33	31	v) Socotorá	1	Besta com flor-de-lis ↑	Remendado na metade inferior
37	34	32	r) Socotorá	1	Besta com flor-de-lis ↑	Remendado na metade inferior
38	35	33	v) Aguada do Xeque	2	Besta com flor-de-lis ↑	
39	36	34	r) Aguada do Xeque	2	-	
40	37	35	v) Porto de Calacea	3	Besta com flor-de-lis ↑	
41	38	36	-		-	
42	39	37	-		Besta com flor-de-lis ↑	
43	40	38	r) Portas do Estreito	4	-	
44	41	39	-		-	
45	42	40	r) Maçua	5	Besta com flor-de-lis ↓	
46	43	41	-		Besta com flor-de-lis ↑	
47	44	42	r) Suaquem	6	-	
48	45	43	-		Besta com flor-de-lis ↑	
49	46	44	r) Dradate	7	-	
50	47	45	r) Fuxa	8	-	
51	48	46	-		-	
52	49	47	r) Arequa ou Baía dos Agravados	9	Besta com flor-de-lis ↓	
53	50	48	-		-	
54	51	49	r) Farate	10	Besta com flor-de-lis ↓	
55	52	50	v) Quilfit	11	-	

56	53	51	-		Besta com flor-de-lis ↓	
57	54	52	-		Besta com flor-de-lis ↑	
58	55	53	r) Gigidi	12	-	
59	56	54	v) Xarméalcoemat	13	Besta com flor-de-lis ↑	
60	57	55	-		-	
61	58	56	r) Toro	14	Besta com flor-de-lis ↓	
62	59	57	-		-	
63	60	58	r) Suez	15	Besta com flor-de-lis ↓	
		59	-		Âncora com estrela ↓	

Abreviaturas: ant. – anterior; r – recto; v – verso.

Agradecimentos

Os serviços técnicos da Biblioteca Geral foram indispensáveis na elaboração deste estudo, facilitando o acesso ao manuscrito e aos antigos catálogos da Livraria. Agradecemos ao Prof. Doutor João Gouveia Monteiro, diretor da instituição, por autorizar a consulta prolongada do códice, e particularmente às Dras. Isabel João Ramires e Maria José da Silva Pereira pelas valiosas pistas fornecidas e disponibilidade em analisar o códice, e ainda à Dra Raquel Dias pela atenção dispensada na Sala dos Reservados. Por sua vez, os serviços da Österreichische Nationalbibliothek, da British Library e da James Ford Bell Library (University of Minnesota) autorizaram a reprodução das suas respetivas cópias dos roteiros, pelo qual estamos agradecidos.

Somos também gratos, pela troca de referências bibliográficas, debate sobre o assunto e esclarecimento de algumas dúvidas, a José Pedro Paiva, José Virgílio Pissarra, Rui Loureiro, Pedro Pinto, Hélder Carvalhal, Bruno Lopes, Leonor Garcia, Sara Marques Pereira, Francisco Vaz Lourenço, Ricardo Vicente e Marta Santos. Ao Miguel Pacheco devemos o apoio dado na edição de algumas das imagens utilizadas.

Infelizmente, Francisco Contente Domingues, Professor Cate-drático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, faleceu quando este artigo já se encontrava terminado e aceite para publicação. Já não ficou a saber que as 'Tábuas' de Coimbra, que ele tanto apreciava, tinham pertencido a Gaspar Barreiros. Contudo, devo-lhe ainda um sentido agradecimento pelas referências dadas e pela sua constante disponibilidade. Por isso mesmo, este artigo é dedicado à sua memória.

Bibliografia

Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (Lisboa)

Casa Real (CR), Núcleo Antigo, liv. 180.

Colecção São Vicente, Livro 15, fls. 180-248.

Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Évora, liv. 146.

Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)

Cod. 985, 8033, 6649.

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Cofre 33, Tábuas dos Roteiros da Índia de D. João de Castro;

Cod. 3442 - *Catálogo do depósito anexo à Bibliotheca da Universidade. Litteratura, Historia, Geographia, Grammaticas e Dictionarios.*

Biblioteca Pública de Évora

Cod. CXV 1/24.

Arquivo Distrital de Viseu

Cabido da Sé de Viseu, Cx. 12, N.º 39; Cx. 1 n.º 47 e 62.

Bibliothèque nationale de France (Paris)

Département Cartes et plans, GE DD-2987

British Library (Londres)

Cartographic Items Cotton MS. Tiberius d.IX.

Library of Congress (Washington)

Geography and Map Division Washington, D.C. 20540-4650 USA dcu, *Taboas Geraes de toda a Navegação de João Teixeira Albernaz*.

James Ford Bell Library (University of Minnesota)

TC Andersen Library, Bell 1541 fCa.

Österreichische Nationalbibliothek (Viena)

Cod. Min. 41*.

Fontes Impressas

ALBUQUERQUE, Luís de – *Tábua dos Roteiros da Índia de D. João de Castro. Códice 33 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Lisboa : INAPA, 1988.

– *Roteiro do Mar Roxo de Dom João de Castro*. Lisboa : INAPA, 1991.

BARROS, João de – *Ásia – Segunda Década*. Lisboa : INCM, 1988.

CARVALHO, Antonio Nunes de (ed.) – *Roteiro em que se contem a viagem que fizeram os portuguezes no anno de 1541, partindo da nobre cidade de Goa atee Soez [...] por Dom loam de Castro*. Paris : vende-se em casa de Baudry e Theoph. Barrois, 1833.

CORTESÃO, Armando e ALBUQUERQUE, Luís de – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra : Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1972, vols. 1 e 2.

CORVO, João de Andrade (ed.) – *Roteiro de Lisboa a Goa por D. João de Castro*. Lisboa : por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias, 1882.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 3 de janeiro de 1934.

GÓIS, Damião de – *Livro de Linhagens de Portugal*. Lisboa : Instituto Português de Heráldica, 2014.

HALLETT, Jessica ; Monge, Maria de Jesus; SENOS, Nuno (coord.) – *De todas as partes do Mundo. O património do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I*. Volume 2: *Documentos*. Lisboa : CHAM, Fundação da Casa de Bragança, 2018.

KÖPKE, Diogo (ed.) – *Primeiro roteiro da costa da India desde Goa até Dio [...] por Dom João de Castro*. Porto : Typ. Commercial Portuense, 1843.

MACHADO, Diogo Barbosa – *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa : Na officina de Ignacio Rodrigues, 1747, vol. 2.

O SÉCULO. 3 de janeiro de 1934.

PURCHAS, Samuel – *His Pilgrimes in five books*. London : Printed by William Stansby, 1625, Second Part.

WALTER, Raleigh – *The Historie of the World in five books*. London : Printed for Walter Burre, 1614.

Estudos

ALBUQUERQUE, Luís de – D. João de Castro – Os Descobrimentos e o progresso científico em Portugal no século XVI. *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*. N.º 1 (1966), pp. 92-108.

– A projecção da Náutica Portuguesa Quinhentista na Europa. In *Estudos de História*. Coimbra : Por Ordem da Universidade, 1974. vol. 4, pp. 199-240.

– Luciano Pereira da Silva. In Serrão, Joel (ed.) – *Dicionário de História de Portugal*. Porto : Livraria Figueirinhas, 2002 (reimp). vol. 5, pp. 580-581.

ALMEIDA, Justino Mendes de – Gaspar Barreiro. In Andrade, António Alberto Banha de (dir.) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. Lisboa : Editorial Resistência, 1983. vol. 2, pp. 190-193.

ALMEIDA, Manuel Lopes de – Notas de História e Bibliografia. I - Duas cartas referentes a Gaspar Barreiros. *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*. A. 1, nº 4 (out./dez. 1955), pp. 277-282.

ALMEIDA, Onésimo Teotónio de – O moderno D. João de Castro. in *O Século dos Prodigios. A Ciência no Portugal da Expansão*. Lisboa : Quetzal, 2018. pp. 183-207.

AMARAL, A. E. Maia do (coord.) – *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

AMARAL, A. E. Maia do (coord.) - *Os livros em sua ordem. Para a história da Biblioteca Geral da Universidade (antes de 1513-2013)*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

AQUARONE, Jean-Baptiste – *D. João de Castro, gouverneur et vice-roi des Indes orientales, 1500-1548: contribution à l'histoire de la domination portugaise en Asie et à l'étude de l'astronautique, de la géographie et de l'humanisme au XVIe siècle*. Paris : Presses Universitaires de France, 1968, 2 vols.

BAJETTA, Carlo M. – Elizabeth I and Sir Walter Raleigh's Classics: The Case of Sophocles. In BIGLIAZZI, Silvia (ed) – *Oedipus at Colonus and King Lear: Classical and Early Modern Intersections*, *SKENÈ. Journal of Theatre and Drama Studies - Studies I*, n.º 2 (2019), pp. 61-85.

BARRETO, Luís Filipe – Introdução à Chorografia de Gaspar Barreiros. *Clio : revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*. Vol. 5 (1984-1985), pp. 55-67.

BARRETO-FEIO, Florencio Mago – *Memoria historica e descriptiva á cêrca da Bibliotheca da Universidade de Coimbra e mais estabelecimentos annexos*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1857.

- BOXER, Charles – Portuguese Roteiros, 1500-1700. *Mariner's Mirror*. 20:2 (1934), pp. 171-186.
- BRIQUET, Charles Moisa – *Les filigranes. Dictionnaire historique des marques du papier*. Genève : A. Jullien, 1907, 4 vols.
- CORTESÃO, Armando – *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI (contribuição para um estudo completo)*. Lisboa : Seara Nova, 1935. vol. 2.
- CORTESÃO, Armando e MOTA, Avelino Teixeira da – *Portugaliae Monumenta Cartographica*. Lisboa : Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960. vol. 1.
- COSTA, Fontoura da – “Este liuro he de rotear...” (conferência) e *Bibliografia dos roteiros portugueses até ao ano de 1700*. Lisboa : Arquivo História da Marinha, 1933.
- COSTA, José Francisco De Faria e COELHO, Maria Helena Da Cruz (coord.) – *A Universidade de Coimbra. O tangível e o intangível*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- DAVEAU, Suzanne – Gaspar Barreiros, lointain précurseur de la théorie des lieux centraux. *Finisterra*. Vol. 15, n. 29 (1980), pp. 114-117.
- A obra de Gaspar Barreiros. Alguns aspectos geográficos. *Revista da Faculdade de Letras*. 5.ª série, n.º 27 (2003), pp. 97-127.
- DESWARTE-ROSA, Sylvie – Le voyage épigraphique de Mariangelo Accursio au Portugal, printemps 1527. In BERBARA, Maria e ENENKEL, Karl A.E. (eds) – *Portuguese Humanism and the Republic of Letters*. Leiden/Boston : Brill, 2012. pp. 19-111.
- DOMINGUES, Francisco Contente – *Os navios do Mar Oceano. Teoria e empiria na arquitectura naval portuguesa dos séculos XVI e XVII*. Lisboa : Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.
- DONATO, Ernesto – Vasco da Gama na Biblioteca Geral da Universidade. *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. 7 (1925), pp. 264-285.
- GARCIA, José Manuel – D. João de Castro: um homem de guerra e ciência. In PAULINO, Francisco Faria Paulino (coord.) – *Tapeçarias de D. João de Castro*. Lisboa : MNAA/CNCDP, 1995. pp. 13-48.
- *A Historiografia Portuguesa dos Descobrimentos e da Expansão (séculos XV a XVII). Autores, obras e especializações memoriais*. Porto: tese de doutoramento apresentada à FLUP, 2006, 2 vols.
- GOMES, Saul António – Manuscritos iluminados quinhentistas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. 7 (2007), pp. 69-110.
- HOOYKAAS, R. – Science in “Manueline style”. In CORTESÃO, Armando e ALBUQUERQUE, Luís de – *Obras Completas de D. João de Castro*. Coimbra : Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1976. vol. 4, pp. 231-426.
- KAMMERER, Albert – *Le routier de dom Joam de Castro: l'exploration de la Mer Rouge par les Portugais en 1541*. Paris : Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1936.

- *La Mer Rouge, l'Abysinie et l'Arabie aux XVIe et XVIIe siècles et la cartographie des portulans du monde oriental*. Le Caire : Société Royale de Géographie d'Égypte, 1947. parte 1.
- LOUREIRO, Rui – Revisitando as Décadas da Ásia: Algumas observações sobre o projecto historiográfico de João de Barros. *e-Spania* [em linha], 30 | juin 2018. [acedido a 15 de setembro de 2020]. Disponível na internet: <http://journals.openedition.org/e-spania/27836>.
- Echoes from Antiquity in D. João de Castro's Maritime Rutters, *Res Antiquitatis*. 2ª serie, 2, 2020, pp. 84-103.
- MARCOCCI, Giuseppe – Gaspar Barreiros. In Prosperi, Adriano (dir.) – *Dizionario storico dell'Inquisizione*. Pisa : Edizioni della Normale, 2010. vol. 1, pp. 139-140.
- *A consciência de um império: Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XV)*. Coimbra : Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- Contro i falsari. Gaspar Barreiros censore di Annio da Viterbo. In DONATTINI, Massimo (ed.) – *Tra Rinascimento e Controriforma. Continuità di una ricerca*. Verona : QuiEdit, 2012. pp. 187-213.
- OLIVEIRA, João Brás de – *Algumas palavras acerca da Marinha Portuguesa: e da sua influência na prosperidade da Nação*. Lisboa : Typ. Sousa Neves, 1885.
- *Marinha Portuguesa*. Lisboa : David Corazzi Editor, 1887, Bibliotheca do Povo e das Escolas, vol. 19, n.º 149.
- Os Navios de Vasco da Gama. In *Centenário do Descobrimento da América. Memórias da Comissão Portuguesa*. Lisboa : Typographia da Academia Real das Sciencias, 1892.
- Influência do Infante D. Henrique no progresso da marinha portuguesa. Navios e Armamentos. *Annaes do Club Militar Naval*. N.º especial (1894) - Commemoração do quinto centenario do Infante Dom Henrique.
- Os navios da Descoberta. Lisboa : Ministério da Marinha, 1940.
- PEIXOTO, Jorge – Considerações sobre o regulamento da livraria da Universidade de Évora. In separata de *A Cidade de Évora*, 1959.
- PEREIRA, José Manuel Malhão – *Roteiros Portugueses, séculos XVI a XVIII*. Lisboa : Universidade de Lisboa, 2017. Tese de doutoramento.
- PEREIRA, Sara Marques – A diáspora dos livros da antiga Universidade de Évora (1759-1806). In VAZ; Francisco Lourenço e PEREIRA, Sara Marques (eds.) – *Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa*. Lisboa : Chiado Editora, 2012. pp. 549-565.
- PISSARRA, José Virgílio – *Portugal e o Desenvolvimento das Marinhas Oceânicas. O Galeão Português. 1518–1550*. Lisboa : Universidade de Lisboa, 2016. Tese de doutoramento.
- RAMALHO, Américo da Costa – Um humanista em viagem, Gaspar Barreiros (1546). In *Para a História do Humanismo em Portugal (IV)*. Lisboa : INCM, 2000. pp. 81-93.
- RIVARA, J.H. da Cunha – Roteiro da viagem que D. João de Castro fez a primeira vez que foi à Índia no anno de 1538. *O Panorama: jornal litterário e instructivo*. Serie 2, vol. 2, n.º 67 (8 de abril 1843), pp. 110-111.

- ROGERS, Francis Millet – *Dom João de Castro and his Red Sea rutter*. Cambridge, Mass., 1953. Estudo inédito.
- SANCEAU, Elaine – *D. João de Castro*. Porto : Livraria Civilização, 1942.
- SANTOS, Alves dos – Novo catálogo metódico da Biblioteca da Universidade de Coimbra. *Boletim bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*. Ano III (1916), pp. 165-174.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo – *Portugueses no Estudo de Salamanca*. Coimbra : [s.n.], 1962.
- VASCONCELOS, Frazão de – Documentos iconográficos das caravelas, naus e galeões portugueses dos séculos XV e XVI. *Arquivo Histórico da Marinha*. Vol 1, n.º 3 (1934), pp. 260-261.
- VASCONCELOS, Joaquim de – *Damião de Goes. No quarto centenário da Índia Portuguesa. VIII - Goesiana, novos estudos*. Porto : [s. n.], 1897.
- VAZ, Francisco António Lourenço (coord.) – *Os livros e as bibliotecas no espólio de D. Frei Manuel do Cenáculo*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 2009.
- VAZ, João Pedro – *Campanhas do Prior do Crato, 1580-1589: entre reis e corsários pelo trono de Portugal*. Lisboa : Tribuna da História, 2005.

Um *Index* dos manuscritos da Biblioteca Real de D. João V no Paço da Ribeira: MS 1 018 da Biblioteca Geral da Universidade da Coimbra

An Index of the Manuscripts in the Royal Library of Dom João V at the Paço da Ribeira: MS 1 018 preserved in the General Library, University of Coimbra

Angela Delaforce¹

A. E. Maia do Amaral²

RESUMO

Tratamos neste artigo de um importante códice da BGUC, o único rascunho hoje conhecido do catálogo dos manuscritos que pertenceram à Biblioteca Real do Paço da Ribeira, em Lisboa, no tempo de D. João V (reg. 1706-1750). A Biblioteca Real foi destruída no terramoto de 1755.

1 Investigadora. <https://orcid.org/0000-0001-5551-7259>

2 Bibliotecário na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. <https://orcid.org/0000-0003-2668-0879>; aemaia@bg.uc.pt

Neste trabalho, examinamos detalhadamente o MS 1 018 dos pontos de vista histórico, codicológico e bibliográfico. Concluímos que foi um trabalho bem coordenado, realizado a quatro mãos, entre 1738 e 1742. Não lográmos identificar os nomes dos bibliotecários individuais que produziram o códice nem a partir dele reconstituir a organização/topografia da Biblioteca. Sabe-se que o volume veio para a biblioteca da *Academia Liturgica Conimbricense* (1747-1767), sediada no Mosteiro de Santa Cruz, mas necessitaremos de investigação adicional para perceber quando e porquê.

PALAVRAS-CHAVE

Biblioteca Real, Portugal; Catálogo de autores e de obras anónimas, 1738-1742; Igreja Católica. Papa, 1740-1758 (Bento XIV); Portugal. Rei, 1706-1750 (João V); Universidade de Coimbra. Biblioteca Geral, manuscritos.

ABSTRACT

This manuscript, preserved in the General Library of the University of Coimbra, is significant for being the only catalogue which has been traced to date of the collection of manuscripts in the magnificent Royal Library of the Paço da Ribeira in Lisbon, created by the Braganza monarch Dom João V (*reg.* 1706-1750). The library sited on the lower *piano nobile* of the "Torreão", was destroyed in the earthquake of 1755. The article examines the history and content of this important document, as well as giving a detailed technical analysis. We have concluded that MS 1 018 was compiled between around 1738 and 1742 by four different hands according to a well co-ordinated system. We have not been able to identify the individual royal librarians who were involved in writing the entries, nor to use the system they devised to re-construct the overall organisation of the Royal Library. The manuscript is known to have entered the library of the *Academia Liturgica Conimbricense* (1747-1767), housed at the monastery of Santa Cruz, but further research is still needed to clarify when and why this happened.

KEYWORDS

Portugal. King, 1706-1750 (John V); Roman Catholic Church. Pope, 1740-1758 (Benedict XIV); Royal Library of Portugal; University of Coimbra. General Library, manuscripts; Authors catalogue, 1738-1742

Qualquer grande biblioteca com uma história centenária e fundos diversificados é um lugar de frequentes descobertas, que são como um fermento da vida dos investigadores.

Procurando elementos para o conhecimento da Biblioteca Real que se perdeu com o terramoto de 1755, um dos autores deste artigo identificou, em 2018, o BGUC MS 1 018 como referindo-se à biblioteca e ao tempo de D. João V. O título do códice, *Index dos Manuscriptos da Livraria do Rey de Portugal* não era enigmático nem enganador, antes era claríssimo; no entanto, até 2019, nunca o documento tinha sido referido em qualquer trabalho diretamente relacionado com a Biblioteca Real, em Lisboa³.



Georg Gottfried Winckler, *Vista y Prospettiva del Palacio del Rey de Portugal, en Lisboa*, gravura aguarelada (30x42 cm), edição de A.V. [Augustae Vindelicorum, i. é, Augsburg] : Georg B. Probst, [s.d.]. A Biblioteca Real ocupava o Torreão poente do paço.
Cota NC-1217. Foto BGUC

3 O MS 1 018 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra já tinha sido usado por Ana Isabel Buescu no seu estudo BUESCU 2010. Mais recentemente, este importante manuscrito do século XVIII foi estudado por Angela Delaforce, que a ele recorreu repetidamente ao longo do seu trabalho sobre a biblioteca reunida por D. João V de Bragança e dele fez uma detalhada análise no *Appendix 3* (DELAFORCE 2019, pp. 284-285).

O manuscrito

O documento que nos ocupará aqui é o resultado da encadernação de 18 cadernos (ou partes deles⁴) preenchidos por quatro mãos diferentes, adiante identificadas por A, B, C e D.

O encadernador guiou-se por uma discreta numeração no canto superior direito da folha inicial de cada caderno⁵ e aparentemente manuscrita por cada um dos escreventes de cada um deles. Isto indicaria que os vários amanuenses estavam articulados entre si, trabalhando a várias mãos para constituir um códice numa ordem pré-definida. O mesmo parece confirmado pela ocorrência da palavra "*Manuscriptos*" escrita por extenso no topo da primeira folha do primeiro caderno, enquanto nos cadernos subsequentes a menção se abrevia para "*M.S.*" (sempre na folha inicial) com exceção dos cadernos 4º, 6º, 8º e 9º, que nada têm. Modernamente, todo o MS 1 018 foi renumerado a lápis⁶, como aconteceu com a generalidade dos manuscritos da BGUC.

Os papéis que constituem o códice são de quatro fabricos, com diferentes marcas-de-água: os escreventes A e B utilizam os papéis 1 e 2, enquanto o escrevente C usa exclusivamente o papel 3, que nenhum dos outros utiliza. O último (e insólito) caderno 18, de que resta um único bifólio (f. 166 e 177), é do papel 4 e de uma mão insuficientemente caracterizada, que nomeámos D. Parece, pois, haver correlação entre os autores e os papéis usados, como se a cada um tivessem sido distribuídas resmas com origens diferentes. Ver **Anexo 1**, no final.

Infelizmente, os papéis usados revelaram-se comuns e de produção demasiado prolongada para permitirem precisões cronológicas

4 O 1º caderno tem 16 f., todos os outros têm 10 folhas com exceção do 18º e último que está incompleto e que apresenta apenas um bifólio (composto pela f. 166, em branco, e pela f. 177); estariam as restantes folhas deste caderno em branco e por isso foram excluídas da encadernação?

5 Visível a folhas 1, 16, 26, 36, 46, 56, 66, 76, 86, 96, 106, 116, 126, 136, 146, 156, 167 e 177.

6 F. 1 a 177, com a anomalia de uma folha numerada 3A.

que relevem para a datação do manuscrito. Os papéis 1 e 2 são claramente fabricados em Itália para o mercado português, pois à fábrica da Lousã faltaria capacidade para abastecer todo o mercado do reino e das colónias. Os papéis 3 e 4 não foram identificados.

O *Index dos Manuscritos* conserva a encadernação original do século dezoito, inteira de couro simples com entrenervos dourados e um rótulo vermelho na lombada com a legenda “MANUS/CRIPT” a ouro. O título dado ao manuscrito foi-lhe atribuído e caligrafado no momento da encadernação, inscrito sobre folha de papel idêntico ao das guardas.



Lombada do MS 1 018, com sete nervos e rótulo MANUS/CRIPT dourado na segunda casa. Foto BGUC

Proveniência do códice

A primeira folha de guarda ostenta uma marca de posse que diz “*Da Academia*”. Outros volumes da BGUC com marcas semelhantes “*Da Academia*” e “*Da Academia Pontifícia*” (algumas da mesma mão, ver **Anexo 2**) permitem garantir que se trata da biblioteca da *Academia Litúrgica Pontifícia dos Sagrados Ritos e História Eclesiástica*, sediada (1747-1767) no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

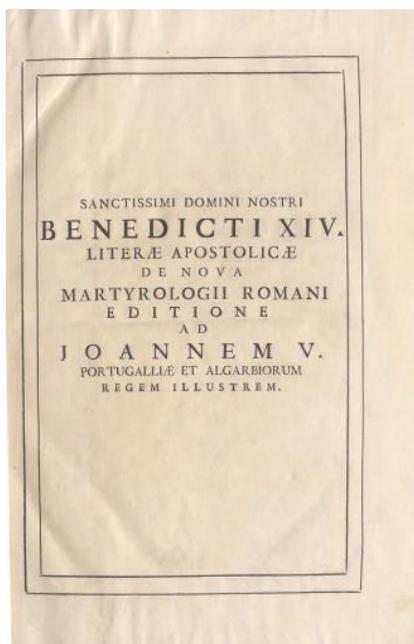


Charles Thurston Thompson, Mosteiro de Santa Cruz, Coimbra, em setembro de 1866, prova em albumina. Mostra parte da ala (demolida) da biblioteca da Academia Pontifícia. Cota R-69-16 A. Foto BGUC

A última década do reinado de D. João V é definida pelas relações entre Portugal e a Santa Sé, sobretudo com o intelectual Prospero Lambertini, eleito como Papa Bento XIV (*reg.* 1740-1758), um dos homens mais cultos do seu tempo, também conhecido pelas suas reformas da liturgia. Em junho de 1742, os presentes luxuosos do rei português ao papa incluíram um cálice de ouro, decorado com lápis-lazuli e cristal de rocha, executado por Francesco Giardoni, em Roma. Logo em dezembro de 1745, a Coroa portuguesa contribuiu magnanimamente para as obras da basílica de S. Pedro⁷. Reciprocando, Bento XIV fundou em Coimbra, em 22 de junho de 1747, a Academia Litúrgica Pontifícia dos Sagrados Ritos e História Eclesiás-

⁷ MORELLI 1965, pp. 152, 387-388; DELAFORCE 2002, pp. 167-175 e fig. 70.

tica (ou *Academia Liturgica Conimbricense*), que fez alojar no Colégio dos Cónegos Regulares de Santo Agostinho, no velho mosteiro de Santa Cruz, fundado em 1131. O papa continuou a apoiar e proteger a Academia, dando-lhe presentes, manuscritos e livros⁸. Em 1748, D. João V respondeu com o patrocínio de uma nova e magnífica edição de uma obra da estimação do papa, os seus *Martyrologii Romani* (Roma, 1748), dedicados ao Rei de Portugal. Em dezembro de 1748, estas cortesias diplomáticas terminam com a atribuição pelo papa, ao rei e a todos os seus sucessores, do título de *Rex Fidelissimus*, em reconhecimento pelos muitos anos de contribuições reais para a Igreja Romana. D. João V morreu dezanove meses mais tarde, a 30 de julho de 1750.



Prospero Lambertini (Papa Bento XIV), *Martyrologii Romani* (Roma, 1748) com a dedicatória a D. João V, Rei de Portugal e dos Algarves. Cota 1-14-18-397. Foto BGUC

8 Pelo menos um manuscrito (autógrafo?) da sua autoria foi oferecido à biblioteca crúzia e encontra-se hoje na BGUC, onde tem a cota MS 1 461. A ele se referem Joaquim Martins de Carvalho (CARVALHO 1894, p. 325-326) e J. M. Teixeira de Carvalho, (CARVALHO 1921, p. XV e nota 1).



Guillaume François Laurent Debrie, pormenor do frontispício gravado para: Manuel da Cunha, *Relação das Exéquias que pela Alma do Fidelíssimo Senhor Rey D. João V celebrou na Santa Cathedral de Viseu* (Lisboa, 1751). Detalhe do monumento funerário coroado pela Fama e pelas Virtudes Cardeais da Fé e da Esperança. Cota 1-15-13-252. Foto BGUC

Os “pertences” nas obras da biblioteca visavam distinguir (do ponto de vista da posse) estes livros dos das outras bibliotecas de Santa Cruz (a do Mosteiro, a do Noviciado e a da Botica), pois não parece ter existido uma distinção física entre esta Biblioteca e a(s) do Mosteiro, apesar da separação prevista nos *Statuta* da Academia Litúrgica⁹. Quando D. Pedro da Encarnação (1729-após 1803), bibliotecário de Sta. Cruz de Coimbra, fala dos livros que vieram de Roma, em 1750, por troca com as *Obras* de Bento XIV (impressas e pagas pela Academia Conimbricense) entende-se que eles ficaram na biblioteca geral da Congregação:

*e foy necessário accomoda-los pelo meyo da Livraria sobre bancos.*¹⁰

⁹ CABECINHAS 2009, p. 157.

¹⁰ Apontamento de D. Pedro da Encarnação, citado por CARVALHO 1921, p. IX.

Na Livraria do Mosteiro conservou-se também, até à sua extinção, um busto em mármore do Papa Bento XIV, com o qual os monges quiseram homenagear a criação da Academia¹¹. Está hoje nas reservas do Museu Nacional de Machado de Castro, em Coimbra.



Prospero Lambertini (Papa Bento XIV), artista desconhecido, mármore (alt. 86 x larg. 65 x prof. 35 cm) que pertenceu ao Mosteiro da Santa Cruz de Coimbra e agora no Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra. Inv. 15.036. Foto Arquivo do MNMC

A proximidade entre estas bibliotecas também é evidente noutro manuscrito da BGUC, o MS 1 815: de um lado, contém as *Atas* das sessões da Academia Litúrgica Pontifícia (apenas de 1758 a 1761) e do outro, em *tête-bêche*, um elenco das *Dissertações* (1758-1764) proferidas na mesma Academia. Muitas das páginas interiores são ocupadas com dois róis de entradas de livros na biblioteca dos crúzios, sem datas¹²; Esta reutilização para listas de compras parece-nos um aproveitamento de papel, significativo de que o volume com

11 CARVALHO 1921, p. XIII-XIV.

12 Um deles sendo bibliotecário D. Manuel [*sic*, por Pedro] da Encarnação (bibliotecário em 1747-1778 e 1783-1798) e outro referente ao período de D. José de Avé-Maria, bibliotecário em 1806.

muitas folhas em branco estava à mão dos Crúzios, sem uso (depois de 1767), provavelmente na sua Livraria.

A Academia focava-se no estudo da história da liturgia cristã em geral e hispânica, em particular, e foi encerrada vinte anos mais tarde por Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal. Cremos que terá sido na sua qualidade de elenco das fontes existentes na Biblioteca Real sobre o cerimonial e a liturgia Romana que se tenha justificado o ingresso deste manuscrito na biblioteca da Academia, em Coimbra. A ser assim, tal ingresso só pode ter ocorrido entre 1747 (criação da Academia) e 1755 (terramoto), já que nos parece evidente que - depois da destruição do acervo da Biblioteca Real - um tal catálogo teria perdido todo o interesse, enquanto obra de referência.

Da mesma forma como este volume (rascunho de catálogo) veio para Coimbra, possivelmente outros vieram. É o que podemos deduzir desta frase de J. M. Teixeira de Carvalho, quando inventaria as edições quinhentistas conhecidas do *“Livro das Constituições e costumes que se guardam em o moesteiro [sic] de Santa Cruz de Coimbra...”*:

*O único exemplar de que acho notícia certa [da edição de 1532], existia antes do terramoto na livraria real de el-rei D. João V, segundo os **apontamentos manuscritos que vi** do respectivo bibliotecário o P. José Caetano de Almeida¹³.*

Ao papel deste Padre José Caetano de Almeida nos referiremos adiante. Infelizmente, o Doutor Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (Quim Martins) nada mais nos diz sobre os “apontamentos manuscritos” que viu, ou sobre o local onde os consultou. Em Coimbra, ele foi das personalidades mais marcantes da sua época, um portentoso erudito, cujo alcance de conhecimentos não cessa de nos surpreender. Conhecia todas as livrarias públicas e particulares da cidade, sendo

13 CARVALHO 1921, p. 39. Sublinhado nosso.

ele próprio um bibliófilo. Esta fonte que Quim Martins conheceu e consultou na segunda década do século vinte¹⁴ tem de dar-se hoje por perdida; mas, se voltasse a ver a luz do dia, acrescentaria certamente ao conhecimento da Biblioteca Real mais um precioso “catálogo”¹⁵, agora referindo os notáveis impressos que aí existiram.

Uma etiqueta na lombada do *Index* ostenta o número “11” (ou “II”?) impresso dentro de um retângulo. Nos fundos da BGUC, apenas identificámos uma outra obra com uma etiqueta semelhante, exactamente o MS 1 815 da *Academia Conimbricense* atrás referido, com a etiqueta número “7”. Este deve ser, portanto, um número sequencial atribuído a volumes manuscritos já na biblioteca da Academia Litúrgica Pontifícia, em Coimbra, que nenhuma relação terá com as colocações dos documentos na Biblioteca Real¹⁶.



Etiqueta de papel com o número “11”, colada na lombada do MS 1 018. Foto BGUC

14 O original deste volume foi publicado em artigos no *Boletim Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, entre 1914 e 1916.

15 No entanto, existem nos BGUC MS 633 (f. 161-169v) e BGUC MS 677 (f. 343-347, numer. nova 320-324v), também do período Joanino, pequenos róis ou fragmentos de catálogos de impressos e de manuscritos adquiridos para a Biblioteca Real.

16 Contudo, o manuscrito de Lambertini, oferecido a Santa Cruz (ou à Academia?) pelo futuro Papa (ver nota 6 atrás) não tem qualquer etiqueta reconhecível na lombada, conservando apenas vestígios de outrora ter tido uma.



Etiqueta de papel com o número "7", colada na lombada do MS 1 815. Foto BGUC

Esta Academia ainda não foi convenientemente estudada¹⁷, mas a lista dos seus sócios inclui alguns dos mais proeminentes religiosos da época e muitos dos eruditos membros da Academia Real da História Portuguesa, fundada em Lisboa por D. João V, em 1720. Dada a raridade do folheto *Catálogo dos sócios d'Academia Liturgica Pontificia*, transcrevemo-lo integralmente no **Anexo 3**. Qualquer destas pessoas pode ter estado na origem do ingresso do códice na biblioteca conimbricense.

Forma e data da constituição do códice

Não parece existir uma ordem ou sistema nas entradas do MS 1 018, que não se organizam por assunto, nem por formato, por data ou por língua. As obras parece terem sido inscritas aqui

17 Além de CABECINHAS 2010, existe apenas um estudo sobre a sua tipografia própria (CARVALHO 1868) que J. M. Teixeira de Carvalho classifica de "muito transcrito e muito cheio de inexatidões" (CARVALHO 1921, p. 5).

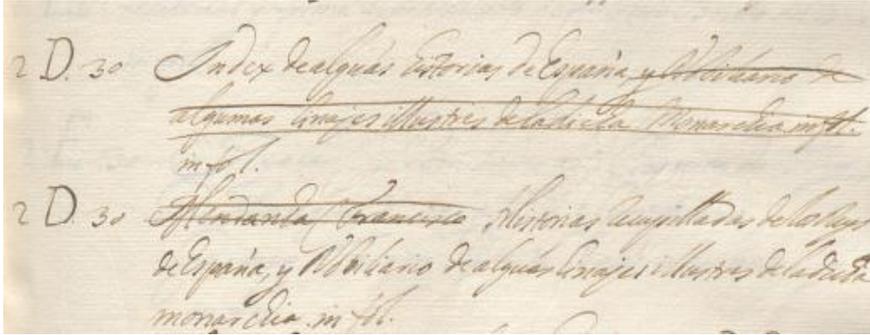
de forma corrida e rápida, portanto num curto período de tempo, rapidez que a partilha de trabalho entre vários escreventes também visaria. Conhecemos através de outras fontes as datas de aquisição, muito estendidas no tempo, de alguns dos manuscritos mais notáveis do Rei. Este borrão não pode ter demorado a executar as dezenas de anos que medeiam entre essas aquisições, pelo que só poderá corresponder a uma das (várias) tentativas de catalogação do acervo joanino. Trabalhos de catalogação da Biblioteca Real estão documentados em abril de 1722 e, de novo, em 1724. Em 1731 e 1733, as ocupações catalográficas de Martinho de Mendonça de Pina e Proença também são registadas no *Diário* do Conde da Ericeira¹⁸, mas pouca informação existe ainda disponível sobre o trabalho dos bibliotecários do Rei, certamente mais contínuo do que as pontuais notícias de que dispomos.

O nível muito conciso de descrição dos espécimes não permite perceber se descrições idênticas correspondem a repetições da mesma obra ou a documentos diferentes com conteúdos semelhantes. Com uma exceção: no caderno 1 existem 6 folhas de uma única mão (da mão B, que não volta a escrever noutro ponto do códice) e percebe-se bem que quase todas as entradas¹⁹ desta parte se encontram repetidas noutras partes do *Index*, com as mesmas “cotas”. O grosso destas descrições repetidas refere-se a Conclaves, história romana e cerimoniais diversos, mas não só. Esta anomalia pode explicar-se por um aproveitamento posterior, como papel em branco, das 6 folhas do 1º caderno (que é, como dissemos, maior que os outros) oportunisticamente usadas para inventariar uma entrada de um lote de manuscritos, ou de um certo número de caixotes.

18 MENESES 1943, pp. 72, 177.

19 Examinadas por amostragem as folhas 10-11v desta mão, apenas duas das descrições não conseguimos encontrar noutros locais: *Directorium chori pro Cantoribus* (i.F.30 na f. 10) e *Sylua / Phelippe / Colleção de decretos, e sessoens de Cons. Rom. de 1723 fl.* (3.H.30 na f. 10v).

Os 4 (ou 3?) intervenientes no manuscrito têm diferentes caligrafias e distintas competências linguísticas. Registam-se poucas interrupções, mudanças de ritmo da escrita ou de tinta (f. 78), dentro da mesma mão. Há vários erros que parecem ser de cópia, prontamente corrigidos.



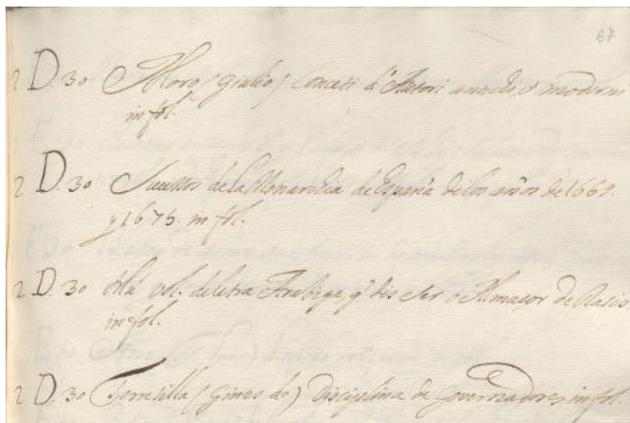
Erro de cópia (salto de linha) à f. 57 do MS 1 018. Foto BGUC

A mão A é mais floreada; não conhece a língua grega (f.21²⁰) nem a hebraica (f.38) nem a árabe (f.56, 57), mas tem competência bibliográfica²¹. No início, este escrevente tem dificuldades com o estabelecimento dos critérios²² e com as “cotas”: a ordenação do que chamamos “cotas” dos livros começou nesta mão com um critério fluido, por “A.30” (ou A3 por erro) e depois da f. 3 estabiliza na indicação “A.B.30” e depois em “1.B.30”, notação que serve de ponto de partida para a estrutura do restante volume.

20 Mas esta descrição sua levanta-nos alguma dúvida “Perguntas, Re[s]postas de Prodomo, escritas em língua grega” (1.H.30 na f. 36).

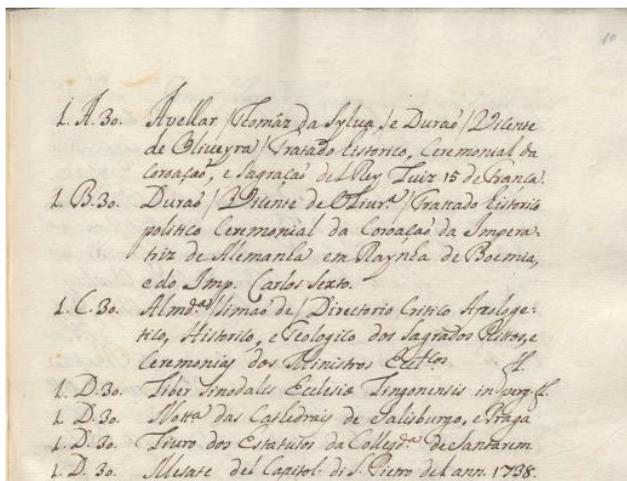
21 Numa obra acrescenta “de letra antiga, que parece original” (A.30 na f. 1), noutra arrisca “Supponho ser obra de Antonio de Castro” (1,1,30 na f. 41) ou “parece ser obra de João de Mena” (3.G.30 na f. 95).

22 No início (f. 2), os 2 volumes de um Tito Lívio “de letra antiga” são inscritos em 2 linhas enquanto ao longo do catálogo as entradas se farão sempre numa única entrada pelo título da obra, com adição do número de volumes no final.



Exemplo da caligrafia da Mão A (f. 57 MS 1 018). Foto BGUC

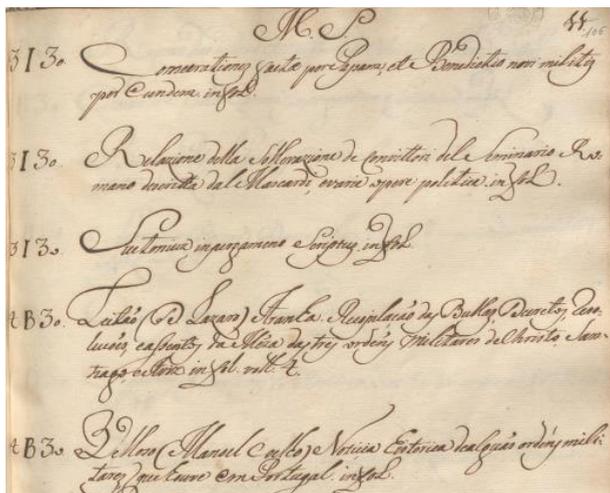
A mão B é mais compacta e concisa nas descrições; é a única que usa frente e verso da folha e não conhece a língua hebraica (f.10). Até meio da página inicial (f.10), também não assinala sistematicamente os formatos, o que corrigirá logo a seguir.



Exemplo da caligrafia da Mão B (f. 10 MS 1 018). Foto BGUC

A mão C tem uma letra mais ornamentada, deixa o verso das folhas em branco (como a mão A) e é muito legível, letra cuidada até. Porque nos seus cadernos não existem obras em grego, hebraico ou árabe,

não podemos perceber o seu domínio destes idiomas. No entanto, é pessoa bibliograficamente competente, representando com traço horizontal (ao modo das bibliografias impressas) o mesmo nome em entradas sucessivas²³ e deixando observações sobre possíveis identificações dos códices que descreve²⁴.



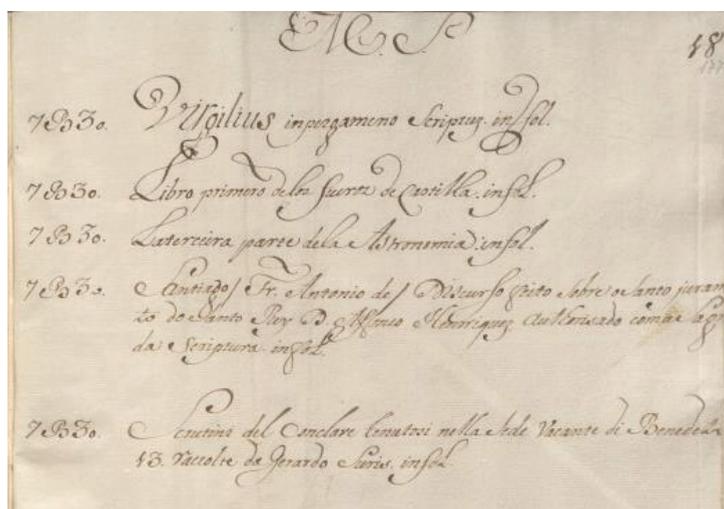
Exemplo da caligrafia da Mão C (f. 106 MS 1 018). Foto BGUC

A última folha (e única deste caderno) mostra semelhanças com a mão C, porém com distinta grafia do “M” inicial e dos “B” nas “cotas”; será do mesmo escrevente C (mas em época posterior) ou será mesmo de um quarto amanuense? Optámos por distingui-lo como o escrevente D. É nesta folha que ocorre a obra mais tardia de todo o catálogo (1742). Para validar a ideia de que o códice reuniu cadernos produzidos individualmente por diferentes inventariantes e previstos para figurarem numa ordem precisa, fizemos um levantamento dos *termina post quem* de cada Caderno, assinalando as datas atribuídas aos documentos (ou a mais recente mencionada nos seus conteú-

23 F. 106-108, 142, 162-164, 168, etc.

24 “Pareçeme a obra de Hugo Grocio” (f. 127), ou “...o que tudo parece obra de algũ Senhor da Casa de Bragança” (f. 98) ou “...poderá ser feito por Antonio de Castro” (f. 112).

dos) apesar de serem poucas as entradas que as têm. Este exercício evidenciou que todos os inventariantes registam tanto obras antigas como obras recentes, num padrão de distribuição muito semelhante. Pareceu-nos dispensável sobrecarregar o artigo com esta informação. Registe-se apenas que o primeiro caderno (mãos A e B) tem o seu *terminus post quem* em 1739, que a data mais recente que ocorre nos restantes cadernos da mão A é 1740 e que nos cadernos 10º a 17º (mão C) a data mais recente registada é 1738. No caderno 18º, a última data é 1742. Sem excluir a possibilidade de ter sido simultânea, a escrituração dos cadernos separados pode ter sido sequencial, entre 1738 e 1742.



Exemplo da caligrafia da Mão D (f. 177 MS 1 018). Foto BGUC

As “cotas” da Biblioteca Real?

Cada um dos documentos é precedido daquilo que, por facilidade, temos vindo a chamar “cota”, uma notação constituída por um algarismo, uma letra e o número 30, que se repete em todas elas:

algarismo . letra . 30

Era muito tentador perceber se estas “cotas” poderiam ser usadas para reconstituir a organização física da Biblioteca Real de D. João V, cujo aspeto geral não conhecemos. Como todas as bibliotecas “iluministas”, era certamente organizada de forma classificada, ou “metódica”, como então se dizia. Aliás, uma tentativa de catálogo já tinha sido dividida dessa forma “metódica” entre um grupo de notáveis, em 1724²⁵.



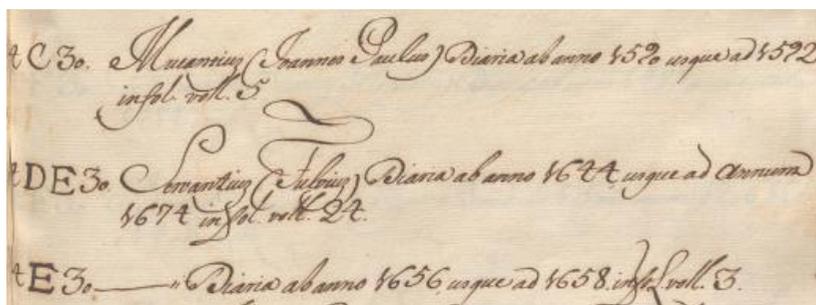
Olivarius Cor, gravura sobre desenho de Inácio de Oliveira Bernardes, *Magnes Sinicus Regis Portugalliae* [magnete chinês do Rei de Portugal], montado em Lisboa para D. João V, por William Dugood, FRS, entre 1744 e 1748, em exibição na Biblioteca Real do Paço da Ribeira. Museu da Ciência da UC. Inv. 2019.14.1 Foto MCUC

25 Seguindo um sistema definido pelo Conde da Ericeira, Manuel Caetano de Sousa catalogaria as Biblias, Francisco Xavier Leitão a Filosofia e Medicina, o próprio Conde da Ericeira a Matemática e as Artes, o Marquês de Alegrete a Filologia e a Literatura e, finalmente, o Marquês de Abrantes a História. Cf. DELAFORCE 2019, p. 110.

Infelizmente, as “cotas” inscritas neste manuscrito não seguem nenhum critério temático discernível, nem nos parece que o seu significado seja evidente: o número extraordinário de 129 fólhos e 2 fólhos magnos todos “arrumados” sob a “cota” 1.A.30 impede que se possa pensar em A como sendo uma Estante e 1 como uma prateleira dela, ou vice-versa, já que esses 131 *in folios* ocupariam cerca de 6 metros de prateleira. Ou um pouco menos, se os volumes manuscritos ocuparem (como empiricamente verificamos) menos espaço do que os correspondentes impressos.

De uma forma geral, pode dizer-se que as letras A, B, C, D, F andam atribuídas²⁶ a volumes *in folio* e as letras E, G, H, I acolhem formatos diversos, desde o *in folio* até ao pequeno *in 8º*. Porque existe esta coerência entre as letras das “cotas” e os formatos dos volumes inventariados, elas remetiam certamente para localizações físicas, sejam estantes ou caixas²⁷. Ver **Anexo 4**.

Uma confirmação de que estas sejam localizações topográficas, parece decorrer da ocorrência pontual de duas “cotas” de transição: 4.DE.30 (f. 107) e 7.BC.30 (f. 162), referidas a obras extensas que, muitas vezes, ainda nas bibliotecas de hoje, têm de passar de uma prateleira ou estante para a seguinte: com efeito, a primeira destas tem 24 volumes e a segunda 29, todos no formato *in folio*.



Esta “cota” de transição 4.DE.30 corresponde à “colocação” dos 24 volumes *in folio* da mesma obra (f. 107 do MS 1 018). Foto BGUC

26 Com exceção de 5 volumes *in quarto* em C.1.30.

27 Refere-se até documentação “em um embrulho” (f. 171).

Usando as métricas dos livros (impressos) mais ou menos contemporâneos do piso nobre da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, os 1 796 volumes registados no *Index* ocupariam cerca de 75 metros lineares de estantes. Certamente que este número não cobrirá a totalidade dos manuscritos que a Biblioteca Real albergava por 1738-1742.

O que o *Index* inclui e não inclui

Para além dos volumes que se sabe terem sobrevivido fisicamente à destruição da biblioteca, ou porque foram salvos dos escombros ou porque andassem “por fora” por alguma razão, e daqueles que Diogo Barbosa Machado, que conhecia muito bem a Biblioteca Real, refere na *Bibliotheca Lusitana* como tendo aí existido, este volume (ainda que parcelar) é a melhor forma de nos apercebermos da extraordinária riqueza bibliográfica que se perdeu irremediavelmente com o terramoto de Lisboa.

Ana Isabel Buescu já tinha assinalado uma perda relevante, referida à f. 93 deste códice, a tradução da obra de Vergerio *De Ingeniis Moribus et Liberalibus Studiis* para português, por Vasco Fernandes de Lucena, de que hoje só conhecemos o Prólogo²⁸.

De resto, a Biblioteca enchia-se de crónicas medievais originais, cópias e traduções de clássicos gregos e latinos, uma avalanche de documentação sobre S. Pedro de Roma (obsessão dos últimos anos de D. João V) e ainda de todos os originais das obras que o rei português encomendou (ou cuja impressão patrocinou) e que os autores eram compelidos a depositar “generosamente” na Biblioteca Real.

Alguns temas podem ser destacados: manuscritos de escritores clássicos, tais como Ovídio, Séneca e Aristóteles e trabalhos de escritores renascentistas, como a *Divina Commedia* de Dante Alighieri

28 BUESCU 2010, p. 65 e nota 61.

(1.B.30 na f. 6) ou a "*Primeira parte do Index da Livraria de Musica del Rey D. João 4º*" (3.E.30 na f. 89) podem ter feito parte da Biblioteca da Corte no Paço da Ribeira, antes de 1707, tendo entrado por herança. Outros manuscritos sugerem uma proveniência da coleção ducal da Casa de Bragança. Um grupo de manuscritos castelhanos, alguns listados em conjunto (f. 54), podem ter sido herdados do período dos Habsburgos espanhóis. Existem também as encomendas de D. João V, que podem ser confirmados documentalmente ou em fontes impressas contemporâneas, como a *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado.

Uma das primeiras entradas no *Index* é uma raridade que pode ter sido adquirida para a Biblioteca Real pelo diplomata D. Luís da Cunha, em Paris, nos primeiros anos de 1720s (antes de 1725). Referimo-nos à tradução do *De Casibus Virorum Illustriorum* (1355-1360) do poeta florentino Giovanni Boccaccio para a língua francesa, com o título *Des Nobles Malheureux*. O manuscrito *in folio* é descrito como iluminado em pergaminho (A.30 na f. 3).

Um grupo de nove manuscritos *in folio* são relatos de conchaves papais sucessivos, desde 1605, alguns dos quais cópias diretas de originais da *Biblioteca Apostolica Vaticana*. Outros continham informação em Latim ou em Italiano sobre cada aspeto do Ritual, da Liturgia, Cerimonial e Música das basílicas e igrejas de Roma, antigas e modernas, como Latrão, mas sobretudo de S. Pedro e suas Capelas, na cidade do Vaticano. O pedido destes documentos foi feito pela Legação portuguesa em Roma e pode ligar-se às reformas da liturgia e cerimonial empreendidas por D. João V para adequar (a partir de 1718) a prática da sua igreja Patriarcal ao cerimonial da Basílica de S. Pedro.

A relevância e o número avultado de manuscritos sobre este assunto pode justificar porque é que o *Index dos Manuscriptos* passou para a *Academia Liturgica Pontificia*, uma instituição dedicada ao estudo da liturgia católica.

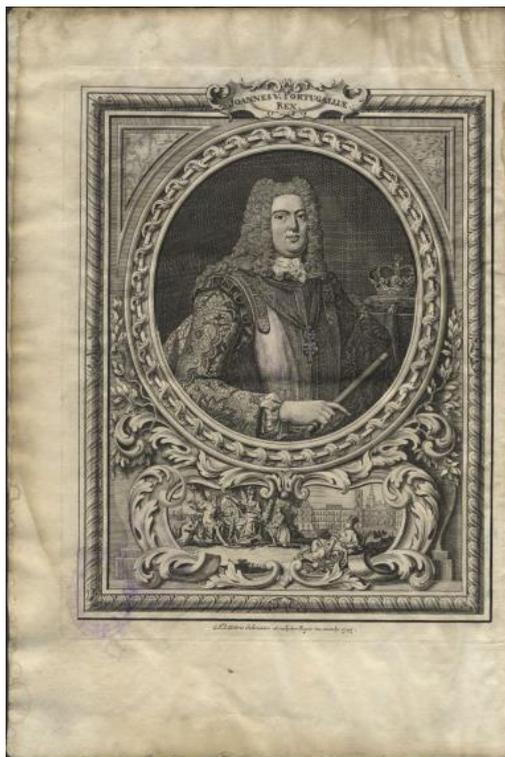
O *Index* inclui manuscritos italianos, franceses, espanhóis e portugueses sobre arte e arquitetura. Alguns deles encontravam-se encadernados em álbuns de mapas, de gravuras, de planos ou de perspectivas (em iluminuras ou em aguarelas) de várias basílicas, igrejas e respetivos altares, porém sem indicação de autorias.

Transcrevemos alguns exemplos com a grafia e a pontuação originais:

Mémoire des pieces dans le volume qui compose l'autore d'Étienne Baudet fourny á l'Embassadeur de Portugal [Luís da Cunha] par Jean Mariette ce duze Juillet 1726 et autres memoires in fol. (1.B.30 na f. 5). [É a única referência à *Memoire* enviada por D. Luís da Cunha de Bruxelas para a Corte de Lisboa, em julho de 1726, e conservada na Biblioteca Real. Refere-se a um dos álbuns da extensa coleção de Estampas Francesas reunida para D. João V por Jean Mariette (d. 1742) e o seu filho Pierre-Jean Mariette (1694-1774). Este projeto é documentado pela correspondência trocada entre Luís da Cunha e o Secretário de Estado, que se estende entre julho de 1724 e novembro de 1728. Cada uma das estampas desse talentoso Étienne Baudet (1636-1711), gravador do Gabinete do Rei de França, ficara listada nestas notas manuscritas de Pierre-Jean²⁹. A referência "*ce duze (douze) Juillet 1726*" faria parte do título do documento ou terá sido copiada de listagem/catálogo anterior? Cremos que não podem ser palavras do catalogador, o que daria um enquadramento cronológico a este rascunho muito diferente daquele que lhe temos atribuído].

S. M. Fr. José | Diario Triumphal da Sagração da Igr[e]ja de Mafra (2.G.2 na f. 10v). [Manuscrito de João de São José do Prado do "Monumento sacro da fabrica e solemniissima sagração da Santa Basilica do Real Convento de Mafra" que só seria publicado em Lisboa, em 1751, na oficina de Miguel Rodrigues, dedicado a D. João V e com gravuras de Michel Le Bouteux].

29 Cf. MANDROUX-FRANÇA 1996-2003. Vol. II, pp. 192, 204, 258, 338, 339, 344. vol III, pp 89-98.



Guilherme Francisco Lourenço Debrie, retrato de D. João V, datado de 1743, com representação da fachada do convento-palácio de Mafra. Cota J.F.-39-6-13. Foto BGUC

Livro de pint[ur]a de hua Basilica de Roma do anno de 1739 (2.B.30 na f. 46).

S. Joseph (Fr. Luiz de) | Collecção de plantas e prespectivas de varias povoações das Provincias de Minho e Beira, in fol. (3.A.30 na f. 170). [Um manuscrito iluminado, "Cidades e Villas de Provincia da Beira e Minho" (1726), em duas partes, foi encomendado por D. João V ao pintor cisterciense Padre Luís de S. José³⁰].

Relação dos Creados del Rey de Gram Bretanha, q vestem a sua libre, das suas obrigações e sellarios, in quarto (2.I.30 na f. 78). [O manuscrito ilustrado foi encomendado em Londres, em 1724, pelo diplomata António Galvão de Castelo Branco e documenta o interesse de D.

30 Cf. SILVA 1750, p. 282.

João V pela corte inglesa. O pedido do rei era de informações sobre as librés usadas na corte do rei hanoveriano Jorge I, com detalhes sobre deveres e salários dos criados³¹].

Nele não figuram os manuscritos das vultosas coleções adquiridas por D. João V no norte da Europa, nem os da biblioteca Sunderland, comprada em Londres (1723-1725)³². Desde o início, de acordo com as instruções do Secretário de Estado, Diogo de Mendonça Corte-Real (1658-1736), cada uma destas compras era despachada para Lisboa já acompanhada de um inventário, compilado depois da sua efetiva compra ou do leilão.

(In)conclusões

O objetivo deste artigo foi dar publicidade a uma fonte que nos parece de extraordinária importância. Ambicionávamos poder determinar os autores e as circunstâncias em que o códice foi produzido, mas cremos que tal não é possível, de momento. Falta ainda muita informação sobre os bibliotecários que trabalharam ao serviço de D. João V, na sua Biblioteca Real.

No estado atual dos nossos conhecimentos, poucas são as conclusões possíveis: Sabemos que o *Index* é, até agora, uma fonte única, sem paralelo. Sabemos que apontamentos (semelhantes?) do catálogo dos livros impressos também vieram para Coimbra e aqui se conservavam por volta de 1920. Sabemos que foi o resultado de um trabalho metódico, coletivo e bem organizado de inventariação dos manuscritos da Biblioteca Real. Sabemos que, talvez porque fosse um mero borrão entretanto copiado para inventário ou catálogo mais definitivo (não se concebe que o catálogo final da Biblioteca Real pudesse ter sido executado em dimensões tão modestas), veio para Coimbra e, por isso, sobreviveu ao desastre de 1755.

31 DELAFORCE 2019, p. 180.

32 DELAFORCE 2019, chapter 7, pp. 165-187.

Como possíveis “*pessoas de interesse*” em relação a este manuscrito, elencaríamos as seguintes:

O Padre José Caetano de Almeida, C.R., foi bibliotecário real pelo menos desde o ano de 1712 e terá permanecido nesse posto até ao desastre de 1755. Dado o seu longo e íntimo conhecimento da Biblioteca, pode ter sido ele que procurou e salvou dos escombros do Torreão do Paço aqueles volumes e álbuns de gravuras que dela sobreviveram³³. Não se conhecem elementos biográficos sobre ele, mas é registado, em 1756, como “primeiro bibliothecario” na temporária biblioteca real da Ajuda. Como dissemos acima, ter-se-á conservado em Coimbra, até à segunda década do século XX, um catálogo (ou borrão?) da sua mão referente aos impressos da Biblioteca Real, que J. M. Teixeira de Carvalho ainda conheceu e de que não temos, infelizmente, qualquer outra notícia.

Martinho de Mendonça de Pina e de Proença Homem (1693-1743) foi um dos fundadores da Academia Real da História Portuguesa, era poliglota e foi bibliotecário da Real Biblioteca (com algumas interrupções), entre 1722 e 1733. Era um organizador-nato e temos o seu relato de como pôs em ordem os papeis da administração de Minas Gerais (Brasil), entre 1734 e 1738³⁴. Contudo, não temos notícias da sua atividade na biblioteca nos anos a que atribuímos a produção do códice (1738-1742), quando estaria ocupado como conselheiro do

33 Sobre este assunto ver DELAFORCE 2019, pp. 129, 196-198.

34 Pela sua curiosidade, não resistimos a transcrever a descrição desses trabalhos: “*Guardavão-se os Libros e papeis da Secretaria amentuados [sic], a hum Canto da Caza do Secretario sem clareza algúa, destinou-se para Secretaria hum quarto desta Caza com Estantes e Almarios em que se puzerão os Livros, e papeis devididos em massas, e numerados de que se formou hum inventário, que contem destintamente a substancia de todas as ordens, e documentos, para com facilidade se poderem achar, e por este mui facilmente, se podem informar os Governadores de todas as ordéns que há sobre qualquer matéria...*” (Carta de Martinho de Mendonça para D. João V, sobre a ocupação do cargo de Secretario do governo de Minas, de 03/08/1736. In SISDOC. *Projeto Resgate de Documentação Histórica Barão do Rio Branco: documentos manuscritos avulsos da capitania de Minas Gerais do Arquivo do Conselho Ultramarino*. Belo Horizonte: APM, 2003. cx. 32, doc. 31). Sobre este tema, ver CAVALCANTI 2010, p. 249-253.

Conselho Ultramarino. No final da vida, também esteve envolvido na organização dos “Papeis do Brasil” guardados na Torre do Tombo³⁵, de que era o Guarda-mór, desde 1742. Morreria em março do ano seguinte “*de huma dilatada doença*”, segundo informa a “Gazeta de Lisboa”³⁶.

O Padre Manuel de Azevedo, S.J. (1713-1796), natural de Coimbra, foi professor no Colégio de Santo Antão, em Lisboa, e em Évora. Foi para Roma em 1742, onde se tornará próximo de Bento XIV e compilador/editor dos escritos do Papa. Em Roma, Manuel de Azevedo dá também um contributo decisivo para a *Schola Sacrorum Rituum* do Collegio Romano, fundada por Bento XIV, em 1740. É de Roma que sugere para Coimbra ao bispo D. Miguel da Anunciação a criação de uma Academia Litúrgica Pontifícia. As duas Academias estarão próximas na história da constituição da Liturgia enquanto disciplina universitária, por terem em comum o seu objeto de estudo (os Sagrados Ritos) e o nome de Manuel de Azevedo³⁷. Ignora-se a extensão exata dos seus esforços na obtenção para Portugal da longa série de sucessos diplomáticos junto da Santa Sé, nos anos finais do reinado de D. João V. Contudo, a sua influência não podia deixar de ser muito grande, sendo certo que foi afastado de Roma para Veneza, ao tempo do Marquês de Pombal. No *Catálogo do Anexo 3*, figura como sócio da Academia o cisterciense Francisco de Azevedo, mas nenhum dos seus outros irmãos de sangue, ambos cónegos regantes em Santa Cruz de Coimbra, teria feito parte dos 50 fundadores.

O Doutor Lázaro Leitão Aranha (ca.1678-ca.1767), da Universidade de Coimbra, foi o secretário régio da embaixada extraordinária do Marquês de Abrantes a Roma e um dos introdutores em Portugal das práticas culturais e cerimoniais “à romana”. Foi Cónego (desde 1717) e “Principal” da Patriarcal de Lisboa e seu Mestre-Escola, colecionador de arte e amante de música, organizador de saraus e de espetáculos;

35 CAVALCANTI 2010, p. 187.

36 CARVALHO 1963, pp. 11, 23-25.

37 CABECINHAS 2018, pp. 113-133.

sabemos que remetia manuscritos para a Biblioteca Real, na convicção de que esse seria o lugar onde se conservariam com mais segurança e com a descrição necessária no que pudesse tocar às matérias mais sensíveis, políticas ou diplomáticas³⁸. Seria também um bom organizador que, como membro da Mesa da Consciência e Ordens, pôs em ordem os materiais do Arquivo dessa Mesa, a partir de 1718.

Quando o livro *The Lost Library of the King of Portugal* foi apresentado, em Lisboa, em novembro de 2019, o professor António Filipe Pimentel sugeriu dois outros nomes de “*persons of interest*” com possível relação a este manuscrito, os de Marco António de Azevedo Coutinho (1688-1750) e de D. Gaspar de Moscoso e Silva (1685-1752), que viria a professar como Gaspar da Encarnação, O.F.M., nomes que aqui gostosamente registamos, mas em relação a qualquer um deles pouco podemos concluir, de momento.

Resta-nos assegurar que, da parte da BGUC, poderão os utilizadores esperar uma rápida digitalização e disponibilização em linha desta fonte relevantíssima.

Bibliografia

- BUESCU, Ana Isabel - *Na Corte dos Reis de Portugal : Saberes, Ritos e Memórias : Estudos sobre o Século XVI*. [1ª ed.]. Lisboa : Colibri, 2010. ISBN-13: 978-989-689-023-0.
- CABECINHAS, Carlos - *A Ciência Litúrgica como Disciplina Universitária : Manuel de Azevedo e as Primeiras Cátedras de Ciência Litúrgica*. [Palheira] : Gráfica de Coimbra 2, [2009]. ISBN: 978-972-603-490-2.
- CARVALHO, J. M. Teixeira de - *A Livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra : Estudos dos seus Catálogos, Livros de Música e Coro, Incunábulo, Raridades Bibliográficas, Ex-libris e Curiosidades históricas*. Coimbra : Imprensa da Universidade, 1921.
- CARVALHO, Joaquim Martins de - *Apontamentos para a Historia Contemporanea*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1868.
- CARVALHO, Rómulo de - *Apontamentos sobre Martinho de Mendonça de Pina e Proença (1693-1743)*. Lisboa : [s.n., 1963?]. Sep. de: “Ocidente”, 65, 1963.

38 Sobre este assunto, ver DELAFORCE 2019, pp. 191-192.

- CAVALCANTI, Irenilda Reinalda Barreto de Rangel Moreira - *O Comissário Real Martinho de Mendonça: Práticas Administrativas Portuguesas na Primeira Metade do Século XVIII*. Niterói : [s.n.], 2010. Tese Doutoramento na Univ. Fed. Fluminense.
- DELAFORCE, Angela - *Art and Patronage in Eighteenth-Century Portugal*. Cambridge University Press, 2002. ISBN-13: 978-0521571302.
- DELAFORCE, Angela - *The Lost Library of the King of Portugal*. [London] : Ad Illysvm ; Paul Holberton Publishing, 2019. ISBN-13: 978-1-912168-15-6.
- FATTORI, Maria Teresa - Lambertini's Treatises and the Cultural Project of Benedict XIV : Two Sides of the Same Policy". In Messbarger, Rebecca, et al., ed. - *Benedict XIV and the Enlightenment, Art, Science and Spirituality*. Toronto : Buffalo : London : University of Toronto Press, 2016, p. 255-275.
- LAMAS, Artur - *A Casa-Nobre de Lazaro Leitão no Sítio da Junqueira*. [S.l. : Ed. do Aut.], 1925 (Lisboa : Imprensa Lucas & C^a).
- LAMBERTINI, Prospero - *De Sacrosancto Missae sacrificio, Libri tres*. Editio secunda latina post plurimas italas, auctior et castigatior, ad usum Academiae Liturgicae Conimbricensis. Romae : excudebant Nicolaus et Marcus Palarini, 1748.
- MACHADO, Diogo Barbosa - *Bibliotheca Lusitana historica, critica e cronologica ... Lisboa Occidental : na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741-[1759]*. 4 vol.
- MANDROUX-FRANÇA, Marie-Thérèse & Maxime Préaud - *Catalogues de la Collection d'Estampes de Jean V, Roi de Portugal par Pierre-Jean Mariette*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian. Paris : Bibliothèque Nationale de France, 1996-2003. 3 vol.
- MELO, Arnaldo Faria de Ataíde e - *O Papel como Elemento de Identificação*. Lisboa : Of. Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926.
- MENESES, Francisco Xavier de - *Diário de D. Francisco Xavier de Menezes 4º conde da Ericeira (1731-1733)*. Coimbra : Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1943. Sep. de: "Biblos", v. 18, t. 2.
- MORELLI, Emilia, ed. - *Le Lettere di Benedetto XIV al Cardinal de Tencin*. Vol.II : 1748-1752. Rome : Ediz.di Storia e Letteratura, 1965.
- SANTOS, Maria José Ferreira dos - *Marcas de Água : Séculos XIV-XIX : Coleção TECNICELPA*. [Santa Maria da Feira] : TECNICELPA - Associação Portuguesa dos Técnicos das Indústrias de Celulose e Papel : Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2015.
- SILVA, Francisco Xavier da - *Elogio Funebre, e Historico do Muito Alto, Poderoso, Augusto, Pio, e Fidelissimo Rey de Portugal, e Senhor D. Joaõ V...* Lisboa : na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real, 1750.

Anexo 1

Cadernos	Mãos	Papeis
1	A e B	1
2	A	1
3	A	1
4	A	1
5	A	2
6	A	2
7	A	2
8	A	2
9	A	2
10	C	3
11	C	3
12	C	3
13	C	3
14	C	3
15	C	3
16	C	3
17	C	3
18	D	4

Descrição dos papéis do MS 1 018:

Papel 1 - Fabrico italiano dos papeleiros *Polleri*, executado para o mercado português.

(variantes 1A, 1B, 1C e 1D)

Legenda: FABRICA NOVA

Escudo das armas portuguesas (com 3 quinas apenas), coroadado.

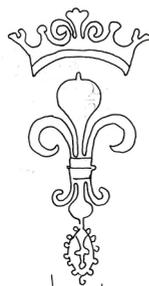
Flor-de-lis coroadada, com pendente medalha.

Flor-de-lis coroadada, com pendente Cruz de Malta. Cf. ex. semelhante usado em 1749 (MELO 1926, nº 163).

Contramarca de canto com letra P, alusiva à família Polleri.



1A



1B



1C



1D



Papel 2 - Fabrico italiano, de Vorno, cidade de Lucca.

(variantes 2A, 2B, 2C e 2D)

Escudo com legenda "LIBERTAS" posta em banda, coroad e suportado por palmas. Sob o escudo a palavra "VORNO", localidade onde se situava a fábrica. Uma análise das 4 147 marcas ilustradas

na col. Tecnicelpa (onde não existe um paralelo exato) revelou que papeis com estas características foram fabricados durante um período extremamente longo (sécs. 16 a 19).

Contramarca formada pelas letras GAQ dispostas em triângulo, correspondentes às iniciais do fabricante. Cf. col. Tecnicelpa, ref. 2722, cota MJ 311a, atribuído a 1735.

Flor-de-lis coroada, com pendente Cruz de Malta. Iniciais GC.

Contramarca de canto com "I" maiúsculo, seguido de um "S".



2A



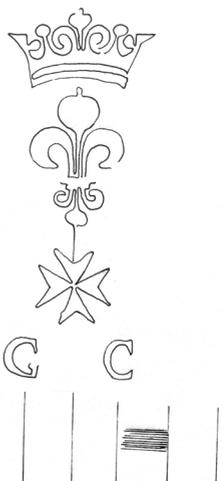
VORNO



IS



2B



2C

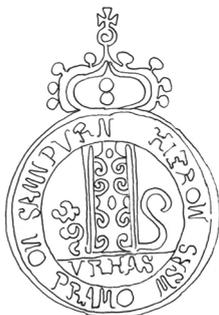


2D

Papel 3 – Fabrico não identificado.

(sem variantes nem contramarcas)

Escudo circular, coroado (coroa imperial), com uma pala adamsada ao centro, as palas exteriores decoradas com enrolamentos vegetais e um "S", bordadura com legenda ilegível. Legenda VRHAS em exergo.



3

Papel 4 - Fabrico não identificado.

(sem variantes)

Marca de água de 3 chapéus.

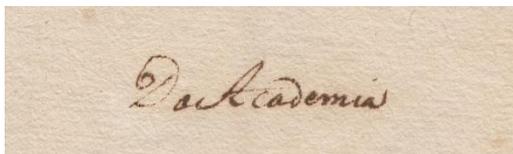
Contramarca flor-de-lis estilizada com iniciais VC.



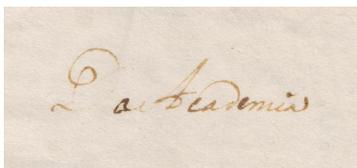
4

Anexo 2

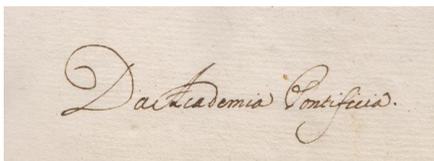
Marcas de posse manuscritas da Academia Litúrgica Conimbricense:



Ms. 1 018



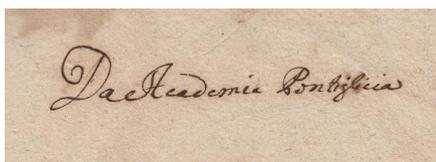
Ms. 640



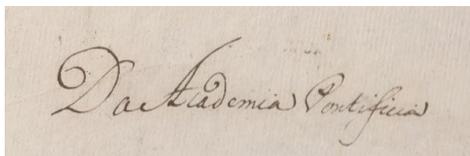
Ms. 632



J.F.-42-3-1



J.F.-42-3-2



J.F.-66-6-14

Anexo 3

Transcrição na grafia original

CATALOGO

DOS

SOCIOS

D'ACADEMIA LITURGICA PONTIFICIA

Dos Sagrados Ritos, e Historia Ecclesiastica, que
instituto no Real Mosteiro de S. Cruz de Coimbra

O SANCTISSIMO PADRE

BENEDICTO XIV.

EM NOME DE SUA SANCTIDADE

DIRECTOR

O Prior Geral dos Conegos Regrantes Lateranenses, Cancellario da Universidade de
Coimbra.

LENTE DOS SAGRADOS RITOS

O P. D. Bernardo d'Annunção, Conego Regular, Doutor em Theologia pela Univer-
sidade de Coimbra, Censor Nato d'Academia Liturgica Pontificia.

LENTE DE HISTORIA ECCLESIASTICA.

O P. D. Thomas da Encarnação, Conego Regular, Doutor em Theologia pela Universidade
de Coimbra, Censor Nato d'Academia Liturgica Pontificia.

SECRETARIO.

O P. D. Joseph de N. S. da Porta, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade
de Coimbra, Socio Nato da Academia Liturgica Pontificia.

SOCIOS.

Antonio Bernardo d'Almeida, Conego Doutral da Guarda, Lente de Vespera dos Sa-
grados Canones, Censor d'Academia Liturgica Pontificia.

O P. Fr. Antonio Caldeira, Monge de Cister, Chronista Mor do Reyno, Dr. em Theologia
pela Universidade de Coimbra.

O P. D. Antonio d'Annunção, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade
de Coimbra.

/2/

O P. D. Antonio da Madre de Deos, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Univer-
sidade de Coimbra.

Antonio de Saldanha e Albuquerque, Academico d'Academia Real da Historia Por-
tugueza.

Ayres de Sá e Mello.

- O P. Fr. Bernardino de S. Rosa, da Ordem dos Prêgadores, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Fr. Bernardo Antonio do Valle, Carmelita, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. D. Carlos d'Anunciação, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Diogo Barbosa Machado, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. Fr. Diogo de Jesus, Monge de S. Jeronymo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Estacio d'Almeida, da Congregação do Oratorio, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. D. Estevão d'Anunciação, Conego Regular, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- OP. D. Fernando da Encarnação, Conego Regular.
- O P. Fr. Francisco d'Azevedo, Monge de Cister, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. D. Francisco de N. Senhora, Conego Regular.
- O P. Fr. Francisco de Sá, Monge de Cister, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Fr. Francisco Ferraz, da Ordem de Christo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Fr. Francisco Valesio, Carmelita, Lente d'Escritura na Universidade de Coimbra, Censor d'Academia Liturgica Pontificia.
- Gonçalo Xavier d'Alcaçova, Censor d'Academia Real de Historia Portugueza.
- O P. Fr. Henrique dos Serafins, Monge de S. Jeronymo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Ignacio Barbosa Machado, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. João Baptista, da Congregação do Oratorio.
- João Col, da Congregação do Oratorio, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- D. João d'Almeida, Marquez d'Alorna.
- D. João de N. Senhora da Porta, Conego Regular, Bispo de Leyria.
- D. João Joseph Ausberto de Noronha, Conde de S. Lourenço, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- /3/
- O P. Fr. Joachim de S. Anna, Eremita de S. Paulo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Joachim Joseph Leitão e Sousa.

- O P. Fr. Joseph Caetano, Carmelita, Doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra.
Joseph Correa de Mello e Brito.
- O P. Fr. Joseph da Trindade, Agostinho Descalço, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- Joseph Mascarenhas Pacheco Pereira Coelho de Mello, Desembargador da Supplicação, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- Joseph de Sá e Menezes, Doutor em Sagrados canones.
- O P. Fr. Joseph de S. Rita, Eremita de S. Agostinho, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Manoel de S. Bernardo, Ex-Geral dos Conegos Seculares de S. João Euangelista. Lente de Theologia na Universidade de Coimbra.
- O P. D. Manoel da Encarnação, Conego Regular, Dr. nos Sagrados Canones.
Manoel Ferreyra d'Amorim, Conego Doutoral de Vizeu, Lente de Vesera de Leys.
- Manoel Pereira da Silva, Desembargador da Relação do Porto. Lente d'Instituta, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza, Censor d'Academia Liturgica Pontificia.
- Manoel Telles da Silva, Conde deVillar-Mayor, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- Martim Correa de Sá, Vis-Conde d'Asseca, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- D. Miguel d'Annuniação, Conego Regular, Bispo Conde.
- O P. Fr. Paulo de S. Mauro, Monge de S. Bento, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra.
- O P. Pedro Ignacio Miraflor, da Congregação da Missão.
Pedro Joseph da Silva Botelho.
- O P. Fr. Salvador Correa, Ex-Geral dos Monges de S. Jeronymo, Dr. em Theologia pela Universidade de Coimbra, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.
- O P. Theodoro d'Almeida, da Congregação do Oratorio.
- O P. D. Thomas Caetano do Bem, clérigo Regular, Academico d'Academia Real da Historia Portugueza.

Anexo 4

As “cotas” da Biblioteca Real, segundo o MS 1 018:

	1	2	3	4	5	6	7
A	F. 129 F.Magno 2	F. 4	F. 4				
B	F.21	F. 35	F.50	F.23	F. 15	F. 26	F. 6
BC							F. 29
C	F. 35/36 * 4º 5	F. 25/27	F. 21	F. 25/27	F. 21	F. 19	F. 13
D	F. 34	F. 39	F. 30		F. 22	F. 23	F. 26
DE				F. 24			
E	F. 55 4º 1 8º 9	F. 63 F.Parvo 1	F. 42 4º 3	F. 18	F. 28 4ºMagno 24	F. 24	F. 21
F	F. 1		F. 2	F. 24	F. 14	F. 44	F. 28
G	8º 32	4ºMagno 4 4º 54	4º 55	4º 55	4º 43 8ºMagno 1 8º 2	4º 8 8º 7	F. 37 4º 6
H	4º 33	F. 1 4ºMagno 1 4º 30	F. 29	F. 18 4º 4	F. 22	F. 30	F. 26
I	4º 49	F. 1 4º 35	F. 24	F. 38 4ºMagno 1 4º 3	F. 5 4º 21?	4º 10	

Legenda: F. *In folio* 4º *In quarto* 8º *In octavo** Erro?

(Página deixada propositadamente em branco)

Evocações camonianas: O IV Centenário da Estada de Luis Vaz de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969) Parte I

Camonian evocations: The IV Centenary of the stay of Luis Vaz de Camões on the Island of Mozambique (1569-1969) Part I

Milton Pedro Dias Pacheco¹

RESUMO

No âmbito dos ciclos comemorativos oficiais dedicados a Luis Vaz de Camões, o mais ilustre dos poetas portugueses, foi organizado, em 1969, o *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969)*.

1 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos da Universidade de Coimbra; CHAM - Centro de Humanidades da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores; Casa-Museu Elysio de Moura. <https://orcid.org/0000-0002-1574-8552>; miltondpacheco@yahoo.com.br; miltonpacheco@ci.uc.pt

A demorada estada de Camões na Ilha de Moçambique, entre os anos de 1567 e 1569, alguns anos após a sua primeira passagem, deixaria marcas indeléveis no património histórico de origem portuguesa e no imaginário coletivo da população moçambicana.

Pretende-se, com o presente artigo, proceder à análise do programa oficial promovido pelas comissões responsáveis pela organização e condução das atividades e festividades na ainda província de Moçambique, através dos múltiplos organismos acoplados à máquina administrativa central e ultramarina do *Estado Novo* nos últimos anos do regime autoritário. Seguidamente proceder-se-á à identificação cronológica e apreciação crítica das atividades culturais, ações científicas e composições artísticas levadas a cabo durante as comemorações camonianas de 1969.

PALAVRAS-CHAVE

Camões, Luís de, 1524?-1580; Ilha de Moçambique; Comemorações dos centenários históricos; *Estado Novo*; Património artístico português.

ABSTRACT

As part of the official commemorative cycles dedicated to Luis Vaz de Camões, the most illustrious of Portuguese poets, the *IV Centenary of Luis de Camões stay on the Island of Mozambique (1569-1969)* was organized in 1969.

The long stay of Camões on the Island of Mozambique, between the years of 1567 and 1569, some years after his first passage, would leave indelible marks at the historical heritage of Portuguese origin and at the collective imagination of the Mozambican population.

The aim of this article is to analyse the official program promoted by the commissions responsible for organizing and conducting the activities and festivities, through the multiple organisms attached to the central and overseas administration of the *Estado Novo* in the last years of the authoritarian regime. Then, the chronological identification and critical appreciation of cultural activities, scientific actions and artistic compositions carried out during the camonian commemorations in 1969 will also be done.

KEYWORDS

Camões, Luís de, 1524?-1580; Mozambique Island; Historical centenary celebrations, *New State*; Portuguese artistic heritage

As comemorações oficiais do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969)

A segunda e mais demorada passagem de Camões pela Ilha de Moçambique, continuamente evocada, cantada e recordada por inúmeros escritores da língua lusitana até aos dias de hoje, foi celebrada oficialmente pelo Estado português em 1969, com a organização das comemorações do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969)*.

Na verdade, a data comemorada há cinquenta e um anos assinalava a partida última e definitiva de Luis Vaz de Camões [1524/1525-1579/1580] da ilha moçambicana, ínsula onde permaneceu durante cerca de dois anos, entre 1567 e 1569, e onde terá estado, pela primeira vez, cerca de catorze anos antes, em 1553, quando realizou a primeira viagem na carreira das Índias². Decidido regressar ao Reino, o Poeta aportaria, vindo de Cochim, na Ilha de Moçambique, onde poderá ter chegado nos finais de Novembro de 1567³ ou, eventualmente, nos inícios de 1568⁴. Daqui teria partido, seguramente, em 1569.

Dos acontecimentos ocorridos durante a sua demorada viagem e prolongada estada em Moçambique, antes e depois da passagem pelo Oriente português, restam apenas escassos e dispersos fragmentos escritos. No regresso da jornada que o levou por «mares nunca de antes navegados»⁵, em Março de 1553, Luis Vaz de Camões aportou, catorze anos depois⁶, na Ilha de Moçambique, o principal entreposto português

2 Matos, M. V. L. de (2011). Biografia de Luís de Camões, *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Editorial Caminho, 83-85.

3 Ribeiro, E. (2012). *Camões no Oriente e outros textos*. Lisboa: Labirinto das Letras, 55-56.

4 Cruz, M. A. L. (2011). Camões e Diogo do Couto, *Dicionário de Luís de Camões*, Lisboa: Editorial Caminho, 135.

5 Camões, L. V. de (1572). *Os Lusíadas*. Lisboa: Por Antonio Gôçalvez, cant. I, est. I, [fl. 1].

6 Ribeiro, E., *Camões no Oriente e outros textos*, 55-56.

na costa africana oriental⁷. Para muitos autores, antigos⁸ e recentes⁹, a permanência de Camões no pequeno ilhéu africano entre 1567 e 1569 pautou-se por um período de dificultosa existência e difícil sobrevivência, mas suficientemente profícuo para ter concluído, ou eventualmente melhorado, a sua mais célebre obra poética, *Os Lusíadas*¹⁰.

Pouco mais sabemos sobre esta demorada estada de Camões em Moçambique na viagem de regresso ao Reino entre a partida de Cochim e a chegada a Lisboa. Os próprios testemunhos pessoais expressos na Canção Nona das *Rhythmas* são bem reveladores da angústia vivida pelo próprio Poeta ao longo da jornada pelo Oriente, sobretudo nas costas do continente africano, onde se deverá incluir a pequena Ilha de Moçambique banhado pelo grande Oceano Índico¹¹.

Independentemente da veracidade de todos os relatos referentes à conclusão ou eventual melhoramento do manuscrito em terras mo-

7 Correa, M. (1613). *Os Lvsíadas do Grande Lvis de Camoens. Principe da Poesia Heroica*. Lisboa: Por Pedro Craesbeeck, 25.

8 Mariz, P. (1613). Ao estudioso da lição Poetica, in M. Correa, *Os Lvsíadas do Grande Lvis de Camoens. Principe da Poesia Heroica*. Lisboa: Por Pedro Craesbeeck, [IV-v]; Couto, D. do (1786). *Da Asia. Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e no descobrimento das terras, e mares do Oriente. Decada Oitava*. Lisboa: Regia Officina Typographica, XVIII, 233; Vidart, D. L., *Camoens. Apuntamentos biográficos*. Madrid: Imprenta Estereotipa y Galvanoplastia de Aribau y C.ª, 10.

9 Silva, V. M. de A. e (1999). Epilegómenos. *Camões Labirintos e Fascínios*. Lisboa: Cotovia, 236; Lisboa, E. (1981). Camões, a Ilha de Moçambique e nós. *Estudos sobre Camões. Páginas do Diário de Noticias dedicadas ao poeta no 4º centenário da sua morte*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda/Editorial Notícias, 179, 184; Knopfli, R. (1989). Esclarecimento a certo passo obscuro de uma biografia. *A Ilha de Próspero: roteiro poético da Ilha de Moçambique*, Lisboa: Edições 70, 97-98; Garcia, A. (1969). Camões em Moçambique. 1567-1569. *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 5, 29-31; Gonçalves, A. da (1969). Camões e Moçambique. *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 5, 25; Matos, M. V. L. de (2011). Biografia de Luís de Camões, 84-88, 90.

10 Pedro de Mariz [c.1550-1615], autor da primeira biografia dedicada ao Poeta, asseverou que somente após o regresso a Lisboa Camões «acabou de compor, & limar estes seus Cantos, ã da India trazia cõmpostos». Mariz, P. (1613). Ao estudioso da lição Poetica, [fIV-v].

11 Camões, L. V. de (1595). Canção nona. *Rhythmas de Lvis de Camoes, Diuididas em cinco partes, Dirigidas ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho*. Lisboa: Por Manoel de Lyra, 35v-37.

çambicanas, dois anos após a chegada do Poeta a Lisboa, em Abril de 1570¹², saíram dos prelos lisboetas de Antonio Gõçalvez *Os Lusíadas*, a obra magna da literatura portuguesa na qual a estada de Camões na Ilha de Moçambique ficou imortalizada na estância LIV do canto I¹³.

Procurando assinalar a última passagem do Poeta por aquele território insular moçambicano em 1569, a data evocativa para a «comemoração do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique», o ministro do Ultramar, Joaquim Moreira da Silva Cunha [1920-2014], responsável pela pasta ministerial ultramarina entre Março de 1965 e Novembro de 1973¹⁴, constituiu, entre Janeiro e Fevereiro de 1968, uma comissão provisória «para estudar e propor o modo de comemorar esta efeméride» camoniana em 1969¹⁵, no mesmo ano em que o presidente do Conselho, Marcelo Caetano [1906-1980], realizou a sua primeira visita de Estado à província ultramarina moçambicana¹⁶.

Consciente da responsabilidade institucional e dever nacional na evocação histórica de Camões, um dos maiores símbolos da portugalidade, Silva Cunha convidou para integrar a comissão provisória o diretor-geral de Educação do Ultramar, Justino Mendes de Almeida [1924-2012], o agente-geral do Ultramar, Francisco da Cunha Leão [1907-1974] e o diretor do Arquivo Histórico Ultramarino, Alberto Iria¹⁷ [1909-1992]. Pouco mais tarde integraram este primeiro grupo de trabalho, a convite da respetiva comissão, o docente da Universidade

12 Matos, M. V. L. de (2011). Biografia de Luís de Camões, 90; Silva, V. M. de A. e (2011). Camões e D. Sebastião, *Dicionário de Luís de Camões*. Lisboa: Editorial Caminho, 130.

13 Camões, L. V. de (1572), *Os Lusíadas*, cant. I, est. LIV, fl. 10.

14 (1969, Janeiro-Julho). Pela Pátria de que todos nos orgulhamos – Discurso proferido pelo Ministro do Ultramar, em 15 de Janeiro de 1970. *Boletim Geral do Ultramar*, 535, 45-47.

15 (1968, Março). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 513, 118.

16 Castro, M. J. (2016, Janeiro-Junho). Império e Propaganda: as viagens presidenciais às colónias ultramarinas durante o Estado Novo. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 5, 1, 80.

17 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 513, 118.

de Lourenço Marques e diretor do Arquivo Histórico de Moçambique, Alexandre Marques Lobato [1915-1985], incumbido de acompanhar as pesquisas de investigação histórica, e o arquiteto do Gabinete de Urbanização do Ultramar, Mário Gonçalves de Oliveira [1914-2013], encarregue de conduzir os trabalhos de conceção artística dos eventos na Ilha de Moçambique¹⁸.

Entretanto, foi oficialmente constituída, provavelmente em Março de 1968¹⁹, a comissão executiva nacional para as comemorações dúplices da estada de Luis Vaz de Camões na Ilha de Moçambique e do nascimento de Vasco da Gama²⁰ [c.1469-1524] em Sines, composta pelo docente universitário e presidente da Academia Portuguesa de História, Manuel Lopes de Almeida [1900-1980], na qualidade de presidente da comissão; o almirante Henrique dos Santos Tenreiro [1901-1994] e os licenciados Caldeira Coelho e Caetano de Carvalho – este último diretor-geral da Cultura Popular e Espetáculos –, o escritor Luíz Forjaz Trigueiros [1915-2000], todos como membros vogais; e o diretor da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, o licenciado José António de Sousa Barriga [1925-?], com o cargo de secretário²¹.

18 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 513, 118-119.

19 Embora desconhecendo a data efetiva de formalização da comissão executiva é provável que esta tenha sido constituída em data próxima da criação da comissão homóloga das comemorações para o V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral (1468-1968), ocorrida em 26 de Março de 1968. (1968, Março). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral. *Boletim Geral do Ultramar*, 513, 121.

20 Em 1969 celebrou-se também os quinhentos anos do nascimento de Vasco da Gama, o navegador português responsável por traçar a primeira rota marítima entre o Ocidente e o Oriente nos últimos anos do século XV, e que estivera também na Ilha de Moçambique no decurso das suas incursões. Aliás, o próprio navegador ficaria imortalizado n'Os Lusíadas de Camões. Silva, V. M. de A. e (1972). *Função e significado do episódio da "Ilha dos Amores" na estrutura de "Os Lusíadas". Lição proferida pelo Doutor Victor Manuel de Aguiar e Silva no XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 3 de Agosto de 1972 (separata)*. Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas", 15-16.

21 A maior parte dos membros da comissão executiva camoniana integrou as comissões executivas de outros centenários comemorativos, como o V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, em 1968, e o V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, em 1969. (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. Três comemorações

De acordo com os procedimentos institucionais e administrativos implementados para a celebração das comemorações históricas oficiais promovidas pelo Estado português é legítimo supor que tenha sido ainda criada uma comissão nacional, com a função de representar superiormente as celebrações e de supervisionar, coordenar e promover todos os trabalhos levados a cabo pela comissão executiva²². Porventura seriam os membros da comissão nacional das comemorações do nascimento de Vasco da Gama os mesmos representantes institucionais das comemorações camonianas previstas para a Ilha de Moçambique, tendo em conta que ambas as comemorações estavam a ser programadas conjuntamente²³?

Em Moçambique, em 28 de Maio de 1969, foi ainda formada uma comissão distrital para auxiliar e apoiar os trabalhos das comemorações camonianas na província ultramarina, constituída pelo governador do distrito, Alexandre Cancelas, na qualidade de presidente; o autarca da Câmara Municipal da Ilha de Moçambique, António José Teixeira da

-
- centenárias relativas ao Ultramar. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 167; (1968, Novembro-Dezembro). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 521-522, 120; (1969, 12 de Novembro). Um cruzeiro no “Infante D. Henrique” integrado nas comemorações camoneanas. *Diário de Moçambique*, 6763, 1; (1969, 20 de Novembro). O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira. *Diário de Moçambique*, 6770, 9; Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, 513, 119-120.
- 22 A título de exemplo, a comissão nacional do V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral (1468-1968), era composta por altas figuras de Estado, como o presidente da República – a quem foi atribuído o cargo de presidente – ministros, secretários de estado, embaixadores, militares de alta patente, docentes universitários, presidentes de academias científicas e de fundações culturais privadas. Regra geral, a preparação destas comemorações implicava ainda a realização de sessões solenes de abertura dos centenários, como a teve lugar na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 22 de Abril de 1968, para assinalar o nascimento de Cabral. Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral, 513, 120-121; (1968, Abril). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral. *Boletim Geral do Ultramar*, 514, 123.
- 23 Sabemos que a comissão executiva para as comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama era presidida pelo professor Manuel Lopes de Almeida, embora respondesse à tutela do ministro de Estado, o engenheiro Vaz Pinto. (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 198-201.

Fonseca, como vice-presidente, o capitão do porto da Ilha de Moçambique e os delegados regionais da Mocidade Portuguesa, a masculina e a feminina, todos como vogais, e Carlos Arraiano, como secretário²⁴.

Em virtude das funções governativas inerentes e pelas ligações orgânicas ao Ministério do Ultramar, o governador-geral da Província de Moçambique, Baltazar Rebello de Souza [1921-2002], no cargo entre 23 de Julho de 1968 e 14 de Janeiro de 1970, veio a desempenhar um papel central na condução das festividades programadas para Novembro de 1969. Também o historiador Marques Lobato, membro da comissão provisória, docente universitário, diretor do arquivo histórico em Lourenço Marques e autor de várias obras dedicadas à ilha moçambicana, participou ativamente na organização dos eventos e momentos culturais em Moçambique. Não só foi responsável pela edição do programa final das comemorações, impresso em 1969²⁵, como ficou encarregue de proferir alguns discursos oficiais durante as solenidades²⁶.

A comissão executiva das comemorações dúplices dispôs da direta colaboração de vários organismos ministeriais, como a Comissão Provincial das Comemorações dos Centenários, a Direção-Geral da Educação do Ultramar, a Secretaria Provincial da Educação de Moçambique, a Comissão dos Monumentos Nacionais, organismo afeto à Direção Provincial de Obras Públicas e Transportes da Província de Moçambique e responsável pela salvaguarda do património histó-

24 Esta mesma comissão distrital ultramarina participou ainda nas comemorações de Vasco de Gama, que eram organizadas conjuntamente com as de Luis de Camões, assim como nas de Gago Coutinho. (1969, 29 de Maio). Os centenários de Vasco da Gama, Luis de Camões e Gago Coutinho no distrito de Moçambique. *Diário de Moçambique*, 6601, 9.

25 (1969). Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, in A. M. Lobato, *Ilha de Moçambique. IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Provincial dos Centenários. Este historiador teve igualmente um papel de destaque nas comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama em Moçambique. (1969, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 529-530, 124-130.

26 (1969, 24 de Novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 3.

rico-arqueológico, e ainda o Arquivo Histórico Ultramarino. Entre as instituições privadas colaborantes, sobretudo diretamente ligadas ao apoio dos trabalhos de promoção e de salvaguarda material do património histórico e artístico da Ilha de Moçambique, encontravam-se a Fundação Casa de Bragança, a Fundação Calouste Gulbenkian e a Diocese de Nampula²⁷.

Antes de serem constituídas ambas as comissões, a nacional e a ultramarina, o grupo de trabalho criado pelo ministro Silva Cunha definia as primeiras linhas de programação. Entre Fevereiro e Março de 1968, a comissão provisória encarregue do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique* apresentava, após a homologação do Ministério do Ultramar, o primeiro programa para as festividades camonianas a celebrar na província moçambicana nos dias 9 e 10 de Junho de 1969, portanto a coincidir com a véspera e o dia em que era evocado Camões²⁸.

Programadas conjuntamente com os eventos celebrativos de Vasco da Gama, as comemorações oficiais camonianas estavam centradas na organização de um conjunto de seis atividades culturais, artísticas e científicas: a inauguração de um monumento evocativo a Camões a erguer na Ilha de Moçambique; a edição fac-similada da primeira edição das *Rimas* do Poeta; a realização de uma sessão solene na ilha moçambicana, durante a qual deveria ser proferida «uma conferência de um professor de uma das Faculdades de Letras», cabendo ao governador-geral o encerramento da mesma; a emissão de um selo postal comemorativo para a província moçambicana; a cunhagem de uma medalha igualmente comemorativa; a representação de um auto de Camões a cargo da companhia de Teatro dos Estudos Gerais de Moçambique «no claustro

27 Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 523-524, 167; Um cruzeiro no “Infante D. Henrique” integrado nas comemorações camoneanas, 6763, 1.

28 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 513, 119.

do Palácio de São Paulo ou na parada da Fortaleza» da ilha²⁹. Contudo, não só o calendário dos eventos principais foi alterado, com um atraso de largos meses, como o programa sofreu algumas alterações.

Figura incontornável da cultura portuguesa, Luis Vaz de Camões, o poeta-viajante que imortalizou em verso a expansão ultramarina portuguesa no século XVI, teve a sua efígie e alguma da obra poética publicitada em diversas peças no decurso das comemorações celebrativas de 1969.

Assinalando a data celebrativa do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique*, a comissão executiva, após obtidas as devidas permissões superiores emanadas do Ministério do Ultramar, avançou, entre os finais de 1968 e os inícios de 1969³⁰, com a primeira atividade do programa das comemorações: a cunhagem de uma medalha comemorativa dedicada a Camões, na qual figura a efígie do Poeta e um excerto textual de *Os Lusíadas* alusivo à Ilha de Moçambique (Figura 1).

A peça de bronze foi fundida por Martins Correia a partir do molde cunhado feito com base no desenho de António Duarte, o artista responsável pelo esboço da medalha comemorativa executada para o *V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama* em 1969³¹.

Em data próxima, no início de 1969, foi publicada a edição fac-similada das *Rhythmas de Lvis de Camoes, Diuididas em cinco partes, Dirigidas ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho*, obra impressa por Manoel de Lyra na cidade de Lisboa em 1595. A edição das *Rhythmas* foi coordenada pela Direcção-Geral de Educação mediante o despacho superior do Ministério do Ultramar, de 26 de Fevereiro de 1969, e

29 A sétima atividade indicada no programa provisório era alusiva à cerimónia de oferta de uma reprodução do retrato de Vasco da Gama existente no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa. *Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique*, 513, 119.

30 A notícia da fundição da medalha comemorativa foi anunciada em Fevereiro de 1969, informação que sugere que o processo para a sua execução tenha sido desencadeado meses antes. *Objectiva do Ultramar. Medalha comemorativa do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar*, 523-524, pp. 120, 168, 523-524.

31 (1969, junho). *V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. Boletim Geral do Ultramar*, 528, 165-167.

reproduz na íntegra o exemplar pertencente ao fundo de livro antigo do Rei D. Manuel II [1889|1908-1910|1932], depositado no Paço Real de Vila Viçosa e disponibilizado pela Fundação da Casa de Bragança³².



Figura 1. Anverso da medalha comemorativa do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique

Martins CORREIA/ António DUARTE | 1968-1969 | Medalhística

Proveniência: Objectiva do Ultramar. Medalha comemorativa do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, in *Boletim Geral do Ultramar*, Lisboa, 1969, Janeiro-Fevereiro, 523-524, [120]

Entretanto, em 28 de Maio seguinte, o próprio Ministério do Ultramar promoveu a emissão de vinte milhões de selos postais para a Província de

32 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 521-522, 120; Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 523-524, 168.

Moçambique, postos a circular a partir das estações centrais dos C. T. T. de Lourenço Marques e da Beira. Impressos na Casa da Moeda, em Lisboa, os cinco modelos de selos foram litografados com base nos desenhos executados por José de Moura, o artista responsável pela conceção e composição de muitas outras edições comemorativas de filatelia destinadas às províncias ultramarinas nos anos de 1968 e 1969³³ (Figura 2). A par da coleção dos selos foram ainda postos a circular, na mesma data, dois envelopes comemorativos alusivos à efeméride camoniana, emitidos pelos C.T.T. .



Figura 2. Conjunto filatélico, composto por cinco selos comemorativos, dedicado ao IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique

José de Moura (desenho) | Casa da Moeda (litografia) | 1969 | Papel esmalte
 Proveniência: "Informações e Notícias. Filatelia. [Selos comemorativos do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique]", *Boletim Geral do Ultramar*, Lisboa, Junho de 1969, n.º 528, p. 199.

33 (1969, Janeiro-Julho). Informações e Notícias. São Tomé e Príncipe – Artes e Letras/ Filatelia. *Boletim Geral do Ultramar*, 535, 202-203; (1968, Setembro-Outubro). Informações e Notícias. Filatelia: Cabo Verde. *Boletim Geral do Ultramar*, 519-520, 166-167; (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. Filatelia: selos comemorativos. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 266-270.

Circulando com maior ou menor impacto entre a metrópole portuguesa e a província moçambicana, as edições comemorativas literária, medalhística e filatélica foram permitindo contribuir para a difusão do programa final das comemorações oficiais a decorrer naquela pequena ilha africana. Mas os principais canais de comunicação para divulgação dos eventos a decorrer sob a égide do centenário camoniano foram o *Boletim Geral do Ultramar*, o órgão noticioso da Agência-Geral do Ultramar³⁴, e o jornal *Diário de Moçambique*, fundado pela Companhia Editora de Moçambique, em 1950, embora submetido ao aparelho do Estado através da vigilância exercida pela comissão de censura³⁵.

Apesar de os trabalhos programados estarem em curso desde o primeiro trimestre de 1968 e de nos primeiros cinco meses de 1969 ter sido cunhada a medalha, reimpressa a edição das *Rimas* e impressa a coleção filatélica, as datas das comemorações acabariam por ser alteradas para Novembro. É-nos desconhecido o motivo da dilação dos prazos previstos mas foi possível apurar que nos dias 9 e 10 de Junho de 1969 – portanto na véspera e no dia em que era evocado o grande Poeta lusitano no Dia de Portugal e da Raça –, a comissão provincial das comemorações camonianas de Moçambique, através das delegações da Mocidade Portuguesa, promoveu a realização de festivais gimnodesportivos, mostras de trabalhos de educação estética e paradas coletivas escolares nas cidades da Beira, Tete e Quelimane³⁶.

34 O *Boletim Geral do Ultramar* continha uma seção dedicada às comemorações realizadas em cada uma das províncias ultramarinas portuguesas, a rúbrica *Informações e Notícias*, por vezes completada por uma reportagem fotográfica inserida na *Objectiva do Ultramar*, composição que atesta a sua relevância no contexto da época, não só em termos políticos, naturalmente, mas também em termos culturais.

35 (1969, 22 de Novembro). *Diário de Moçambique*, 6774, 1.

36 De acordo com o principal jornal moçambicano, as maiores festividades celebradas na província parecem ter ocorrido na cidade da Beira. Já as comemorações realizadas na metrópole tiveram um cunho eminentemente político e sem qualquer referência, pelo menos noticiada, ao programa festivo previsto para a Ilha de Moçambique. (1969, 10 de Junho). O Dia de Portugal é hoje assinalado com diversas cerimónias. *Diário de Moçambique*, 6612, 2; (1969, 10 de Junho). Programa do Dia de Portugal. *Diário de Moçambique*, Lourenço Marques, 6612, 5; L. (1969, 12 de Junho). O 10 de Junho na Metrópole. Grandiosa homenagem da Nação aos

O programa oficial dos festejos centenários organizados em honra de Luis de Camões – e de Vasco da Gama – na Ilha de Moçambique só foi tornado público em Novembro de 1969, com a publicação da obra *Ilha de Moçambique. IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*. A obra, coordenada por Alexandre Marques Lobato, foi editada com a chancela da Comissão Provincial dos Centenários³⁷.

A abertura oficial das comemorações camonianas teve lugar em Moçambique, na então cidade de Lourenço Marques, no dia 6 de Novembro de 1969³⁸, vários meses após da de Vasco da Gama ocorrida em Lisboa³⁹. A sessão inaugural decorreu na Sociedade de Estudos de Moçambique – o atual Colégio Nyamunda⁴⁰ – e contou com a presença do governador-geral Rebello de Souza e de Carlos Eduardo de Soveral [1920-2007], o palestrante da conferência dedicada ao Poeta, intitulada «Meditação sobre Camões». No final seguiu-se um recital de poesia camoniana interpretada por declamadores locais⁴¹. Alguns dias depois teriam lugar as principais festividades.

heróis que se batem pela Pátria. *Diário de Moçambique*, 6613, 1, 11; (1969, 12 de Junho). Festival da Mocidade Portuguesa. *Diário de Moçambique*, 6613, 11.

37 (1969, Novembro). Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, in A. M. Lobato, *Ilha de Moçambique. IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Provincial dos Centenários, [19].

38 (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 201.

39 As comemorações tiveram início no dia 8 de Julho de 1969, no Dia da Marinha, com a realização de uma cerimónia de homenagem na Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém, junto do túmulo do navegador português, na presença dos ministros de Estado, da Marinha, do Ultramar e da Educação Nacional, dos membros da comissão executiva das comemorações e de muitas outras autoridades e individualidades. (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 198-201.

40 Agradeço o esclarecimento ao Professor Doutor Lourenço do Rosário da Universidade Politécnica de Maputo, Moçambique.

41 A partir desta data – ou aproximadamente, tanto quanto se sabe –, a Rádio Clube de Moçambique lançou um programa cultural centrado na divulgação de um ciclo de palestras confiado a Esteves Pinto dedicadas à poesia e ao teatro camonianos.

O palco privilegiado para a realização dos principais eventos das comemorações camonianas foi a Ilha de Moçambique, o pequeno território insular que assumiu uma posição geoestratégica privilegiada nesta região da costa africana oriental entre os meados do século XVI e os finais do século XIX⁴². No decurso da requalificação urbanística e beneficiação patrimonial dos principais edifícios da denominada *Ilha-Museu*, impulsionada durante a administração de Manuel Maria Sarmiento Rodrigues [1899-1979], governador-geral entre 1961 e 1964, e de Baltazar Rebello de Souza, governador-geral entre 1968 e 1970, e coordenada no terreno pelo arquiteto Pedro Quirino da Fonseca, diretor da Comissão dos Monumentos Nacionais e da *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, um entusiasta investigador da história da Ilha de Moçambique⁴³, surgiu a possibilidade de fazer coincidir a inauguração de alguns estabelecimentos museológicos e monumentos históricos com as festas comemorativas dos dois ilustres portugueses⁴⁴.

Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 201.

- 42 Com a elevação a cidade, em 1818, a Ilha de Moçambique tornar-se-ia na capital do vasto território moçambicano até 1898, ano da mudança do governo para Lourenço Marques – a atual cidade de Maputo –, e da criação da capital de distrito com assento na própria ilha até 1935. A. M. Lobato. *Ilha de Moçambique. IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*, [7].
- 43 (1973). Atividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1972. *Monumenta. Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 9, 73; (1968). Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1967. *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 4, 71-72; Knopfli, R. (1989) *A Ilha de Próspero: roteiro poético da Ilha de Moçambique*, p. 133; (1970). Homenagem ao Dr. Baltazar Rebello de SOUZA. *Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 5-6.
- 44 Durante a primeira visita à Ilha de Moçambique, ocorrida em Janeiro de 1969, Rebello de Souza acompanhou alguns dos trabalhos promovidos pela equipa responsável pelo programa de valorização do património histórico, arquitetónico e artístico existente na ilha, composta pelo secretário provincial das Obras Públicas e Comunicações, o governador do distrito de Nampula, o presidente da Câmara Municipal da Ilha de Moçambique e o arquiteto Pedro Quirino da Fonseca. (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. Administração. Moçambique: Governador-Geral. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 198-199.

As celebrações do programa oficial camoniano tiveram lugar no primeiro dia, 23 de Novembro de 1969, um Domingo, e contaram com a presença de várias autoridades civis e entidades religiosas, umas provenientes da metrópole⁴⁵, outras residentes na província. Aliás, algumas estiveram inclusive presentes nos festejos organizados na cidade da Beira um dia antes, em 22 de Novembro, onde foi inaugurado o Colégio Luís de Camões⁴⁶.

Estiveram presentes nas festas organizadas na Ilha de Moçambique Baltazar Rebello de Souza, governador-geral⁴⁷, Alexandre Marques Lobato, o responsável pela edição do programa oficial, Manuel Lopes de Almeida, presidente da Comissão Executiva Nacional das Comemorações dos duplos centenários, Caetano de Carvalho, diretor-geral da Cultura Popular, e o escritor Luíz Forjaz Trigueiros, ambos

45 Os membros da comissão executiva dos duplos centenários e os convidados institucionais partiram de Lisboa a 19 de Novembro de 1969, após terem sido recebidos pelo ministro do Ultramar Silva e Cunha nesse mesmo dia. (1969, 19 de Novembro). Comemorações Camoneanas. *Diário de Moçambique*, 6769, 1.

46 Feita a bênção do complexo colegial pelo bispo da Beira procedeu-se, em seguida, ao descerramento de uma lápide comemorativa, à visita das instalações e à abertura de uma exposição bibliográfica dedicada ao Poeta. Na tarde do mesmo dia, o governador-geral inaugurou, em Quelimane, Província da Zambézia, o Padrão dos Bons Sinais, seguido do discurso oficial proclamado por Manuel Lopes de Almeida. (1969, 20 de Novembro). O "Infante Dom Henrique" chegou ontem à Beira. 6770, 2; (1969, 22 de Novembro). Comemorações Camoneanas na Beira. *Diário de Moçambique*, 6772, 3; (1969, 23 de Novembro). Comemorações camonianas. O novo edifício do Colégio Luís de Camões foi ontem inaugurado na Beira pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6773, 1-3; Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 201.

47 A participação na cerimónia das comemorações de Novembro de 1969 tornou-se na terceira visita oficial de Rebello de Souza à Ilha de Moçambique. Após a primeira estada na Ilha, em Janeiro de 1969, o governador-geral regressou logo em finais de Fevereiro para acompanhar o governador-geral de Angola. Durante a incursão ao distrito setentrional de Nampula – cidade onde estivera em finais de Julho de 1968 –, programada para os dias 1 a 6 de Outubro de 1968, a Ilha de Moçambique não foi incluída no circuito da visita oficial provincial. (1968, 28 de Julho). O Governador-Geral visitou ontem Nampula. *Diário de Moçambique*, 6306, 1-2; Informações e Notícias. Administração. Moçambique: Governador-Geral. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 198; (1969, Janeiro-Fevereiro), Informações e Notícias. Administração. O Governador-Geral de Angola visitou Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 195; (1968, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Moçambique: Governador-Geral. *Boletim Geral do Ultramar*, 519-520, 125-131.

vogais da respetiva comissão executiva⁴⁸. A estes juntaram-se ainda Francisco Maria Martins, secretário provincial da Educação de Moçambique, José Manuel Marques Palmeirim [1930-?], governador do distrito de Nampula, Alexandre Cancelas, administrador do concelho de Nampula, o presidente da Câmara Municipal da Ilha de Moçambique, António José Teixeira da Fonseca, Joaquim Romão Duarte, diretor-geral e secretário provincial da Direção-Geral da Educação do Ministério do Ultramar, António Augusto dos Santos [1907-?], Kaulza de Arriaga [1915-2004] e Simão Portugal, generais, Tierno Bagulho, contra-almirante, D. Custódio Alvim Pereira [1915-2006], arcebispo de Lourenço Marques, D. Manuel Vieira Pinto [1923|1967-2000|2020], bispo de Nampula, D. Daniel Pina Cabral [1924-2008], bispo anglicano de Libombos, entre muitas personalidades⁴⁹ e jornalistas responsáveis pela cobertura noticiosa dos eventos⁵⁰.

Após a chegada de parte da comitiva oficial a bordo do paquete Infante D. Henrique, vindo da cidade da Beira e integrado nas duplas comemorações como um cruzeiro turístico⁵¹, prevista para as 7:00

48 Ausentes das comemorações camonianas estiveram Sousa Barriga, da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, e José de Azeredo Perdigão [1896-1993], presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, cuja presença havia sido confirmada poucos dias antes. Um cruzeiro no “Infante D. Henrique” integrado nas comemorações camoneanas, 6763, 1; (1969, 15 de Novembro). O “Cruzeiro dos Centenários” é aberto a quem desejar dele participar. *Diário de Moçambique*, 6766, 2; (1969, 22 de Novembro). O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira, 6770, 9; Director-Geral de Educação do Ministério do Ultramar. *Diário de Moçambique*, 6772, 2.

49 Participaram ainda os filiados da Mocidade Portuguesa e da Mocidade Portuguesa Feminina. A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, 6774, 1, 3; (1969, 25 de Novembro). Comemorações camonianas. *Diário de Moçambique*, 6775, 3.

50 Um cruzeiro no “Infante D. Henrique” integrado nas comemorações camoneanas, 6763, 1; O “Cruzeiro dos Centenários” é aberto a quem desejar dele participar, 6766, 2.

51 Numa iniciativa organizada para a promoção do turismo em Moçambique, a Comissão Provincial das Comemorações dos Centenários, o Centro de Informação e Turismo e a Companhia Colonial de Navegação organizaram um *cruzeiro dos centenários* no paquete Infante D. Henrique, durante os dias 18 a 27 de Novembro, com partida em Lourenço Marques, no dia 18, e escalas na Beira, com visita ao Parque da Gorongosa, entre os dias 19 e 22, e na Ilha de Moçambique, entre os dias 23 e 24. Embarcariam no cruzeiro cerca de trezentas pessoas, entre os quais estavam alguns dos membros

da manhã, iniciar-se-ia um cortejo de embarcações até ao porto de Lumbo, enquanto alguns membros da comitiva se deslocaram para o aeródromo local para receber o governador-geral. Daqui as autoridades seguiram para a Ilha de Moçambique⁵².

O evento inaugural, marcado para as 9:00 horas da manhã, centrava-se na inauguração da imagem escultórica de *Luís Vaz de Camões declamando Os Lusíadas na Ilha de Moçambique*⁵³, peça brônzea da autoria do escultor António Pacheco⁵⁴ [1929-2008] erguida num pedestal no Largo Luís de Camões, na zona oriental da *Cidade de Pedra*, segundo o projeto do arquiteto Mário Gonçalves de Oliveira⁵⁵.

O largo onde decorreu a cerimónia pública estava «engalanado com bandeiras e pendões que reproduziam os brasões dos nobres que passaram pela Ilha nos tempos de antanho»⁵⁶, decerto a envolver as tribunas erguidas destinadas a receber os membros da comitiva e os convidados institucionais. Apresentados os cumprimentos pela guarda de honra, formada por uma companhia integrada de unidades pertencentes aos três ramos das Forças Armadas – Marinha,

da comitiva oficial e as entidades convidadas. Um cruzeiro no “Infante D. Henrique” integrado nas comemorações camoneanas, 6763, 1; O “Cruzeiro dos Centenários” é aberto a quem desejar dele participar, 6766, 2; (1969, 20 de Novembro). O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira. *Diário de Moçambique*, 2, 9; Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 201.

52 Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, [p. 19]; (1969, 24 de Novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, *Diário de Moçambique*, 6774, 1.

53 Importa salientar que o título foi por nós atribuído à imagem escultórica camoniana considerando que as fontes documentais consultadas apenas a identificam como «monumento evocativo» a Camões ou simplesmente como «estátua de Camões». Um estudo mais aprofundado sobre o monumento escultórico e o artista envolvido na sua conceção será apresentado posteriormente. Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 523-524, 168.

54 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 202.

55 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 513, 118-119.

56 (1969, 24 de Novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 1.

Exército e Aviação –, o governador-geral passou revista às forças militares e seguiu para a tribuna erguida nas imediações do local de inauguração do monumento a Camões, onde o aguardavam as restantes autoridades e entidades estatais, civis e religiosas⁵⁷. Embora não seja relatado o momento inaugural, julgamos que antes de subir à tribuna o governador-geral procedeu ao descerramento da estátua camonianiana, conforme sugere o discurso proferido no seguimento da cerimónia solene (Figura 3).



Figura 3. Inauguração do monumento escultórico dedicado a Luis Vaz de Camões pelo governador-geral de Moçambique, Baltazar Rebello de Souza
Autor desconhecido | 23 de Novembro de 1969 | Fotografia
Proveniência: "A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral", *Diário de Moçambique*, Lourenço Marques, 1969, 22 de Novembro, n.º 6774, p. 1.

A elocução inaugural coube a Francisco Maria Martins, secretário provincial da Educação de Moçambique⁵⁸, durante a qual enalteceu

57 A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, 6774, 3.

58 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 202.

o esforço do governador-geral em «dar nova projeção ao significado histórico da Ilha de Moçambique»⁵⁹. Em seguida tomou a palavra Alexandre Cancelas, o superintendente do concelho de Nampula, circunscrição administrativa a que pertencia a Ilha de Moçambique, responsável pela leitura do auto de inauguração da estátua comemorativa do Poeta, assim como de outros monumentos históricos e padrões celebrativos, que foi lavrado por Quirino da Fonseca:

Aos vinte e três dias de Novembro de mil novecentos e sessenta e nove, nesta cidade de Moçambique, e em actos públicos, perante os moradores e com a presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas e convidados, da Cidade, do Distrito, da Província, da Metrópole e de Angola, inaugurou Sua Excelência, o Governador-Geral, Doutor Baltazar Rebello de Sousa, a estátua consagrada pela Província ao Poeta Luís de Camões como símbolo da Pátria espalhada pelo mundo pela sucessão das gerações que realizaram a expansão até aos dias de hoje, o obelisco comemorativo da descoberta do fenómeno do desvio da agulha de marear, por D. João de Castro, neste porto, em 1538, o Museu de Arte Sacra instalado nas casas do antigo Hospital da Misericórdia e ainda as obras de reintegração e restauro no Palácio dos Capitães Generais, na Capela de S. Paulo, na Fortaleza de S. Sebastião, no Forte de Santo António, na Casa da Câmara, na Mesquita de Gulamo no Lumbo e noutros edifícios de valor histórico e interesse arqueológico, da Cidade, do Mossuril e das Cabaceiras, de cujos actos se lavrou o presente Auto que vai ser assinado por Sua Excelência, e por mim, Pedro Quirino da Fonseca, arquitecto, da Comissão dos Monumentos Históricos da Província, que executou ou promoveu todos os referidos trabalhos, e o mandou imprimir em três exemplares originais, sendo um para sua Ex-

59 A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, 6774, 3.

celência, outro para a Cidade e o terceiro para a referida Comissão dos Monumentos Históricos⁶⁰.

Para o encerramento da cerimónia estava programada a intervenção da fanfarra, formada, muito provavelmente, pelos membros dos três ramos militares reunidos⁶¹. Ignorada a informação na imprensa moçambicana é provável que a fanfarra não tenha atuado no decurso da solenidade inaugural da estátua.

O artigo publicado no *Diário de Moçambique*, no dia seguinte, revela a importância do evento em todo o programa celebrativo: «A inauguração da estátua de Camões, esta manhã, foi o ponto mais alto das comemorações que se desenrolam na Ilha de Moçambique para assinalar a passagem do grande épico por esta terra»⁶².

Terminada a sessão, a comitiva oficial deveria estar reunida, pelas 9:30 da manhã, no Museu de Arte Sacra⁶³, a unidade museológica começada a programar dois anos antes, em 1967, no edifício desafeto do hospital da Misericórdia da Ilha de Moçambique para albergar as coleções artísticas de arte devocional⁶⁴ provenientes da região e da província⁶⁵ (Figura 4). Este seria um dos estabelecimentos culturais cuja inauguração se fez coincidir com os festejos camonianos de Novembro de 1969:

60 A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, 6774, 3.

61 Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, [19].

62 A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, 6774, 1.

63 Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, [19].

64 As denominadas «autênticas relíquias históricas de todas as épocas de Moçambique» rondavam algumas centenas de peças. Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 202.

65 Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1966, *Monumenta*, 3, 77; A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, 6774, 3.

Procurar-se-á, que em 1969, por ocasião das comemorações da passagem do poeta Luís de Camões pela Ilha de Moçambique, o Museu possa ser oficialmente inaugurado, contribuindo deste modo a Província, para o programa das Comemarações [sic], com uma realização de vulto⁶⁶.

O plano havia sido cumprido atempadamente.



Figura 4. Visita inaugural do governador-geral de Moçambique ao Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique integrada nas comemorações dos centenários do nascimento de Vasco da Gama e da estada de Luis Vaz de Camões na respetiva ilha

Autor desconhecido | Novembro de 1969 | Fotografia

Proveniência: *Monumenta. Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, Lourenço Marques [Maputo], 1970, 6, [91].

O evento seguinte decorreu no Palácio de São Paulo, o primitivo colégio homónimo da Companhia de Jesus, tornado na residência oficial do governador, e onde se pretendia estabelecer, desde 1965,

⁶⁶ Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1967, 4, 71-72.

o Museu da Marinha⁶⁷. Marcada para as 10:30, a sessão decorreu no pátio exterior do palácio e estava destinada a assinalar a (re)abertura dos monumentos históricos restaurados e das infraestruturas museológicas instituídas. Tomou a palavra o historiador Marques Lobato⁶⁸. Após mencionar a estada do célebre jesuíta São Francisco Xavier [1506-1552], quando seguiu idêntico percurso marítimo para o Oriente, o historiador descreveu, de veras sucintamente, a passagem de Camões pela Ilha de Moçambique:

Também estivera na Ilha, obscuro e desavindo com o Capitão que o trouxera de Goa, dedicando-se a retocar Os Lusíadas e a compor o Parnaso, um velho soldado da África e do Oriente, que três anos depois de a deixar publicaria no Reino o Poema da Raça e ficaria na História como símbolo da Pátria⁶⁹.

Marques Lobato salientou ainda o empenho do governador-geral Rebello de Souza na conclusão das obras em curso nas vésperas das festividades dos centenários calendarizados e que naquela data acabaram por ser inauguradas:

Para simbolizar a obra empreendida, e marcá-la, acelerou-a V. Ex.^a quanto possível para este dia de hoje em que se honrou a demorada passagem de Camões por esta Ilha há quatro séculos e o seu regresso ao Reino com “OS LUSÍADAS⁷⁰.

67 (1966). Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1965, *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 2, 69; (1973). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1972, *Monumenta. Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 9, 73.

68 Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, [19]; A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral, 3.

69 Lobato, A. M.. *Ilha de Moçambique. IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique*, [2-4].

70 (1970). Lobato, A. M. Conservar e modernizar, na Ilha de Moçambique, *Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 10.

Terminados os discursos solenes procedeu-se à visita do edifício do Palácio e da Igreja de São Paulo, onde foi descerrada uma lápide comemorativa no âmbito das comemorações⁷¹. Pelas 11:30 a comitiva seguiu então em direção à Fortaleza de São Sebastião e, durante o trajeto, foram sendo exibidos alguns dos melhoramentos urbanos realizados, nomeadamente a construção do coreto no jardim, onde iria atuar, mais tarde, a banda da Escola de Artes e Ofícios, provavelmente integrada no festival de folclore macua marcado para as 15:30⁷².

Prestados os cumprimentos oficiais à comitiva por parte da Guarda de Honra do Exército, acompanhados de uma salva de bombardas, procedeu-se à inauguração de uma exposição instalada numa das renovadas dependências da Fortaleza de São Sebastião⁷³. No âmbito do programa comemorativo foi organizada uma mostra itinerante dedicada à história da Ilha de Moçambique, centrada essencialmente na apresentação das cópias das espécies documentais, cartográficas, iconográficas e bibliográficas mais emblemáticas depositadas no Arquivo Histórico Ultramarino⁷⁴. A par do espólio dedicado a «essa ilha-museu, uma das pérolas do Oriente», a mostra cultural, prevista estrear ao meio dia, contemplava ainda alguma da mais conhecida «iconografia do nosso grande épico» Luis Vaz de Camões, sobre a qual se editou o respetivo catálogo *Cartográfica e Iconográfica, Comemorativa do [I]V Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique*, coordenado por Alberto Iria e impresso com a chancela do Arquivo Histórico Ultramarino em 1969⁷⁵.

71 O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira, 6770, 2. Contudo, não só desconhecemos a localização como também o conteúdo do texto inscrito da referida lápide comemorativa.

72 O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira, 6770, 2.

73 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 202; O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira, 6770, 2.

74 Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 523-524, 168.

75 Iria, A. (1969) Prefácio, *Catálogo da Exposição Itinerante, Cartográfica e Iconográfica, Comemorativa do [I]V Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino, 5.

O último evento da temática camonianiana, e o único de carácter académico de todo o programa apresentado, contemplava a realização de uma conferência a cargo de Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva [1939], ao tempo doutorando da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra⁷⁶ – o vencedor do Prémio Camões na edição de 2020 –, mediante o convite endereçado por Justino Mendes de Almeida, subsecretário de Estado da Administração Escolar e mais tarde diretor-geral da Direção-Geral da Educação do Ultramar. Apesar de quatro dias antes ter sido noticiada a presença de Aguiar e Silva⁷⁷, conforme o programa oficial, a conferência nunca foi realizada, situação que deixa antever a existência de falhas de comunicação entre a comissão executiva nacional e os órgãos de comunicação da província ultramarina⁷⁸.

No programa oficial consta apenas o nome do conferencista e a instituição académica a que pertencia, sem apresentar o tema da palestra proposta. Tendo em conta a área académica de formação do palestrante, em Literatura Moderna portuguesa, é de supor que a conferência, marcada para o final do dia 23 de Novembro no edifício da autarquia, fosse dedicada, quem sabe, à contextualização histórica da passagem de Camões pela Ilha de Moçambique, à análise temática do episódio da Ilha dos Amores de *Os Lusíadas* ou à apreciação crítica dos cânones da lírica camonianiana⁷⁹.

76 Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, [19].

77 O “Infante Dom Henrique” chegou ontem à Beira, 6770, 2.

78 Após os contactos estabelecidos com o Senhor Professor Doutor Aguiar e Silva – a quem manifestamos o nosso agradecimento pelas informações disponibilizadas em 21 de Outubro de 2020 – fomos elucidados que o tema da palestra ainda não ficara decidido até ao acerto final da deslocação a Moçambique: «Entre as «brumas da memória», não consigo recordar o tema camonianiano que iria tratar nas comemorações da estada de Camões na Ilha de Moçambique. Lembro-me muito bem, todavia, da razão por que não fui a Moçambique. O convite fora-me endereçado pelo Doutor Justino Mendes de Almeida.». As tentativas falhadas de reunir com o diretor-geral, em Lisboa, acabariam por impedir Aguiar e Silva de participar no evento planeado para a Ilha de Moçambique.

79 Em 1972, ano da defesa das provas de doutoramento, Aguiar e Silva veio a apresentar no XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a lição dedicada à *Função e significado do episódio da “Ilha dos Amores” na estrutura de “Os Lusíadas”*. *Lição proferida pelo Doutor Victor Manuel de Aguiar e Silva no XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 3 de Agosto de*

A palestra de Aguiar e Silva foi, entretanto, substituída pela intervenção de António Silva Gonçalves, docente liceal de Lourenço Marques, que se dedicou ao tema de Luis de Camões e a composição de *Os Lusíadas*⁸⁰. A cerimónia, organizada na Câmara Municipal da Ilha de Moçambique, pelas 18:00 do referido dia, contou com a presença, na mesa oficial, do governador-geral, Rebello de Souza, do governador do distrito de Nampula, Marques Palmeirim, do general Augusto Santos, do diretor-geral da Educação, Romão Duarte, e ainda pelo presidente da autarquia, Teixeira Fonseca⁸¹. As intervenções oficiais e a palestra camoniana foram bastante aplaudidas pela assembleia⁸².

Terminado o programa do primeiro dia, os membros da comitiva reuniram-se para alguns momentos de lazer e diversão, como observar o pôr-do-sol na principal pousada da ilha, marcado para as 19:00 horas, assistir na «Ponta da Ilha» – portanto na *Cidade Macuti*⁸³

1972 (separata), Lisboa, Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”, 1972. A escolha do tema seria decerto, e oportunamente, simbólica, já que Aguiar e Silva alinha com os estudiosos e os comentaristas camonianos que consideram a Ilha dos Amores «uma ilha fantástica, parto da fecunda imaginação do poeta e insuscetível, por conseguinte, de ser identificada com qualquer ilha real. Aqueles que, com razões mais ou menos eruditas, têm pugnado pela localização geográfica da «Ilha dos Amores», incorrem, em nosso ver, num grosso erro de teoria literária». Contudo, o mesmo autor publicara, em 1968, o seu primeiro estudo camoniano: *Notas sobre o cânone da lírica camoniana*, tema igualmente sugestivo para a mencionada palestra. Silva, V. M. de A. e (1999), *Função e significado do episódio da «Ilha dos Amores» na estrutura de Os Lusíadas; Epilógomenos. Camões Labirintos e Fascínios*, 132-133, 230; Silva, V. M. de A. e (1968), *Notas sobre o cânone da lírica camoniana*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, I.

80 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 202.

81 Durante o discurso proferido na sessão, o governador-geral, entretanto tornado cidadão honorário da Ilha de Moçambique, salientou a dedicação e o empenho manifestados pelo arquiteto Quirino da Fonseca e pelo historiador Marques Lobato na recuperação do património histórico da ilha. Comemorações camonianas, *Diário de Moçambique*, 6775, 3; Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 202.

82 Comemorações camonianas, *Diário de Moçambique*, 6775, 3.

83 A Ilha de Moçambique é tradicionalmente dividida entre a *Cidade de Pedra*, marcada pela construção portuguesa colonial, e pela *Cidade de Macuti*, marcada pelas construções residenciais tradicionais cobertas com folhas de coqueiro.

– às danças tradicionais locais de origem árabe, os grupos de tufo⁸⁴, e contemplar o lançamento de fogo de artifício, pelas 24:00⁸⁵. No entanto, embora não seja possível comprovar a realização de todos os eventos, há registos que atestam a alteração dos programas inicial e o oficial – o de Fevereiro-Março de 1968 e o de Novembro de 1969 –, pois para esse mesmo dia foi planeada a realização de um sarau camoniano promovido pelos estudantes da Universidade de Lourenço Marques⁸⁶. No dia seguinte, 24 de Novembro, tiveram lugar as comemorações em torno de Vasco da Gama, repartidas entre a Ilha de Moçambique e a Ilha de Goa⁸⁷.

Embora não seja possível obter uma opinião total e imparcial de todos os eventos conduzidos no dia 23 de Novembro, o *Boletim Geral do Ultramar* classificou todas as atividades comemorativas de

84 Num vídeo promocional dedicado à Ilha da Moçambique surge um grupo feminino de tufo a entoar uma música que evoca a passagem de Luís Vaz de Camões e a composição de *Os Lusíadas* na ilha africana: «A nossa terra Ilha de Moçambique é rica em história/ No principio era apenas um bosque/ E os Árabes chegaram e é que a descobriram/ Vasco da Gama ao avistar a Ilha parou durante a sua expedição para Índia/ E Luís de Camões escreveu *Os Lusíadas*/ Os nossos ancestrais deixaram história [...] A Ilha de Moçambique está rodeada por águas do mar/ Temos usos e costumes/ Temos a fortaleza, temos o museu, temos a mesquita e a capela [de Nossa Senhora do Baluarte?] / É Património Mundial da Humanidade/ Venham todos visitar a Ilha de Moçambique.». O vídeo foi visualizado na página <https://www.youtube.com/watch?v=pkA3p47dN3c> em 20 de Setembro de 2020.

85 Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, [19].

86 Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 523-524, 168.

87 O primeiro evento das comemorações de Vasco da Gama teve lugar ainda no dia 23 de Novembro, com a oferta do retrato de Vasco da Gama executado pelo pintor Guilherme Filipe [1897-1971], ao município islenho. Trata-se de uma cópia do suposto retrato de Vasco da Gama, executado na primeira metade do século XVI, que se encontra depositado no Museu Nacional de Arte Antiga (MNA Inv.º 550 Pint). Entretanto, no dia 24, teve lugar, na Ilha de Goa, localizada a Este da Ilha de Moçambique, a cerimónia solene de implantação de uma réplica de um padrão dos Descobrimentos. De regresso à Ilha de Moçambique, ainda no período da manhã, a comitiva oficial liderada pelo governador-geral visitou a velha Igreja de Santo António, alvo de uma campanha de beneficiação material, e inaugurou a nova Mesquita de Gulama. Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 523-524, 168; Programa dos festejos centenários na Ilha de Moçambique, [19]; Comemorações camonianas, 6775, 3.

forma muito positiva: «A província de Moçambique soube comemorar condignamente o IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique»⁸⁸. Com base nas notícias divulgadas pela imprensa moçambicana, os eventos foram muitíssimo concorridos, considerando o elevado número dos membros da comitiva oficial e das autoridades e entidades de honra convidados, aos quais se juntaram ainda, em determinados momentos, muitos dos passageiros do cruzeiro turístico que viajavam a bordo do paquete Infante D. Henrique, num total de quase trezentos viajantes⁸⁹.

A cerimónia oficial de encerramento acabou por acontecer em Lourenço Marques, num evento realizado conjuntamente com o programa das comemorações do *V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*⁹⁰, promovido no dia 30 de Novembro de 1969 pela delegação da Mocidade Portuguesa⁹¹.

Na verdade, o ano de 1969 foi pródigo na realização de festividades comemorativas que pretendiam assinalar os mais diversos feitos dos portugueses nas muitas regiões ultramarinas que à data compunham o território português: o *V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama (1469-1969)*; o *I Centenário do Nascimento de Gago Coutinho (1869-1969)*; o *II Centenário da Transferência da Capital da Província de Timor de Lifau para Díli (1769-1969)*; o *I Centenário da Publicação da Reforma Administrativa Ultramarina de Rebello da Silva (1869-1969)*; o *IV Centenário da Instituição da Santa Casa da Misericórdia de Macau (1569-1969)*; e o *V Centenário do Nascimento de D. Manuel I*

88 (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 201.

89 Conforme a notícia de 25 de Novembro, os eventos foram muitíssimo concorridos, pese embora se tenham registado múltiplos desmaios e a escassez total de bebidas e águas frescas devido à onda de calor que se registou. O “Cruzeiro dos Centenários” é aberto a quem desejar dele participar, 6766, 2; Comemorações camonianas, 6775, 3.

90 Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique, 531-534, 202.

91 Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, 531-534, 200.

(1469-1969), o monarca português indissociável da expansão marítima portuguesa entre os séculos XV e XVI⁹². De entre as agora elencadas, as comemorações de Camões foram as que tiveram maior impacto cultural no território moçambicano.

Considerações finais

As festividades e as atividades do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique* promoveram, com sucesso, a produção de variadas edições comemorativas e a realização de diferenciados eventos culturais, artísticos e científicos, todos concebidos, programados e executados à semelhança de outros eventos similares desenvolvidos pelos organismos estatais em torno das figuras da História Pátria mais celebradas ao longo dos séculos. O cotejo das fontes concernentes às celebrações de 1969 evidenciam uma matriz organizativa comum e similar neste tipo de eventos comemorativos, assente sobretudo na organização de eventos culturais, na emissão de séries colecionáveis e na inauguração monumentos escultóricos em espaços públicos.

Fica assim apresentado o contexto histórico das comemorações celebradas em torno dos quatrocentos anos da passagem de Camões pela Ilha de Moçambique, 1569-1969, com o enquadramento dos meandros institucionais promovidos pelos organismos acoplados à máquina administrativa central e ultramarina do regime autoritário do Estado Novo, e a identificação dos principais intervenientes que conduziram, direta e indiretamente, os programas celebrativos no território que é hoje Moçambique.

92 Informações e Notícias. V Centenário de Vasco da Gama, Informações e Notícias. Centenário do Nascimento do Almirante Gago Coutinho, Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar, 523-524, 156-166, 166-167, 167-169; Informações e Notícias. Macau. (1969, Setembro-Dezembro). Comemorações, Informações e Notícias. S. Tomé e Príncipe. Festividades, *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 248-249, 255-256; (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. Filatelia: selos comemorativos. *Boletim Geral do Ultramar*, Lisboa, 531-534, 268-269.

Embora com sucessivas alterações, quer no calendário, quer no conteúdo, a comissão executiva responsável pelo programa oficial final de Novembro de 1969 respeitou as principais orientações do plano inicial delineado pela comissão provisória entre Fevereiro e Março de 1968. Procurando, assim, assinalar a passagem do Poeta por este território insular moçambicano, as comemorações oficiais do *IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique (1569-1969)* foram centradas na organização de um conjunto de atividades culturais, artísticas e científicas, com a promoção de edições comemorativas, a realização de eventos expositivos, a apresentação de palestras científicas e a inauguração de um moderno monumento escultórico dedicado ao Poeta. A par destes eventos registou-se, em simultâneo, a apresentação dos trabalhos de consolidação e musealização de um largo número de edifícios históricos localizados na emblemática ilha moçambicana.

Contudo, perante a impossibilidade de tratar no âmbito artístico as coleções de filatelia, a medalha comemorativa e o monumento escultórico erguido na Ilha de Moçambique, projetos promovidos no decurso do programa cultural das comemorações camonianas de 1969, comprometemo-nos a concluir este estudo no próximo número do *Boletim da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*. Importará assim abordar a composição material e a conceção artística das obras, proceder ao cotejo das edições similares coevas lançadas em outras comemorações históricas oficiais portuguesas, conhecer o principal contributo dos artistas envolvidos e analisar o impacto cultural destas obras camonianas na sociedade da época, sobretudo aquela que foi a mais controversa peça comemorativa, a estátua de Camões empunhando o manuscrito de *Os Lusíadas*. Oportunamente, deverá ainda ser analisado, num quadro de análise convergente, o carácter político destas comemorações no âmbito do exercício da propaganda do regime do Estado Novo, com a constante procura de legitimar a presença dos portugueses e manter unidos – ou melhor, submetidos –, os povos dos territórios ocupados.

BIBLIOGRAFIA

Fontes impressas:

- Camões, L. V. (1572). *Os Lusíadas*. Lisboa: Por Antonio Gõçalvez.
- Camões, L. V. (1595). *Rhythmas de Lvis de Camoes, Diuididas em cinco partes, Dirigidas ao muito Illustre Senhor D. Gonçalo Coutinho*. Lisboa: Por Manoel de Lyra à custa de Esteuão Lopez.
- Camões, L. V. (1980). *Rimas. Reprodução fac-similada da edição de 1598* (Estudo introdutório de Silva, V. M. A. e. Braga: Universidade do Minho.
- Couto, D. do (1786). *Da Asia. Dos feitos, que os Portuguezes fizeram na conquista, e no descobrimento das terras, e mares do Oriente. Decada Oitava*. Lisboa: Regia Officina Typographica.
- Mariz, P. de (1613). Ao estudioso da lição Poetica, Manoel CORREA, *Os Lvsíadas do Grande Lvis de Camoens. Principe da Poesia Heroica*, Lisboa, Por Pedro Craesbeeck, 1613, [fls. Ilv-V].

Estudos e obras gerais:

Autores Anónimos/ Vários:

- (1966). Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1965. *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 2, 67-69.
- (1967). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1966. *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 3, 77-78.
- (1968). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1967, *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 4, 71-72.
- (1968, Março). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 513, 118-119.
- (1968, Março). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral. *Boletim Geral do Ultramar*, 513, 119-121.
- (1968, Abril). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Pedro Álvares Cabral. *Boletim Geral do Ultramar*, 514, 123-126.
- (1968, Junho). Informações e Notícias. Novo Governador-Geral de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 516, 145-147.

- (1968, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Ensino, Investigação e Cultura: Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 517-518, 272-273.
- (1968, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Moçambique: Governador-Geral. *Boletim Geral do Ultramar*, 519-520, 125-131.
- (1968, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Museu Militar. *Boletim Geral do Ultramar*, 517-518, 241.
- (1968, Setembro-Outubro). Informações e Notícias. Filatelia: Cabo Verde. *Boletim Geral do Ultramar*, 519-520, 166-167.
- (1968, Novembro-Dezembro). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 521-522, 120.
- (1969). Actividade da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1968, *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 5, 77-78.
- (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 166-167.
- (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. Centenário do Nascimento do Almirante Gago Coutinho. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 156-166.
- (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. Administração. O Governador-Geral de Angola visitou Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 192-196.
- (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. Administração. Moçambique: Governador-Geral. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 197-199.
- (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. Ensino, Investigação e Cultura. Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 219-220.
- (1969, Janeiro-Fevereiro). Informações e Notícias. Três comemorações centenárias relativas ao Ultramar. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 167-169.
- (1969, Janeiro-Julho). Pela Pátria de que todos nos orgulhamos – Discurso proferido pelo Ministro do Ultramar, em 15 de Janeiro de 1970. *Boletim Geral do Ultramar*, 535, 45-47.
- (1969, Março). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 525, 117-118.
- (1969, Maio). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 527, 97.
- (1969, Maio). Informações e Notícias. O Embaixador Holandês em Lisboa visita Angola e Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 527, 101.
- (1969, 29 de Maio). Os centenários de Vasco da Gama, Luis de Camões e Gago Coutinho no distrito de Moçambique. *Diário de Moçambique*, 6601, 9.
- (1969, Junho). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 528, 165-167.

- (1969, Junho). Informações e Notícias. Filatelia. [Selos comemorativos do IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique]. *Boletim Geral do Ultramar*, 528, 198-200.
- (1969, 10 de Junho). O Dia de Portugal é hoje assinalado com diversas cerimónias. *Diário de Moçambique*, Lourenço Marques, 6612, 2.
- (1969, 10 de Junho). Programa do Dia de Portugal. *Diário de Moçambique*, 6612, 5.
- L. (1969, 12 de Junho). O 10 de Junho na Metrópole. Grandiosa homenagem da Nação aos heróis que se batem pela Pátria. *Diário de Moçambique*, 6613, 1, 11.
- (1969, 12 de Junho). Festival da Mocidade Portuguesa. *Diário de Moçambique*, 6613, 11.
- (1969, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, Lisboa, 529-530, 124-130.
- (1969, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Filatelia. Selos comemorativos. *Boletim Geral do Ultramar*, 529-530, 196-197.
- (1969, Julho-Agosto). Informações e Notícias. Visitou Moçambique o embaixador dos Países Baixos em Lisboa. *Boletim Geral do Ultramar*, 529-530, 147.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. II Centenário da Transferência da capital de Timor para Díli. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 256.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. IV Centenário da Estada de Luís de Camões na Ilha de Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 201-202.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 198-201.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. Actividade Municipal: Angola. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 253.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. Arte e Letras. Moçambique. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 257-258.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. Filatelia: selos comemorativos. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 266-270.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. Macau. Comemorações. *Boletim Geral do Ultramar*. 531-534, 248-249.
- (1969, Setembro-Dezembro). Informações e Notícias. S. Tomé e Príncipe. Festividades. *Boletim Geral do Ultramar*, 531-534, 255-256.
- (1969, 12 de Novembro). Um cruzeiro no "Infante D. Henrique" integrado nas comemorações camoneanas. *Diário de Moçambique*, 6763, 1.
- (1969, 15 de Novembro). O "Cruzeiro dos Centenários" é aberto a quem desejar dele participar, *Diário de Moçambique*, 6766, 2.
- (1969, 19 de Novembro). Comemorações Camoneanas. *Diário de Moçambique*, 6769, 1.
- (1969, 20 de Novembro). O "Infante Dom Henrique" chegou ontem à Beira. *Diário de Moçambique*, 6770, 2, 9.

- (1969, 22 de Novembro). Comemorações Camoneanas na Beira. *Diário de Moçambique*, 6772, 3.
- (1969, 22 de Novembro). Director-Geral de Educação do Ministério do Ultramar, *Diário de Moçambique*, Lourenço Marques, 6772, 2.
- (1969, 22 de Novembro). O Governador-Geral inaugura hoje o importante edifício do Colégio Luís de Camões. *Diário de Moçambique*, 6772, 1.
- (1969, 23 de Novembro). Comemorações camonianas. O novo edifício do Colégio Luís de Camões foi ontem inaugurado na Beira pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6773, 1-3.
- (1969, 24 de Novembro). A estátua de Camões foi ontem inaugurada na Ilha de Moçambique pelo Governador-Geral. *Diário de Moçambique*, 6774, 1-3.
- (1969, 25 de Novembro). Comemorações camonianas, *Diário de Moçambique*, 6775, 3.
- (1969, 26 de Novembro). [Exposição Camoniana na Beira], *Diário de Moçambique*, 6776, 2.
- (1969, 1 de Dezembro). Filatelia e Numismática, *O Facho. Órgão de Informação, Cultura e Recreio de Reconhecimento das Transmissões de Moçambique*, 3274, 6.
- (1971). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1971, *Monumenta. Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 7, 95-96.
- (1973). Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1972. *Monumenta. Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 9, 73-75.
- (2001). Moçambique, in J. B. Chorão (Dir.), *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura. Edição Século XXI* (139-182). Lisboa-São Paulo: Editorial Verbo, 2001, 20.
- (2007, Dezembro). *Island of Mozambique. Guide [English]*. Maputo-Lisboa: Direcção Nacional da Cultura/ Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- Alves, H. J. S. & Pires, M. da C. F. (2011). Crítica Camoniana no século XVII, in V. A. e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões* (304-307). Lisboa: Editorial Caminho.
- Alves, M. dos S. (1994). *Dicionário de Camões*. Lisboa: Universitária Editora.
- Castro, A. P. de (2007). *Páginas de um honesto estudo camoniano*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.
- Castro, M. J. (2016, Janeiro-Junho). Império e Propaganda: as viagens presidenciais às colónias ultramarinas durante o Estado Novo. *Revista Brasileira de História da Mídia*, 5, 1, 75-84.
- Costa, A. (1969, 10 de Junho). Os Lusíadas obra perfeita do Renascimento. "Bíblia Nacional". *Diário de Moçambique*, 6612, 5, 7.
- Coutinho, B. X. da C. (1946-1948). *Camões e as Artes Plásticas. Subsídios para a Iconografia Camoniana*. Porto: Livraria Figueirinhas, 2 vols.
- Cruz, M. A. L. (2011). Camões e Diogo do Couto, in V. A. e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões* (134-140). Lisboa: Editorial Caminho.

- Ferreira, J. (1969, Janeiro-Fevereiro). O Voo Experimental à Ilha da Madeira e o Triunfo da Viagem Lisboa-Rio de Janeiro. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 239-247.
- Fonseca, P. Q. da (1972). Algumas descobertas de interesse histórico-arqueológico na Ilha de Moçambique. *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 8, 55-71.
- Fonseca, P. Q. da (1970). Homenagem ao Dr. Baltazar Rebello de SOUZA. *Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 5-6.
- Fraga, M. do C. (2011). Orta, Garcia da", in V. A. e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões (651-653)*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Garcia, A. (1969). Camões em Moçambique. 1567-1569, *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 5, 29-31.
- Garcia, A. (1969, 22 de Novembro). IV Centenário de Camões em Moçambique. 1567-1569. *Diário de Moçambique*, 6772, 13.
- Gomes, C. (1969, 10 de Junho). Luís de Camões vida da "maior alma que deitou Portugal". *Diário de Moçambique*, 6612, 5.
- Gonçalves, A. da S. (1969). Camões e Moçambique. *Monumenta. Publicação da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 5, 23-25.
- Iria, A. (1969). *Catálogo da Exposição Itinerante, Cartográfica e Iconográfica, Comemorativa do [I]V Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique*. Lisboa: Arquivo Histórico Ultramarino.
- Knopfli, R. (1989). *A Ilha de Próspero: roteiro poético da Ilha de Moçambique*. Lisboa: Edições 70.
- Lisboa, E. (1981). Camões, a Ilha de Moçambique e nós. *Estudos sobre Camões. Páginas do Diário de Notícias dedicadas ao poeta no 4º centenário da sua morte (177-186)*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda/Editorial Notícias.
- Lobato, A. M. (1970). Conservar e modernizar, na Ilha de Moçambique, *Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique*, 6, 7-10.
- Lobato, A. M. (1945). *A Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique.
- Lobato, A. M. (1966). *A Ilha de Moçambique. Panorama Estético*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.
- Lobato, A. M. (1967). *A Ilha de Moçambique. Panorama Histórico*. Lisboa: Agência do Ultramar.
- Lobato, A. M. (1969). *Ilha de Moçambique. IV Centenário da Estada de Camões na Ilha de Moçambique. V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Provincial dos Centenários.
- Matos, M. V. L. de (2011). Biografia de Luís de Camões, in V. A. e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões (80-94)*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Pimentel, A. F. (1988). O Cortejo Cívico das comemorações camonianas de 1880. *Romantismo. Figuras e factos da época de D. Fernando II (277-316)*. Sintra: Instituto de Sintra.

- Ribeiro, E. (2012). *Camões no Oriente e outros textos*. Lisboa: Labirinto das Letras.
- Rodrigues, M. M. S. (1969, Janeiro-Fevereiro). Gago Coutinho – um dos maiores de Portugal. *Boletim Geral do Ultramar*, 523-524, 47-51.
- Silva, V. M. P. de A. e (1999). *Camões: Labirintos e Fascínios*. Lisboa: Cotovia.
- Silva, V. M. P. de A. e (2011). Camões e D. Sebastião, in V. A. e Silva (Coord.), *Dicionário de Luís de Camões* (129-134). Lisboa: Editorial Caminho.
- Silva, V. M. P. de A. e (1972). *Função e significado do episódio da “Ilha dos Amores” na estrutura de “Os Lusíadas”*. Lição proferida pelo Doutor Victor Manuel de Aguiar e Silva no XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 3 de Agosto de 1972 (separata). Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de “Os Lusíadas”.
- Silva, V. M. P. de A. e (2011). Ilha dos Amores (Episódio da), in V. A. e Silva, *Dicionário de Luís de Camões* (437-444). Lisboa: Editorial Caminho.

Atividades Culturais 2020

Cultural activities 2020

Maria Luísa Sousa Machado¹

José Alberto Mateus²

Introdução

A Biblioteca Geral promove anualmente um conjunto diversificado de atividades culturais nos espaços vocacionados para o efeito, como a Sala do Catálogo, a Sala de São Pedro e a Biblioteca Joanina, quer no Piso Nobre quer no Piso Intermédio.

Em 2020, em virtude do surto pandémico, algumas das atividades previstas e programadas tiveram que ser reajustadas face ao evoluir da situação. Algumas destas atividades foram realizadas com um número reduzido de participantes e/ou simultaneamente em modo *on-line*, enquanto outras foram adiadas.

Das iniciativas realizadas merecem destaque as exposições bibliográficas, conferências, tertúlias e ainda os dois cursos ministrados no âmbito da APECER-UC (Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra).

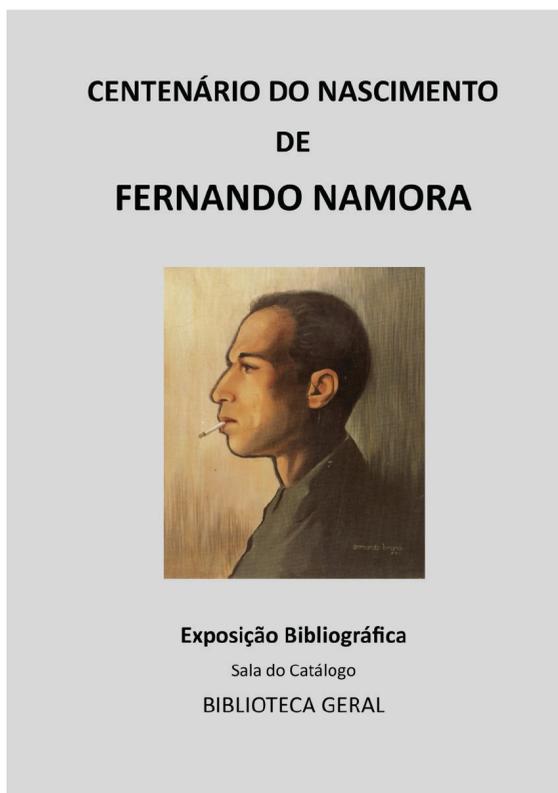
1 Bibliotecária da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – lmachado@bg.uc.pt. [Orcid.org/0000-0002-3187-4240](https://orcid.org/0000-0002-3187-4240)

2 Bibliotecário da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – jomat@bg.uc.pt. [Orcid.org/0000-0002-2020-9325](https://orcid.org/0000-0002-2020-9325)

Exposições e Mostras Bibliográficas

Sala do Catálogo

Centenário do Nascimento de Fernando Namora | 1919 - 1989



A exposição comemorativa do centenário do nascimento de Fernando Namora iniciou o conjunto de exposições realizadas no ano de 2020 na Sala do Catálogo da Biblioteca Geral.

O médico, escritor e pintor Fernando Namora nasceu em Condeixa-a-Nova a 15 de abril de 1919, filho de António Mendes Namora e de Albertina Augusta Gonçalves Namora.

Concluída a instrução primária na escola da localidade, ingressou no Colégio Camões, em Coimbra, que abandonou em 1932

partindo para Lisboa, onde, como discípulo de Jorge de Sena, permaneceu durante dois anos. De regresso a Coimbra em 1935, ingressou no Liceu de José Falcão inscrevendo-se no ano seguinte nos preparatórios médicos da Faculdade de Medicina. Licenciou-se em 1942, vindo a exercer em Condeixa-a-Nova e nas regiões da Beira Baixa e Alentejo.

Fernando Namora revelou desde muito cedo forte propensão para as letras e para as belas-artes, possuindo já aos 15 anos uma biblioteca considerável e invulgar para a sua idade. Iniciou nos anos 30 uma ativa e fecunda carreira literária repartida entre a poesia e a prosa, integrado no grupo literário designado de “geração de 40”, que incluía escritores como Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, João José Cochofel ou Mário Dionísio, nomes ligados ao grupo da *Presença*. Com Artur Varela e Carlos de Oliveira, publicou em 1937, no pequeno volume *Cabeças de Barro*, o conto *O Mono*, participando no mesmo ano na preparação de *Cadernos da Juventude*, de que se conhecem dois exemplares do primeiro número, que não chegou a público. No ano seguinte, saiu o seu primeiro livro de poesia, *Relevos*, e o romance *As Sete Partidas do Mundo* (Prémio Almeida Garrett), que marcou a viragem para o neorrealismo. Em 1939, participou na organização da revista *Altitude*, com Cochofel e Coriolano Ferreira, e no ano seguinte, 1940, publicou o seu segundo livro de poesia, *Mar de Sargaços*. A publicação da coleção *Novo Cançãoeiro* marcou efetivamente o surgimento do neorrealismo, tendo sido Namora a iniciá-la com o livro *Terra*, que assinalou uma viragem no plano literário português. Neste mesmo ano surgiu, incluído na coleção *Novos Prosadores*, o romance *Fogo na Noite Escura*, considerado o seu primeiro grande romance. A partir daqui publicou regularmente, tendo a sua obra sido moldada dentro de um cunho neorrealista de cariz pessoal, de análise social.

Publicou, em 1945, *Casa da Malta*, em 1946 *As Minas de S. Francisco*, *Retalhos da Vida de Um Médico* (duas séries), em 1949 e em 1963 (*Prémio Vértice*), *A Noite e a Madrugada*, em 1950, *O Trigo e o Joio*, em 1954, *O Homem Disfarçado*. Em 1957, *Cidade Solitária*, em 1959, *Domingo à Tarde*, em 1961 (*Prémio José Lins do Rego*), *Os Clandestinos* em 1972 e *Rio Triste*, em 1982. *Diálogo em Setembro*, em 1966, um novo livro de poesia, *Marketing*, em 1969, *Um Sino na Montanha*, em 1970, *Os Adoradores do Sol*, em 1972, *Estamos no Vento*, em 1974, *A Nave de Pedra*, em 1975, *Cavalgada Cinzenta*, em 1977 e *Sentados na Relva*, em 1986, obras de crítica e de memórias e impressões de viagem.

Paralelamente à sua obra literária desenvolveu um grande interesse pela pintura, tendo frequentado a Escola Aberta do Padre João Antunes, o célebre “Padre Boi”, dinamizador em Condeixa de inúmeras iniciativas de índole cultural.

Fernando Namora recebeu diversos prémios como o “Prémio Ricardo Malheiros” em 1953, o de “Grande Oficialato da Ordem de Santiago”, a “Medalha de Ouro da Literatura da Sociedade Francesa de Encorajamento do Progresso” e a “Medalha de Ouro da Bulgária”, em 1981. É eleito “Membro Honorário da Universidade do Alasca”, em 1983, foi eleito membro da “Hispanic Society de Nova Iorque” e do “Instituto Médico de Sófia”, em 1984. “Membro titular da Academia Europeia das Ciências, Artes e Letras”, em 1985, foi eleito membro da “American Association of Teaching of Spanish and Portuguese”, em 1986, tendo sido agraciado com a “Grã Cruz da Ordem de Infante D. Henrique”, em 1988 e com a “Grã-Cruz da Ordem da Liberdade” em 2019, a título póstumo. Fernando Namora faleceu em Lisboa a 31 de janeiro de 1989, aos 69 anos.

Esta exposição que esteve patente na Sala do Catálogo, de 20 de dezembro de 2019 a 31 de janeiro de 2020, foi organizada pela Dr^a. Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

José Vitorino de Pina Martins | 1920 - 2010



Fotografia da exposição na Sala do Catálogo

Para assinalar o centenário do nascimento do investigador e filólogo José Vitorino de Pina Martins, nascido a 18 de janeiro de 1920, em Penalva de Alva, concelho de Oliveira do Hospital, foi organizada pela Dr.^a Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus a exposição bibliográfica intitulada “José Vitorino de Pina Martins (1920-2010)”, patente de 21 de fevereiro a 27 de março de 2020.

J. V. de Pina Martins frequentou o Colégio de Brás Garcia Mascarenhas, em Oliveira do Hospital, até à entrada na Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Filologia Românica na Faculdade de Letras (1947) com uma tese intitulada *Miséria e Grandeza do Homem em “Les pensées” de Blaise Pascal*.

Ainda em Coimbra, enquanto estudante, publicou diversas obras, como: *A pergunta de Pilatos*, em 1941; *Ensaio sobre o parnasianismo*

brasileiro, em 1945; *Ribeiro Couto: poeta da serenidade e Reflexões críticas sobre Eça de Queirós*, em 1947, assinando com o pseudónimo de Duarte de Montalegre, que manteve ainda nas edições de *Sopro da Noite - Veille*, editada em Paris, *Soffio della notte*, em Roma, e *Ojos sobre la noche* em Madrid, todas editadas em 1950. Foi ainda redator da revista "Estudos" do Centro Académico da Democracia Cristã (C.A.D.C.), a cuja direção pertenceu.

Após a licenciatura concorreu ao leitorado português na Universidade de Roma (La Sapienza), onde permaneceu até 1955. Em Itália frequentou o curso de História do Livro (sobre o livro ilustrado do Renascimento) na Escola Biblioteconómica do Vaticano, dirigido pelo Prof. Lamberto Donati, especialista do livro do séc. XV e XVI, e na Universidade de Bolonha os cursos de história da literatura italiana, orientados pelo Prof. Carlo Calcaterra.

Em 1955 assumiu o leitorado de português da Universidade de Poitiers, onde trabalhou com o investigador francês Raymond Cantel, especialista em estudos sobre a língua portuguesa e autor de uma tese sobre o pensamento profético e messiânico do Padre António Vieira.

Inscreveu em 1957 na Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle) as suas teses de doutoramento para a obtenção do Doctorat d'État, onde, sob a orientação de Léon Bourdon e de Robert Ricard, veio a obter em 1974 a mais alta classificação. No ano letivo de 1961-1962 iniciou a atividade docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, regendo a cadeira de História da Cultura Clássica, mantendo-se como Assistente até 1972, ano em que passa a dirigir o Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, em Paris, até 1983. Ainda neste ano foi convidado pela Universidade de Lisboa, como professor catedrático, desempenhando na mesma altura as funções de Diretor do Serviço de Educação Permanente da Fundação Calouste Gulbenkian. J. V. de Pina Martins, jubilou-se em 1990. Foi sócio correspondente e efetivo da Academia das Ciências de Lisboa, tendo sido várias vezes eleito para exercer

os cargos de Presidente e Vice-Presidente da Classe de Letras, e de Presidente e Vice-Presidente da própria Academia.

Foi igualmente orientador de diversos seminários e conferências, apresentando inúmeras comunicações em congressos e encontros internacionais na Europa e na América. Distinto bibliófilo, professor e autor de numerosos estudos sobre o livro e a sua história, o Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins faleceu em Lisboa no dia 28 de abril de 2010.

250º. Aniversário do Nascimento de Beethoven



Esteve patente na Sala do Catálogo a exposição comemorativa do 250º. Aniversário do nascimento de Beethoven”, que nasceu em Bona a 16 de dezembro de 1770. Descendente de músicos da corte, o seu destino de compositor de eleição depressa ficou traçado.

Sob a orientação rígida do pai, que detetou nele, ainda muito pequeno, os sinais de um talento musical invulgar (e uma importante

fonte de rendimento!), Ludwig, com apenas cinco anos, foi obrigado a estudar piano e a efetuar audições públicas (a primeira das quais a 26 de março de 1778). Mais tarde, em consequência do alcoolismo do seu progenitor e do falecimento precoce da mãe (em 1787), Beethoven acabaria por assumir, prematuramente, um protagonismo decisivo na chefia da sua família.

A sua formação musical foi realizada sob a orientação de Christian Gottlob Neefe, maestro e compositor de ópera, que foi seu mestre de piano e que lhe rasgou também horizontes a nível filosófico e literário. Foi ainda enquanto seu aluno que Ludwig publicou, em 1782, a sua primeira obra: *Nove Variações para Piano sobre uma Marcha de Ernest Christoph Dressler*.

Em 1787, Beethoven foi para Viena a fim de estudar com Joseph Haydn, sob o patrocínio do Conde Waldstein, que reconhecera o seu profundo talento e a quem ficou ligado por uma forte amizade. Por ocasião de uma audição vienense, conta-se que Beethoven teve a oportunidade de tocar na presença de Mozart, que, impressionado, logo lhe vaticinou uma carreira de nível mundial.

O drama de Ludwig começou cerca de 1796, em Viena, quando lhe foi diagnosticada uma surdez progressiva (aos 46 anos de idade estava quase completamente surdo), maleita que o deixou num estado de profundo desespero, a ponto de ter admitido cometer o suicídio.

Autor de uma vasta obra, Beethoven compôs 32 sonatas para piano (entre elas a n.º 14: *Sonata ao Luar*, em Dó Sustenido Menor, uma das mais conhecidas) e várias outras sonatas para violino e piano, ou para violoncelo e piano. Compôs também 16 quartetos de cordas, 9 sinfonias (incluindo a «Nona», estreada em 1824 e cujo último movimento, a *Ode à Alegria*, se tornou o hino da União Europeia), 5 concertos para piano e 1 para violino. Foi ainda autor da ópera *Fidélio* (versão definitiva apresentada a 24 de maio de 1814, no Theater am Kärntnertor, em Viena) e da poderosa *Missa Solemnis* (em Ré Maior), entre muitas outras peças (incluindo aberturas, danças e

canções várias), todas de um poder expressivo inigualável e de uma profunda carga sentimental. Ainda hoje muitos pianistas incluem, no repertório das primeiras peças clássicas que tocaram, a célebre «bagatela» («kleinichkeit») intitulada *Für Elise* e composta, cerca de 1810, em Lá Menor, para uma possível noiva.

Unanimemente considerado um dos maiores génios da história da música, Ludwig van Beethoven faleceu a 26 de março de 1827, em Viena, aos 56 anos de idade.

Esta exposição bibliográfica e documental, que decorreu de 16 de junho a 28 de Agosto, foi organizada pela Dr^a. Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

A Biblioteca dos Grandes Também é para os Mais Pequenos?!



Gravura do cartaz da exposição

A Biblioteca Geral em parceria com o Turismo UC, colaborou no programa UCJúnior especial verão 2020, desenvolvendo algumas atividades para promoção e estímulo da leitura junto dos mais jovens. Em paralelo esteve patente na Sala do Catálogo a exposição bibliográfica intitulada “Contos, histórias e desenhos... O livro infantil ao longo dos tempos!”, que pretendeu ilustrar a história do livro infantil. Esta iniciativa esteve a cargo da Dr^a. Teresa Mendes.

II Centenário da Revolução Liberal de 1820



Alegoria à Revolução no Porto. Gravura de António Maria da Fonseca, 1820.
Col. Sociedade Martins Sarmento.

Para assinalar o segundo centenário da Revolução Liberal de 1820, foi realizada uma exposição bibliográfica alusiva a esta efeméride, patente de 14 de setembro a 20 de outubro.

O dia 24 de agosto de 1820 marcou o fim de um longo período de absolutismo em Portugal e abriu caminho ao constitucionalismo. O país, com o rei ausente e com um governo dominado pelos Ingleses (que aqui ficaram depois de vencer as tropas napoleónicas), debatia-se com uma grave crise económica e social. Vivia-se um período de convulsão interna, que culminou no pronunciamento militar do Porto, apoiado por muitos liberais.

Três anos antes, a conspiração do general Gomes Freire de Andrade e de muitos militares e maçons tinha já denunciado um mal-estar crescente, em especial nos centros urbanos. A crueldade com que foi reprimida esta revolta só acentuou o desgaste do regime.

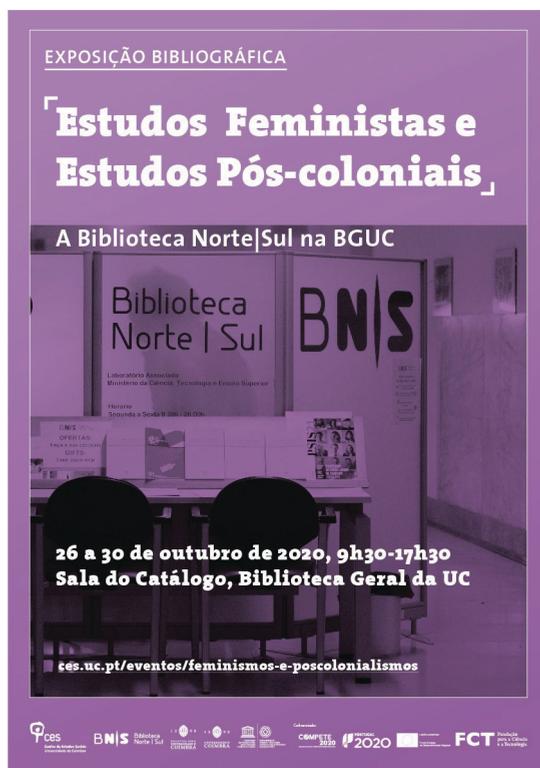
Entre as figuras de destaque no processo iniciado em agosto de 1820, no Porto, merece realce o juiz Manuel Fernandes Tomás, cuja ação foi decisiva no fomento das ideias liberais e na elaboração da Constituição de 1822. Em setembro deste ano, as Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes, escolhidas por sufrágio indireto no ano anterior, promulgaram a 1.^a Constituição portuguesa; uma semana depois, o documento seria jurado pelo rei D. João VI (mas não pela rainha Carlota Joaquina).

A Constituição de 1822 previa um sistema de poderes tripartido (executivo, legislativo e judicial). Ficava clara a redução dos poderes do monarca e a supremacia das cortes legislativas. Mas em 1826, ainda no Brasil, D. Pedro IV outorgou uma Carta Constitucional que seguia o modelo brasileiro, por sua vez inspirado no paradigma francês.

No essencial, a Revolução de 1820 cumpriu os seus objetivos: providenciar o regresso do rei a Portugal, repor alguma normalidade institucional e cercear o absolutismo monárquico. Não obstante, o reino continuou dividido entre absolutistas e liberais, uma clivagem que apenas se atenuaria após largos anos de guerra civil e na sequência da derrota definitiva de D. Miguel (batalha de Asseiceira, 16-V-1834). Quatro meses depois faleceria o irmão, D. Pedro IV. A filha deste, D. Maria II, assumiu então, definitivamente, o poder.

Um novo sobressalto político ocorreu com a revolução de setembro de 1836, que repôs a Constituição de 1822, mas apenas durante dois anos: em abril de 1838 seria jurada uma nova Constituição, dita «setembrista», que procurava conciliar os dois textos constitucionais anteriores. A situação manter-se-ia até ao golpe militar de janeiro de 1842, liderado por Costa Cabral e pelo duque da Terceira: foi então reposta a Carta Constitucional de 1826, a qual permaneceria em vigor até à implantação da República, em 1910.

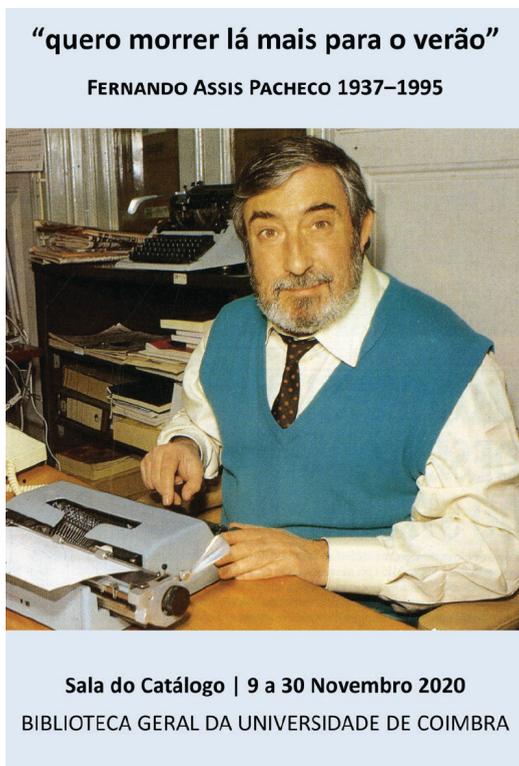
Exposição Bibliográfica - Estudos Feministas e Estudos Pós-coloniais



A BGUC acolheu uma exposição organizada pela Biblioteca Norte-Sul, do Centro de Estudos Sociais, intitulada “Estudos Feministas e Estudos Pós-coloniais”, de 26 a 30 de outubro de 2020.

Esta exposição foi organizada pela Dr^a. Maria José Carvalho, bibliotecária da BN|S.

“quero morrer lá mais para o verão” - Fernando Assis Pacheco 1937-1995



A exposição bibliográfica “quero morrer lá mais para o verão” - Fernando Assis Pacheco | 1937 – 1995”, com o conjunto das suas obras e onde se incluem também as suas traduções, colaborações e entrevistas em diversos jornais e revistas, foi realizada entre 10 de novembro a 15 de dezembro.

Poeta, escritor e jornalista Fernando Assis Pacheco nasceu em Coimbra no dia 1 de fevereiro de 1937, onde viveu até 1961, ano em que se licenciou em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras.

Enquanto estudante participou em diversas atividades culturais. Integrou o Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC) e foi cofundador do CITAC. Foi redator da revista *Vértice* e colaborou ainda em algumas publicações estudantis como *A Briososa* e a *Via Latina*.

Cuidar dos vivos é o seu primeiro livro, de poesia, que foi publicado em Coimbra, (*Cancioneiro Vértice*, 1963), enquanto cumpria o serviço militar em Angola.

O segundo livro, também de poesia *Câu Kiên: Um Resumo* foi publicado em 1972, com toponímia vietnamita para fugir à Censura! Esta obra veio a conhecer a versão definitiva com o título *Catalabanza, Quilolo e Volta*, editado em Coimbra pela Centelha em 1976. Seguiu-se em 1978 o livro de novelas *Walt ou o frio e o quente* e em 1980 um livro onde foram reunidos os poemas publicados entre 1972 e 1980, *Memórias do Contencioso e outros poemas*. Em 1987 e em 1991, são publicados mais dois livros de poesia, *Variações em Sousa* e *A Musa Irregular*.

De entre as suas obras, *Trabalhos e paixões de Benito Prada: galego da província de Ourense, que veio a Portugal ganhar a vida*, publicado em 1993 é o único romance, publicado pelas Edições Asa, numa alusão às origens do escritor (o avô era galego).

Fernando Assis Pacheco traduziu para português obras de Pablo Neruda (*Antologia Breve* e *20 de poemas de amor e uma canção desesperada*) e de Gabriel Garcia Marquez (*Crónica de uma morte anunciada*). Colaborou também na tradução de poemas de levguéni Aleksandrovitch levtuchenko aquando da sua passagem deste por Lisboa, em maio de 1967.

Após a sua morte, as Edições Asa publicaram em 2001, *Retratos falados*, e a Assírio & Alvim publicou em 2003, *Respiração assistida* e em 2005, *Memórias de um craque*, obra que reúne um conjunto de textos sobre futebol. Mais recentemente a TINTA da CHINA editou em 2015 *Bronco Angel, o cow-boy analfabeto*, publicada como folhetim no semanário humorístico e satírico *O Bisnau*, e em 2017 *Tenho cinco minutos para contar uma história*, um livro que reúne um conjunto de crónicas radiofónicas inéditas que foram emitidas pela RDP, entre 1977 e 1978.

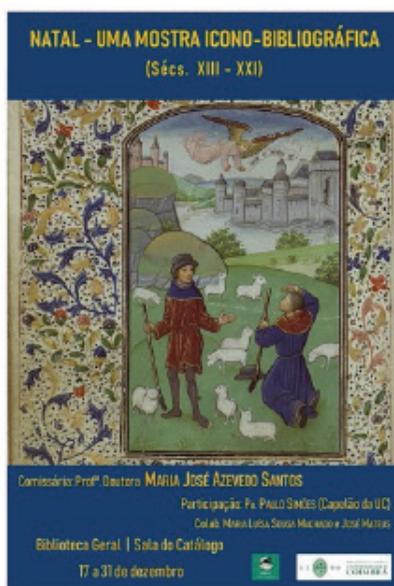
Durante a sua carreira de jornalista pertenceu às equipas redatoriais do *Diário de Lisboa*, *República*, *JL: Jornal de Letras, Artes e Ideias*, *Musicalíssimo* e do *Se7e*. Foi ainda chefe de redação e redator do

semanário *O Jornal*, onde durante dez anos se dedicou à crítica literária, colaborando também na revista *Visão* e na RTP.

Veio a falecer a 30 de novembro de 1995, na Livraria Buchholz em Lisboa, há 25 anos.

Esta exposição foi realizada pela Dr^a. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Alberto Mateus.

Natal: Uma Mostra Icono-Bibliográfica (Sécs. XIII - XXI)



A exposição “Natal: Uma Mostra Icono-Bibliográfica (Sécs. XIII - XXI)” comissariada pela Prof^a. Doutora Maria José Azevedo Santos, foi a primeira realizada pela Biblioteca Geral em colaboração com a Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (LIBUC) e decorreu de 17 de dezembro a 6 de janeiro de 2021. A pesquisa, legendagem e montagem desta exposição foi realizada pela Dr^a. Maria Luísa Sousa Machado e pelo Dr. José Mateus, com a colaboração da Dr^a. Isabel João Ramires e pela Dr^a. Maria de Fátima Bogalho. Na inauguração da exposição participou o Pe. Paulo Simões, capelão da UC, com uma intervenção alusiva ao Natal.

O texto de apresentação da exposição, incluído no Catálogo editado, da autoria da comissária da exposição, transcreve-se em seguida.

“A celebração do Natal organizada pela Liga dos Amigos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (LIBUC) e pela Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC) ganhou a forma de mostra de livros e gravuras que foram selecionadas num sincero ato de congratulação.

Do rico e vastíssimo património documental e bibliográfico da BGUC, mundialmente reconhecido, apresenta-se uma ínfima parte só compensada pelo importante valor, por exemplo, dos códices medievais, bem como pela raridade dos impressos e gravuras e ainda pelo alto coturno dos autores das obras expostas.

Assim, esta Mostra pretende ser tão-só uma “porta aberta”, o mesmo é dizer, um convite para aqueles que quiserem experimentar as múltiplas direções a que um livro nos pode conduzir.

Entendemos dividi-la em quatro núcleos, o mesmo número das estações do ano, num apelo a que haja na passagem de um para o outro, a compreensão da cronologia; do suporte e da função da escrita; do manuscrito; do impresso; enfim das representações literárias, e artísticas mais belas, que ao longo dos séculos o Natal inspirou.

Nos *Livros Litúrgicos*, dá-se a primazia à *Bíblia Sagrada*, manuscrito do século XIII, cujos cadernos são em velino com o índice em pergaminho, da cor do “marfim velho” nas palavras de Aquilino Ribeiro. O copista hábil “pintou-a”, em duas colunas, com tinta negra cujo viço se mantém. Por sua vez, o *Livro de Horas de Coimbra*, de origem flamenga, e datável de inícios do século XVI, é, também, todo escrito sobre pergaminho (quase velino) e iluminado com tinta ou folha de ouro, o que transforma cada fólio num raro e precioso exemplo de crisografia.

Com data de 1558, incluímos ainda um missal, o *Missale Bracarensis Ecclesiae*. Impresso, em papel, descobrem-se, com facilidade, as influências dos manuscritos medievais cuja matriz perdura ainda por todo o século XVI (duas colunas, capitulares, encadernação com pregos para não danificar a decoração e fechos).

Entretanto, não quisemos deixar de incluir várias gravuras, dos séculos XVI-XIX, cujos autores centraram o seu talento na representação das figuras da Virgem Maria, do Menino e de São José.

Merecedores da nossa atenção, são, também, uns livrinhos manuscritos com temas natalícios, originais e inéditos, que aguardam leitura e estudo. Destaca-se o *Auto dos Reis Magos*, de autor anónimo, do século XVIII.

A Mostra prossegue com uma antologia de escritores, nacionais e estrangeiros, que têm descrito o Natal das formas mais distintas e belas. De Bocage a Eça, de Machado de Assis a Sophia de Mello Breyner Andresen, de Miguel Torga a Charles Dickens, notável autor oitocentista e influenciador da literatura natalícia, de Fernando Pessoa a Mia Couto e a José Tolentino Mendonça.

Mas falamos ainda de literatura no núcleo *O Natal à Mesa*. No agasalho da nossa memória estão, sem dúvida, as iguarias doces ou salgadas desta época tão singular. Os sonhos, o bolo-rei, as rabanadas, os beilhões, as broinhas, o bacalhau e o peru, entre outros, e as formas de os confeccionar, podem identificar uma região, uma família, uma cozinheira, para além de todas constituírem um inquestionável património nacional. Felizmente, obras clássicas como *O Livro de Pantagrue* ou *A Cozinha Tradicional Portuguesa* mantêm vivas pela escrita a pureza velha de largas dezenas de receitas de Natal a que, nos nossos dias, se têm juntado outras opções e sabores.

No último núcleo da Mostra, destacamos a literatura infantil. Os autores, ora nos conduzem à devoção ao Menino Jesus, ao gosto pelo Presépio, ora, influenciados por natais de outras paragens e confissões religiosas, nos levam às renas das florestas da Escandinávia, à árvore de Natal e, sobretudo, à figura do Pai Natal.

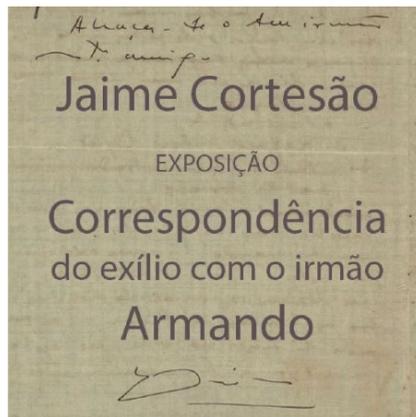
Todos os livros têm um sortilégio inigualável reforçado por música, efeitos luminosos, cores brilhantes, figuras que se movimentam entre contos, de sonhos, de alegrias e de sofrimentos que, também, são Natal.

Nesta singela Mostra, podemos ver, com o poeta franciscano Fr. Lopes Morgado, que “No Natal não há via única para a gruta e mesmo

os caminhos já percorridos não dispensam nem o nosso andar nem a nossa procura de caminhos por fazer”.

Sala de S. Pedro

“Jaime Cortesão: Correspondência do exílio com o irmão Armando”



A partir de 15 de janeiro, a Sala da Livraria do Colégio de São Pedro na BGUC recebeu a exposição, intitulada “Jaime Cortesão: Correspondência do exílio com o irmão Armando”, realizada pelo Dr. António Eugénio Maia do Amaral, que esteve patente até finais de fevereiro.

Nela foram divulgadas mais de três dezenas de cartas trocadas entre os dois irmãos e historiadores Jaime Cortesão e Armando.

A troca de correspondência durante a ditadura não se apresentava fácil, sendo por vezes necessário recorrer a artifícios de contorno da censura. Ao longo desta viagem foi possível contactar diretamente com a dimensão humana da sobrevivência e da separação de dois irmãos, a partir do exílio.

A sessão inaugural contou com a presença do Dr. Daniel Pires, um especialista da obra de Jaime Cortesão.

Esta exposição foi reposta no Piso intermédio da Biblioteca Joanina onde permaneceu de dezembro de 2019 a junho de 2020.

Ousar Duvidar: “Não Sei Por Onde Vou, Não Sei Para Onde Vou, Sei Que Não Vou Por Aí” - Evocação Dos 50 Anos Sobre A Morte De José Régio



A exposição dedicada a evocar os 50 anos do falecimento de José Régio (1901-1969) foi organizada em oito módulos que cobriram, cada qual, uma faceta relevante da atividade do grande escritor vilacondense. Assim, através de livros do autor (em muitos casos primeiras edições), mas também de imagens e de depoimentos, revisitou-se a obra regiana ao nível do teatro, do ensaio, da ficção, da poesia, assim como a sua correspondência e a sua relação com a cidade de Coimbra, entre outras vertentes. Não foi esquecida a componente autobiográfica, assim como a receção da obra de José Régio pela crítica literária coeva. Foi intenção dos organizadores aproveitar o dia da abertura da exposição (5 de março de 2020, às 17h30) para proporcionar ao público presente a declamação de alguma poesia de José Régio (como os célebres «Cântico Negro» e «Toada de Portalegre»).

A exposição contou com a colaboração científica dos Professores Doutores António Apolinário Lourenço e Osvaldo Silvestre e a organização do Dr. António Eugénio Maia do Amaral, Dr. José Alberto Mateus e Dr^a. Maria Luísa Sousa Machado.

“Toda A Redondeza Do Mundo” : Magalhães-Elcano, 1519-1522



O globo e os doze ventos (gravura de Albrecht Durer para a edição de Estrasburgo da *Geographia* de Ptolomeu, 1513) BGUC J.F.-50-6-3.

A exposição “Toda A Redondeza Do Mundo” : Magalhães-Elcano, 1519-1522, integrada no programa oficial de celebrações coordenado pela EMCFM, pôs à disposição do visitante mais de 30 obras impressas e manuscritas que ilustram o feito extraordinário que se comemorou.

A inauguração contou com uma apresentação do Prof. Doutor João Paulo de Oliveira e Costa e com a presença do Presidente da EMCFM/ Estrutura de Missão para o V Centenário da Circum-navegação de Fernão de Magalhães, Dr. José Marques.

Entre as raridades expostas, encontrava-se uma primeira edição italiana (1536) do relato presencial do cronista não-oficial da expedição, Antonio Pigafetta, um exemplar das Tábuas de Abraão Zacuto

(1502) que acompanhavam os navegadores e uns Comentários aos Salmos (1516) onde se faz a primeira interpretação profética das viagens ao Novo Mundo em que então estavam envolvidos os Portugueses e os Castelhanos.

A exposição comissariada pelo Dr. António Eugénio Maia do Amaral estará disponível na Sala de São Pedro até 19 de fevereiro e, depois disso, poderá ser vista no piso intermédio da Biblioteca Joanina, durante toda a primavera de 2021.

Biblioteca Joanina

ISAAC ASIMOV | 1920-1992



Exposição no piso intermédio da Biblioteca Joanina

Para assinalar o centenário do nascimento de Isaac Asimov, considerado um dos expoentes máximos de ficção científica de todos os tempos, a par de nomes como Arthur C. Clarke ou de Robert A. Heinlein, encontra-se patente no Piso intermédio da Biblioteca Joanina, desde 10 de novembro, uma exposição bibliográfica organizada pela Dr^a. Maria Luisa Sousa Machado e pelo Dr. José Mateus.

Asimov nasceu em Petrovichi, na Rússia, a 2 de janeiro de 1920 (supostamente) e cedo emigrou com os pais para os Estados

Unidos, aos três anos de idade. Frequentou as escolas públicas de Nova Iorque, tendo estudado na Universidade de Columbia onde se formou em Bioquímica, em 1939, e obteve um PhD, em 1948. Foi professor de bioquímica e autor de inúmeras obras de divulgação científica, tendo sido autor de mais de 500 livros, sobre astronomia, matemática e essencialmente de explicação de conceitos científicos. A partir de 1958 dedicou-se por completo à escrita que lhe garantiu rendimentos superiores à sua atividade académica. Com onze anos já escrevia histórias e a partir dos dezasseis começou a vendê-las a revistas. Explorando diversas áreas do conhecimento nas suas obras, combinando realidade e ficção, com uma cuidada abordagem dos temas científicos, tecnológicos e sociais, as suas histórias acabaram por ser adaptadas à televisão e ao cinema. São particularmente famosas as suas (3) Leis da Robótica, apresentadas no livro publicado em 1940, *Eu Robot*, nas quais estabelece as regras de convivência entre robots e humanos. Mais tarde, viria a acrescentar uma quarta lei, a chamada 'Lei Zero', no livro *Os Robots do Amanhecer*, em que dizia: "Um robot não pode fazer mal à humanidade e nem, por inação, permitir que ela sofra algum mal". É ainda notável pela forma como conseguiu prever as relações numa sociedade essencialmente tecnológica. Num artigo no *The New York Times* de 16.08.1964, "Visit to the World's Fair of 2014", Asimov fez algumas previsões (que se vieram a confirmar acertadas, sobre o que seria o mundo 50 anos depois), como o desenvolvimento de microchips, da internet, de fibra ótica, de fornos micro-ondas, de televisores de écran plano e até de carros voadores. Na mesma linha, numa entrevista ao jornal canadiano *The Star* em 31.12.1983, fez, para 2019, diversas previsões como a generalização do computador portátil, entendido no sentido de uma ferramenta capaz de provocar alterações nas relações sociais e de trabalho, a evolução exponencial da robótica e o desenvolvimento da exploração

espacial como um facto incontornável e ainda outras hipóteses por concretizar.

Em sua homenagem foi atribuída, em 1981, a um asteroide a designação de 5020 Asimov. Das suas obras merecem particular destaque a *Trilogia da Fundação*; *Eu, Robot*; *O Colapso do Universo*; *O Homem Bicentenário*; *As Cavernas de Aço*; *Os Anéis de Saturno* e tantos outros clássicos de ficção e divulgação científica.

Asimov faleceu em 6 de abril de 1992, na cidade de Nova Iorque.

Outras atividades culturais

Biblioteca Joanina

Concerto de Violoncelo e Piano



Realizou-se no Piso Nobre da Biblioteca Joanina, no dia 24 de julho, pelas 18h30 o Concerto de Violoncelo e Piano, com os músicos Jed Barahal e Christina Margotto, no âmbito do Festival CisterMúsica.

Sala de São Pedro

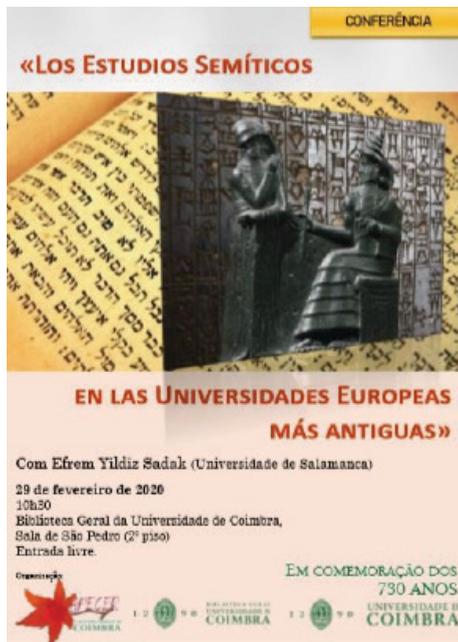
Curso Livre



Realizou-se o I Curso Livre da APECER, dedicado ao tema «As Três Grandes Religiões Abraâmicas», de 10 a 21 de fevereiro de 2020 em horário pós-laboral.

A coordenação do curso pertenceu aos Doutores Anselmo Borges e João Gouveia Monteiro, tendo como oradores Cristina Zhou, Faranaz Kesahvjee, Fernando Florêncio, Francisco Díez de Velasco, João Gouveia Monteiro, Laura Martins, Maria do Rosário Morujão, Miguel Monteiro e Paulo Simões.

Conferência



A segunda iniciativa da Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra (APECER-UC), realizou-se no dia 29 de fevereiro de 2020, com uma palestra pelo Prof. Dr. Efreem Yildiz Sadak, Vice-Reitor da Universidade de Salamanca, intitulada «Los Estudios Semíticos en las Universidades europeas más antiguas».

Verde Contínuo I - Ecologia: Perspetivas e Desafios



Tertúlias BGUC
VERDE CONTÍNUO I
Ecologia: perspetivas e desafios

Jorge Paiva
Universidade de Coimbra
Pedro Bingre do Amaral
ESAC

27 de outubro | 18h00
Inscrições gratuitas (vagas limitadas):
<https://forms.gle/ZPXWFWj5VjMnKhX6A>
Mais informações: bg-eventos@bg.uc.pt



A primeira sessão de um ciclo de tertúlias denominado “Verde Contínuo”, teve lugar no dia 27 de outubro. Intitulada “Ecologia: perspetivas e desafios”, contou com a participação dos professores e investigadores Jorge Paiva (FCTUC) e Pedro Bingre do Amaral (ESAC).

Este conjunto de encontros pretende trazer à discussão as temáticas da ecologia, da sustentabilidade e da urgência da preservação do Meio Ambiente.

Em virtude da situação pandémica do momento, a lotação do espaço foi limitada, tendo os interessados que não se puderam inscrever acompanhado a sessão via *zoom*.

Verde Contínuo II - Pegada ecológica: pouco a pouco faz-se muito



Tertúlias BGUC

VERDE CONTÍNUO II

Pegada ecológica: pouco a pouco, faz-se muito

Francisco Ferreira

Universidade Nova de Lisboa

João Joanaz de Melo

Universidade Nova de Lisboa

12 de novembro | 18h00

Inscrições gratuitas (vagas limitadas):

<https://forms.gle/jT3jJqHv7RDMGKH6>

Mais informações: bg-eventos@bg.uc.pt



A segunda tertúlia do ciclo «Verde Contínuo», «Pegada ecológica: pouco a pouco, faz-se muito!» contou com a participação dos professores, investigadores e ativistas Francisco Ferreira (UNL) e João Joanaz de Melo (UNL). A sessão decorreu no dia 12 de novembro.

Dada a atual lotação da sala, as sessões decorreram simultaneamente em regime presencial e via *zoom*.

Edição fac-similada - *Pharmacopea Meadiana*

Lançamento da edição fac-similada (com a chancela da Imprensa da Universidade de Coimbra) da obra “*Pharmacopea Meadiana*”, no âmbito do protocolo entre a Biblioteca Geral e a Bluepharma, no dia 10 de dezembro.

A apresentação da obra esteve a cargo do Doutor João Rui Pita.



Sessão de lançamento da edição fac-similada da *Pharmacopea Meadiana* – Paulo Barradas Rebelo (Bluepharma), João Gouveia Monteiro (Diretor da BGUC) e Delfim Leão (Vice-Reitor)

Eventos *on-line*

E se a Biblioteca fechasse? Identidade e transformação da biblioteca pública.



Já pensou como seria um mundo sem bibliotecas públicas?

A BGUC convidou o Dr. Bruno Eiras (Diretor de Serviços de Bibliotecas - DGLAB) para a realização da palestra, via *zoom*, intitulada «E se a biblioteca fechasse? identidade e transformação da biblioteca pública», que teve lugar na manhã do dia 15 de outubro.

Tertúlia da APECER-UC



A tertúlia «A visão da Mulher nas grandes religiões», com Esther Mucznik, Isabel Allegro Magalhães e Laila Kadiwal, realizou-se via *zoom*, no dia 5 de novembro, no âmbito das atividades da Academia para o Encontro de Culturas e de Religiões da Universidade de Coimbra (APECER-UC).

II Curso Livre da APECER-UC



Realizou-se nos dias 30 de novembro e 11 de dezembro de 2020 o II Curso Livre da APECER-UC, dedicado às «Religiões Orientais». O curso teve a duração de oito sessões, onde se debateram os seguintes temas: Hinduísmo, Budismo, Confucionismo, Taoísmo e Xintoísmo. A coordenação científica pertenceu ao Professor João Gouveia Monteiro, tendo como oradores Anselmo Borges, João Carlos Loureiro, Fernando Florêncio, Krishna Kripa Dasa, Sofia Beato, Cristina Zhou, Zhao Yanxia, Francisco Díez de Velasco e António Barrento.

Tertúlia da APECER-UC



A tertúlia intitulada «O lugar da Religião na discussão bioética», promovida pela APECER-UC, decorreu no dia 15 de dezembro, exclusivamente via zoom. Esta sessão contou com a participação dos Doutores António Jácomo (Universidade Católica Portuguesa, Porto) e Fernando Soares Loja (Vice-presidente da Comissão de Liberdade Religiosa). A moderação desta iniciativa esteve a cargo do Doutor João Loureiro (FDUC).

Catálogos de exposições bibliográficas

Exhibitions
catalogues

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

(Página deixada propositadamente em branco)

Centenário do Nascimento de Fernando Namora | 1919-1989

NAMORA, Fernando, 1919-1989.

Relevos : poemas. [Desenho da capa do Autor]. Coimbra : Portugália,
imp. 1937.

5-30-28

Queima das Fitas dos Quartanistas de Ciências : Coimbra, Maio 1938. [Capa
de Fernando Namora]. [S.l. : s.n.], 1938.

9-(11)-20-5-8

As sete partidas do mundo : romance. [Desenho da capa de Roberto Araújo].
Coimbra : Portugália, 1938.

869.0-31 Namora NAM

Mar de sargaços : poemas. Coimbra : Atlântida, [D.L. 1939].

869.0-1 Namora NAM

Terra : poema. Coimbra : [s.n.], 1941.

RB-30-25

Fogo na noite escura : romance. Coimbra : Coimbra Editora, 1943.

9-(11)-26-1-30

Casa da malta : novela . Coimbra : Coimbra Editora, 1945.

9-(11)-24-5-5

Minas de San Francisco : romance. Capa de Manuel Ribeiro de Pavia. Coimbra: Coimbra Editora, 1946.

5-39-9

Retalhos da vida de um médico. Capa e il. de Manuel Ribeiro de Pavia. Lisboa : Inquérito, imp. 1949.

9-(11)-26-1-27

A noite e a madrugada : romance. Lisboa : Inquérito, imp. 1950.

9-(11)-26-1-28

Deuses e demónios da medicina. [Il. de Cândido Costa Pinto]. Lisboa : Livros do Brasil, cop. 1952.

5-46-6-69

O trigo e o joio : romance. [Desenhos de António Charrua, capa de Cambráia]. Lisboa : Guimarães Editores, imp. 1954.

5-42-31

A feira. [Capa de Paulo-Guilherme]. Lisboa : Fomento de Publicações, [D.L. 1955].

5-35-1

O homem disfarçado : romance. Lisboa : Editora Arcádia, [1957?].

9-(11)-24-4-36

Cidade solitária. Lisboa : Arcádia, imp. 1959.

5-44-45-9

As frias madrugadas. Lisboa : Editora Arcádia, [1959?].

5-44-45-11

Casa da malta : novela. Lisboa : Editora Arcádia, 1961.

5-66-2-50

Domingo à tarde. Lisboa : Livros do Brasil, 1961.

5-54-44-32

Esboço histórico do neo-realismo. Lisboa : Academia das Ciências, 1961.
Sep. de: *Memórias. Classe de Letras*. Lisboa. 7 (1961).
5-50-16-39

A piedosa oferenda. Lisboa : Emp. Tip. Casa Portuguesa, 1962.
5-6-54-82

Diálogo em Setembro : crónica romanceada. 1.^a ed. Lisboa : Publicações
Europa-América, 1966.
9-(11)-19-3-16

Um sino na montanha : cadernos de um escritor. Lisboa : Publicações
Europa-América, 1968.
6-12-48-10

Um sino na montanha : cadernos de um escritor. Lisboa : Publicações
Europa-América, 1970.
5-27-55-120

Os clandestinos : romance. Lisboa : Publicações Europa-América, 1972.
5-62-28

Der mann mit der maske : roman. [Aus dem portugiesischen von Lieselotte
Kolanoske]. 1. Aufl. Berlin : Volk und Welt, 1974.
IC-17-2-5-20

Estamos no vento : narrativa literário-sociológica. Amadora : Bertrand, [1974].
6-36-25-30

Les journées d'un médecin : récits. Trad. du portugais par Françoise Laye ;
introd. par Eduardo Lourenço. [Paris] : Fondation Calouste Gulbenkian,
Centre Culturel Portugais : Presses Universitaires de France, imp. 1975.
5-33-47-85

A nave de pedra : cadernos de um escritor. Amadora : Livraria Bertrand, 1975.
5-62-28

Tinha chovido na véspera... .[Lisboa] : Editores Associados, [1975].

6-36-19-97

Cavalgada cinzenta : narrativa. 1ª ed. Amadora : Livraria Bertrand, 1977.

821.134.3 -31 "19" BN por

Marketing. 4ª ed. Amadora : Bertrand, imp. 1978.

5-62-28

Professor Elísio de Moura. Coimbra : Comissão Executiva da Homenagem Nacional ao Prof. Doutor Elísio de Moura, 1978.

5-52-3-31

Itinerário de Tolstoi : por ele próprio. Lisboa : [s.n.], 1979.

Sep. de: *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras*. 20 (1979).

6-42-28-50

Muž s mascou. Přel. Pavla Lidmilová. [1. vyd.]. Praha : Svobda, 1979.

9-(11)-18-2-10

Resposta a Matilde : divertimento. 1ª ed. Amadora : Bertrand, imp. 1980.

6-46-6-8

Encontros : entrevistas. Introdução de José Manuel Mendes. 2ª ed. ampliada. Amadora : Bertrand, imp. 1981.

6-46-6-17

O rio triste : romance. 1ª ed. Amadora : Bertrand, 1982.

6-46-6-25

Nome para uma casa. 1ª ed. Lisboa : Livraria Bertrand, 1984.

6-46-6-27

Sentados na relva : cadernos de um escritor. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1986.

6-22-30-48

URSS mal amada bem amada : crónica. Venda Nova : Bertrand, imp. 1986.
6-44-26-9

Jornal sem data : cadernos de um escritor. Venda Nova : Bertrand, imp. 1988.
6-46-6-28

(Página deixada propositadamente em branco)

José Vitorino de Pina Martins | 1920-2010

Estudos científicos

MARTINS, José V. de Pina, 1920-2010.

Camões et la pensée platonicienne de la Renaissance. Paris : Centro Cultural Português, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

5-11-86-122

Cultura italiana. Lisboa : Editorial Verbo, [imp. 1971].

5-1-83-40

Eugenio Asensio, doutor honoris causa pela Universidade de Lisboa. Lisboa : [s.n.], 1990. (Braga : Barbosa & Xavier).

5-53-5-7

Histórias de livros para a história do livro. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, D.L. 2007.

(4)-2-8-4

O livro português no reinado de D. Manuel I. Lisboa : [s.n.], 1970.

5-10 B-3-4-26

Note su libri cinegetici italiani e francesi dei secoli XV e XVI. Roma : Centro di Studi Bibliografici, 1958.

5-10 B-13-17

Para a história da cultura portuguesa do Renascimento : a iconografia do livro impresso em Portugal no tempo de Durer. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. Sep. de: *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris. 5 (1972).

9-(4)-9-1-13

A poesia de D. Francisco Manuel de Melo. Lisboa : Ed. Brotéria, 1967.

5-33-37-175

O "tratado de confissom" e os problemas do livro português no século XV. Lisboa : [s.n.], 1974. (Braga : Livraria Cruz).

5-10 B-5-3

ASENSIO, Eugenio, 1902-1996; MARTINS, José V. de Pina, 1920-2010.

Luís de Camões : el Humanismo en su obra poética : los *Lusíadas* y las Rimas en la poesía española (1580-1640). Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1982.

9-(10)-II-5 ASE

GIOVANNI Pico della Mirandola : exposição da Biblioteca de Estudos Humanísticos Pina Martins, Lisboa - Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494). [Lisboa] : Banco Espírito Santo - Centro de História, 2013. (Biblioteca de Estudos Humanísticos - Pina Martins).

6-(1)-6-18-65

Recensões, prefácios e apresentações

ACTA Universitatis Conimbrigensis : Catálogo dos Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. [Recensão crítica]. In *Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris. 3 (1971), p. 740-749.

A-26-37

ANASTÁCIO, Vanda, 1958- ed. lit. ; ANSELMO, Artur, 1940-

José V. de Pina Martins : uma biblioteca humanística : os objectos procuram aqueles que os amam. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

6-(1)-8-8-17

DANTE Alighieri. [Versão portuguesa]. [Lisboa] : Editorial Verbo, cop. 1972. 5-58-33-1

DESWARTE-ROSA, Sylvie, 1945-

Les enluminures de la Leitura Nova : 1504-1552 : étude sur la culture artistique au Portugal au temps de l'Humanisme. Préf. par André Chastel ; [introd. par José V. de Pina Martins]. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1977.

6-42-38

OSÓRIO, Jerónimo, 1506-1580.

Carta à Rainha da Inglaterra. Introd. de José V. de Pina Martins ; crítica e modernização do texto, trad. e notas de Sebastião de Pinho. 1ª ed. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1981.

6-27-7-100

PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni, 1463-1494.

Apologia propositionvm svarvm. Texto da edição de 1532 apresentado por José V. de Pina Martins. Lisboa : O Mundo do Livro, 1963.

RC-14-8

USQUE, Samuel, fl. 1553.

Consolação às tribulações de Israel. Estudos introdutórios por Yosef Hayim Yerushalmi e José V. de Pina Martins. [1ª ed.]. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. Facsimile da edição de Ferrara : Abraão Usque, 1553.

6-8-20

Catálogos e bibliografias

ARQUIVO Histórico-Biblioteca da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
Catálogo das obras impressas no século XVII : a Colecção da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Apresentação José V. de Pina Martins ; introd. org., bibliografia, catalogação e índices Júlio Caio Velloso ; colab. Paulo Manuel Coelho do Nascimento, Rosa

Carolina do Nascimento Ribeiro Lemos Serrão e Silva. Lisboa : S.C.M., 1994.

9-(6)-2-230 a)

Au Portugal dans le sillage d'Erasmus : exposition bibliographique en l'honneur de Marcel Bataillon. Paris : Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1977.

6-(1)-7-14-19

A bibliografia : noção, história e valor científico. Lisboa : [s.n.], 1965.

(4)-1-5-13

Camões e il rinascimento italiano : mostra bibliográfica. [Catalogo a cura di José V. de Pina Martins ; hanno collab. Elsa Gonçalves, Donatella Uberti ; introd. Luciana Stegagno Picchio, José V. de Pina Martins]. Roma : Accademia Nazionale dei Lincei : Fundação Calouste Gulbenkian : Instituto de Alta Cultura, 1975.

9-(10)-II-1 CAM

Edições Aldinas da Biblioteca Nacional : séculos XV-XVI. Coordenação José V. de Pina Martins. Lisboa : Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1994.

6-(1)-6-17-41

Exposição bibliográfica do Seminário Internacional Europa e Cultura : alguns livros fundadores da cultura europeia. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

6-(1)-7-9-68

Os Lusíadas, 1572-1972 : catálogo da Exposição bibliográfica, iconográfica e medalhística de Camões. pref. de Manuel Lopes de Almeida ; int. selec. e notas bibliog. por José V. de Pina Martins. Lisboa : Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972. 2 vols.

5-10 B-2-8-24

5-10 B-2-8-25 A

MANUEL II, Rei de Portugal, 1889-1932.

Um grande português D. Manuel II : 1889-1932 : através de alguns livros séculos XV e XVI da sua biblioteca. Introdução, escolha dos cimélios

e índices por José V. de Pina Martins. Lisboa : Fundação da Casa de Bragança, 1989.

9-(6)-7-10

MATOS, Manuel Cadafaz de, 1947-

129 trabalhos científicos de um grande investigador : José Vitorino de Pina Martins : catálogo de exposição bibliográfica. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1998.

6-(1)-7-9-62

Vinte e dois livros quinhentistas editados em 77 anos, 1516-1593. Introd. e catálogo por José V. de Pina Martins. Lisboa : Livraria Olisipo, 1985.

5-10 B-5-12-143

Obras de Duarte de Montalegre (pseudónimo de J. V. de Pina Martins)

A pergunta de Pilatos : poemas ascético-filosóficos... . Coimbra : Ed. Mensagem, 1941.

869.0-1 Martins MAR

Angústia : poemas da ansiedade e do resgate. Braga : Editorial Nós, 1943.

869.0-1 Martins MAR

Cristo no pensamento moderno. Braga : Editorial Nós, 1945.

5-6-20

Ensaio sobre o parnasianismo brasileiro : seguido de uma breve antologia.

Coimbra : Coimbra Editora, 1945.

5-38-11

Reflexões críticas sobre Eça de Queirós. Coimbra : Casa do Castelo, 1947.

5-38-26

Imatura noite. Coimbra : [s.n.], 1950.

5-43-14

Ojos sobre la noche. Madrid : [s.n.], 1950.
5-43-14

Soffio della notte. Roma : [s.n.], 1950.
5-43-27

Veille. Paris : [s.n.], 1950.
5-43-27

Almeida Garrett : l'uomo e l'opera. Parole introduttive de Antonio Ferro ;
messaggio di Leo Magnino. Roma : Commissione di Studi Luso-Brasiliani :
Comitato Internazionale per l'Unitá e l'Universalitá della Cultura, [1954?].
7-67-20-14

Rio interior. [S.l. : s.n.], 1954. (Braga : Livraria Cruz).
9-(4)-11-2-22

Ribeiro Couto, poeta brasileiro : la sua poesia portoghese. Roma : Com-
missione di Studi Luso-Brasiliani, [imp. 1956].
5-54-4-66

Breve reflexão sobre a chamada Conversão de Pascal : no 3º centenário do
memorial (23 de Novembro de 1654). Braga : [s.n.], 1958. Sep. de "Revista
Lusíada de Literatura e Arte 4 Ventos". Braga. 13/14 (1958).
5-50-60-234

Ensaio de literatura europeia. Lisboa : Edições Panorama, 1963.
5-60-40

Revolução Liberal de 1820

AGOSTINHO, José, 1866-1938.

História de Portugal [de] Henrique Schaefer : desde 1820 até 1910. Porto : Casa Editora de A. Figueirinhas, [1926].

9-(4)-8-25-23

ALBUQUERQUE, António Maria Seabra de, 1820-1892.

Os brazões portugueses : (jornal heráldico). Coimbra : Imprensa da Universidade, 1879-1880.

9-(3)-20-21

ALMEIDA, Paula Cardoso

Um novo Portugal : a revolução liberal de 1820. II. Carla Nazareth, Patrícia Alves, Miguel Gabriel. 1ª ed. Matosinhos : Quidnovi, 2007.

9-71-28-3

ÁLVARES, José Marinho Afonso

A "Parenética Portuguesa" e os principais acontecimentos políticos de 1820 a 1834. Coimbra : [s.n.], 1966. (Coimbra : Secção de Textos da Associação Académica de Coimbra).

5-24-56-7

ARAÚJO, José Maria Xavier de, 1786-1858.

Revelações e memorias para a história da Revolução de 24 de Agosto de 1820 e de 15 de Setembro do mesmo anno. Lisboa : Typ. Rollandiana, 1846.

9-(5)-1-4-29

A revolução de 1820 : memórias. Introd. António Ventura. Casal de Cambra : Caleidoscópio ; Lisboa : Centro de História da Universidade, 2006.
9-(1)-3-25-21

ARRIAGA, José de, 1848-1921.

A filosofia portuguesa, 1720-1820 : história da revolução portuguesa de 1820, movimento intelectual. Pref. e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa : Guimarães & C^a, 1980.
5-43-76-2

História da revolução portuguesa de 1820 : ilustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d' aquela época Porto : Livraria Portuense-Lopes & C^a, 1886-1889.
946.9"1820" ARR

AZEVEDO, Julião Soares de, 1920-1953.

Condições económicas da revolução portuguesa de 1820. Lisboa : Empresa Contemporânea de Edições, 1944.
9-(11)-18-1-59

BABO, Jorge

A tragédia portuguesa : dos mitos às realidades : (do 24 de Agosto de 1820 ao 25 de Novembro de 1975). [Lisboa] : Ulisseia, imp. 1991.
6-44-26-21

BARROS, João de, 1881-1960.

A Revolução de 1820 : a sua obra e os seus homens. Prefácio de António Leite da Costa. Porto : Caixotim, imp. 2001.
5-6-47-58

BASTOS, João Pereira

Da Revolução de 1820 à Convenção de Évora-Monte e morte de D. Pedro IV : resumo chronologico-historico. Lisboa : Academia de Marinha, 2006.
9-(1)-4-19-36

- BRANDÃO, Fernando de Castro, 1943-
Da crise do Antigo Regime à Revolução Liberal : 1799 a 1820 : uma cronologia. Lisboa : Europress, 2005.
8-(2)-19-37-24
- CARNEIRO, Manuel Borges, 1774-1833.
Portugal regenerado em 1820. 2ª ed., consideravelmente acrescentada.
Lisboa : Na Typographia Lacerdiana, 1820.
9-(11)-8-1-12
- COLÓQUIO Internacional Gomes Freire e as Vésperas da Revolução de 1820,
Lisboa, 2017.
Gomes Freire e as vésperas da Revolução de 1820. Coord. Miriam Halpern
Pereira, Ana Cristina Araújo. Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal, 2018.
4-(1)-16-9-9
- COSTA, Jaime Raposo
A teoria da liberdade : período de 1820 a 1823. Coimbra : Instituto de História e Teoria das Ideias, 1976.
5-33-56-40
- COUTO, José Jorge
A adesão da ilha de S. Miguel à Revolução de 1820. Lisboa : [s.n.], 1983.
(Lisboa : Tip. Escola da ADFA). Sep. de: *História & Crítica*. Lisboa. 10 (1983).
5-54-108-16
- CUNHA, P. Penner da, 1927-
Sob fogo : Portugal e Espanha entre 1800 e 1820. Lisboa : Livros Horizonte,
imp. 1988.
6-44-29-34
- DAUN, José Sebastião Saldanha de Oliveira e, 1777-1855.
Diorama de Portugal nos 33 mezes constitucionaes ou Golpe de vista sobre
a Revolução de 1820 a constituição de 1822 a Restauração de 1823 e
acontecimentos posteriores até ao fim de Outubro do mesmo anno.
Lisboa : Na Impressão Régia, 1823.
7-60-23-10

OS HERÓIS DE 1820. Lisboa : Typ. Minerva Central, [1883].
9-(3)-18-5

HISTORIA contemporanea ou D. Miguel em Portugal : motivo de sua exaltação, e a causa da sua decadencia : esta obra vai dividida em 4 epocas e um additamento : a 1ª começa em 1807 até 1820, a 2ª em 1820 até 1823, a 3ª em 1823 até 1828, e a 4ª de 1828 até á convenção em 1834. Lisboa : Typographia do Centro Commercial, 1853.

8-(2)-14-2-34

HISTORIA das cortes que houve em Portugal dos poderes ou authoridades ou constitucionaes : destinos futuros de Portugal. Lisboa : Na nova impressão da viuva Neves e filhos, 1820.

V.T.-6-3-4-(1)

HISTÓRIA da revolução portuguesa de 1820 : [publicidade à obra]. Porto : Livraria Portuense Lopes & Cª., 1886.

8-(2)-15-35-19

MOGARRO, Maria João, 1959-

José da Silva Carvalho e a revolução de 1820. 1ª ed. Lisboa : Livros Horizonte, imp. 1990.

6-46-3-60

NASCIMENTO, Adriano do, 1921-

Revolução de 1820 : (documentos inéditos). Coimbra : Tipografia Commercial, 1962.

5-68-20-96

OWEN, Hugh, 1784-1860.

The civil war in Portugal and the siege of Oporto by a British officer of Hussards who served in the Portuguese Army during the Peninsular War. London : Edward Moxon, 1836.

9-(5)-1-2-47

PEREIRA, António Manuel

Governantes de Portugal desde 1820 até ao Dr. Salazar. [Porto : s.n.], 1959.
5-10-63-10

PEREIRA, Miriam Halpern, 1937-

Revolução, finanças, dependência externa : de 1820 à convenção de Gramido. 1ª ed. Lisboa : Sá da Costa Editora, 1979.
6-42-40-32

PINA, Ana Maria Ferreira, 1959-

De Rousseau ao imaginário da revolução de 1820. Lisboa : Instituto Nacional de Investigação Científica : Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1988.
6-6-33-21

RAMOS, Luís A. de Oliveira, 1939-

A revolução de 1820 e a revolução francesa. Porto : Centro de História da Universidade, 1984.
5-54-105-31

ROCHA, Mário Melo, 1957-2012.

A separação dos poderes nas constituições portuguesas do demo-liberalismo : de 1820 a 1926. Coimbra : [s.n.], 1989. Sep. de: *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*. N.º especial (1984).
6-18-25-61

SÁ, Vítor de, 1921-2003.

Liberais e republicanos. Lisboa : Livros Horizonte, 1986.
9-(11)-29-3-12

SANTOS, Fernando Piteira, 1918-1992.

Geografia e economia da revolução de 1820. Lisboa : Europa-América, imp. 1962.
5-64-22-57

Geografia e economia da revolução de 1820. 2ª ed. Lisboa : Publicações Europa-América, 1975.

6-38-36

SILVA, Domingos Oliveira

Incidência da imprensa portuguesa publicada em Londres na Revolução de 1820 e na Independência do Brasil. Maia : [s.n.], 2000. Sep. de: *Perspectivas XXI*. Maia. 3 (4/5) 2000.

5-28-14-31

SILVA, José Calasans Brandão, 1915-2001.

Os Vintistas e a Regeneração económica de Portugal. Bahia : [s.n.], 1959.

9-(4)-8-16-52

SILVA, Maria Beatriz Nizza da, 1938-

A repercussão da Revolução de 1820 no Brasil : eventos e ideologias. Coimbra : Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1979.

5-19-40-45

SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da, 1954-

Revolução liberal e propriedade [texto policopiado] : a venda dos bens nacionais no distrito de Évora : 1834-1852. Lisboa : [s.n.], 1988.

7-75-2-20

TAVARES, Pedro Vilas Boas, 1954-

A pregação ao serviço da revolução : o Porto e a instauração do liberalismo num sermão de Fr. António de Santa Bárbara. [S.l : s.n, 1987?]. Sep. de: *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*. 4 (1987).

5-11-42-85

TOMÁS, Manuel Fernandes, 1771-1822.

Portugal : a review of the causes, tendency and progress of the revolution, which commenced in Oporto on 24th august, 1820 ... to which is added a report on the state of the nation, lately submitted to the Cortes. London : [s.n.], 1821 (T.C. Hansard).

9-(5)-1-5-35

A revolução de 1820. Recolha, prefácio e notas de José Tengarrinha. [Lisboa]
: Seara Nova, 1974.

6-38-27-17

A Revolução de 1820. Recolha, pref. e notas de José Tengarrinha. 2ª ed.
Lisboa : Caminho, 1982.

6-46-5-55

TOMÁS, Roque Joaquim Fernandes, 1807-1871.

Manuel Fernandes Thomas : iniciador da revolução de 1820 : notas biblio-
graphicas e iconographicas. Figueira da Foz : Imprensa Lusitana, 1899.

6-47-4-28

TORGAL, Luís Reis, 1942-

A contra-revolução durante o período vintista [Texto policopiado] : notas
para uma investigação. Coimbra : [s.n.], 1978.

9-(11)-19-4-17

A contra-revolução no Portugal vintista (1820-1823) : notas sobre a sua
imprensa. Porto : S.E.C.,C.E.H., 1980. Sep. de: *Estudos contemporâneos*.
Porto. 1 (1980), 45-73.

9-(11)-8-4-11

A imprensa estudantil de Coimbra e o radicalismo liberal vintista. [S.l. :
Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, 1981].

5-10 B-4-17-31

VARGUES, Isabel Nobre, 1952-

La revolucion de 1820 : notas para el estudio del liberalismo portugués y
de su correlación peninsular. [S.l. : s.n., 1987]. Sep. de: *Sigilo XIX - Revista
de História*. 2 (3) Jan.-Jun.1987.

7-61-19-58

VERDELHO, Telmo, 1943-

As palavras e as ideias na Revolução Liberal de 1820. Coimbra : INIC, 1981.

5-54-106-58

(Página deixada propositadamente em branco)

Fernando Assis Pacheco | 1937-1995

Bibliografia ativa

PACHECO, Fernando Assis, 1937-1995

Cuidar dos vivos. Coimbra : Cancioneiro Vértice, 1963.
5-6-67-53

Câu Kiên : um resumo. Lisboa : Edição do Autor, 1972.
5-11-85-45

Para quando já não fores autor dos teus versos. In MANSOS, Manuel João
- Alentejo maior. Lisboa : Prelo, [1972].
5-11-79-79

Portugal livre. [Lisboa : Editorial O Século, 1974].
5-54-51-1

Catalabanza, Quilolo e Volta. Coimbra : Centelha, 1976.
6-42-26-3

Walt ou o frio e o quente : noveleta. Amadora : Bertrand, imp. 1978.
6-44-3-41

Memórias do contencioso e outros poemas. [S.l.] : Erva Daninha, imp. 1980.
5-43-64-104

Variações em Sousa. Lisboa : Hiena Ed., 1987.
5-51-33-16

A musa irregular. Lisboa : Hiena, 1991.

5-53-8-80

Trabalhos e paixões de Benito Prada : galego da província de Ourense, que veio a Portugal ganhar a vida. Porto : Asa, 1993.

6-66-10-29

Retratos falados. Porto : Asa, 2001.

6-50-117-18

Respiração assistida. Lisboa : Assírio & Alvim, 2003.

8-(2)-20-41-41

Memórias de um craque. Lisboa : Assírio e Alvim, 2005.

8-(2)-25-47-23

Colaboração em monografias

CONTEMPORARY Portuguese poetry : an anthology in English. Manchester : Carcanet, 1978.

5-17-37

DIAS, António Manuel Lopes, 1944-, [et. al.]

Poemas livres. [S.l. : s.n.], 1968.

IC-18-4-4-16

IEVUCHENKO, levguéni Aleksandrovitch, 1932-2017.

levtuchenko em Lisboa : poemas... Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1967.

5-39-22-41

MELO, Jorge Silva, 1948- ; PACHECO, Fernando Assis, 1937-1995.

O fim ou tende misericórdia de nós. Lisboa : Cotovia, cop. 1997.

6-33-47-36

MENANO, António Augusto, 1937- ; OLIVEIRA, César ; PACHECO, Fernando Assis, 1937-1995.

A poesia útil. Coimbra : Ed. dos Autores, 1962.

5-68-22-215

MENDES, José Manuel, 1948-

Charrua em campo de pedras. Lisboa : Seara Nova, imp. 1975.

6-23-6-28

MOUTINHO, José Viale, 1945-

Apenas uma estátua equestre na praça da liberdade : narrativas. Porto : Nova Critica, imp. 1978.

5-19-17-27

TELES, Viriato, 1958-

Zeca Afonso : as voltas de um andarilho. 2. ed. aumentada. Lisboa : Ulmeiro, 1999.

6-37-26-93

Entrevista

Fernando Assis Pacheco : a fala do escriba. "Ler". Lisboa. 26 (Primavera 1994), 42-51.

Colaboração em publicações periódicas

E não estarei triste. Eu vi uma noiva sair do automóvel. "Vértice". Coimbra. 20 : 201 (Jun. 1960), 340-341.

O homem do barco do Barreiro. "Eva". Lisboa. Natal 1970, p. 50-52; 85.

Boa malha, Leeds!. "JL-Jornal de Letras Artes e Ideias". 656 (6 Dez. 1995), 44.

Três poemas de Fernando Assis Pacheco. "JL-Jornal de Letras Artes e Ideias". 681 (20 Nov. 1996), 9.

Traduções

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel, 1927-2014.

Crónica de uma morte anunciada. Lisboa : Edições O Jornal, 1983.

5-22-15-6

NERUDA, Pablo, 1904-1973.

Antologia breve. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1969.

6-32-15

20 poemas de amor e uma canção desesperada. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1971.

6-15-9-104

Uma casa na areia. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1999.

5-57-7-43

Bibliografia passiva

ALEGRE, Manuel, 1936-

Ternura do avesso. "Público – Leituras". Porto. 28 Nov. 1998, 1-2.

B-25

AMARAL, Fernando Pinto do, 1960-

Um tal Fernando Assis Pacheco. "Público – Mil Folhas". Porto. 21 Fev. 2004, 16.

B-25

COELHO, Eduardo Prado, 1944-2007.

Um comboio pode esconder outro. "Público – Mil Folhas". Porto. 13 Mar.

2004, 16.

B-25

Fernando Assis Pacheco. "JL-Jornal de Letras Artes e Ideias". 658 (3 Jan. 1996), 4-9.

B-39-1/13

MAGALHÃES, Joaquim Manuel, 1945-

Os dois crepúsculos: sobre poesia portuguesa actual e outras crónicas.

Lisboa : A Regra do Jogo, 1981.

5-43-80-67

Fernando Assis Pacheco, uma publicação póstuma. "Expresso – Actual".

Lisboa. 1653 (3 de Jul. 2004), 60-61.

B-59 A

Um pouco da morte. Lisboa : Editorial Presença, 1989.

6-44-27-38

(Página deixada propositadamente em branco)

Isaac Asimov | 1920-1992

ASIMOV, Isaac, 1920-1992.

Ameaça dos robots. Lisboa : Livros do Brasil, [1962].

9-32-27-70

Até aos confins do universo. Lisboa : Edições Dêagá, [1971?].

6-36-10-6

Átomo : uma viagem pelo universo subatômico. Trad. Luís Pinto. 1ª ed.

Lisboa : Campo das Letras, 2004.

8-(2)-28-22-66

Azazel. Trad. Pedro Vidal da Silva. Mem Martins : Europa-América, D.L. 1990.

6-46-26-170

Cair da noite. O mestiço. Trad. Eduardo Saló e Victor Palla. Lisboa : Vega,

1993.

6-38-15-77

As cavernas de aço. Trad. de Mário Henriques Leiria. Lisboa : [s.n., 19--?].

5-54-15-23

A ciência os números e eu. Lisboa : Edições Dêagá, [1968].

6-36-10-1

Civilizações extraterrestres. [Trad. Maria de Lourdes Medeiros]. Mem Martins

: Europa-América, [D.L. 1983].

6-48-4-45

O colapso do universo. [Trad. de Maria Adelaide Freire]. 1ª ed. Lisboa :
Círculo de Leitores, imp. 1982.

6-22-15-21

Os crimes dos viúvos negros. Trad. Raquel Dutra Lopes. Lisboa : Ulisseia,
cop. 2011.

10-(1)-4-31-28

Da terra ao céu. Trad. Eduardo Saló. Lisboa : Edições Dêágá, [1971?].

6-36-10-3

Do tempo, do espaço... e de outras coisas. Lisboa : Edições Dêágá, [1972?].

6-36-10-10

A electricidade. [Trad. de Mafalda Mendes de Almeida ; il. Bob Chapman].
1ª ed. Lisboa : D. Quixote, 1984.

6-48-21-14

Eu, robot. Trad. de Eduardo Saló. Mem Martins : Publicações Europa-América,
2004.

8-(2)-20-44-32

O fim da eternidade. Trad. Eduardo Saló. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1987.

6-22-38-13

Fundação. Trad. J. Santos Tavares. Lisboa : Livros do Brasil, 1998.

5-57-14-3

Fundação. Lisboa : Editora Ulisseia, [1961?].

5-64-26-72

Fundação e império. Trad. Alfredo Margarido. Lisboa : Livros do Brasil, 1999.

5-57-14-5

Fundação e império. Lisboa : Livros do Brasil, [1964?].

9-32-27-86

The genetic effects of radiation. Oak Ridge : U.S. Atomic Energy Commission, Division of Technical Information, 1966.

6-15-5-72

Uma infinidade de estrelas : antologia. Lisboa : Edições Dêagá, [1972?].

6-36-10-8

The kingdom of the sun. New edition, revised and enlarged. New York : Collier Books, 1960.

6-15-2-21

Life and energy : an exploration of the physical and chemical basics of modern biology. Garden City : Doubleday & Co., 1962.

5-39-8

Mensagens do futuro. Trad. de Eurico Fonseca. Lisboa : Livros do Brasil, [D.L. 1984].

6-46-25-320

Mistérios. Trad. E. Saló. 2ª ed. Lisboa : Vega, 1990.

6-38-15-40

Mistérios de Asimov. Alfragide : Galeria Panorama, [1969?].

5-62-31

Némesis. Trad. Nuno Miranda. Mem Martins : Europa América, D.L. 1990.

6-48-23 A-36

A nova dimensão : teoremas. [Lisboa] : Galeria Panorama, [1975].

6-38-7

Nove amanhãs. Trad. C. Ferro. Lisboa : Vega, D.L. 1988.

6-48-16-43

Nove amanhãs. Lisboa : Editorial Minotauro, 1961.

5-62-6

Nove amanhã. Trad. C. Ferro. Lisboa : Editorial Vega, imp. 1979.

6-42-39-38

Nove amanhã : contos do futuro próximo. Trad. Mário Redondo. Mem Martins : Europa-América, D.L. 1990.

6-46-26-164

O que será o futuro. Trad. de Eurico Fonseca. Lisboa : Livros do Brasil, [D.L. 1984].

6-46-25-327

Os mágicos do espaço. Lisboa : Edições Dêagá, [1971].

6-36-10-4

O planeta dos deuses. Trad. Eurico Fonseca. Lisboa : Livros do Brasil, [D.L. 1980].

9-32-13 A-277

Prelúdio à fundação. Trad. J. Santos Tavares. Lisboa : Livros do Brasil, 1998.

5-57-14-1

A relatividade do erro. Trad. Teresa Louro Pérez ; rev. trad. Mário Matos. Lisboa : Edições 70, 1991.

6-12-43-31

Robot completo. Trad. de José Teixeira de Aguiar. Mem Martins : Europa-América, cop. 1982.

6-48-23 A-2/3

O segredo do universo. Trad. Paula Reis. 1ª ed. Sacavém : Puma, 1992.

5-52-16-83

Segunda fundação. Lisboa : Livros do Brasil, [1964?].

9-32-27-89

Sonhos de robot. II. Ralph McQuarrie ; trad. Mário Redondo. Mem Martins : Europa América, D.L. 1991.

6-50-26 D-39

Tão longe quanto chega o olhar humano. Trad. António José dos Santos Realinho. Mem Martins : Europa-América, D.L. 1989.

6-6-27-18

A terra e o cosmos : os horizontes do espaço, do tempo, da matéria e da energia. Trad. Carlos Murteira. Mem Martins : Europa-América, D.L. 1989.

6-14-33-2

A terra e o cosmos : os horizontes do espaço, do tempo, da matéria e da energia. [Trad. de Carlos Murteira.]. Mem Martins : Europa-América, [D.L. 1986].

6-44-22-221

Os tremores de terra. [Trad. Marie Thérèse Abecassis ; il. Bob Chapman]. 1ª ed. Lisboa : D. Quixote, 1984.

6-48-21-16

O universo da ciência. Trad. Eduardo Nogueira ; rev. Paulo Picciochi. 1ª ed. Lisboa : Presença, 1987.

6-6-28-17 A/20

A viagem fantástica. Lisboa : Editorial Panorama, 1967.

5-29-2-58

Viagem fantástica ao cérebro. Trad. Manuel Cordeiro. Lisboa : Círculo de Leitores, imp. 1988.

6-14-59-3

Visões de robot. Trad. Eduardo Saló. Mem Martins : Europa-América, D.L. 1992.

6-50-26 D-46

As vitaminas. [Trad. Marie Thérèse Abecassis ; il. Bob Chapman]. 1ª ed. Lisboa : D. Quixote, 1984.

6-48-21-15

The world around you. [New York : Lancer Books, 1966].
7-49 A-3-52

Colaboração

ASIMOV, Isaac; SILVERBERG, Robert, 1935-

Anoitecer. Trad. Maria de Lurdes Medeiros. Mem Martins : Europa-América,
D.L. 1992.
6-50-26 D-47

Filho do tempo. Trad. Jorge Ramos. Mem Martins : Europa-América, 1994.
6-50-39 A-52

ASIMOV, Isaac; [et al.]

Com a cabeça na lua : antologia comemorativa dos 40 anos da chegada
à lua. Org. e notas João Seixas ; trad. Mário Matos, João Seixas, Sofia
Moreiras. 1ª ed. Parede : Saída de Emergência, 2009.
10-(1)-1-11-1

O sorriso de metal. Coord. Damon Knight ; trad. Maria Celeste Pedro. Lisboa
: Portugal Press, 1979.
5-19-19-46

LAMBERT, David, 1932-

Planeta Terra 2000. Pref. Isaac Asimov. Porto : Asa, D.L. 1986.
5-26-15-121

VALLEJO, Boris, 1941-

Fantasy art techniques. Foreword by Isaac Asimov. New York : Dragon's
World, cop. 1985 ([Mem Martins] : Printer Portuguesa).
6-27-27-87

(Página deixada propositadamente em branco)



UNIVERSIDADE D
COIMBRA